



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
PROGRAMA MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA-PROMESTRE

ANDRÉ LUIZ DE JESUS BUENO

**COLÔNIA SANTA ISABEL: (RE) CONSTRUINDO ESPAÇOS E
LUGARES DE MEMÓRIA PARA PERCURSOS DE VISITAÇÃO**

**BELO HORIZONTE
2023**

ANDRÉ LUIZ DE JESUS BUENO

**COLÔNIA SANTA ISABEL: (RE) CONSTRUINDO ESPAÇOS E
LUGARES DE MEMÓRIA PARA PERCURSOS DE VISITAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação e Docência.

Orientadora: Dra. Denise Nacif Pimenta
Coorientadora: Dra. Polyana Valente

**BELO HORIZONTE
2023**

B928c
T

Bueno, André Luiz de Jesus, 1988-
Colônia Santa Isabel [manuscrito] : (re) construindo espaços e lugares de memória para percursos de visitação / André Luiz de Jesus Bueno. - Belo Horizonte, 2023.

208 f. : enc, il., color.

Disserta o -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educa o.

Orientadora: Denise Nacif Pimenta.

Coorientadora: Polyana Aparecida Valente.

Bibliografia: f. 184-187.

Anexos: f. 188-208.

1. Colônia Santa Isabel (Betim, MG) -- Aspectos educacionais -- Teses.
2. Educa o -- Teses. 3. Museus e escolas -- Teses. 4. Patrimônio cultural -- Aspectos educacionais -- Teses. 5. Museus -- Aspectos educacionais -- Teses.
6. Memória -- Teses. 7. Hanseníase -- Hospitais -- Betim (MG) -- Teses.
8. Hanseníase -- História -- Estudo e ensino -- Teses. 9. Betim (MG) -- Educa o -- Teses.

I. Título. II. Pimenta, Denise Nacif. III. Valente, Polyana Aparecida, 1984-.

IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educa o.

CDD- 371.38

Cataloga o da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA / PROMESTRE

FOLHA DE APROVAÇÃO

**COLÔNIA SANTA ISABEL: (RE)CONSTRUINDO ESPAÇOS E LUGARES
DE MEMÓRIA PARA PERCURSOS DE VISITAÇÃO**

ANDRÉ LUIZ DE JESUS BUENO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós- Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 30 de janeiro de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Denise Nacif Pimenta - Orientadora FIOCRUZ

Prof(a). Polyana Aparecida Valente Vareto UEMG

Prof. Bernardo Jefferson de Oliveira UFMG

Prof. Reinaldo Guilherme Bechler DAHW BRASIL

Belo Horizonte, 02 de maio de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Teresinha Fumi Kawasaki**,
Coordenador(a) de curso, em 02/05/2023, às 11:57, conforme horário oficial de
Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_ace_sso_externo=0, informando o código verificador **2266713** e o código CRC **ADEAAA36**.

Referência: Processo nº 23072.224398/2023-24

SEI nº 2266713

Dedico este trabalho aos meus pais, Sr. Mantiqueira e Dona Mariinha. A minha irmã, Margareth e ao meu sobrinho Yago. E a todos os amigos da Colônia Santa Isabel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, e a Nossa Senhora do Rosário pelo amparo nos momentos difíceis e pelo seu amor de mãe.

Agradeço profundamente à minha orientadora, Profa. Dra. Denise Nacif Pimenta, por ter aceitado carinhosamente a minha proposta no mestrado, e a coorientadora, Profa. Dra. Polyana Valente, por ter encaminhado todo o processo dando vida, cor e sentido à minha caminhada no Mestrado da UFMG, eu sou eternamente grato a você, Poly!

Agradeço também aos meus colegas do Mestrado Profissional (PROMESTRE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), em especial à Janaína Neres pelo apoio, partilhas, conversas de acalento e incentivo e, principalmente, por sua amizade!

As minhas amigas do Setor de Patrimônio Cultural da Secretária Municipal de Arte e Cultura de Betim (Setor/Família), Germana Nani, Elizier Borges, Jéssica Gomes, e Martielli, e do Museu Paulo Araújo Moreira Gontijo, o meu amigo Beto Santana, pelo apoio e incentivo.

Aos professores Prof. Dr. Bernardo Jefferson, Profa. Dra. Flora Rodrigues pela participação em minha banca de qualificação e defesa, e pelo carinho com que receberam o nosso trabalho. Em especial ao meu amigo e irmão de fé, Prof. Dr. Reinaldo Bechler, o nosso querido Rei, pelo apoio incondicional desde o início dessa caminhada e pelo amor sem fim pela Colônia Santa Isabel.

À Profa. Dra. Keila Carvalho, pelo pioneirismo com as pesquisas sobre a Colônia Santa Isabel, trabalho esse que contemplo desde a minha graduação.

Aos professores Letícia Julião e Jezulino Lucio, pela apresentação da temática da memória traumática e apagamentos, temas estes que me trouxeram ao mestrado em 2020.

À equipe formada na disciplina de Design da Escola de Arquitetura da UFMG, ministrada pelo Prof. Dr. Glaucinei, que trabalhou para a criação e produção do recurso educativo: Felipe, Marcos e Xavier, que cuidadosamente expressaram o sentimento histórico dessa comunidade, em nosso roteiro de visitação.

Aos meus amigos da minha querida Colônia Santa Isabel, que são exemplos de força e resistência, e todos aqueles que não estão mais entre nós, mas se mantêm vivos em minha memória.

E por fim, aos meus amados pais, que são o sentido da minha vida! Amo vocês!

Saudades do Matão
Neste mundo choro a dor
Por uma paixão sem fim
Ninguém conhece a razão
Porque eu choro no mundo assim

Quando lá no céu surgir
Uma peregrina flor
Pois todos devem saber
Que a sorte me tirou foi uma grande dor

Lá no céu, junto a Deus
Em silêncio minha alma descansa
E na terra todos cantam
Eu lamento minha desventura desta pobre
dor

Lá no céu, junto a Deus
Em silêncio minha alma descansa
E na terra todos cantam
Eu lamento minha desventura desta pobre
dor

Ninguém me diz
Que sofreu tanto assim
Essa dor que me consome
Não posso viver

Quero morrer
Vou partir para bem longe daqui
Já que a sorte não quis
Me fazer feliz

Quando lá no céu surgir
Uma peregrina flor
Pois todos devem saber
Que a sorte me tirou foi uma grande dor

Música de autoria do Mastro José Carlos da Piedade.
Interno da Colônia Santa Isabel, ficha social nº 2.692.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar os espaços de memória da Colônia Santa Isabel, na cidade de Betim, Minas Gerais. A Colônia configura-se como um conjunto urbano criado em 1931, com o intuito de segregar, de forma compulsória, os doentes acometidos pela hanseníase. Com o fim do isolamento na Colônia Santa Isabel, no início da década de 1980, é marcante o abandono da localidade por parte do Estado. O que desencadeou a ocupação irregular dos prédios resultando na descaracterização de grande parte de seu acervo arquitetônico, culminando na falsa máxima de inutilidade das edificações. De forma tardia, no ano de 2020, esse impacto foi minimizado com o tombamento do complexo urbano da Colônia Santa Isabel, como Patrimônio Cultural do Município de Betim. Dessa forma, visando contribuir para a preservação e proposição de novos usos do espaço, o presente trabalho teve como objetivo principal a construção de um roteiro de visita para a Colônia Santa Isabel. Compreende-se que a colônia é atravessada por espaços físicos que guardam memória do que foi no período do isolamento, bem como de memórias produzidas pela população que lá viveu e ainda vive destacando-se, sobretudo, as memórias traumáticas constituídas no período de isolamento. Com base na análise da bibliografia sobre a história da Colônia Santa Isabel, a história cultural do urbano e suas adaptações, entrecruzada à metodologia de história oral, mapeou-se os espaços de memória por meio das edificações ou resquícios ainda existentes na colônia. Além disso, através dos relatos dos antigos internos, remonta-se às várias etapas que constituíram o isolamento em Santa Isabel com ênfase nas vivências, nos processos de ocupação, sociabilidades e nos mais diferentes usos desse conjunto urbano no tempo. Num duplo movimento de ressignificação das memórias e reflexões sobre os estigmas e traumas trazidos pela experiência do isolamento, mas, especialmente, as histórias de superação e interação com o espaço.

Palavras-chave: Colônia Santa Isabel, hanseníase, memórias traumáticas, história oral, roteiro de visita.

ABSTRACT

This study aims to analyze the memory spaces of Colônia Santa Isabel, in the city of Betim, Minas Gerais. The Colony is an urban complex created in 1931, with the aim of compulsorily segregating patients affected by leprosy. With the end of isolation in Colônia Santa Isabel, in the early 1980s, the abandonment of the locality by the State is remarkable. This triggered the irregular occupation of the buildings, resulting in the mischaracterization of a large part of its architectural collection, generating the false maxim of the uselessness of the buildings. Lately, in 2020, this impact was minimized with the listing of the urban complex of Colônia Santa Isabel, as Cultural Heritage of the Municipality of Betim. Thus, aiming to contribute to the preservation and proposition of new uses of space, the present work had as main objective the construction of a visitation itinerary for Colônia Santa Isabel. It is understood that the colony is crossed by physical spaces that keep memory of what was in the period of isolation, as well as memories produced by the population that lived and still lives there. We highlight, above all, the traumatic memories constituted in the period of isolation. Based on the analysis of the bibliography on the history of Colônia Santa Isabel, the cultural history of the urban area and its adaptations, intertwined with the methodology of oral history, memory spaces were mapped through buildings or remnants still existing in the colony. In addition, through the reports of former inmates, we go back to the various stages that constituted the isolation in Santa Isabel, with an emphasis on experiences, occupation processes, sociability and the most different uses of this urban complex over time. In a double movement of resignification of memories and reflections on the stigmas and traumas brought by the experience of isolation, but, especially, the stories of overcoming and interaction with space.

Keywords: Colonia Santa Isabel, leprosy, traumatic memories, oral history, visitation script.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeiras edificações da Colônia Santa Isabel.....	27
Figura 2 –Escola dos sadios, década de 1970.....	35
Figura 3 –Escola dos sadios, registro 2019.....	35
Figura 4 –Loja A Vitoriosa, década de 1980.....	36
Figura 5 –Sacolão Avenida, registro 2020.....	36
Figura 6 – Capa / contracapa. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	146
Figura 7 – Folha de rosto / Ficha técnica / Sumário. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	147
Figura 8 – Apresenta�o do roteiro/ orienta�o. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	148
Figura 9 – Capa do capítulo 1 / Histórico da Col�nia Santa Isabel. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	149
Figura 10 – Histórico da Col�nia Santa Isabel. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	149
Figura 11 – Histórico da Col�nia Santa Isabel. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	150
Figura 12 – Capa do Capítulo 2: Lugares de memória - O Conjunto Urbano de Santa Isabel. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	150
Figura 13 – Texto lugares de memória - O Conjunto Urbano de Santa Isabel. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	151
Figura 14 – Lugares de memória: Zona sadia – Portal / Açudão. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	152
Figura 15 – Lugares de memória: Zona sadia – Almoxarifado / Administra�o. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	153
Figura 16 – Lugares de memória: Zona sadia – Resid�ncia dos funcionários / Pra�a das Chalmugras. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.	154
Figura 17 – Lugares de memória: Zona sadia – Antiga Escola dos sadios / Laboratório Lourenço Magalhães. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	155
Figura 18 – Lugares de memória: Zona sadia – Capela do Monte Calvário / Casa das Irm�s. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.	156
Figura 19 – Lugares de memória: Zona intermediária – Casa de máquinas / Usina. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.	156

Figura 20 – Lugares de memória: Zona intermediária – Pavilhão de observação / Laboratório. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	157
Figura 21 – Lugares de memória: Zona intermediária – Parlatório. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	158
Figura 22 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Gustavo Capanema – Pavilhão Novo. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	158
Figura 23 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Mario Campos - Pavilhão das mulheres / Pavilhão Central – Pavilhão das Moças. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	159
Figura 24 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Maria Luiza Machado Vieira - Pavilhão das crianças / Casas particulares. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	160
Figura 25 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Bom Sucesso / Pavilhão Ubá e Pavilhão Divinópolis. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	161
Figura 26 – Lugares de memória: Zona doente – Lira 3 de Outubro – Casa dos músicos / Enfermaria Masculina – Hospital Werneck Machado. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	162
Figura 27 – Lugares de memória: Representação artística da Colônia Santa Isabel. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	163
Figura 28 – Lugares de memória: Zona doente – Enfermaria das Mulheres / Hospital Souza Gomes e Dispensário Geral. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	164
Figura 29 – Lugares de memória: Zona doente – Centro cirúrgico/ Maternidade e Refeitório Geral / Sede do Minas Esporte Clube. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	165
Figura 30 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Muriaé / Sede do União Esporte Clube e Campo REUMINAS. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	166
Figura 31 – Lugares de memória: Zona doente – Igreja Matriz de Santa Isabel e Igreja Nossa Senhora de Fátima. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	167
Figura 32 – Lugares de memória: Zona doente – Gruta de Nossa Senhora de Lurdes e Centro Espírita Campos Vergal. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	168
Figura 33 – Lugares de memória: Zona doente – As igrejas evangélicas. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	169
Figura 34 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Juiz de Fora / Cine Teatro Glória e Alto-falante. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	170

Figura 35 – Lugares de memória: Zona doente – Caixa Beneficente dos Internados de Santa Isabel e Fazenda da Caixa Beneficente. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	171
Figura 36 – Lugares de memória: Zona doente – Balsa do Rio Paraopeba e Intend�ncia / Sede do Morhan. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	172
Figura 37 – Lugares de memória: Zona doente – Posto policial / Cadeia e Necrotério / Velório. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	173
Figura 38 – Lugares de memória: Zona doente – Cemitério Reino das Rosas e Loja A Vitoriosa. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	174
Figura 39 – Lugares de memória: Zona doente – Loja Domingos Fernandes e Serraria / Senzala. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	175
Figura 40 – Lugares de memória: Zona doente – Associação Comunitária dos Moradores da Col�nia Santa Isabel e Pavilhão Irm� Ludovica – Lavanderia. Roteiro de visitação da Col�nia Santa Isabel.....	176
Figura 41 – Festividades e marcos históricos – Capa calendário de janeiro a julho. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	177
Figura 42 – Festividades e marcos históricos – Calendário de setembro a dezembro. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	178
Figura 43 – Guia de Serviç�os - Capa. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.	178
Figura 44 – Guia de Serviç�os – Locais e telefones úteis. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	179
Figura 45 – Guia de Serviç�os – Folha de rosto final. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.....	180

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Bens tombados relacionados à Colônia Santa Isabel.....	37
TABELA 2 – Bem registrado relacionados a Colônia Santa Isabel.....	38
TABELA 3 – Bens Inventariados relacionados a Colônia Santa Isabel.....	39
TABELA 4 – Pessoas selecionadas para o trabalho com a história oral da Colônia Santa Isabel.....	45
TABELA 5 – Mapeamento dos espaços de memória segundo a bibliografia pesquisada	199

LISTA DE SIGLAS

FUNARBE	Fundação de Arte e Cultura de Betim
FHEMIG	Fundação Hospitalar de Minas Gerais
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IEPHA	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico
IPAC	Inventário de proteção de acervo cultural.
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
SECULT	Secretaria de Arte e Cultura
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	17
2 INTRODUÇÃO	21
2.1 OBJETIVOS.....	23
3 REFERENCIAL TEÓRICO	24
3.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A HANSENÍASE NO BRASIL, DO PERÍODO COLONIAL ATÉ A CRIAÇÃO DAS COLÔNIAS NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX	24
3.2 COLÔNIA SANTA ISABEL	26
3.2.1 Lugares e espaços: A subdivisão do conjunto urbano.....	28
3.2.2 O contexto de memória traumática e apagamentos em Santa Isabel.....	30
3.2.3 A história cultural do urbano	33
3.2.4 A Colônia vista como bem cultural	37
4 METODOLOGIA	43
4.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA	43
4.2 A HISTÓRIA ORAL DOS QUE VIVERAM O ISOLAMENTO	45
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	46
5.1 A IDENTIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DE MEMÓRIAS PELA BIBLIOGRAFIA DISPOSTA	46
5.2 A HISTÓRIA ORAL E AS VOZES DOS MORADORES E FUNCIONÁRIOS DA COLÔNIA SANTA ISABEL.	47
5.2.1 Entrevistada: Mercês Aparecida da Conceição.	51
5.2.2 Entrevistada: Maria Laurência de Jesus.	57
5.2.3 Entrevistado: José Bueno Filho.	65
5.2.4 Entrevistado: José André Vicente.....	72
5.2.5 Entrevistado: Olímpio José dos Santos.	81
5.2.6 Entrevistado: Luiz Alberto Silva.	97
5.2.7 Entrevistada: Eva Lopes dos Santos.....	103
5.2.8 Entrevistada: Maria Aurora de Oliveira Diniz.	109
5.2.9 Entrevistada: Firmina da Natividade Silva.....	120
5.2.10 Entrevistado: Eduardo Rabelo de Abreu.	131
5.3 A SELEÇÃO DOS ESPAÇOS/LUGARES PARA O ROTEIRO DE VISITAÇÃO.	142
5.4 O DESENVOLVIMENTO DO RECURSO PEDAGÓGICO – O ROTEIRO DE VISITAÇÃO DA COLÔNIA SANTA ISABEL.....	145

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	184
8 ANEXOS.....	188
8.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	188
8.2 TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIMENTO – TCLE..	189
8.3 CARTA DE ANUÊNCIA DA SECRETARIA DE ARTE E CULTURA DE BETIM – SECULT.....	192
8.4 PARECER SUBSTANCIADO DO CEP.....	193
8.5 TABELA 5 - MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA SEGUNDO A BIBLIOGRAFIA PESQUISADA.....	199
8.6 LIVRO ROTEIRO DE VISITAÇÃO.....	209

1 APRESENTAÇÃO

Nada sobre nós, sem nós¹
(Romeu Kazumi Sasaki)

A política segregacionista, com viés sanitarista, implementada pelo Estado brasileiro no início do século XX, marca a segregação dos portadores da hanseníase no país, implementada entre os anos de 1920 e 1960. As políticas sanitaristas brasileiras do período consideravam os hansenianos inaptos ao convívio social, marginalizando-os a ponto de serem denunciados aos serviços de vigilância sanitária e, conseqüentemente, cassados e confinados em colônias, até os anos 1984 (ASSIS, 1996). As justificativas do isolamento estavam ligadas a inexistência de tratamentos eficazes para doença, que naquele momento, era classificada como problema de saúde pública, que se somou, a carga histórica do estigma da doença relacionada a noções de “pecado” e “sujeira” da sociedade. (CARVALHO, 2009).

Apesar de não ser abordado na grade curricular de História como movimento nacional de importância, as colônias de isolamento assinalaram de maneira profunda a vida de comunidades, os núcleos familiares e o olhar científico para com o cuidado e o tratamento de doenças infecciosas e deixou marcas e vestígios desse passado que merecem investigados. Pensando nesse contexto, o projeto de mestrado nasceu da minha relação direta com a história do isolamento compulsório dos acometidos pela hanseníase, que culminou na construção da Colônia Santa Isabel no ano de 1931. A pesquisa é parte de um contexto de relações que influenciaram a minha formação acadêmica e a minha vivência comunitária, tendo como base as raízes da minha família que estão fixadas na comunidade, do período do isolamento até o referido momento. Meu avô paterno foi segregado em Barbacena, acometido pela loucura, e meu avô por parte de mãe, chegou a ser sequelado em Santa Isabel para se tratar de hanseníase. Como era comum na época, minha avó materna, minha mãe e tios foram expulsos de casa deixando terras e bens para acomodarem-se no entorno de Santa Isabel, formando, juntamente com outras famílias, em situações análogas, às comunidades de familiares segregados.

¹ Romeu Kazumi Sasaki, conhecido como o pai da inclusão no Brasil, é formado em assistência social, e considerado o maior pesquisador dos direitos das pessoas com deficiência. A sua frase “Nada sobre nós sem nós”, se tornou um lema, que reflete a luta pela inclusão social e a participação na sociedade das pessoas com deficiência (SIQUEIRA, 2019).

Meus pais, ambos acometidos pela hanseníase, conheceram-se nesse arcabouço. Por isso, quando falo que eu nasci no final da década de 1980, eu também falo que eu cheguei em um período que também acontecia profundas mudanças sociais no país com o surgimento de movimentos sociais e do desejo de redemocratização do país. Desse modo, as memórias de minha família me constituíram, assim como as memórias da comunidade, me definiram como pessoa e como profissional. Costumo dizer que: “História é vida”, e realmente é! Ela está presente nas ruas, nas cores, nas edificações reformadas ou em ruínas, no imaterial e na memória, seja ela grande ou pequena. Ela não se encerra!

Neste entendimento, mesmo que haja processos de apagamentos materiais ou imateriais, a memória interliga-se ao sentimento que venho nutrindo por anos, em relação à interrupção de algumas tradições, destruição de algumas edificações e ao silenciamento de vozes de Sabra Isabel, algo que agora apresento neste trabalho. Por isso, expresso dificuldades em manter distanciamento. As angústias no decorrer da pesquisa foram cessadas, ao materializar esse trabalho. Entretanto, constitui-se um momento que pode e deve ser debatido, mesmo que, em discursos prontos evoquem perguntas do tipo: “Por que lembrar aquilo que as pessoas querem esquecer?” A resposta vem pronta e encarnada: lembrar para ressignificar! É a partir desse olhar, que se objetivou entender as dinâmicas das relações estabelecidas neste lugar/espço não terminado e contribuir para sua proteção, através de sua ressignificação, uma vez que se trata de um conjunto urbano com proteção municipal, e que passa pela regularização fundiária.

Diante desse contexto, em 2011, iniciei minha graduação em História na Faculdade Asa de Brumadinho, motivado e tocado pelas memórias de meus familiares e dos antigos moradores do local onde resido. Confesso que aprendi mais sobre a história do Brasil nestas partilhas, do que nos livros de História. No decorrer do curso participei de dois projetos de pesquisa pela Fundação de Amparos à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), ambos relacionados à Colônia Santa Isabel, os quais tencionam no meio acadêmico, questões sobre a arte e religião de Santa Isabel, mecanismos importantes para a formação da identidade dos internos, resultando em uma sociedade multicultural que se formou no período de isolamento.

Nos anos de 2012 e 2013 estagiei no setor de patrimônio da Fundação Artístico Cultural de Betim - FUNARBE, hoje, Secretaria de Arte e Cultura de Betim (SECULT/BETIM), onde tive a oportunidade de participar de ações importantes para a valoração do patrimônio cultural da Colônia Santa Isabel. Pude atuar na linha de frente

do Projeto de Educação Patrimonial. Em 2017, fui convidado a retornar à Divisão de Patrimônio da SECULT com a função de historiador. Desde então, tenho atuado no âmbito municipal na revisão dos inventários de bens culturais da cidade, articulando movimentos de preservação do patrimônio cultural e artístico da Colônia Santa Isabel, além do fomento de criação e preservação dos acervos nas comunidades, promovendo ações de salvaguarda com registros de filmagens e áudios, objetivando alimentar o arquivo da cidade para a posteridade.

A minha chegada ao PROMESTRE, em 2019, tinha como objetivo trabalhar a preservação dos objetos ainda existentes da antiga Colônia, que foram agrupados no Memorial José Avelino e estavam sendo realocados no Centro de Memória e Ação em Hanseníase Luiz Veganin. A proposta corroborava com o processo de musealização que, tanto o espaço, quanto os objetos, estavam sendo preparados para compor um museu. No entanto, o ponto de partida para a realização das disciplinas no mestrado, foi marcado pela COVID-19. O mundo era naquele momento surpreendido pela pandemia. Foi nesse processo que tive o primeiro sentimento de perda total do que eu propunha, uma vez que os sujeitos da pesquisa eram grupos de risco de contaminação. Além disso, eram meus amigos, familiares e pessoas que me viram crescer. Apesar de ser um momento difícil, também foi decisivo para que se priorizasse a história de minha comunidade, utilizando como foco da pesquisa a memória destes patrimônios “vivos”, procurando entender os significados das mudanças e permanências desse espaço criado e formado por pessoas.

Dessa maneira, cabe salientar que o recurso educacional, que antes era a criação de um canal no Youtube com a exposição dos vídeos e áudios coletados no percurso da pesquisa, foi substituído. O recurso educacional atual refere-se a um roteiro de visitação, em formato de cartilha, com informações históricas da Colônia Santa Isabel, mapa, e localização dos seus espaços de memória. De modo geral, o produto potencializa o antigo hospital-colônia como patrimônio cultural do município de Betim, com visibilidade turística na utilização de seus espaços/lugares através da ressignificação por um viés cultural, histórico e urbanístico.

É interessante frisar que a proposta da cartilha-roteiro é evidenciar tanto o passado quanto o presente de Santa Isabel através de pequenos textos, mapas, ilustrações e fotos. Esse guia tem como objetivo mostrar as perspectivas de cada etapa do isolamento, para que o visitante acompanhe os processos de transformação e permanências de Santa Isabel. Entende-se como o público-alvo da cartilha tanto a comunidade escolar, através do programa de Educação Patrimonial oferecido pela Prefeitura de Betim, que já realiza

visitas a comunidade, mas também se planeja a expansão e conquista de um público mais variado com viés turístico. Trata-se de um roteiro que fomenta a visitação ampliada, como da Colônia Santa Isabel, potencializando a sua história local.

O roteiro contou com a parceria da Escola de Design da Universidade Federal de Minas Gerais, que contribuiu com a construção da identidade visual do recurso, tendo como base informações apresentadas no pré-projeto, e na apresentação da Colônia Santa Isabel em redes sociais e mídias, onde buscou informações para encarnar a proposta.

2 INTRODUÇÃO

Localizada em Santa Quitéria, hoje município de Betim, por intermédio do consórcio de cidades mineiras apoiadas pelo governo do estado de Minas Gerais, a Colônia Santa Isabel, inaugurada em 1931, foi um espaço de segregação dos acometidos pela hanseníase, em um sistema de confinamento nos moldes sanitaristas da época, que considerava os hansenianos inaptos ao convívio social. A segregação dos hansenianos, dentre outras formas, estava presente na localização periférica da colônia, na sua arquitetura e nas rotinas dos internos.

Os cinquenta anos de exclusão impostos aos internos da Colônia foram constituídos por um processo amplo de imposição segregacionista por parte do Estado. Os internos por sua vez, reagiram às imposições e criaram diferentes formas de sociabilidade e expressão, visando à diminuição dos impactos do isolamento que foram ressignificados ao longo dos anos de funcionamento de Santa Isabel (BUENO; VALENTE, 2021). Nesse sentido, o processo de apagamento da história da segregação dos hansenianos é observado em dois momentos distintos, o primeiro no período de isolamento, (1931-1984) e o segundo, que advém do fim do isolamento, que resultou na “perda da utilidade” das edificações e a descaracterização do perímetro urbano que compreende o antigo hospital Colônia.

Na década de 1960, no Brasil, iniciou-se uma série de debates relacionados a inviabilidade da manutenção do isolamento dos hansenianos que desencadearam ações que objetivavam informar que a lepra era tratável e curável, mas para isso, era necessário convencer a população que já tinha uma imagem estigmatizada da doença. Uma das estratégias de superação do estigma foi a substituição do termo lepra, por hanseníase. Acreditava-se que renomear a doença desencadearia um novo entendimento sobre a enfermidade, ou até mesmo recriar a endemia separando a lepra do passado, expressa pela impureza e fundamentos religiosos, e a hanseníase, doença curável e tratável que diminuiria o preconceito (CURI, 2010).

A palavra lepra passou a ser substituída por hanseníase, na década de 1970, visando a eliminação do estigma bíblico que carrega a primeira denominação da doença. Em 29 de março de 1995, pela Lei Federal número 9.010, o termo "Lepra" e seus derivados foram proibidos, oficializando assim a terminologia da palavra, hanseníase. O nome hanseníase é uma homenagem a Gerhard Armauer Hansen, médico norueguês que, em 1873, descobriu o agente causador da doença (FEMINA, et al., 2007, p.43)

Com o fim do isolamento, a inexistência de políticas de proteção do patrimônio

material e imaterial como forma protetiva e valorativa do patrimônio histórico, bem como a falta de organização de espaços de memória, de monumentos e de acervos, dificultou o trabalho de compreensão do passado das pessoas que ali viveram, da ação do Estado e da medicina sobre eles e dos usos dos espaços arquitetônicos. Conformando-se um ambiente de memórias traumáticas marcadas por uma “falsa ausência de passado”, ou nas palavras de Robin (2019) a configuração de um “passado nulo e não ocorrido”, ocultando a história a ser compreendida pela comunidade e a sociedade como um todo. (ROBIN, 2016).

Visando contribuir para a problematização e recuperação dessas memórias violentamente apagadas na Colônia Santa Isabel, o presente trabalho, desenvolvido no mestrado profissional da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG discute as temáticas: Espaço/lugar, memórias e patrimônio cultural do urbano, com o objetivo de identificar, mapear e historicizar os espaços/lugares do Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel que culminou na criação de um roteiro para visitação pública. Entendemos que é preciso descortinar os tempos da história que se acumulam no espaço, que podem e devem ser resgatados pela memória (PESAVENTO, 2005).

A materialidade dos prédios da Colônia Santa Isabel são possíveis ferramentas de entendimento e apropriação da população que lá viveu e vive, bem como dos visitantes. Diante de um exercício histórico de apagamento das memórias materiais e imateriais submetidas a colônia, a oralidade vigente na comunidade, permite não apenas remontar os espaços destruídos, mas também contextualizar e ressignificar a vida na localidade através da identificação de espaços de memória e de reflexões ligadas à história das doenças, transformações da história da medicina, a ação do Estado sobre corpos doentes e sadios, mas sobretudo, de uma comunidade que reagiu a essa dominação e criou novas formas de existências, sociabilidades, afetos, artes e esportes no interior da colônia e ao seu redor.

Dessa forma, para a organização do trabalho dividimos o texto da dissertação da seguinte maneira. No primeiro e no segundo tópico apresentamos o delineamento geral da apresentação do lugar de fala do proponente do trabalho, os caminhos da pesquisa e objetivos propostos. No terceiro tópico apresentamos uma breve revisão da literatura sobre a história da hanseníase, da Colônia Santa Isabel e memória traumática. Já no quarto tópico apresentamos a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho. No quinto tópico apresentamos os resultados e discussões, a análise dos dados da pesquisa e o roteiro de visitação.

2.1 OBJETIVO

Objetivo geral:

Elaborar um roteiro de visitação para a Colônia Santa Isabel, por meio do mapeamento e análise dos espaços que configuraram o sistema de isolamento da Colônia Santa Isabel e por meio de relatos de história oral das pessoas que vivenciaram e testemunharam a construção deste lugar/espaço de saúde.

Objetivos específicos:

- a) Identificar, mapear e analisar os espaços que configuraram o sistema de isolamento da Colônia Santa Isabel;
- b) Apontar possíveis bens culturais visando sua proteção e preservação no município e potencializar o turismo histórico na Colônia Santa Isabel.
- c) Disponibilizar os resultados alcançados a fim de contribuir com o projeto de Educação patrimonial já existente em Betim;

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A HANSENÍASE NO BRASIL, DO PERÍODO COLONIAL ATÉ A CRIAÇÃO DAS COLÔNIAS NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX

De acordo com Doria (2014) a lepra é uma das doenças mais antigas do mundo. Com carga histórica marcada por duas definições: a) como paradigma de condição de sociedade, e b) como doença infecciosa (DORIA, 2014). Tal denominação, lepra, tem origem nos textos bíblicos do Levítico, que passou a indicar a enfermidade por conta de uma má tradução do termo tsaraáth que está relacionado ao castigo moral. (SILVA, 2011). Em seu aspecto clínico, antes da lepra ser identificada pela transmissão da microbactéria de Hansen, na Idade Média, a doença estava associada a outras endemias como a elefantíase, a sífilis e outras pestes. Todas elas ligadas a uma marca estigmatizada da época (SILVA, 2011).

No Brasil, acredita-se que a hanseníase tenha sido introduzida entre os séculos XVI e XVII, juntamente com as invasões espanholas e portuguesas, pois é inexistente a incidência da doença em regiões da América antes da chegada dos europeus (EIDT, 2004). As pesquisas realizadas sobre a frequência da hanseníase na história do Brasil desde os tempos coloniais, revelam que a doença foi mais intensa no período colonial da metade do século XVIII até o início do século XIX (EIDT, 2004). É importante salientar que somente dois séculos depois da incidência da doença no Brasil, que houve regulamentações no combate à doença que se limitaram a construção de leprosários e a precariedade na assistência desses doentes (QUEIROZ; PUNTEL, 1997).

Em 1889, instaura-se uma nova ordem social no Brasil com a Proclamação da República. O movimento republicano procurou implantar no país parâmetros modernos, incorporando nas cidades e na sociedade novas tecnologias trazidas de outros países consideradas elementos importantes para a modernização do país. (CASTRO, 2004). O processo de modernização brasileira esbarrou nas epidemias que historicamente assolavam o país, apresentando-se como um desafio para a saúde pública. Nesse contexto emergem as ideias higienistas², que propunham como chave do desenvolvimento e

²O higienismo é uma doutrina que surgiu entre os séculos XIX e XX, quando os governantes começaram a dar maior atenção à saúde em decorrência dos surtos epidêmicos de algumas doenças. Neste contexto as doenças passaram a ser consideradas um fenômeno social que abarcava todos os aspectos da vida humana.

modernização, a “limpeza” das cidades por meio da urbanização e a erradicação das epidemias (CASTRO, 2004). Destaca-se como ação mais sistemática, no “controle da lepra”, a realização do Congresso Sul-Americano de Dermatologia e Sifilografia, em 1912, no Rio de Janeiro. Os congressistas previam que, além da notificação compulsória da doença para conter seu avanço, era necessário o isolamento dos doentes em hospitais Colônia (COSTA, 2015). Ainda de acordo com Costa (2015), o combate à “lepra” no Brasil começou efetivamente a ser implantado no governo de Getúlio Vargas, compreendido de 1930 a 1945.

Ao assumir o Ministério da Educação e Saúde, em 1934, Gustavo Capanema instaurou o Plano Nacional de Combate à Lepra, que concentrou as suas ações na construção de novos leprosários³, preventórios e dispensários, idealizados para o combate e prevenção da doença até a década de 1960. O discurso médico foi o principal fundamentador e articulador da campanha contra a lepra. Este segmento foi imprescindível para que fosse substituída a justificativa da necessidade de isolamento que antes era relacionado à doença da impureza e do pecado, para a doença com comprovação científica que tem contágio (CASTRO, 2004).

Instaurada a necessidade de isolamento por tal discurso higienista, os asilos-colônia, na perspectiva do Estado, foram idealizados para suprir as necessidades dos doentes, que além da promessa de oferecerem instalações modernas deveriam proporcionar uma vida completa para os enfermos dentro de seus muros. No discurso higienista, o leprosário assumia duas funções, a de um lugar longe da discriminação da sociedade e que poderia ter uma vida semelhante das pessoas sadias, e por outro, a de preservar a população sadia. (CASTRO, 2004). Dentro dessa política foram criados em média 33 espaços de segregação para os atingidos pela hanseníase no Brasil (ASSIS,1996). A Colônia Santa Isabel foi a primeira Colônia a ser construída em Minas Gerais seguindo a nova fase da moderna profilaxia da doença. Sua construção, funcionamento e disposição são abordados na próxima seção.

Tais acontecimentos chamaram a atenção sobre as razões de sua ocorrência, que originando-se essa corrente de pensamento onde defendia-se padrões sociais e de comportamento em nome da saúde. (AMARIZ s.d.)

³ O isolamento compulsório só poderia ser cumprido a risco com a construção de novas edificações para esse fim. Somava-se a herança remanescente dos períodos colonial e imperial apenas 12 hospitais para tratamento da lepra (CASTRO, 2004).

3.2 COLÔNIA SANTA ISABEL

Antes de tudo, é importante destacar que a maior parte dos estudos sobre Colônia Santa Isabel enquadra-se no campo da História das Ciências e da Saúde, dos quais se destacam os trabalhos de Bechler (2005) e (2008) e Carvalho (2012). Tais referências foram fundamentais para nosso entendimento sobre história, saúde e isolamento e permitiram refletir como as dimensões de doença atravessam as sociabilidades e a arquitetura da colônia Santa Isabel.

Como dito anteriormente, a Colônia Santa Isabel foi um conjunto urbano construído em 1931, na localidade de Santa Quitéria, hoje município de Betim (FUNARBE, 2010). Ela representou a adaptação da nova profilaxia recém-pensada no começo do século XX, frente aos antigos leprosários como medida profilática empregada, que casavam o saber médico com o Estado, objetivando receber as pessoas consideradas inaptas ao convívio social devido ao flagelo da hanseníase (CARVALHO, 2012).

Na perspectiva dos higienistas do início do século XX, o leprosário seria um lugar onde os hansenianos poderiam viver sem enfrentar a discriminação da sociedade, e com a possibilidade de uma vida semelhante à das pessoas sadias. Essas instituições teriam dupla função, ao mesmo tempo em que preservariam a população sadia, trariam dignidade e respeito ao doente obrigado à segregação, proporcionando dentro de seus muros uma vida completa (CASTRO, 2004). Essa perspectiva mascara a violência e os estigmas enfrentados pelas pessoas asiladas e seus familiares.

Santa Isabel foi criada através da Lei nº 801 de 22/09/1921. O Decreto nº 6.038 de 21/03/1922, desapropriou a título de utilidade pública os terrenos, mananciais e benfeitorias da Fazenda do Mota. Sendo legalmente instituída como a localização da primeira Colônia a ser construída em Minas Gerais e para receber os enfermos da hanseníase (CARVALHO, 2012).

A escolha do local baseou-se em critérios como meios hídricos para o abastecimento, terra fértil para o desenvolvimento de culturas alimentícias, distanciamento dos centros urbanos, a topografia e a existência de linhas férreas para facilitar o transporte dos pacientes. Deste modo, a idealização do núcleo urbano fazia parte da campanha sanitarista que naturalizou o problema como questão de

saúde nacional (CARVALHO, 2010). Sobre tal situação, o médico Orestes Diniz⁴ emitiu a seguinte observação:

Os homens ao construírem leprosários, e neles recolherem os portadores da moléstia de Hansen, não afastam de si próprios o profundo traço medieval que estigmatizava como réprobos esses doentes, se no isolamento lhes não proporcionar conforto moral e matéria lá que tem indiscutível direito. Não basta recolhê-los simplesmente, como se na reclusão repousa-se toda a contribuição da sabedoria do século que passa (DINIZ, 1933, p. 5).

Neste fragmento, Diniz (1933) incube a responsabilidade social aos mantenedores e legitimadores dessa densa campanha frente a segregação destes enfermos. Tais tendências da nova profilaxia fomentaram medidas estatais que diziam promover o amortecimento das perdas sociais destes segregados. Por meio dessas ações, o Estado ocupou importante papel de legitimador do saber médico segregador instaurado naquele período. É representativa a campanha promovida na primeira metade do século XX, visando implantar a nova terapêutica, possibilitando ao paciente a “oportunidade” de viver o mais próximo possível da realidade que outrora ele ocupava (CARVALHO, 2012).



Figura 1 – Primeiras edificações da Colônia Santa Isabel, década de 1930. Acervo – SECULT.

De maneira geral, estabeleceu-se até a década de 1950, um estilo de vida adaptado em colônias de isolamento fundado na preservação de uma estrutura social receptiva e acomodativa (ROCHA e VEIGA, 2011). Esse sistema, configurado em um

⁴ Orestes Diniz, natural da cidade de Varginha, Minas Gerais, nasceu no dia 2 de abril de 1902. Médico sanitaria foi o primeiro diretor da Colônia, ficando no cargo de 1932 a 1938. O Dr. Orestes Diniz, foi referência no tratamento de hanseníase em Minas Gerais.

ambiente sanitaria em função de sua organização carcerária, adotou o modelo que se submetida aos sanatórios⁵. Ou seja, os pacientes eram segregados em edificações asilares. Santa Isabel remetia a idealização de uma sociedade que necessitava de espaços para manter tanto a sociabilidade dos internos como a amplitude científica que se buscava no período (FUNARBE, 2010). Motivada pelo avanço da ciência que conseqüentemente desenvolveu medicamentos e conhecimentos sobre a hanseníase, a política em relação às colônias foi se modificando com o tempo. A partir dos anos 1950, com o uso da sulfona⁶ como tratamento eficaz na cura da doença, se instaura um novo modelo de tratamento feito em dispensários. (ASSIS, 1996). Tal situação fez com que a década de 1980 simbolizasse o fim definitivo do isolamento e a abertura da Colônia Santa Isabel (BUENO, 2011).

3.2.1 Lugares e espaços: A subdivisão do conjunto urbano

Por orientação das conferências profiláticas, a Colônia Santa Isabel foi subdividida em três zonas distintas, a saber: a) A zona sadia, onde localizava as residências dos funcionários, médicos, a casa do diretor e dos religiosos, ou seja, as pessoas que não tinham a doença e trabalhavam na Colônia; b) A zona intermediária, onde se localizavam as edificações de diagnóstico e desinfecção, ou seja, o Pavilhão de observação, laboratório, estufas de desinfecção e parlatório. c) Por último a zona doente, onde se concentrava as edificações que compunham a sociedade interna, dentre eles os pavilhões/dormitórios para homens, mulheres e crianças, áreas de lazer e recreação, igrejas, enfermaria, necrotério e cemitério (FUNARBE, 2010).

A construção de Santa Isabel foi resultado do consórcio de cidades mineiras apoiadas pelo Estado, seja através de fundos arrecadados ou no firmamento da construção de alguma edificação (BUENO, 2011). Os pavilhões Divinópolis, Ubá, Muriaé, foram construídos pelas respectivas cidades que os nomeiam, fora o pavilhão Juiz de Fora, que também é conhecido como Cine Teatro Glória ou pavilhão de distração. O parlatório foi construído pela cidade de Santo Antônio do Amparo. Outras cidades como Bonsucesso e Patrocínio também participaram deste consórcio a fim de purgar de seus centros

⁵ Hospital especializado para tuberculosos, doentes mentais ou lepra.

⁶ O uso das sulfonas foi descoberto pelo médico norte-americano Guy Faget, em 1941. O tratamento acabava com o contágio do doente no início do tratamento. Esse procedimento revolucionou a profilaxia da hanseníase que se baseia no isolamento dos doentes (CARVALHO, 2015).

urbanos, os hansenianos, isolando-os em Santa Isabel (GONTIJO, sd).

Segundo Mattos (sd. p.43): “Pode-se afirmar que o segregacionismo dos hansenianos tinha maior fundo cultural do que decorrência do estágio de desenvolvimento da medicina”. Diante dessa vertente, houve a necessidade de criar condições para abarcar indivíduos de diferentes origens culturais e sociais. Traçou-se então, um modo de acomodar, amortecer e cuidar dos internos de Santa Isabel. Essa questão social foi abordada por Dr. Orestes Diniz⁷:

Isolar simplesmente, não é o bastante. O que é necessário, além do isolamento, é que não sejam olvidados todos os recursos da terapêutica, o estudo da moléstia e a formação de um ambiente tão natural quando possível o doente, arejado pelo trabalho e pelas diversões, ela assistência moral e mesmo na medida do possível, pelas emoções e direitos que acompanham naturalmente a vida do homem (DINIZ, 1933, p.6).

A composição dessa sociedade se deu entre a década de 1930 e 1950, onde se observa a articulação silenciosa do Estado ao fomentar segmentos como a arte, desportos e a religiosidade, que são base para a formação de uma identidade multicultural, presente em Santa Isabel neste período. Além do Estado registra-se também a presença religiosa dentro da organização da colônia. Os católicos desde a abertura, na década de 1930, e os protestantes e Kardecistas na década de 1940 promoveram um completo processo de aceitação através da doutrinação da condição vivida no período (GONTIJO, sd).

Desta forma, nas duas primeiras décadas de funcionamento, entre 1930 e 1950, a Colônia foi marcada pela utilização e surgimento de novas edificações para compor as necessidades dessa emergente sociedade que cada vez mais se encorpava e procurava assemelhar-se com a vida fora dos portões de Santa Isabel, não apenas pela ação do Estado, mas pela resistência e organização da população asilada, que reagia às imposições e imprimia suas subjetividades organizando associações, grupos de arte, dança, festas, etc. Podemos afirmar, que as manifestações culturais dentro da colônia surgiram gradualmente com a chegada de novos internos, acompanhando assim, as principais mudanças do país e suas disposições que, a cada década, trazia de novo para a sociedade em geral e que eram refletidas na arquitetura, cultura e religiosidade do interno (BUENO; VALENTE, 2021).

Essas transformações e composições de grupos e manifestações culturais certamente modificaram as estruturas arquitetônicas e os limites impostos pelo Estado.

⁷ Trabalho apresentado na Conferência para Uniformização da campanha contra a lepra, realizada no Rio de Janeiro de 25 a 30 de setembro de 1933.

Sem dúvida, os espaços da Colônia foram transformados e ressignificados pela experiência e ação dos asilados ao longo do tempo, bem como das instituições atuantes nesse espaço.

3.2.2 O contexto de memória traumática e apagamentos em Santa Isabel

Ao estudar as memórias construídas durante o isolamento na Colônia Santa Isabel é necessário inicialmente analisar os conceitos e “funções” da memória. Para Pollak (1989), a memória é uma operação coletiva de acontecimentos e interações do passado. Ela em sua função de salvaguardar, recorre a sentimentos de pertencimento entre a coletividade, onde se faz referência ao passado, serve para manter a coesão dos grupos e instituições que compõem a sociedade para a definição de um lugar respectivo (POLLAK, 1989).

Para Le Goff (1985), a memória aplicada como propriedade, remete a um conjunto de informações que podem atualizar impressões ou informações passadas. Mas para isso é importante entender que o passado não é a história, mas o seu objeto. Da mesma forma, memória não é história, mas um de seus objetos que contribuem com a elaboração histórica (GOFF, 1985).

Neste sentido, o presente trabalho alinha-se à discussão da memória traumática, que para Meneses (2018), surge como marca da história moderna e contemporânea, resultante de catástrofes, guerras e violências diversas. Nessa abordagem, percebe-se nas últimas décadas do século XX, a institucionalização de novos espaços de lembrar, com intuito de produzir outras narrativas e deixar livre a memória traumática do Brasil, dando ênfase a recordação e o sofrimento das vítimas e os crimes dos culpados, ao invés de dar palco aos heróis fundadores de uma comunidade. (NADER, 2020).

De acordo com Meneses (2018):

Com a memória traumática, surgiram novos agentes no cenário memorial, como a testemunha e, sobretudo, a vítima (completada pela vítima de segunda categoria, aquela que não resistiu à tortura e “colaborou). Também conceitos foram formulados ou reciclados, como a memória transgeracional (que assume os significados à medida que atravessa gerações), a pós-memória (a memória de segunda mão, não vivida, mas absorvida como própria no âmbito familiar), a memória ausente (existente, mas impedida de circular pelas convenções sociais), a memória silente (do corpo da testemunha incapaz de proferir palavra, mas expressando na sua imobilização a escala do ocorrido), a memória incorporada / “embodied memories (implicações corporais do testemunho), a paisagem mnemônica / memory capes (o testemunho dos espaços configurando os chamados sítios de consciência), etc. (MENESES, 2018, p.5)

Como podemos ver, o trabalho com memórias traumáticas emerge como um processo mais recente da historiografia que questiona os silenciamentos provocados às pessoas e grupos que passaram por traumas, guerras, holocaustos, segregação, etc. Instaura-se uma nova fase de correção com o tempo passado, escalando diferentes ferramentas para sua compreensão. Como vimos até aqui, o caso da Colônia Santa Isabel, a experiência do isolamento deixou marcas, estigmas e traumas na população. Assim, desde o fim do isolamento o Estado e a população tentam fugir desses estigmas e muitas vezes adotam a estratégia do apagamento como solução. O abandono das construções e edificações é parte dessa estratégia.

Para Ducatti (2007):

A implantação do isolamento compulsório do/a portador/a de hanseníase, com reservas do próprio Hansen, era a condição científica possível até a década de 1930, bem como a política que o Estado e o serviço público puderam sustentar naquele momento histórico. Para a eliminação da hanseníase e outras epidemias (já extintas nos países capitalistas centrais), seria necessária a criação, em nível nacional, da melhoria das estruturas sociais, como saneamento público, educação, saúde coletiva e alimentação. (DUCATTI, 2007, p. 304).

O isolamento do portador de hanseníase era uma medida adotada por outras endemias da época, como foi o caso da loucura e da tuberculose, encaradas como problema de saúde pública. Ao institucionalizar tais medidas o Estado anulou sua responsabilidade com as consequências, mas interagiu com direcionamentos vigentes do período como cientistas, arquitetos e médicos sanitaristas.

Observa-se que o processo que envolve o isolamento na Colônia desde a sua criação é marcado por apagamentos e promotor de memórias traumáticas na vida dos asilados e de seus familiares. Memórias violentadas por apagamentos provocados pela perda de registros, fichas documentais, objetos de familiares e no caso das mães a perda de seus filhos. Segundo Robin (2016):

O verdadeiro esquecimento talvez não seja o vazio, mas o fato de imediatamente colocar uma coisa no lugar da outra, em um lugar já habitado, de um antigo monumento, de um antigo texto, de um antigo nome. Ou ainda voltar atrás passando por cima de um passado recente. Obliterado em favor de um mais antigo (ROBIN, 2016 p.93).

O sentido de substituir ideias, mentalidades e fatos durante e no pós isolamento coloca em risco a ligação histórica que essas memórias trazem. Nesse sentido, colônia e as pessoas que lá viveram e ainda vivem possuem dois momentos marcantes de trauma e apagamento. O primeiro quando entram na colônia de forma compulsória, obrigados a deixar suas moradias, familiares, trabalho e sociabilidades e o segundo depois de 30 anos

dentro da Colônia, da criação de novos vínculos e formas de vida, vivem o trauma de voltar ao convívio social, atravessados pelo estigma, sem políticas públicas de inserção na sociedade. Na busca de construir outra vida, mais uma vez apagam a memória do asilamento, como possibilidade de seguir a vida longe dos estigmas que a experiência asilar causou.

Na década de 1980, com o fim do isolamento, e com a nova configuração do bairro em que estava instaurada a Colônia, observa-se a perda da “utilidade” das edificações e ausência de políticas de proteção do patrimônio material e imaterial, acarretando um processo de descaracterização do perímetro urbano que compreende Santa Isabel. Assim, grande parte de suas edificações foram modificadas, refletindo visualmente a identificação do processo de transformação histórica tanto no tratamento da doença, como na vivência da comunidade e seus anseios. Ou seja, o desejo de apagar as memórias do asilo passa pelo apagamento material da colônia, como se ele fosse capaz de apagar as experiências, os traumas e as relações ali construídos.

O que se vê, nesse caso, são processos de anistias. Uma tentativa de zerar o passado e não o debater. Dessa forma, a falta de espaços de memórias, de monumentos e de acervos, ou melhor, dizendo, até mesmo a não compreensão do que “restou”, dificulta o entendimento do tempo presente de Santa Isabel e das pessoas que lá vivem. Como afirmam Maia e Silva (2019):

É através da topografia que nos aproximamos da materialidade da memória no traçado urbano de seus lugares, de suas marcas e de seus vazios, mas, também, é a partir deles que nos aproximamos dos mapas de sentidos, de como estes se constroem e se conectam, da experiência e da percepção. (MAIA e SILVA, 2019, p. 61)

Por isso a importância da recuperação dos espaços de memória do complexo Santa Isabel que permitem refletir sobre o passado subjetivo e público construído no asilamento. Para que a experiência segregadora das colônias do início do século não se repita como possibilidade de profilaxia de doenças, que o Estado se responsabilize pelos danos provocados, mas sobretudo, que os indivíduos tenham vínculos e identidade com o seu passado.

É importante frisar que as lembranças e esquecimentos são influenciados por disputas de poder e processos de silenciamentos, construídos socialmente e historicamente. Se existe uma memória compartilhada livre e desimpedida, haverá também, muitas memórias esquecidas, e às vezes forçadas ao esquecimento, por não se enquadrarem nos padrões socialmente impostos. (MASSONI; PAULO, 2019).

A segregação dos hansenianos conduzida pelo Estado, denota um processo de adaptação e vivência dos diferentes períodos experimentados por essa sociedade multicultural, que ordenou a produção dessas memórias traumáticas na ocupação deste espaço/lugar. O Estado ao manter o discurso de que a campanha profilática realizada entre 1930 e 1980 era o tratamento possível à época, encerra as discussões em torno das violências cometidas.

Em conclusão, o Estado naturaliza essa transição de isolamento e pós-isolamento tentando amenizar as marcas violentas desse passado, sem problematizá-lo e impedindo de alguma maneira as pessoas de “lembrar”. Desse modo, a criação do roteiro de visitaçao associado ao aprofundamento das discussões em torno da memória, memória traumática e história podem contribuir para emergência de novas memórias, monumentos históricos, histórias e reflexões do passado que ainda postas no tempo presente.

3.2.3 A história cultural do urbano

O espaço urbano é caracterizado por interlocutores em processo de comunicação. De um lado temos o próprio espaço, um ambiente natural e construído, com componentes históricos, artísticos e culturais. Por outro lado, os indivíduos, que formam um modelo mental de representações do lugar, participam dos processos de institucionalização do território, constituído de regras e organizações (MAZIERO; BONAMETTI, 2015).

É importante definirmos o conceito de espaço / lugar que utilizamos neste trabalho. Tais concepções, como destaca Lopes (2012) podem sobressair em relação a outro, dependendo do objeto da pesquisa, e da efetivação da proposta em determinado contexto da realidade socioespacial. Numa perspectiva geográfica, o espaço é uma constituição relacional de objetos e coisas espacialmente distribuídas na perspectiva do tempo passado relacionadas às realidades sociais e materiais do tempo presente em todo o seu processo de construção. (LOPES, 2012). O espaço deve ser concebido como algo que participa da condição social e física, sendo possível ser analisado por outras categorias espaciais com possibilidades operacionais diversas (CABRAL, 2007).

Lopes (2012) apresenta o lugar como categoria da espacialidade, visto por três perspectivas: 1) A humanista que busca fundamentar o lugar enquanto base da existência humana como parte das articulações do espaço, 2) A perspectiva radical-crítica que apresenta o lugar como meio de promoção da funcionalidade do mundo, indiferente de qual época analisada, definindo o mundo e a sociedade como um conjunto de possibilidades, onde cada lugar tem sua diferença. 3) E a última que interliga as duas,

pois, situa o lugar como ponto de articulação para a compreensão humana (LOPES, 2012). Assim, o conceito espaço/lugar é considerado dinâmico e refere-se às formas, atividades, significados e valores à compreensão da espacialidade e territorialidade humana (LOPES, 2021). Tais conceitos, podem ser analisados sempre que as relações sociais se tornem essenciais para a compreensão dessa espacialidade. Assim, cabe ao pesquisador estabelecer os sentidos e inter-relações possíveis e necessárias para o entendimento do espaço e do lugar, bem como as relações sociais estabelecidas (CABRAL, 2007).

Desse modo, ao analisar as relações que estabelecem a espacialidade e sua função histórica, o interno da Colônia Santa Isabel, produziu nesse espaço a sua forma de vida, influenciado pelas ideias sanitaristas da época. Um modo de vida conjugado por uma vivência social, no qual os indivíduos construíram lugares de memória através da sua presença nesse espaço, com as memórias e experiências vivenciadas nos seus lugares de origem. Em face disso, é importante demarcar que o lugar/espaço durante, e pós segregação estão ligados contraditoriamente aos sentimentos de preservação da história e de superação. Tendo consciência dessa complexidade, nos últimos anos Santa Isabel viveu um processo de transposição dos sentidos e ocupação do espaço. Ou seja, a transição de uma antiga colônia de segregação, para a formação de um bairro.

Após a abertura dos portões, a tutela do Estado se resumiu ao controle social, mas sem garantias, estabelecendo um compromisso apenas com os ex-internos e não com a comunidade que se formou ao entorno (ASSIS, 1997), ou até mesmo com as famílias que foram morar na localidade do antigo hospital Colônia que posteriormente fundou a região de Citrolândia⁸. Antes da abertura, o espaço da colônia Santa Isabel estava centrado na localidade periférica e no discurso de limpeza urbana. Após o abandono do Estado, sem preparo ou fomento para a eliminação de preconceitos que historicamente foram estabelecidos, transferem-se para o bairro Citrolândia esse estigma, definindo a região com as piores condições sociais no município de Betim e menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região metropolitana de Belo Horizonte⁹.

Esse dado revela a permanência da negligência histórica por parte do Estado que insiste em dizer que tais vidas e pessoas não importam. A presença do Estado como

⁸Região da Cidade de Betim, localizada no sul do município, próxima aos limites de Mário Campos, São Joaquim de Bicas e Juatuba. A localidade é resultado da relação social, na época, entre os doentes e seus familiares, esses últimos expulsou de suas expectativas cidades por conta do isolamento (ASSIS, 199).

⁹Disponível: <http://portal.pucminas.br/pucinforma/materia1.php?codigo=603>. Acesso em: 03 de nov. 2020.

instituição total e mantenedora, não preparou a inserção dessas pessoas na sociedade, desta forma, perpetua a marginalização da região. Permanecendo inclusive, a nomeação terrível do “bairro dos leprosos” pelas regiões vizinhas. As mudanças que se estabeleceram na localidade podem ser entendidas na vertente da história cultural do urbano que está expressa neste Espaço/Lugar que visivelmente mostra a sua identidade na ocupação e na utilização de equipamentos construídos no período da segregação.

No caso da Colônia Santa Isabel, a preservação e visitação desses espaços, objetiva entender o presente como espaço de mudança, não apenas para contemplá-lo, mas refletir sobre o ser, e o estar, no mundo e agir sobre ele. Trata-se de criar uma problemática histórica através da combinação da ciência, da ação do estado e da doença em um enquadramento histórico social e político.

Um movimento que aconteceu nos pós-isolamento foi invasão de várias edificações que perderam a utilidade, e conseqüentemente descaracterizadas e invalidadas, ou por conta do abandono, chegaram ao arruinamento e sua destruição. Para além da questão da materialidade das construções, ainda hoje, o preconceito aos ex-internos e conseqüentemente, aos seus parentes é a principal justificativa para que aconteçam as mudanças na ocupação das edificações, como também na utilização e função da Colônia Santa Isabel que com a sua abertura, passou por um processo de reinserção dessa comunidade.

Como podemos ver nas figuras 2 e 3, a antiga Escola dos sadios.



Figura 2 – Escola dos sadios.
Década de 1970. Acervo – SECULT



Figura 3- Escola dos sadios.
Registro 2019. Acervo – SECULT

Temos dois registros diferentes da antiga escola dos sadios. Essa edificação teria sido construída juntamente com os primeiros prédios da Colônia para atender a demanda dos filhos dos funcionários que trabalhavam em Santa Isabel. (FUNARBE,2018). Em seu último uso institucional, o prédio também recebeu crianças da Colônia até a sua

inutilização por conta da instalação da Escola Frei Rogato. Atualmente, parte da edificação segue ocupada por uma família e a outra parte encontra-se em processo de arruinamento (FUNARBE, 2018).



Figura 4 –Loja A Vitoriosa, década de 1980.
Acervo – SECULT.

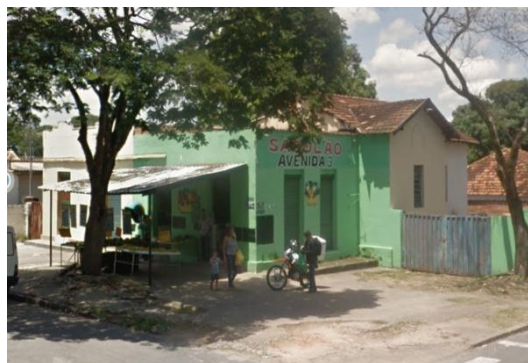


Figura 5 – Sacolão Avenida, registro 2020.
Acervo – SECULT.

Um caso interessante a ser observado são as edificações que mantiveram seu uso, tanto pela questão de localização como pelo apreço social que é remetido pela memória. Neste caso, apresentado acima, nas figuras 4 e 5, temos dois momentos distintos da edificação que pertenceu ao Sr. Geraldo Madureira Ramos¹⁰, e que atualmente após o seu falecimento, permaneceu em posse de sua família, mantendo como um ponto forte do comércio de Santa Isabel. Muito além de uma comunidade que sofreu apagamentos, Santa Isabel foi formada por um emaranhado de identidades que neste espaço/lugar, (re)lutaram para sobreviver. Ou seja, pós-isolamento o bairro sofreu modificações, mas algumas delas, como é o caso do comércio do sr. Geraldo tem marcas fortes com o período do isolamento.

Levando em consideração os movimentos de permanências e transformações vividos em Santa Isabel, o processo de construção do roteiro de visitação, levou em consideração a escuta sensível dos moradores mais antigos e mais novos não apenas no momento das entrevistas, mas em outros espaços de encontros e trocas. Objetiva-se abarcar essa complexa resignificação dos espaços, marcados por histórias de dor, abandono, estigmas, traumas; mas também de muitas alegrias, superação e redes de sociabilidade.

¹⁰Gramont Gontijo em seu livro a História da Colônia Santa Isabel, Volume I destaca |Geraldo Madureira Ramos e Wilson Garcia, como os principais comerciantes da época.

3.2.4 A Colônia vista como bem cultural

O tratamento da Colônia Santa Isabel como patrimônio histórico tem seu marco inicial em 1998, com o tombamento de seu conjunto urbano, e atualmente gerido pela Prefeitura de Betim, com a promoção e salvaguarda de seu patrimônio cultural, através de iniciativas de restauro e valorização de seus bens culturais no espaço urbano do município. Esse processo tem sido destaque não só localmente, nacionalmente no quesito de proteção. Isso porque a cidade de Betim participa do programa de ICMS Patrimônio Cultural, um projeto de incentivo à preservação do patrimônio cultural do Estado, por meio de repasse dos recursos para os municípios que preservam seu patrimônio e suas referências culturais através de políticas públicas voltadas para a área cultural¹¹

Santa Isabel, mais antiga que os meios de proteção vigentes de acautelamento do Patrimônio Cultural, acompanhou os processos de identificação e reconhecimento legal de patrimônio, dentre eles, o inventário de bens culturais, o tombamento e registro de bens de interesse público, e por fim, a política de educação patrimônio que tem por finalidade difundir e publicizar esses bens. Neste processo de proteção e valorização das políticas culturais de Betim, a Secretaria de Arte e Cultura - SECULT é o órgão responsável pela gestão do patrimônio cultural de Betim. Tal participação resultou no reconhecimento de um acervo 258 bens inventariados e no patamar superior de proteção, 15 bens tombamentos e registro de 6 bens imateriais (IPAC/2022).

Para entender cada grau de proteção apresentamos logo abaixo 3 tabelas com bens culturais reconhecidos ao longo dos anos. No nosso estudo o olhar está direcionado aos bens culturais existentes na regional Citrolândia e especificamente os localizados na antiga Colônia Santa Isabel, que compõem o roteiro de visitação.

TABELA 1 - Bens tombados relacionados a Colônia Santa Isabel.

N ^o	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ENDEREÇO	ANO DO TOMBAMENTO
01	Portal da Colônia Santa Isabel	Bem imóvel	Praça da Matriz, Colônia Santa Izabel.	1998
02	Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel	Conjunto urbano.	Av. Professor Antônio Aleixo, Colônia Santa Izabel.	1998

¹¹Dispon vel: [//www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/icms-patrimonio-cultural](http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/icms-patrimonio-cultural)

03	Cine Teatro Glória	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Av. Professor Antônio Aleixo, Colônia Santa Isabel.	2018
----	--------------------	--	---	------

Fonte: Levantamento bibliográfico.

O tombamento é um instrumento jurídico para a proteção dos bens culturais de natureza material, que podem ser municipais, estaduais ou federais. Nesse grau de proteção o bem passa a ser de interesse público, ficando submetido a restrições. (IEDS, 2009). No caso de Santa Isabel, os tombamentos do Portal da Colônia Santa Isabel, do Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel e o Cine Teatro Glória, além de serem bens materiais trazem consigo a expressão e a originalidade de sua época. Tendo consciência dessa complexidade identifica-se nos bens, sua característica material, mas composta por categorias que afirma a sua ligação imaterial com a comunidade da qual faz parte.

TABELA 2 - Bem registrado relacionado a Colônia Santa Isabel.

Nº	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ENDEREÇO	ANO DO REGISTRO
01	Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel	Bem imaterial ou intangível	Praça dos Esportes, 306 – Colônia Santa Isabel – Regional Citrolândia	2021

Fonte: Levantamento bibliográfico.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário é o único bem imaterial¹² ou intangível registrado como bem cultural na Colônia Santa Isabel. Bens imateriais são aqueles que se caracterizam como ritos processuais como saberes, celebrações, práticas, expressões e lugares. (IEDS, 2009). O reinado de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel é uma manifestação cultural e religiosa que tem diversas atividades durante o ano com base no calendário litúrgico da Igreja Católica e na devoção a Nossa Senhora do Rosário. Ela é uma tradição afro-brasileira religiosa enraizada na memória de seus participantes. (IPAC, 2019).

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel é uma conexão entre a tradição secular dos negros, presente por meio do congado e suas manifestações culturais e religiosas, tendo como auge a devoção de Nossa Senhora do Rosário. As antigas Irmandades negras presentes em grande parte do território mineiro, tinham como objetivo a sociabilidade, promoção e participação do culto católico em honra a seus santos padroeiros que com o passar do tempo modificou-se reduzindo apenas a realização de

¹² De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, os bens culturais de natureza imaterial são identificados pelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão e nos lugares que abrigam práticas culturais coletivas. Disponível em (<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>).

suas festividades. As irmandades e festividades desenvolvidas pelos congados, tiveram sua paralisação na região metropolitana de Belo Horizonte por causa de um decreto episcopal de Dom Cabral na década de 1920 que conseqüentemente interferiu no desenvolvimento desta manifestação em Santa Isabel. (IPAC, 2019).

Em 2011, um grupo de pessoas se mobilizou para realizar a primeira missa conga da paróquia de Santa Isabel e instalar a devoção de Nossa Senhora do Rosário na região, que simultaneamente organizou a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel e seus festejos, que foram reconhecidos como patrimônio cultural e imaterial do município de Betim (BUENO, 2018).

TABELA 3 - Bens inventariados relacionados à Colônia Santa Isabel.

Nº	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ENDEREÇO	ANO DO INVENTÁRIO
01	Biblioteca José Mariana	Fontes arquivísticas	Praça da Matriz, Colônia Santa Isabel.	2002
02	Arquivo de Pacientes da Colônia Santa Isabel.	Fontes arquivísticas	Av. Professor Antônio Aleixo, Colônia Santa Isabel.	2003
03	Antigo dispensário / Laboratório.	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Av. Professor Antônio Aleixo, Colônia Santa Isabel.	2003
04	Enfermaria Feminina / antigo hospital Souza Gomes (atual prédio da Administração).	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Rua Olavo Bilac, Colônia Santa Isabel.	2003
05	Antiga Escola Estadual Anexa à Colônia Santa Isabel	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Rua Miguel Pereira, nº 132 – Monte Calvário	2010
06	Antiga Casa da Administração	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Rua Frei Damião, nº 144 – Monte Calvário	2010
07	Cine Teatro Glória – Pavilhão Juiz de Fora	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Rua Miguel Pereira s/nº, Santa Isabel	2010
08	Antigo Parlatório	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Rua Miguel Pereira esquina com rua Irmã Gioconda nº 242, Santa Isabel	2010
09	Memorial José Avelino – Antiga Sede de Caixa Beneficente	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Rua Miguel Pereira, s/nº Santa Isabel	2010
10	Ruínas do Hospital Werneck Machado	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Rua Emílio Ribas entre as ruas Abílio de Castro e Ana Neri, s/nº - Santa Isabel	2010

11	Ruínas do Pavilhão Mário Campos	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Rua Emílio Ribas, entre as ruas Abílio de Castro e Ana Neri, s/nº - Santa Izabel	2010
12	Residência Teuto – eclética	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Rua Alan Kardec, nº 69 – Colônia Santa Izabel.	2010
13	Conjunto arquitetônico da Praça de Esportes	Estruturas arquitetônicas e urbanísticas	Praça de Esportes nº 220, 230, 236, 242.252 – Santa Izabel	2010
14	Quadro Vivo – Encenação da Paixão de Cristo	Bem imaterial ou intangível	Rua Emílio Ribas, s/n, Colônia Santa Izabel	2010
15	Coral Tangarás de Santa Izabel	Bem imaterial ou intangível	Praça Frei Edgard Groot, 47 Matriz de Santa Izabel	2010
16	Folia de Reis do Bairro Cruzeiro	Bem imaterial ou intangível	Rua Geraldo Madureira Ramos, 829, Bairro Cruzeiro	2010
17	Gruta de Nossa Senhora Lourdes	Bem móvel / móvel integrado	Rua Ana Neri em frente à Rua Emílio Ribas, s/n, Colônia Santa Isabel.	2010
18	Imagem de Bom Jesus da Vitória	Bem móvel / móvel integrado	Rua das Palmeiras , nº 10, Colônia Santa Izabel	2010
19	Eremitério da Casa dos Franciscanos	Bem móvel / móvel integrado	Rua das Palmeiras, nº	2010
20	Cruzeiro do bairro Cruzeiro	Bem móvel / móvel integrado	Rua Geraldo Madureira Ramos, s/nº - Cruzeiro Citrolândia	2010
21	Cruzeiro da Capela de Santana	Bem móvel / móvel integrado	Estrada de Charneca, 4.100, Charneca	2010
22	Via Sacra de Luiz Veganin	Bem móvel / móvel integrado	Praça Edgard Groot, nº 47 Matriz de Santa Izabel – Santa Izabel	2010
23	Cemitério Reino das Rosas	Patrimônio arqueológico	Rua Uberlândia, nº 62 – Santa Izabel	2010
24	Travessia do Rio Paraopeba	Patrimônio natural ou paisagístico	Beco entre as ruas Ana Neri e Silva Lima, s/nº Santa Isabel	2010
25	Conjunto paisagístico Praça das Chalmugas	Patrimônio natural ou paisagístico	Rua Miguel Pereira entre as ruas Santa Cecília e Geraldinho Carvalho, s/nº - Monte Calvário	2010
26	Córrego Bandeirinhas	Patrimônio natural ou paisagístico	Rua Uberlândia com rua da Pedreira s/nº Santa Isabel	2010
27	Festa de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel	Bem imaterial ou intangível	Praça dos Esportes, 306 – Colônia Santa Isabel – Regional Citrolândia	2019
28	Senzala – Sede da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel	Bem imaterial ou intangível	Praça dos Esportes, 306 – Colônia Santa Isabel – Regional Citrolândia	2019

29	Acervo de Bens Móveis da Matriz de Santa Isabel	Bem móvel / móvel integrado	Praça Frei Edgard Groot, 01, Colônia Santa Isabel, Citrolândia – Betim.	2020
30	Cachoeira da Charneca	Patrimônio natural ou paisagístico	Bairro Charneca.	2020
31	Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Colônia de Santa Isabel	Bem imaterial ou intangível	Praça dos Esportes, 306 – Colônia Santa Isabel.	2021
32	Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel	Bem imaterial ou intangível	Praça dos Esportes, 306 – Colônia Santa Isabel.	2021

O inventário por sua vez é um instrumento que busca descrever minuciosamente de forma técnica, com base em um levantamento e identificação de características particulares, de um bem cultural de qualquer natureza, seja ele material ou imaterial, buscando a manutenção do bem na sua condição inicial. (IEDS, 2009). Nesse conjunto de 32 bens inventariados ¹³, observa-se um acervo diverso expresso em diferentes representações, sejam elas materiais ou imateriais, que estão intrinsecamente ligadas à história da comunidade, e como bens culturais de interesse público.

Voltando às concepções iniciais, percebe-se que ambas as formas e os graus de proteção, são direcionados apenas para acautelamento de bens com valor cultural e que tenham relações históricas que justifiquem a proteção. Muito além de reconhecer um bem como patrimônio histórico, deve-se trabalhar para que esse conceito seja também entendido pela comunidade, mas para que isso aconteça são necessárias ações de ressignificação do espaço e das relações da população com ele, levando em consideração os sentidos de pertencimento. Chamamos atenção também para a disparidade entre os bens tombados e os inventariados, há um caminho longo pela frente para a salvaguarda completa desse rico material.

Atualmente a prefeitura de Betim desenvolve o projeto de educação patrimonial exigido pelo IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais que é pontuado nas deliberações do instituto no Quadro IIIA¹⁴. Nessa direção de preservação e visitação, a prefeitura realiza o projeto Trilhas Culturais, organizado pela Seção de Patrimônio Cultural da Secretaria de Arte e Cultura – (SECULT). Desde a sua criação, em 2011, a iniciativa tornou-se o carro chefe das ações de educação patrimonial no município. O projeto tem por base a visita aos locais históricos considerados relevantes

¹³ Inventário de proteção de acervo cultural (IPAC).

¹⁴ Quadro de Ação e Salvaguarda.

à memória da cidade, com o objetivo de direcionar a comunidade ao reconhecimento e a preservação da memória local e a proteção de seu patrimônio cultural. O projeto é oferecido a grupos de cidadãos, em especial a comunidade escolar¹⁵ que é acompanhado por um educador patrimonial no decorrer da visita. Atualmente o Projeto conta com quatro roteiros¹⁶ que interligam a memória e a história de Betim, dentre eles um específico para a visitação na Colônia Santa Isabel. (IPAC, 2018).

Ao apresentar um roteiro de visitação a esses espaços como parte do mestrado profissional, propõe-se abordagens propositivas sobre a história de Betim de modo geral e da colônia Santa Isabel de modo particular. No caso de Santa Isabel, muito além da história da comunidade, são abordados temas como a políticas de saúde pública empregadas no início do século XX que acarretou o isolamento dos hansenianos, bem como os aspectos gerais sobre a histórias das doenças e história dos bairros e das cidades. Outro fator abordado na visita é a promoção de debates sobre a colônia na perspectiva dos moradores, instigando os visitantes a olharem o conjunto urbano da Colônia Santa Isabel como um lugar de memória.

Nesse contexto, o produto do mestrado fomenta a oportunidade de criação de um roteiro de visitação com viés turístico, que se diferencia do projeto da prefeitura por conta da sua objetividade em instigar o olhar do visitante aos processos urbanos muito além do isolamento, que se configura na constituição e apropriação deste espaço/lugar apresentando sua história e identidade indubitável e, sobretudo, a presença e voz das pessoas que viveram a experiência.

Nosso intento foi colocar a comunidade como protagonista das narrativas e da definição dos espaços/lugares em contraponto às histórias contadas pelas instituições e pelo discurso oficial, além de corroborar e contribuir com a política de patrimônio cultural do município com o processo de ressignificação do passado e do presente da comunidade.

¹⁵Alunos das escolas estaduais e municipais de Betim, grupos de terceira idade e de jovens em vulnerabilidade social acompanhados pelo Centro de Referência de Assistência Social – CRAS.

¹⁶ O projeto Trilhas Culturais oferece quatro roteiros: Roteiro 1 – Casa da Cultura e adjacências. Roteiro 2 – Capela do Rosário e adjacências. Roteiro 3 – Museu Paulo Araújo e adjacências e Roteiro 4 – Colônia Santa Isabel.

4 METODOLOGIA

4.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório. De acordo com Gil (2007 p.41) “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, com bases conceituais delimitadas na relação da vida social de um ambiente hospitalar, formado e habitado por gente. O trabalho proposto tem como objeto de análise o Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel, ex-colônia de segregação dos atingidos pela hanseníase, criada na primeira metade do século passado para este fim. Assim, utilizamos também o referencial teórico metodológico da pesquisa qualitativa fenomenológica. O foco deste método trata-se de descrever, esclarecer e explicitar exaustivamente o que está velado (SANTOS e RAIMUNDO, 2017). Desta forma, a escolha dessa metodologia, justifica-se pela interação do objeto: A Colônia Santa Isabel no período de 1931-1982 com os sujeitos da pesquisa, os antigos internos possuidores de memórias traumáticas e/ou violentadas pela internação compulsória.

O estudo constou de três fases:

1. Fase exploratória: Foi feita a fundamentação teórica através do levantamento bibliográfico da literatura sobre o assunto, com intuito de explorar criticamente o conhecimento já construído sobre o objeto estudado.
2. Fase de campo: neste momento o pesquisador realizou a pesquisa, no contato com os sujeitos a procura das respostas que mobilizam a pesquisa. O método que será utilizado será a história oral testemunhal que é um campo da história oral caracterizado pela análise de vivências traumáticas que busca a correção de questões sociais, através da livre narração de seus colaboradores (MEIHY e SEAWRIGHT, 2020). Os instrumentos utilizados nessa fase foram o caderno de campo, celular e câmera para gravar som e imagem das entrevistas que foram norteadas por entrevista semi-estruturada de linguagem acessível ficando a entrevistada livre para responder ou não. As entrevistas foram marcadas antecipadamente, em concordância com o entrevistado, de modo que não tenha sido desviado de sua rotina. Além disso, foram utilizados também recursos visuais, tais como fotografia e filmagem, permitidos pelos participantes. A finalidade da utilização desses recursos será para a criação de um banco de dados

dos participantes documentada através do termo de direito de cessão de uso de imagem e voz que pode constar no momento da edição a supressão da imagem e distorção da voz com intuito de garantir o sigilo da sua participação e identificação se esse for o desejo da participante seguindo todos os trâmites legais exigidos pela constituição.

3. Fase de análise do material: Foi efetuada análise das entrevistas, detalhada na metodologia de análise de dados.
4. Fase de elaboração do roteiro de visitação: Após análise, os dados foram reunidos e organizados para o roteiro de visitação para a Colônia Santa Isabel, em formato de cartilha, que é o produto proposto no mestrado.

De modo geral, não há benefício direto para o/a participante. Tal trabalho potencializa a Colônia Santa Isabel como patrimônio cultural do município de Betim, pois permite a utilização turística e educativa de seus espaços/lugares através da sua ressignificação cultural, histórica e urbanística. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fiocruz Minas, número: 5.479.418.

A análise de dados foi feita em três etapas:

Etapa 1: A partir da análise da bibliografia e referências identificadas, todos os dados obtidos foram analisados e cruzados com as informações sobre a temática.

Etapa 2: O trabalho de história oral dos antigos internos, ambos selecionados por uma temática específica. Prioritariamente, levaremos em conta a participação do entrevistado na história da Colônia Santa Isabel.

Etapa 3: A partir dos dados coletados nas pesquisas bibliográficas, entrevistas de história oral de vida e do acervo iconográfico, foi produzido um roteiro de visitação para a Colônia Santa Isabel. O roteiro será disponibilizado pela prefeitura de Betim como recurso pedagógico para trabalhar a educação patrimonial no município, e fomentar o turismo em Santa Isabel.

O desfecho primário consiste no mapeamento de espaços de memória ainda existentes na Colônia Santa Isabel. Os resultados e publicações derivadas do projeto serão divulgados em forma de artigos acadêmicos, capítulos de livro, apresentação em congressos e eventos da área, dentre outros. O material que foi coletado (entrevistas, documentos, fotos) foi digitalizado e catalogado, todos armazenados em um banco de dados no acervo da Secretária de Arte e Cultura de Betim. Os mesmos poderão ser

utilizados como fonte de outras pesquisas, guardadas as autorizações necessárias e legais. Por fim, finda-se com a elaboração de uma cartilha informativa em formato de roteiro de visitação na Colônia Santa Isabel, contendo mapa histórico e localização de espaços de memória.

4.2 A HISTÓRIA ORAL DOS QUE VIVERAM O ISOLAMENTO

Outra metodologia utilizada foi a pesquisa de história oral realizada com as pessoas que vivenciaram e/ou testemunharam o isolamento. Essa parte da pesquisa teve como base os trabalhos realizados por MACIEL (2017) e CARVALHO (2012), referências na investigação de memória dos atingidos pela hanseníase.

A pesquisa de história oral que investiga a história da lepra / hanseníase no Brasil, vai além da própria doença e de seu fator biológico, mas sim, em uma visão ampla, analisa tanto quem sofreu a doença, como também quem cuidou da doença. (MACIEL, 2014). Nesse sentido, é função do historiador interpretar questões relacionadas à vida dos entrevistados, a fim de transformar o seu relato em história. (CARVALHO, 2012).

O ambiente multicultural a Colônia Santa Isabel é formado por uma rica memória ainda latente a ser investigada. Desta forma, foram selecionadas 10 pessoas relacionadas à história desse conjunto urbano que vivenciaram o período do isolamento. Os alvos da pesquisa foram homens e mulheres que viveram na colônia nos anos de 1931-1982, anos que remetem ao funcionamento da Colônia Santa Isabel.

Segue abaixo as pessoas selecionadas:

TABELA 4 - Pessoas selecionadas para o trabalho com a história oral da Colônia Santa Isabel.

Nº	NOME	CHEGADA	FASE DA VIDA	ORIGEM	IDADE
01	Eduardo Rabelo de Abreu	1981	26 anos	Simonésia / MG	67 anos
02	Eva Lopes dos Santos	1961	23 anos	Simonésia / MG	84 anos
03	Firmina da Natividade Silva	Década de 1930	1 ano	Esmeraldas/MG	89 anos
04	José André Vicente	1944	12/13 anos	Resplendor/ES	87 anos
05	José Bueno Filho	1958	22 anos	Patos de Minas/MG	86 anos
06	Luiz Alberto Silva	1970	20 anos		67 anos
07	Maria Aurora de Oliveira Diniz	1956/1956	20 anos	Juiz de Fora/MG	87 anos

08	Maria Laurência de Jesus	Década de 1950	Criança	Coluna/MG	70 anos
09	Mercês Aparecida Conceição	1968	10 anos	Perdões/MG	64 anos
10	Olímpio José dos Santos	1959	12 anos	Baldinho/MG	75 anos

Fonte: Pesquisa de campo.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, com roteiro semiestruturado, que foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto René Rachou – Minas. Devido à pandemia do coronavírus, foram respeitadas as normas de segurança estabelecidas para o controle do vírus, como distanciamento social, higienização e utilização de equipamentos de proteção individual (EPIs).

As informações produzidas pelas entrevistas estão apresentadas, no item 5,2, seguindo a metodologia de História Oral e dada a riqueza das narrativas, organizamos um texto geral de análise seguido da transcrição de todas as entrevistas, como forma de expressão dessas diferentes vozes.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 A IDENTIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DE MEMÓRIAS PELA BIBLIOGRAFIA DISPOSTA

A Colônia Santa Isabel é desde a sua inauguração um conjunto urbano complexo. Edificações surgiram, desapareceram e foram reutilizadas com o passar do tempo de acordo com a utilidade necessária de cada período. Para ilustrar a proposta de identificação de espaços de memória da Colônia Santa Isabel, foi realizado um mapeamento, organizado em formato de tabela.¹⁷

Nesta tabela, são apresentados a denominação desses espaços/lugares, localizados na bibliografia manejada. Outro ponto a evidenciar são as informações sobre o seu histórico e seus usos. A tabela apresenta a complexidade estrutural que compunha o conjunto urbano da Colônia Santa Isabel, formada por diversos tipos de edificações divididos entre equipamentos de recreação, socioculturais e equipamentos de serviços. Grande parte desses espaços/lugares com o passar do tempo tiveram outro tipo de utilização, significando assim, as diferentes etapas do processo de segregação dos atingidos pela hanseníase.

¹⁷ A tabela se encontra no anexo 8.6.

É importante destacar que a bibliografia pesquisada tem sua maior abrangência na área da história das doenças sendo ela dividida em: trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. Destaca-se ainda as publicações realizadas pelos órgãos governamentais da época, que orientavam a profilaxia da época, as orientações sobre a construção dos espaços de isolamento. Registra-se as contribuições dos trabalhos técnicos realizados pela Prefeitura de Betim, representada pela FUNARBE que inventariou afim de proteger algumas edificações, e por fim, o trabalho memorialístico de Gramont Gontijo, antigo interno da Colônia Santa Isabel, que escreveu três volumes sobre a história da antiga colônia, destacando lugares, modos de vida e questões relacionadas ao preconceito.

Neste processo, foram identificados 69 lugares/espacos, com descrição de utilização, que em sua grande maioria, são citados por mais de uma referência bibliográfica. Entre eles podemos destacar lugares de acomodação e moradia, como é o caso dos pavilhões. Lugares de tratamento e cuidado médico, destacam-se as enfermarias, postos de saúde, laboratórios e instituto de pesquisas. Os lugares de religiosidade expressos pelas igrejas. Os lugares de trabalho que se destacam são os lugares/espacos relacionados a administração da colônia e sua manutenção. Além dos lugares relacionados as expressões artísticas e desportivas.

5.2 A HISTÓRIA ORAL E AS VOZES DOS MORADORES E FUNCIONÁRIOS DA COLÔNIA SANTA ISABEL.

Neste tópico utilizando a metodologia de história oral, optou-se em fazer uma análise mais geral das entrevistas, acompanhado pela transcrição de todas elas, registrando de fato “suas vozes”. As entrevistas aconteceram entre os dias 27/08/2022 e 09/09/2022 na residência dos entrevistados, exceto, a entrevista do médico Eduardo Rabelo, que aconteceu em seu consultório. Os depoimentos tiveram a duração de 25 e 50 minutos e foram gravadas em áudio e vídeo. O recorte e seleção de pessoas entrevistadas referem-se às pessoas que viveram a fase do isolamento em diversos contextos, e diferentes lugares sociais, não apenas doentes, permitindo uma visão da colônia de diferentes aspectos. Os participantes selecionados foram 5 homens e 5 mulheres. Sendo 7 internados e 3 pessoas sadias, que chegaram na colônia entre os anos 1930 e 1980, crianças e jovens, que mesmo com o fim do isolamento permaneceram na Colônia Santa Isabel.

É importante lembrar que objetivo do roteiro de entrevista¹⁸ esteve ligado à investigação de falas relacionadas aos lugares que marcaram a vivência dessas pessoas na experiência do isolamento. Mas muito além disso, o que encontramos foi a ligação afetiva de uma comunidade que se ocupou desse lugar/espço, dando variados sentidos e funções às edificações por conta da formação de uma sociedade multicultural.

Os participantes apontaram no decorrer do trabalho de história oral, relatos detalhados dessa sociedade fortemente marcada pelo acompanhamento religioso com a hegemonia da Igreja Católica, na década de 1930, e no decorrer das outras décadas o surgimento de outros segmentos religiosos como o Kardecismo e o Protestantismo. Destaca-se nas falas também a efervescente vida social movimentada tanto pelas festividades e atividades culturais, como também pelo futebol que se eternizou com a criação dos times Minas Esporte Clube, União Esporte Clube e mais tarde na década de 1980, o Renascença Esporte Clube todos pertencente a área de internação e do Santa Izabel Esporte Clube, time dos funcionários, na área sadia. Essas agremiações esportivas tinham festivais e atividades em suas sedes sociais.

Outra questão relevante observada nas falas foi a presença coercitiva do Estado que instituiu limites severos à comunidade. Como é o caso das correntes que delimitavam as entradas da antiga Colônia, e que virou símbolo de abertura, “a queda das correntes”. Em contrapartida, sobre o sentimento de liberdade, observamos um saudosismo não das correntes, mas sim de uma cultura de respeito e ordem que existia no período da Colônia fechada. Os entrevistados relatam que antigamente era tudo melhor, “todo mundo conhecia todo mundo”, e que existia maior apreço pelos modos de vida, e que com o fim do isolamento, muita coisa acabou, e que o cuidado e a preservação do patrimônio arquitetônico foram deixados de lado reduzindo a FHEMIG, apenas a responsabilidade no acompanhamento médico, priorizando o acompanhamento médico aos antigos internos, seguido pelo atendimento a comunidade, como instituição da rede do Sistema Único de Saúde - SUS.

Foi possível nesta partilha entender a formação da comunidade Limas, hoje, Citrolândia e sua relação com os internos. Uma comunidade que recebeu o estigma da doença que conseqüentemente se tornou periférica. A derivação do nome Limas e Citrolândia estariam ligados a variedade de frutas cítricas encontradas na região. Desde a sua ocupação, a região manteve forte ligação familiar, e assistencialista com a Colônia.

¹⁸ O roteiro de entrevista se encontra no anexo 8.1.

Neste trabalho de história oral é visível que cada entrevistado em sua particularidade, apresentou o seu mundo, como partícipe de uma grande engrenagem, e por isso, a seleção dessas pessoas contemplou os objetivos desta pesquisa. Segundo o Engenheiro Lincoln Continentino (1933), os planos de construção e instalação de leprosários que tiveram como base a medicina e a engenharia sanitária, buscavam princípios na eficácia da profilaxia da hanseníase, tanto na assistência médica como medidas de conforto material e moral.¹⁹ Ao levar em consideração essa perspectiva, e ao investigar as memórias dos entrevistados, observamos com nitidez a consciência dos limites e trânsitos de Santa Isabel ao situar a independência das diferentes zonas, e sua vida própria, com edificações e áreas específicas que compunham o sistema de isolamento.

Percebemos que era impossível investigar diretamente um determinado lugar, ou apresentá-lo sem uma detalhada história da relação do entrevistado com ele. Por isso, para conhecer é preciso investigar a história dessa gente, e suas relações estabelecidas com o sistema de isolamento idealizada pelos sanitaristas. Outro fator importante que devemos levar em conta é a visão dos entrevistados, que podemos separar em dois grupos, os internos e os sadios. Os sadios moravam em uma área distinta com uma boa infraestrutura para atender às suas necessidades. Os internos, por sua vez, ficavam confinados a uma área exclusiva com equipamentos para a sua atenção e cuidados.

A área sadia ou zona sadia era um lugar de convivência das pessoas sadias que trabalhavam na Colônia Santa Isabel, via de regra as pessoas que foram trabalhar na colônia. As relações familiares dessa área, revelam uma situação de igualdade e partilha na formação dessa comunidade, entre eles formou-se uma relação mútua de sociabilidade. Os moradores da área sadia tinham atividades próprias, como festividades religiosas, desfiles cívicos e atividades de lazer. Uma estrutura voltada para os funcionários, casas, escola, igreja, campo de futebol e posto médico. Além disso, compunha também os lugares de serviços como o prédio da administração, armazém, padaria e laboratório.

Nas orientações de construção e funcionamento de leprosários previa uma faixa de 300 metros entre a zona doente e a do pessoal administrativo, tornando essas duas áreas independentes uma das outras. (CONTINENTINO, 1933). No entanto, ao investigar as memórias dos entrevistados não foi possível perceber os limites dessa faixa entre a

¹⁹ Recomendações sugeridas para a Conveniente Localização e Instalação de Leprosários no Brasil segundo os princípios correntes de Engenharia Sanitária. (CONTINENTINO, 1933)

sadia e intermediária, porque ambas tinham uma relação de trabalho e trânsito. Observamos apenas os limites com a zona de tratamento onde estavam os internos, onde havia uma guarita com guardas, que tomavam conta deste acesso. A presença desses guardas é uma marca forte nos relatos dos internos.

Em razão dessa realidade, tomamos por rumo, enquadrar nesse perímetro de 300 metros todas as edificações citadas pelos entrevistados. Acrescenta-se ainda que o trabalho de história oral sobre as memórias dos espaços ganha uma mesclagem específica nesta área, por conter edificações relacionadas aos funcionários e seus serviços, e também ligadas aos internos. Em virtude disso, foi possível identificar cinco edificações que marcaram a memória dos participantes. O laboratório, a usina, a observação, o vestiário dos médicos (Laboratório) e o parlatório. Como já apresentado, as memórias dos atingidos pela hanseníase são carregadas de sentimentos que interligam lugares e pessoas, e por muitas vezes notei que os benefícios da livre narração como foi proposta pela metodologia e o direcionamento de um simples roteiro semiestruturado nos trouxe um detalhismo organizacional do sistema de isolamento na colônia.

Ao deparar com as memórias dos entrevistados, adentramos num grande desafio, que era conseguir reunir as fontes orais, selecioná-las e criar uma rede de relações para atingir objetivo da pesquisa, que era investigar os lugares/espacos deste sistema de isolamento. A complexidade de lugares encontrados na zona de internação nos instigou a apresentar os resultados da forma como eles se aproximam da memória afetiva dos entrevistados, que diferente das áreas dos funcionários e da intermediária se apresentava de maneira mais distante. Esses lugares de afetividade são tomados não apenas por um sentimento individual, mas sim, por um determinado grupo, segmento ou organização que se uniu para se amparar. Em decorrência dessa realidade, subdividimos os resultados desta área em 5 seguimentos: Lugares de moradia, lugares de serviços e administrativos, lugares de tratamento e cuidado médico, lugares de entretenimento e lazer, e lugares de manifestação religiosa.

De acordo com a orientação sobre a construção de leprosários, em zonas correspondentes deveria haver pavilhões separados internamente para homens, mulheres e crianças. (CONTINENTINO, 1933). Se tratando da Colônia Santa Isabel os pavilhões²⁰ são lugares carregados de lembranças, como a primeira moradia, selecionada de acordo com a idade e o sexo do interno. Os entrevistados que participaram da pesquisa relataram

as suas moradias e as transições durante sua experiência como interno.

Em Santa Isabel o pavilhão de crianças, era dividido em dois prédios, uma parte das meninas e outra dos meninos. Os meninos ao completarem 18 anos e as meninas 15 anos eram direcionadas para outros pavilhões. O Pavilhão das Moças, que se chamava Pavilhão Central, localizado na área central da Colônia, recebia as moças e o Pavilhão Gustavo Capanema, conhecido como pavilhão novo recebia os homens. Já o pavilhão Mário Campos, era a morada das senhoras e viúvas. Existiam também outras moradias para os solteiros, como também lugares privilegiados, para os jogadores de futebol que moravam no Pavilhão Bom Sucesso de futebol e os músicos que moravam na Lira, ou Casa dos músicos. Observamos nas falas, a importância dos músicos e os jogadores de futebol para a comunidade.

Identificamos pelas falas que os músicos e jogadores solteiros gozavam privilégios de moradia, com alguns benefícios, mais conforto e privacidade. Além desse grupo, os internos mais ricos, que tinham condições para construir suas habitações, tinham casas que diferentes do padrão estabelecido pelas construções estatais, marcando na colônia as distâncias sociais e econômicas dos internos.

Por sua vez, os lugares de serviços e administrativos citados nas entrevistas compunham um sistema organizacional comum nas antigas colônias, e na maioria das vezes era administrado pelos próprios internos. Como é o caso da intendência que tinha o poder de prefeitura e era administrado pelos próprios internos. O refeitório geral e a lavanderia, que eram lugares de serviços. Destes locais o mais vivo nas memórias registradas está a antiga cadeia. Que era um lugar de correção de faltas. A presença coercitiva do Estado na Colônia Santa Isabel estava presente em todo o lugar. Vemos na separação por sexo, na faixa etária e na condição social. Por outro lado, era vigente a vigilância promovida pelos próprios internos, em um corpo policial formado por uma polícia interna, uma cadeia com guardas armados e um delegado para manter a ordem e a segurança de Santa Isabel.

Já os lugares de tratamento e acompanhamento médico, eram divididos pelo grau de complexidade do tratamento. Aqueles internos que tinham condições físicas de locomoção e necessitavam apenas de cuidados paliativos usavam o Dispensário que era localizado na rua central que levava a igreja, do lado esquerdo. Destinado ao tratamento, dosagens de medicações e aplicação de injeções. Já os internos com necessidades específicas de atendimento utilizavam as enfermarias para um acompanhamento médico especializado. Assim como nos pavilhões, as enfermarias eram divididas em masculina e

feminina. Outro espaço muito citado foi o bloco cirúrgico, localizado ao lado da Igreja, onde eram realizadas cirurgias complexas na parte de cima, e na parte de baixo continha enfermarias.

Os lugares de entretenimento e lazer são os mais deslumbrados pelos memorialistas dessa pesquisa. Entre eles, dividimos os espaços de arte e entretenimento e os desportos. O Cine Glória localizado no coração da Colônia Santa Isabel, foi construído pela população de Juiz de Fora. Neste local eram encenadas peças teatrais, exibição de filmes e onde acontecia o carnaval. Havia uma divisão no próprio teatro, a parte de cima era destinada aos sadios e a parte de baixo para os doentes. Em seu complexo arquitetônico existia o Bar da Caixa e uma praça com jardim.

Outro dado relevante que a pesquisa trouxe, foi que um dos poucos atrativos permanentes em Santa Isabel que é lembrado tradicionalmente pelos antigos internos é o futebol. O esporte era uma atividade que envolvia jogos, festivais e bailes em suas sedes. Era uma manifestação popular que estava presente tanto na área doente como na dos funcionários, ambas as repartições tinham times de futebol e campo. A história do futebol na colônia é marcada pela rivalidade de dois times, o Minas Esporte Clube e o União Esporte Clube. O futebol na Colônia Santa Isabel se tornou uma paixão para a comunidade. Os times tinham sedes que além de abrigar suas memórias, eram espaços sociais que sediaram bailes e shows.

Ainda no quesito entretenimento, outro lugar/espaço que é lembrado afetivamente pela comunidade é o Alto-falante. A sua principal função era a comunicação na Colônia Santa Isabel. O Alto-falante promovia anúncios direcionados aos internos, como avisos e convocações. Mas também pela sua privilegiada localização em um morro favorecia a expansão sonora por toda a Colônia, alegrando os moradores com músicas e interações.

Outros lugares citados nas memórias dos participantes são os ligados a questões religiosas. Esses lugares são lembrados por memórias atreladas ao respeito de dogmas, ao poder na administração da colônia, ao acompanhamento e cuidado com os doentes e a revolta e aceitação da condição do interno. Como é o caso da Igreja Matriz de Santa Isabel, as Igrejas Evangélicas e o Centro Espírita Campos Vergal.

Nesta análise, apresentamos de forma geral os resultados alcançados com o trabalho de história oral realizado com os entrevistados. Abaixo apresentamos as transcrições das entrevistas realizadas, ordenadas pelo dia e a hora da gravação.

5.2.1 Entrevistada: Mercês Aparecida da Conceição.

1. **Data da entrevista:** 27/08/2022 **Duração:** 20:08 min
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno.
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano (Cinegrafista).
-

Introdução:

Mercês Aparecida Conceição, 64 anos, chegou em Santa Isabel com 10 anos de idade em 14 de junho de 1968. Superou a separação de seus pais com ajuda fraterna de amigos que fez em Santa Isabel. Morou no pavilhão das crianças, e mais tarde trabalhou na equipe de enfermagem. Em suas memórias carregadas de emoção, Mercês nos apresenta a vida das crianças e especialmente de uma menina interna na Colônia Santa Isabel, através de aspectos sociais, culturais e religiosos neste espaço de segregação.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 27 de agosto de 2022. Eu estou aqui com Mercês Aparecida da Conceição, e essa é uma etapa do projeto do mestrado que tem por título: “Do Isolamento ao patrimônio: *O roteiro de visita da Colônia Santa Isabel*”. Que consiste na realização de entrevista com pessoas que vivenciaram ou testemunharam o processo de isolamento dos atingidos pela hanseníase na Colônia Santa Isabel.

André Bueno: Bom dia, Mercês!

Mercês Aparecida: Bom dia André.

André Bueno: Estou muito feliz com essa oportunidade.

Mercês Aparecida: O prazer é todo meu.

André Bueno: Vamos começar?

Mercês Aparecida: Vamos lá!

André Bueno: Nos fale um pouco sobre você, e a sua relação com a Colônia Santa Isabel. (00:54)

Mercês Aparecida: Meu nome é Mercês, como você já falou. Eu moro aqui em Santa Isabel, desde a idade de 10 anos. Fui criada no Pavilhão das crianças, Pavilhão Maria Luisa Machado Vieira. A gente falava, Pavilhão das Crianças para abreviar. Eu fui muito bem cuidada pelas irmãs de caridade lá, e continuo morando aqui na Colônia, estou aqui, só que não existe pavilhão mais, cada um tomou um rumo na vida, cada um tem a sua casa. Eu continuo morando aqui!

André Bueno: Bacana! Conte-nos um pouco sobre o período que a senhora chegou aqui, como era a vida? (01:33)

Mercês Aparecida: Quando eu cheguei era uma Colônia muito fechada. Tinha umas três, duas correntes, que era a maior dificuldade para conseguir entrar aqui. Eu morava aqui embaixo, na Colônia com os doentes. E da corrente para cima, da avenida principal, era Saúde! Que hoje ainda continua falando, a Saúde! Porque ficou né, apesar de não ter mais

as correntes, mas lá era a Saúde. Porque moro aqui embaixo na Colônia. Mas tínhamos um relacionamento até bom com as pessoas que moravam lá, bacana!

André Bueno: Bacana, a senhora falou um pouco sobre o formato geográfico da Colônia. E aproveitando esse gancho. Você se lembra da estrutura física da Colônia? Você pode nos contar um pouco sobre as divisões do espaço, dos ambientes, das sociabilidades relacionadas? (02:15)

Mercês Aparecida: Oh...o que eu me lembro, assim, eu não me lembro de muita coisa não. Nós tínhamos um Cine Teatro Glória, tínhamos um teatro aqui na Colônia, onde tinha muita coisa bonita. Dona Isaura, como que fala? Fazia teatrinho com as crianças, né. Tinha um Pavilhão, que era Pavilhão das Moças, muito bonito! Inclusive tinha um aquário maravilhoso. Você não chegou a conhecer, né? Tinha um aquário maravilhoso, tinha muitas carpas lá nesse aquário. Eu vou voltar lá no teatro, porque quando eu vim aqui pra Colônia, nesse que eu o internei, o Pavilhão estava comemorando 25 anos. Então eu ia pra aquele teatro ali, ver as minhas amiguinhas, cantar e dançar. Aí até eles me perguntaram o que eu sabia fazer: “*Você sabe cantar ou dançar?*” Eu falei: “*Não, eu não sei cantar, e dançar junto de dois eu não sei, mas eu sei dançar balé*”. “*Nossa!*” “*E aquilo pra meninas foi maravilhoso!*” “*Ela tem 10 anos, e você dança balé?*” Eu falei: Danço! “*Então dança pra gente ver?*” E eu mais que depressa, toda magrinha, subi lá em cima do palco, dancei até sem música. (Risos) dancei! Fiz o balé bonitinho. Inclusive, eu até participei da festa, que tava na semana das comemorações do pavilhão. Tínhamos também uma loja aqui, que chamava Loja Vitoriosa. Era a única loja que vendia material de construção para nossa Colônia. Isso me veio à memória. Os clubes, o União Esporte Clube, o Minas Esporte Clube, e depois tivemos o Renascença, que foi o mais novo, né? O Renascença foi o clube mais novo. E ainda tem o Minas, tem o União, só que não é aquele interesse, que o pessoal tinha aquele interesse, fazia muita festa. O dia 21 de abril era um dia comemorado, o Minas Esporte Clube. Então tinha muitos jogos, muita festa, muito baile, e era bacana. O União Esporte Clube também, o aniversário em junho né? Tinha muita festa. Tínhamos rainhas, e, princesas. Isso tudo fez parte da minha vida, como criança, como adolescente também, muito bacana!

André Bueno: A senhora falou sobre os pavilhões das crianças, né? Era subdividido aqui? Crianças, adultos, como que era? (05:10)

Mercês Aparecida: Sim, sim! Tinha o pavilhão de crianças. O Pavilhão das Crianças, uma parte das meninas, e outra parte era os meninos, a divisão era assim. E tínhamos o Pavilhão Mário Campos, que era o pavilhão de senhoras. Viúvas, pessoas mais debilitadas moravam lá. E tínhamos também o Pavilhão das Moças, chamavam Pavilhão Central, que é bem aqui no centrinho da cidade. A gente fazia 15 anos no Pavilhão de Crianças e já passava para o Pavilhão Central, que já era mocinha, né? Aí a gente ia pro Pavilhão das moças. Eu cheguei a ficar no Pavilhão das Moças um tempinho, e lá era muito bom! Era banana. E as Irmãs tomavam conta de lá também.

André Bueno: A senhora falou um pouco do pavilhão da parte das senhoras. Tinha dos homens também? (06:13)

Mercês Aparecida: Tinha dos homens!

André Bueno: Da mesma estrutura?

Mercês Aparecida: Tinha o dos homens, sim! O Pavilhão dos Homens, era o Pavilhão Gustavo Capanema. O outro das mulheres era o Pavilhão Mário Campos, e o Pavilhão Central que tinha. Cada um tinha o seu espaço, bacana!

André Bueno: E me fala um pouco também, o Mercês, a Senhora falou que tinha os dormitórios as partes destinadas aos homens, mulheres e crianças. Você falou também de loja, o Cine Teatro Gloria... (06:34)

Mercês Aparecida: E tinha uma outra loja também, a Loja do Sr. Domingos, não lembro do nome agora, em frente à Igreja tinha uma loja: *“Ahh eu vou lá na loja do Sr. Domingos”*. Era em frente à igreja católica. Nessa loja a gente comprava bijuterias, comprava tecido pra gente fazer roupa. Porque antigamente pra nós era mais difícil comprar roupa já confeccionada, né. Lá vendia tecidos, vendia anel, brinco, joias, semi-joias. E sem contar que tinha de tudo nessa loja do Sr. Domingos Fernandes, não me lembro do nome.

André Bueno: E a relação do tratamento da hanseníase aqui, aproveitando esse gancho do espaço. Igual a senhora falou sobre espaços sociais, lojas, dormitórios. E a questão do tratamento da hanseníase? (07:30)

Mercês Aparecida: Nós éramos tratados... até hoje tem o tratamento aqui! Mas no meu tempo de criança, nós éramos tratados pelo Doutor Taufik Randan Silva que nos tratou lá no pavilhão das crianças. Ele que era o nosso dermatologista, hoje é hansenólogo, né? E saindo de lá, se a gente precisasse do tratamento, a gente continuava a fazer o tratamento nos pavilhões mesmo.

André Bueno: E qual desses espaços, lugares mais te marcou em sua passagem em Santa Isabel? (08:23)

Mercês Aparecida: Foi o Pavilhão das Crianças! Eu estou focando muito no Pavilhão das Crianças Maria Luiza Machado Vieira. Lá foi o meu tudo (Fala com emoção). Eu fui criada pela Irmã Elizabeth, uma gracinha de pessoa, Dona Ana que era a nossa enfermeira, Ana Neri, e Dona Maria Abadia, que era a nossa diretora na época. Me emociona muito em falar, porque eu sou apaixonada por essas três. Elas me acolheram com tanto carinho, sabe? E eu era muito carente de mãe, de pai. E as três marcaram a minha vida! E hoje já são falecidas, todas três já faleceram, todas três já faleceram. Mas nunca esqueço desses três anjos de bondade. E desculpa pela emoção.

André Bueno: Que isso faz parte, uma história linda dessa. Agora me fala um pouco, além do Pavilhão das Crianças. Como você se relacionava, interagia com as pessoas da Colônia em geral, como era a vida? (09:31)

Mercês Aparecida: Eu, graças a Deus, me dei bem com todo mundo aqui. Principalmente com o Senhor Antônio Maciel. Ele me incentivou a estudar um pouquinho, fazer enfermagem, trabalhar aqui. E eu falei com ele: *“Como eu vou ser enfermeira Senhor Antônio Maciel? Se eu não sei fazer nada!”* Mas ele falou: *“Você vai estudar. Você vai aprender para fazer. Para você olhar as pessoas que precisam de você, os irmãos que moram aqui em Santa Isabel”*. Aí eu me dei muito bem com o Senhor Antônio Maciel, e até hoje graças a Deus me dou bem com a turminha aqui, gosto demais do pessoal, e eu acho que eles gostam de mim também (risos).

André Bueno: Mercês com o fim do isolamento, não teve mais a necessidade de ficar dentro da Colônia Santa Isabel. As pessoas começaram a sair fora, né? (10:30)

Mercês Aparecida: Sim!

André Bueno: Conhecer outros espaços. Como foi o processo de reconstrução da vida fora da Colônia. Você acha que a sua experiência na Colônia, impactou a sua vida pós-colônia, pós-isolamento?

Mercês Aparecida: Eu tentei sair, mas sempre, assim mesmo com o fim do isolamento, ainda tem alguma discriminação assim, quando você fala: “*De onde vc veio?*” De uma Colônia! “*Colônia? Que tipo de colônia, colônia de férias?*” Uma Colônia que se fazia tratamento da hanseníase. Ai pessoal dá uma assuntinha aí assim: “*Hanseníase? O que que é hanseníase?* Não sabem, antiga lepra, né? O pessoal assusta um pouquinho. Eu tentei sair, tentei viver fora daqui, mas eu não me dei bem não. Não sei se é porque eu gosto demais de Santa Isabel, gosto muito daqui. Tentei ficar quase 5 anos fora daqui, mas eu voltei. Com esse negócio de não ter mais correntes, ser tudo liberal, ficou bem melhor a Colônia. E agora os filhos morando com seus pais, e tudo né? Agora ficou bacana, tá bom. Está bem gostoso viver aqui!

André Bueno: O Mercês nós já estamos chegando ao final da entrevista. Eu gostaria de saber se a senhora gostaria de falar mais alguma coisa que considera relevante ou interessante sobre a sua experiência na Colônia Santa Isabel? (10:30)

Mercês Aparecida: Eu gostaria de falar de uma coisa que eu acho muito importante, que eu nem toquei no assunto, o nosso Alto-falante! O senhor Dico, Benedito Ferreira dos Santos, vulgo Dico, né. que era assim. Então nós tínhamos o nosso alto-falante, ainda temos, né! Mas antigamente era um alto-falante muito animado, onde ouvíamos músicas, pedíamos para passar uma música: “*E que fulano de tal, oferece para alguém*”. Esse alto-falante marcou muito a nossa vida no pavilhão de crianças. Aí a gente escrevia um bilhetinho para o Sr. Dico, pra ele vim e ele abria o alto falante, e a gente pedia uma das meninas mais espertinha para vim, e entregar o bilhetinho para ele, para pedir uma música. Tipo assim: “*A Mercês oferece uma música para o André como muita prova de amor e muito amor e carinho...*” aquela coisa toda. E nós sentávamos todas lá na varanda do Pavilhão de Crianças, para ouvirmos o nosso alto-falante. Eu gostaria, eu acho que muita gente aqui, nós gostaríamos, nós mais antigos, que voltasse aquele Alto-falante, aquelas músicas antigas, bonitas. Que hoje tem muito rock, muito funk, né? O samba é gostoso! Mas esses rocks, esses funks muito pesados não são tão bacanas. Poderia voltar novamente esse alto-falante, uma pessoa, um locutor que assim soubesse, né? Escolher algumas músicas. Ainda tem o Sr. Antônio que faz uma programação assim boa, mas não é igual no tempo do Sr. Dico, que era coisa mais antiga. Mas é isso que eu gostaria de falar, eu não poderia esquecer do alto-falante. Uma coisa que eu tinha esquecido.

André Bueno: Eu vejo uma coisa na fala da Senhora, uma saudosidade.

Mercês Aparecida: Sim

André Bueno: A história da Colônia era uma história triste com a separação, mas com o passar do tempo, reconstruíram a vida aqui, né? (14:10)

Mercês Aparecida: O Sr. Isauro Marçal também, ele foi tão importante na minha vida, sabe? Eu sofri muito com a separação dos meus pais. Eu vim pra cá, então os dois homens que eu fiz amizade, foi o Sr. Isauro, eu vinha da igreja, então todo dia que vinha da igreja eu vinha de cabeça baixa, eu chorava muito, eu me emocionava demais com a igreja. Eu rezava muito para Deus trazer minha mãe e meu pai pra vim me buscar. Aí um dia ele falou comigo: “*Porque você chora todo dia que você vem da igreja, terça e domingo, você chora muito, porque você chora?*” Eu choro muito, porque eu tenho muita saudade da minha mãe e do meu pai. E eu fico muito emocionada, e pensando: “*Eu rezei pra Deus*

pra trazer meu pai e minha mãe pra cá”. Então eu venho caladinha, quem sabe eu escuto a voz do meu pai: “Filha, estamos aqui” e eu vendo minha mãe e meu pai vindo me buscar de volta. Eu queria voltar ao convívio lá, né? Mas não podia, tinha que fazer o tratamento. E de oitos irmãos, graças a Deus escolheu a mim para ter a hanseníase. E eu me emocionava demais com as minhas orações, e me emocionava demais com a atenção que o Sr. Isauro Maçal, dava pra mim, e o Sr. Antônio Maciel também, muito carinhoso. “Vou ensinar! Você precisa rezar mais, mais, mais! Você está rezando com pouca fé, por isso que o seu pai e sua mãe, ainda não veio te buscar. Isso na base da brincadeira, pra descontrair né. Reza com mais fé que Deus vai ajudar que o seu pai e sua mãe vem te buscar.” E assim foi.

André Bueno: Olha pra senhora ver, como que a gente vai investigando a memória da senhora, né? A senhora falou mais um espaço importante, a igreja! A senhora até poderia até falar pra gente qual igreja era essa, onde ela ficava? (16:10)

Mercês Aparecida: A igreja era aqui no centro. Igreja matriz, igreja bonita. E todos nós casamos lá, quem quis casar na igreja, né! Casamos na igreja matriz. Tínhamos o sacerdote na época que era o Frei Edgard Groot, pessoa finíssima. Mas quando eu casei, já não era ele mais que fez o casamento, ele já tinha falecido. A igreja até hoje é muito bem frequentada. Assim, apesar que antigamente tinha mais união. Agora parece que o pessoal que frequenta a igreja, sabe, esses padres mais modernos, assim, dá um desprezo assim, pra algumas outras pessoas que vão chegando, tipo o nosso congado, aqui, sabe? Eu acho que ali tem uma resistência deles aceitarem outros, como que fala? Outras religiões, né? Lá eles são focados só naquilo ali mesmo.

André Bueno: E na época a Colônia fechada, a igreja era bem conservadora também, das irmãs? Eu gostaria que a senhora falasse um pouco pra gente, falasse das irmãs, dos padres, e onde eles moravam, onde eles atuavam? (17:32)

Mercês Aparecida: As irmãs moravam aqui depois da corrente, aqui na corrente, as irmãs e os padres. Eram elas que cuidavam das missas, das hóstias, cuidava da decoração da igreja, dos batizados, tinha batizado, tinha casamento, tinha festa junina na porta da igreja. Ah... outro detalhe, saímos da igreja e passamos novamente da festa junina, tinham festas juninas maravilhosas aqui na Colônia. Com direito a quadrilha, a pau de sebo. Eu devia ter 13, 14 anos, eu não lembro direitinho, as festas eram maravilhosas! Eu era muito de ficar muito no pavilhão, quando eu comecei a frequentar as festas juninas, eu achava a coisa mais chique do mundo, sabe? E participava também. E falando da igreja, eu lembrei que fazia umas quadrilhas assim, na época de Santa Isabel tinha festa na porta da igreja era bem bacana.

André Bueno: Muitas festas né?

Mercês Aparecida: A Colônia era bem animada, muitas festas! Agora tá tudo muito, foi bom pra um lado ter abaixado as correntes, pra gente, né? Ter convivência com todo mundo, pessoal sadio. Mas por outro lado, já ficou mais fechado, começou a abusar, começou a vim esse monte de bebida, muita droga, não tô falando que a gente não tomava uma pinguinha, na infância não, depois de mais adulta. Mas agora é muita droga, muita bebida. Atrapalhou um pouquinho o nosso ambiente. Mas aqui é muito gostoso, eu sou apaixonada por Santa Isabel.

André Bueno: Mercês eu gostaria muito de agradecer a senhora por sua partilha.

Mercês Aparecida: Não a de que!

André Bueno: E agradeço mesmo, você é um patrimônio para a nossa cidade e para a nossa Colônia, né?

Mercês Aparecida: (risos) Gracinha! Então está bom!

André Bueno: Eu agradeço!

Mercês Aparecida: As ordens!

5.2.2 Entrevistada: Maria Laurência de Jesus.

1. **Data da entrevista:** 27/08/2022. **Duração:** 40:10 min
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno.
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano (Cinegrafista).
-

Introdução:

Maria Laurência de Jesus Silva (D. Mariinha) 69 anos Kardecista e liderança social, D. Mariinha, veio para a região de Santa Isabel na década de 1950, por conta do preconceito sofrido por sua família devido a internação de seu pai para tratamento na Colônia. Dona Maria revela em sua entrevista, a situação dos familiares dos internos e a sua ligação com a Colônia Santa Isabel. Além disso, ela aborda aspectos da religião como fator de caridade para com os internos, e os moradores do antigo Limas, hoje Bairro Citrolândia.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 27 de agosto de 2022 estou com Maria Laurência de Jesus. Essa é uma das etapas do projeto de mestrado que tem por título: *“Do isolamento ou patrimônio o roteiro de visitação da colônia Santa Isabel”*, que consiste na realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam o processo de isolamento dos atingidos pelas regiões da Colônia Santa Isabel. Boa tarde Dona Maria.

Dona Maria: Boa tarde!

André Bueno: Eu estou muito feliz com essa oportunidade, da gente estar conversando um pouco, vamos começar?

Dona Maria: Sim!

André Bueno: Fale um pouco sobre você e a sua relação com a Colônia Santa Isabel?

Dona Maria: A minha relação com a Colônia Santa Isabel, propriamente dita, é obrigatória! Porque o meu pai veio pra cá na década de 50, e a gente teve que acompanhar.

André Bueno: Conte-nos um pouco desse período de quando a senhora chegou aqui na Colônia. Como era a vida aqui? (00:59)

Dona Maria: A vida aqui era.... Na verdade, muita gente acha que era ruim, mas pra muitas pessoas, não era não! Era uma vida até boa, porque tinha muito divertimento, a igreja era muito acolhedora. E tinha também o Centro Campos Vergal, que hoje é Fraternidade Campos Vergal, que era uma casa que acolhia todas as pessoas que fossem mais necessitadas para ganhar alguns bens materiais como alimentação, roupa, brinquedo, essas coisas.

André Bueno: Falando um pouco sobre esses espaços como a senhora mesmo cita. A senhora lembra da estrutura física da Colônia? Pode nos contar um pouco sobre

as divisões de cada espaço, os ambientes de sociabilidades que estão relacionados? (01:50)

Dona Maria: Sim! Tinha onde que é hoje a administração, era uma casa onde as irmãs comandavam, a Dona Bizu também que era uma associação que chamava-se “As Pioneiras”, que hoje em dia eu acredito que não tenha mais. A gente tinha também o Cine Glória, onde era a maioria do divertimento. Porque passava filme, terça, quinta, sábado e aos domingos, tinha um matiné. Sabe aquele assim, que passa assim de 2 às 4? É... Na Sede do Minas também era muito bom! Tinha um matiné dançante. Na Sede do União também tinha! Um domingo numa Sede, outro domingo na outra. Na parte da igreja quando era mês de maio, a gente tinha barraquinhas onde as pessoas doavam as prendas. Tinha leilão, tinha um joguinho que colocava coelhinho, e o coelhinho quando soltava, ele saía correndo para entrar na casinha, e aí era aquela alegria né? Quem tinha ganhado a prenda daquele dia. Então era os espaços assim... de diversão. Agora os espaços de isolamento eram muito tristes. Porque a gente não podia entrar para ver as pessoas. Só podia ver quando eles iam na rua. Tinha separadamente a enfermaria dos homens. Porque quando eles ficavam passando mal... o mal deles fossem maior, ou que fosse... outra moléstia que não fosse a lepra, aí eles eram transferidos para a enfermaria para ter um tratamento mais intensivo. E a mesma coisa acontecia com as senhoras. Quando precisava elas tinham também a enfermaria, onde era realmente um espaço de muita dor! Porque não tinham as condições que tem hoje. Porque hoje qualquer dor tem um médico prontinho para nos atender. Todas essas áreas elas ainda existem, né? Os pavilhões e tal, só não existem as enfermarias. Mas tem aquela emergência, a onde adoeceu tem socorro.

André Bueno: A senhora fala em suas memórias: O União e o Minas. O que são eles? Sede do União e Sede do Minas. (04:58)

A Sede do Minas é um time de futebol. Que na antiguidade era o melhor que existia por aqui! Todo ano tinha um festival. Mas havia né? A rivalidade entre o Minas e o União. O União também é um time de futebol, ainda existe. Mas eu acho que tinha mais gente, torcedor do Minas, sabe? Eu acho que o União era mais fraquinho de torcedor. Porque o Minas era composto por pessoas mais... Com que o que vou falar... Pessoas de bens aquisitivos deles era mais, sabe? Porque na Colônia antigamente tinha as pessoas mais ricas, tinha pessoas mais pobres e tal. Então eu acho que o Minas, o pessoal do Minas tinha mais poder, sabe? Mas as festas eram tudo muito boas, porque chegava no dia da festa todo mundo ajudava, não tinha esse problema, na festa não tinha rivalidade. O Minas faz aniversário no dia 21 de abril e o União. Me parece que é em agosto, eu não sei muito bem a data não.

André Bueno: A senhora fala sobre a questão das pessoas que tinham bens aquisitivos, das pessoas que tinham mais dinheiro, tinha mais posses. Na subdivisão da Colônia essas pessoas tinham privilégios? Como que era isso? (06:30)

Dona Maria: Ahhhhh sim! Tinha privilégios! É... A Sede do União, era um lugar onde moravam aquelas pessoas, aquelas moças que tinham condições de pagar por uma refeição à parte. Elas não se alimentam da comida que o Estado fornecia não! Elas tinham posse para pagar. Porque tinham aquelas pessoas que tinham cozinha, e fazia particular. Então essas pessoas tinham esse direito. Se elas tivessem dinheiro elas poderiam pagar tranquilamente.

André Bueno: E os homens como que era?

Dona Maria: Os homens.... Eu acho que era a mesma coisa, porque.... Alguns que eram músicos, que eram melhores jogadores, eles tinham espaço diferente. Porque cada um tinha o seu quarto individual. Enquanto que os outros não. Ainda tem a construção que era chamado Lira. Onde que haviam os ensaios da banda, agora não, agora é casa de moradia, é residência! Mas tinha separação, Sim! Tinha aquelas pessoas que moravam em espaços grandes, aquelas pessoas que não tinham posses. Eles não eram maltratados, mas eu acredito que ele não tinha dinheiro, sabe? Para manter aquela regalia. Mas os outros tinham, poderia fazer isso.

André Bueno: A senhora fala em suas memórias que as senhoras que tinham posses elas tinham condições de pagar uma alimentação, de onde que vinha ela? (08:47)

Dona Maria: Da cozinha! A cozinha... digamos que seja assim, para ser mais exata, uma cozinha comunitária, que, porém, era administrada pelo Estado. Que hoje a direção do sanatório é através da FHEMIG. Antigamente era o Estado que administrava tudo. tinha o administrador da Colônia, tinha o Intendente que era um hanseniano, mas essa alimentação, a lavagem das roupas, tinha lavanderia, e era o Estado que pagava os funcionários, apesar que às vezes levava 2... 3 anos para receber, mas recebia.

André Bueno: A senhora falou das Estruturas do Estado. A senhora consegue lembrar de mais algumas também de serviços? (09:44)

Dona Maria: Sim! Tinha sala de costura. Onde hoje é a casa dos médicos tinha a sapataria que ainda hoje funciona, que é tipo um porão no Pavilhão Gustavo Capanema. Que hoje mudou de nome, eu não me lembro também. Lá tinha sapataria, eles faziam os sapatos para todas as pessoas internas, inclusive ortopédicos. (10:32)

André Bueno: Me fale um pouco mais sobre sua relação com a Colônia? Você chegou a morar dentro da Colônia?

Dona Maria: Não diretamente dentro da Colônia. Porque eu tinha e ainda tenho, eu ainda faço tratamento de epilepsia. E na época quem tinha esse problema de epilepsia ele era tratado com.... como eu posso dizer.... Como que essa doença fosse contagiosa, quase que pior do que a lepra. Era como se a gente ... eles falavam assim, que a gente estava endiabrado. Então a gente não podia ficar misturado com as outras pessoas. Mesmo porque quando tinha crise, a gente quebrava a cama, porque não tinha um medicamento adequado. Aí eu morei entre o cemitério e a última corrente, que faz divisa com o antigo Limas. Lá morava um casal, que o senhor, ele era guarda aqui na Colônia. Então eu ficava lá na casa deles. Porque eu fiquei entre a cruz e a espada, eu não podia ficar no Pavilhão das Crianças por causa da meninada, e não podia ir pra casa do meu pai, porque eu já tinha hanseníase. Então essa foi a minha vivência com a Colônia.

André Bueno: E a senhora falou também sobre a questão do cemitério, né? (12:11)

Dona Maria: Cemitério!

André Bueno: Como era a administração dele? Era um Cemitério comum, ou tinha outras particularidades

Dona Maria: Não, o cemitério tinha particularidades. O Cemitério é assim: tem direita, tem esquerda, e tem o portão né! Quando a gente vai da Colônia para entrar no cemitério, tem uma parte que era só das irmãs e dos padres, que por acaso viessem a ser enterrados aqui na Colônia. E nesse espaço era diferenciado porque as pessoas de posse que poderia fazer um túmulo mais bonito eles também tinham a separação. Lá em cima já saindo para

Citrolândia, quase saindo para Citrolândia, que era pra chegar na Casa da Dona Tereza, tinha uma partezinha que era separado. Porque ela era separada? Porque ali naquele pedacinho ia ser enterrado os mortos da religião evangélica, então não poderia misturar. Agora as outras pessoas iam pegando, só ficava lá no chão mesmo, não dava conta de fazer um túmulo, uma coisa assim, mas também ele não podia ficar no tempo, ele era obrigado a ser enterrado. Aí enterrava as urnas que eram feitas aqui dentro da Colônia. Daqui mesmo, que aí o Estado fornecia a urna, e fazia o enterro.

André Bueno: Qual espaço da Colônia, eram feitas essas urnas? (14:15)

Dona Maria: Urnas?

André Bueno: É! Qual o espaço da Colônia, qual estrutura?

Dona Maria: É uma... uma serraria velha que tem atrás do pavilhão, atrás da Escola Frei Rogato que antigamente era o pavilhão das crianças, lá no pavilhão dos meninos. Que os meninos moravam na parte de baixo e as meninas na parte de cima.

André Bueno: A senhora fala também nas suas memórias de espaços, né? Espaço dos homens, das mulheres, das crianças, espaços dos times, espaços de diversão. Mas e a religião também tinha espaço? (14:50)

Dona Maria: Tinha! A religião também era muito importante, principalmente a católica!

André Bueno: Em quais espaços?

Dona Maria: Na igreja!

André Bueno: Me fala um pouquinho desses espaços.

Dona Maria: Tá! A igreja sempre foi localizada onde ela está. E pela história a gente sabe que ali era a fazenda do antigo Mota. A onde era a Casa grande, a senzala. Aí tem também as igrejas evangélicas que a primeira aqui foi... A Assembleia de Deus? É isso mesmo! Mas aí a gente tem a Assembleia de Deus, a Batista e a presbiteriana. Essas foram as primeiras porque depois vão vindo outras com nomes diferentes. O Centro a onda que é Campos Vergal, primeiro o Pipoca tentou construir uma casa maior por que era muito pequenininha.

André Bueno: Quem foi Pipoca?

Dona Maria: Hum?

André Bueno: Quem foi o Pipoca

Dona Maria: João Batista!

André Bueno: Quem foi ele?

Dona Maria: Ele foi uma pessoa maravilhosa, um espírito iluminado! Que veio parar aqui na Colônia para se curar e voltar para o céu cheio de Luz. Ele era uma pessoa maravilhosa. E... tudo que ele fazia era para a comunidade! Inclusive ele morou a vida dele inteirinha, numa casinha lá. E ele quis que o centro fosse feito ali naquele espaço. Mas eu não sei porque, isso eu não sei explicar. Apareceu algumas pessoas ao contrário dessa... acredito até que seja da religião, e invadiu a construção que já estava no alicerce. Ai no Rio tinha um deputado, que é o Campos Vergal, inclusive os dois faziam aniversário no mesmo dia. Aí o Pipoca escreveu para ele, dizendo o que estava acontecendo. E como ele era um Deputado Federal, primeiro ele escreveu uma carta, e depois ele veio aqui, e

soltou a lei que tinha que ser construída, e que não poderia mais ter aquela divisão entre as pessoas só por conta da religião, já moravam no mesmo recinto, tinha que caber todo mundo. Porque tanto tinha católico, tinha evangélico. E foi exatamente por causa dessa história do Campo Vergal que abriu a Colônia para que pudesse haver as igrejas evangélicas. Então isso é muito importante! Teve um padre, Frei Basílio que ajudou ainda mais, sabe? Porque ele conseguiu unir, fazer até uma reunião entre pastor, padre e a direção do Centro. E isso foi muito importante, porque melhorou muito mais, abriu mais portas. No tempo do Pipoca, tinha um senhor, Antônio Loreto Flores, que ajudava demais a Colônia. E teve uma vez, um diretor que eu não lembro o nome, proibiu ele de vir. Aí começou a faltar, porque antigamente aqui faltava muita comida. Aí teve uma das irmãs, eu não lembro qual delas. Ela saiu daqui e foi lá em Belo Horizonte conversar com o Antônio Loreto. Aí ele falou com ela: *“Olha Irmã eu não tenho nada, mas eu prometo para a senhora, amanhã a senhora pode esperar, eu vou chegar lá com alguma coisa!”* Aí quando foi no outro dia ele chegou aqui com um caminhão carregado! De arroz, feijão, óleo, sabe? Para os internos! Então quer dizer, foi bom abrir, né? Porque começou a ajudar até nas partes materiais. Aí passou a não faltar mais. Porque quando precisava, já sabia onde buscar!

André Bueno: Fale um pouco mais pra gente, sobre essa questão da caridade e a religião aqui dentro da Colônia, principalmente se tratando do Centro Espírita Campos Vergal. Ele foi um catalisador para a Colônia? (19:55)

Dona Maria: Ahhh.. sim! Eu não entendi muito a sua palavra não, mas eu acho que sim!

André Bueno: Catalisador, seria: Foi um difusor para a caridade aqui dentro?

Dona Maria: Não só aqui dentro, mas também para as pessoas que moravam no aglomerado, que no caso seria Limas, que hoje é Citrolândia. Mas o João Pipoca, é... as pessoas de fora de Belo Horizonte, são caridosas demais, principalmente as pessoas que conhecem ou conheciam a situação da Colônia, e a bondade e a vontade de ajudar que tinha o Pipoca. Então chegavam muitas cestas. Porque às vezes tem muita gente que não fala isso pelo seguinte, que morava dentro da Colônia, tinha o benefício. Era pão, leite, carne, a cesta, né? Eles podiam vir fazer tratamento, então as pessoas que eram internas tinham esse benefício. Mas as famílias dessas pessoas, elas não tinham. Então elas moravam lá fora, e elas passavam muita dificuldade. Porque até para ir em Betim, tinha que ir a pé. Nem todo mundo lá tinha dinheiro, então todo mundo vivia de capinar roça, plantar, e não era pra si, porque não tinha espaço, tinha que trabalhar na roça dos outros, então ganhava por dia. Então o Pipoca fazia isso, ele distribuía pro pessoal lá de Citrolândia também. Não era só pra aqui não, era pra fora também, o pessoal de Citrolândia também ganhava, sabe? Então é muita gente, eu acho assim, da minha idade, eu acredito que não tenha ninguém fora daqui que não fosse beneficiado pelo Centro Espírita Campos Vergal.

André Bueno: Então a história de Citrolândia é a história das famílias dos antigos internos? (22:39)

Dona Maria: Sim, sim! Hoje, praticamente na década de 60, até 70, era praticamente só famílias de internos. Depois que foi chegando gente que não tinha nada a ver com os doentes, porque até 80, as pessoas de cidades vizinhas aqui, que passavam dentro de Citrolândia, dentro da Colônia, para ir pra Mario Campos, Brumadinho eles fechavam os vidros do carro porque para elas até a poeira de Citrolândia continha lepra. Agora de uns tempos para cá, está bom, porque não tem mais... eles vinham buscar os benefícios lá no centro, e tá tudo bem! Mas agora eles já vêm trabalhar.

André Bueno: E desses vários espaços que a senhora falou pra gente, igreja, centro, pavilhões... Qual desses lugares te marcou mais em sua passagem pela Colônia Santa Isabel? (23:59)

Dona Maria: Ah... eu acho que foi o Centro, foi o Centro! Porque foi lá que eu ganhei o meu primeiro brinquedo. E quando a gente é pequeno, você sabe, né? Te deu um brinquedo você fica marcado pelo resto da vida. Mas a gente tinha outros espaços, tinha a Cooperativa, o Cine Glória, ali uma parte ali, que era considerado o escritório da Caixa que era um lugar que também onde eles distribuía as coisas. O Dicalino, quando foi a gestão dele, foi uma pessoa maravilhosa. Ele mandava encher caminhões de laranja, quando havia o sítio lá do outro lado do rio, ele mandava despejar lá na praça da igreja, para distribuir para o pessoal de Citrolândia. Podia chegar e buscar à vontade! Ele não tinha esse negócio de vender frutas, esses negócios não. Ele chegava lá e despejava o caminhão. Então o Dicalino também foi uma pessoa muito importante, boníssima! Foi ele que ensinou a maioria da turma mais nova para tocar na banda, ele foi um cara muito importante! As pessoas não valorizam não, mas foi sim!

André Bueno: Bacana! E nessas lembradas suas de várias lembranças que passaram na Colônia Santa Isabel por sua importância não é à toa que marcou a sua história também, como você se relacionava e interagia com as pessoas da Colônia. Como era a sua interação aqui? (25:51)

Dona Maria: Aqui dentro da Colônia? Quem morasse fora daquela corrente que tinha na saída da Rua Padre Damião, sentido Citrolândia, sentido Santa Luzia. Aqui dentro da Colônia era tratado que nem eu! Você chegava aqui e a primeira coisinha que eles faziam era te dar um pão velho. Essa era a relação, não deixava a gente nem pisar no passeio. Porque as casas aqui, a senhora podia estar toda machucada e coisa e tal, porque a maioria dos hansenianos eram assim, agora que melhorou, agora não tem mais essas casas particulares para as pessoas. Elas andavam de joelho! Para encerrar a casa e lustrar, porque não tinha esse negócio de enceradeira. Então se a gente pisasse, antes da gente levantar o pé elas iam lá para limpar. Então a gente nunca entrou em casas de hansenianos aqui não. Tanto é que eu acho que muitos hansenianos, eles próprios fazem o orgulho, sabe? Eu acho que é por isso que gera mais essa negatividade. Tinha uma pessoa lá na subida da Rua Dr. José Mariano, ela se chamava Virgilina, então, eu não me lembro muito bem a data não, mas ela comprou uma televisão. E ela morava depois da corrente, então quando era sábado, domingo à noite, descia a moçada, tudo quase criança, né? Descia pra lá, no passeio, não podia pisar no alpendre não, ela não deixava não. Mas a gente podia ficar no passeio assistindo um programa que tinha aos domingos que... O que que era? Não sei se era o Chacrinha, eu só sei que eu lembro muito que passava o Ronnie Von, o Roberto Carlos e Wanderléa, a Rozimeire, sabe? Então quer dizer para essa turminha que morava lá em Citrolândia, essa era a diversão. Aí depois veio a ABAL, e ela comprou uma televisão, ela botou lá na garagem, perto da Igreja Nossa Senhora das Graças.

André Bueno: O que era a ABAL? (29:19)

Dona Maria: ABAL? Associação Brasileira de Amparo aos Leprosos. É a onde tinha a escola, farmácia, depois do ônibus do Pipoca, teve o ônibus da ABAL. Tinha um lugar, ainda existe, lá no outro lado da BR, um prédio lá que eles fizeram, que chama Chiqueiro, porque lá era o lugar que a ABAL criava os porcos. Aí depois eles desmontaram os porcos. *(pausa para trocar a bateria)*

André Bueno: Pode continuar por favor, você estava falando da ABAL.

Dona Maria: ABAL! Esse prédio dela, ainda existe. Depois ela tirou os porcos de lá, e liberou pro administrador daqui que podia fazer lá uma sala grande para o pessoal se divertir. Então virou o Chiqueiro mesmo, continua o mesmo, continuou o nome, mas tinha baile lá, todo final de semana. Depois, acabou os bailes, a escola não comportava mais os alunos, então passou um bocado de alunos para estudar lá, e agora eu não sei o que é mais lá não, mas foi assim um local muito importante porque ajudou muita gente para divertir, porque para trabalhar tinha que ter diversão, então tinha isso lá!

André Bueno: **Então a história da senhora é muito ligada ao isolamento, e ligada à Colônia Santa Isabel. Mas me fala um pouquinho também, como foi esse processo de saída e reconstrução da vida fora da Colônia. Você acha que a sua experiência dentro da Colônia impactou no pós-isolamento, fora da Colônia, depois do fim do isolamento? (31:57)**

Dona Maria: Sim! Mesmo porque, eu nunca saí definitivamente, sabe? Eu nunca me senti à vontade. Quando eu saí daqui eu tinha na faixa de 18 para 19, mas você tem sempre aquela sensação de que as pessoas te veem como se a gente fosse marcado. Às vezes as pessoas nem sabem e nem conhecem, mas a gente já foi tão humilhado, a gente se sente assim. É como se a gente tivesse a palavra leproso na testa. Porque é leproso, filho de leproso, não teve condições de estudar, não tem dinheiro, então não é nada! Então eu, praticamente, meu pai, minha mãe, meu irmão que também era doente, a gente nunca teve essa liberdade com ninguém! À gente, não teve assim, liberdade de ir lá pra fora, de melhorar de vida. Então eu não posso nem falar, sabe? São coisas que a gente não sabe explicar não.

André Bueno: **E como a senhora lidou com isso?**

Dona Maria: Eu? Eu lidei bem! (risos) Eu lidei bem, por que eu sou assim, sabe? Se eu tenho um limão, eu já procuro fazer uma limonada! E eu sou sempre a favor do tempo de Deus, o que ele achar que é bom pra mim, eu estou encarando, porque eu sei que ele está na frente, então eu sigo!

André Bueno: **É isso aí! Nós já estamos chegando ao final de nossa entrevista. A senhora gostaria de nos contar mais alguma coisa que considera relevante ou interessante sobre a sua experiência na Colônia, sobre a história da Colônia? (34:15)**

Dona Maria: Ahh... Eu acho que a Colônia agora quando a gente tem a tecnologia a favor, quando a FHEMIG é uma estatal muito forte, eu acho que eles deveriam cuidar mais da Colônia, em dois sentidos: Cuidar da história dos prédios, das ruas e das pessoas. Porque na verdade a Colônia é um patrimônio! Ela é a maior Colônia de Minas Gerais. Eu acho que é até da América latina, eu não tenho certeza. Então é um espaço que tem muita importância, principalmente pra gente que é descendente de hansenianos. Eu tenho aqui enterrado minha avó, meu pai, minha mãe e meu irmão, então quer dizer, eu estou plantada aqui de qualquer jeito, de qualquer jeito eu estou aqui mesmo! Nem para enterrar eu vou querer sair daqui não, eu vou querer ser enterrada aqui! Então eles estão assim, destruindo tudo, eles estão quebrando a Colônia, desfazendo as casas que eram tão bonitinhas, assim, as casas uma grudadinha nas outras tudo do mesmo jeito, do mesmo tamanho, da mesma cor de piso e do mesmo telhado, acabou! A gente não vê mais essa harmonia, tirou tudo! Os pavilhões mudaram a estética deles, agora eles não têm mais a mesma estrutura. As pessoas que a gente via de manhã cedo na rua tomando sou, aquelas chacinhas que a gente via à tarde, as senhoras batendo papo, os homens jogando um “dominozinho” na rua, a gente não vê mais! Parece assim, que prenderam eles de novo!

Sabe? A gente não vê eles na rua, a gente sabe que tem, por que eles estão lá no pavilhão, mas eles ficam escondidos, a gente não vê mais eles! Até para visitar tem que ter uma autorização, se não tiver autorização a gente não consegue entrar. Então eu acho que eles deveriam saber? Cuidar mais! Tem lá o nosso campo, o nosso campo eu acho que é o melhor campo, praça de esporte que tem em Betim! Ele tem tudo até pra ser um estádio! Mas não, eles não cuidam, botaram lá aquele alambrado, aquele trem lá não segura ninguém, o pessoal senta lá naquelas arquibancadas, estraga tudo, aquilo ali precisava de ter alguém que tomasse conta não, porque tem que toma conta, mas alguém que tomasse a frente que aquilo ali fosse reformado. Colocar em volta daquilo ali, um muro, porque tem arquibancadas ali que cabe muita gente, e tem espaço para fazer mais. Então eu acho que... sei lá, a Colônia perdeu muito, sabe? Depois que tirou as correntes, a Colônia perdeu as características, ele perdeu aquele sentido de ser Colônia. Porque aqui agora quem manda são as pessoas sadias que ninguém sabe de onde que vem. Aqui antigamente tinha os diretores, mas quem mandava aqui era os internos, e para isso tinha quem tinha inteligência suficiente, que era aquele que chamava de intendente, ia lá e tinha condição de resolver, por que ele conhecia todas as pessoas da Colônia e quem morava fora da Colônia e era parente dos doentes. Agora não! Agora você chega na Colônia você vê uma pessoa e: *“Não eu to morando aqui...”* Você não sabe de onde vem, e nem que é parente. Então isso deixa a gente triste, sabe? A gente vê assim, que o lugar que a gente mora, que a gente sempre morou está acabando, deixa a gente chateado!

André Bueno: Eu te agradeço Dona Maria, por essa oportunidade, muito obrigado!

Dona Maria: Não tem de que!

5.2.3 Entrevistado: José Bueno Filho.

1. **Data da entrevista:** 27/08/2022. **Duração:** 31:57 min
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno.
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano (Cinegrafista).
-

Introdução

José Bueno Filho (Sábida), 86 anos, liderança social e cultural, foi atingido pela hanseníase na juventude. Chegou em Santa Isabel na década de 1950. Nesta partilha José Bueno nos conta sobre as partições para homens e mulheres, e questões que ligavam os limites entre eles. A sua principal contribuição é focada na vida artística da Colônia e seus espaços de convivência.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 27 de agosto de 2022 eu estou com José Bueno filho. Esta é uma das etapas do Projeto de mestrado que tem por título: *“Do isolamento ao patrimônio o roteiro de visitação da colônia Santa Isabel”*. Que consiste na realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam o processo de isolamento dos atingidos pela hanseníase na colônia Santa Isabel. Boa tarde, Sr. José!

José Bueno: Boa tarde!

André Bueno: Estou muito feliz em estar aqui com o senhor, a gente pode começar?

José Bueno: Vamos começar!

André Bueno: Fale um pouco sobre você e a sua relação com a Colônia Santa Isabel? (00:40)

José Bueno: A minha relação com a Colônia Santa Isabel começou em 1958 ou 59. Foi nessa época aí, 58 ou 59 eu me internei aqui na Colônia. Aí fiquei aqui na faixa de 2 anos e pouco. Na época eu fiquei meio desorientado porque eu não conhecia a doença direito. Aí eu comecei a tomar remédio desordenadamente para sarar ou morrer, era o que eu pensava! Naquela época o tratamento aqui era o diaminoxicil, o lamprem, promim e tinha uns outros remédios. Esses eram os que tomava mais, tinha o diontoni, diontonio americano que era um remédio muito bom na época. neofusonamina, também isso tudo era remédio para combater a lepra. Eu tomava tudo, misturava tudo! Ai eu fui tomando, eu fiz o tratamento aqui dois anos, dois anos e pouco, consegui ficar negativo e estou negativo até hoje

André Bueno: O Sr. morou nesse período na Colônia e mora até hoje, né? Conte um pouquinho pra gente como era a vida aqui quando o senhor chegou? (02:03)

José Bueno: Quando eu cheguei aqui, na época eu achava que era ruim demais. Hoje eu vejo que antigamente era muito bom. Na época era tudo preso, eram os guardas que dominavam aqui, os guardas doentes, todos eles doentes. Não tinha policiamento, o

policiamento aqui era os guardas, tudo internado. Não podia entrar gente sadia! Só dia de domingo as vezes, tinha um futebol do Minas e do União que eram os dois times fortes tinha aqui, de internos, só jogava jogador interno também! Ai que dava permissão. Aí eles anunciavam no alto-falante assim: “*Tinha permissão para vim assistir o jogo do Minas e do União, os moradores do Bairro de Limas*”, hoje Citrolândia que antigamente chamava Limas, com exceção de crianças, de 18 anos para cima que podia vim assistir o futebol. Aí enchia de gente, e era uma festa muito boa, muito motivada, que tinha todos os dois times muito bons. Naquela época internava muito atleta, então os dois times eram muito bons, e era um movimento que tinha aqui. E tinha também os shows no Cine Glória. Olha eu participei muito dos shows, eu dediquei mais o lado artístico, e fazia show pra meninada, teatro, levávamos umas peças muito boas para a turma, pro pessoal. E eu entrei na banda, fui convidado pelo Dicalino Cabral que na época era o maestro da banda, e o Hugo Dirson que era o arranjador. Para mim participar, para mim aprender a tocar na banda, eu não sabia, eu não conhecia música. Aí eu participei, eu aprendi música, tocava. Eu participei da banda Euterpe Carlos Gomes muito tempo, a muito tempo! Retrita! Fazíamos retritá, íamos para outras Colônias, para tocar nas outras Colônias, nos correto. Eu participei muito da parte artística aqui. Aí depois foi fracassando, aí ia tudo bem, em 1986.... 86 abriram as correntes foi em 86, aí liberou para o pessoas entrar todo mundo sadio, aquela coisa. Até 86 era só doente. Aí em 86 abriu as correntes lá em cima, na Padre Damião e aqui, bem aqui onde mora esse menino, perto do parlatório onde hoje é depósito do Estado, ali era o Parlatório que recebia visita. Chegava a visita no parlatório, anunciava no alto-falante, e chamava a pessoa na visita, a visita vinha chegava no parlatório ficava lá de dentro e o visitante do lado de fora para conversar, podia ser parente, irmão que não podia entrar. Mas hoje, depois acabou tudo, acabou tudo! Misturou tudo, em parte foi bom, teve muito progresso. Mas aquela liberdade que o povo tinha, que o próprio doente tinha, acabou! E o próprio doente foi acabando também, porque não foi internando mais doente, foi fazendo tratamento a domicílio. E o futebol foi ficando ruim, porque não internava mais jogadores. Hoje por exemplo tem o Minas e o União, até hoje. Mas tudo com jogador sadio, jogador de fora, não é mais aquela tradição de jogador doente não, antigamente era tradição ter jogador doente. Vinha às Colônia de fora jogar aqui, vinha o pessoal de Ubá, lá da Padre Damião, de Santo Ângelo, lá de Curupaiti, essas colônias todas traziam time para jogar aqui, e os daqui também visitava essas colônias. Era muito bom! Era o único divertimento que tinha. Nós fazíamos teatro, fazíamos show aqui no Cine Glória. Nós tínhamos uma equipe de show naquela época, morreu todo mundo daquela época, colega meu que fazia show ia comigo, morreu todo mundo. O Walfrido, tocava bem! Tinha o Noé, que é o pai do Mario, tocava violão muito bem, e tinha uma turma de cantores aí também. Uns cantores assim, meio derrubados (risos) mas tinha! Inclusive eu. É isso que eu tenho a dizer...

André Bueno: Você se lembra da estrutura física da Colônia? Você pode nos contar um pouco sobre as divisões dos espaços, dos ambientes. Como era a divisão aqui? (06:57)

José Bueno: Lembro de tudo direitinho. Tinha as ruas, o Estado fez casa para os doentes de casal, que era casado, fez casa para todos eles morarem. Umas casas tudo bonitinha, tudo bem, arrumadinha. E no pavilhão... no pavilhão novo por exemplo é um pavilhão que o pessoal de Juiz de Fora patrocinou, era dos rapazes solteiros, inclusive eu morei lá, morei no salão 15. É ... tinha ali na Lira, a Lira era onde ficavam os músicos, depois que eu entrei pra Banda de Música Euterpe Carlos Gomes, eu passei para morar na Lira também, mudei para a Lira, todo músico morava lá. E... Ali que era o Renascença, a Sede do Renascença ali, ali era dos atletas, todos os atletas de futebol que era solteiro moravam

ali. Era tu repartidinho aqui, tudo bonitinho. As casas tudo separadinho, tudo arrumadinho, quer dizer, eles faziam casa meia parede, parede e meia. numa casa só, costumava fazer até quatro residências. Mas a maioria das casas eram duas residências. Dividia parede e meia, e fazia duas residências. Tinha aqueles que eram mais ricos, que eram considerados ricos, faziam as casas deles particular. Não era do Estado, fazia separado, faziam uns casões! Mas as que eram do Estado eram tudo parede e meia, mas tudo bem feitinho, muito perfeito, alvenaria muito bem feita de laje, telha, tudo novinho. Era um patrimônio que poderia existir até hoje, mas depois que deu a abertura o pessoal estragou tudo. Estão acabando com a estrutura das casas, estão acabando com aquele modelo das casas, estão acabando com tudo. Então faltou interesse das autoridades sanitárias para cuidar disso aqui. Então largou aqui na vontade do povo, e eles fazem o querem, acabou tudo.

André Bueno: O senhor falou sobre a questão das residências, de moradia. Mas aqui também tinha vendas, comércio, como que era aqui? (09:13)

José Bueno: Tinha o comércio da época aqui. Só tinha o Wilson Garcia Martins, debaixo do Pavilhão Novo, tinha um comércinho ali, debaixo do porão. Aí depois ele mudou aqui pra esquina, onde é esse sacolão hoje, ele mudou pra li, a Casa do Barulho (risos) que chamava até. Ali vendida de tudo, tudo! De cereais até móveis, tudo, e material de construção de tudo! Vendia de tudo. E... Lá na esquina que hoje é a Casa Brasília, foi dele também. Ali era uma farmácia, Farmácia do Demóstenes, vendia também, farmácia particular, não era do Estado não, farmácia particular. E... ali enfrente o campo, onde que era a mercearia do Ibraim, era a escola de datilografia da ABAL, para ensinar o pessoal a datilografar. Que mais.... Naquela época não tinha estádio, os estádios aqui era tudo lá perto, não tinha arquibancada, não tinha nada não. Só ficava em pé beirando o campo, mas lotado, em volta do campo todo, lotava mesmo! Uma concorrência danada entre os dois times, viu? Era uma confusão que dava entre os dois times, mas uma confusão boa, o pessoal gostava, juntava gente, tinha muito motivo, o pessoal era muito motivado, a única coisa que tinha aqui era o futebol e as festas. Tinha o Cine Glória aqui, que faziam os filmes. E anunciava os filmes, que dia ia passar filmes, anunciava os filmes, o pessoal vinham todos assistir os filmes, daí por diante.

André Bueno: E sobre as estruturas de administração aqui dentro da Colônia, o que você lembra desse período? (11:08)

José Bueno: Na época que eu internei, o administrador aqui, não.... o diretor era o Doutor Geraldino de Carvalho. Era uma pessoa muito boa, ele gostava de doente. Ele amava o doente, o Doutor Geraldino, gostava muito de doente. Inclusive eu devo muito a ele. Porque teve uma época, com esse tratamento aí, com dois anos e pouco, ele mesmo me deu uma carta, que eu poderia estar no meio do povo sadio, qualquer meio sadio. Ele só gostava do doente. Aí depois ele saiu, e entrou o Dr. Nilson Fabre, era um grande administrador, era um grande diretor. Mas ele teve sorte também, teve sorte porque na época, o governador era Magalhães Pinto. E foi o melhor governador que teve para o hanseniano, para os leprosos da época. Então o melhor governador que tinha era o Magalhães Pinto, que justamente o Nilson Fabri era o diretor. Então não faltava nada para os doentes não. Tudo com fartura, carne, arroz, feijão, leite, tudo,tudo! Era verdura... o Dr. Nilson fazia questão de servir o povo direitinho, mas justamente para dar a cobertura para o Governador. Aí o Nilson Fabre saiu, e entrou um outra Faber, Dr. Faber, pouco tempo também. Aí foi trocando de diretor, foi trocando rápido! De diretor aqui passou: Dr. Eduardo, foi diretor aqui. Dr. Grossi, na época. O Dr. Grossi eu tenho até uma

passagem gozada dele aqui, Porque o hanseniano, aqui tinha muito deles que batia gato, de carta. Gato é pedir, né? Pedia auxílio de carta. E tinha uns caras aqui que juntavam dinheiro, muito dinheiro. E tinha uns doentes aqui, que tomava dinheiro emprestado deles, e não pagava não, né? (Risos) dava promissória. Aí anunciou ele apertou eles para pagar, e foi ele denunciou todo mundo no Dr. Grossi. O Dr. Grossi era um delegado que tinha aí em Belo Horizonte. Ele veio cá, e tomou as promissórias todas aqui que eles tinham, e entregou para os doentes, aquela confusão toda, essa é uma passagem que pode até pular ela aí (risos). Mas não deixa de ser uma passagem importante do que acontecia aqui. O cabo Nelson era... O cabo Nelson era na época delegado, era delegado na época. E o Solon, já foi delegado aqui também, Sr. Domingos foi delegado, esses eram os delegados mais internos que passaram aqui. O policiamento era em todos os lugares, tudo doente. Então tinha doente, guarda aqui que andava até de carrinho de rodas, qualquer coisa ele apitava e reunia a guarda toda. Porque tinha muito doente rebelde também, brigava e batia nos guardas, sabe? Aí os guardas davam um apito lá e enchia de guarda, pegava o cara e levava para a cadeia. A cadeia era ali na rua dos bandeirantes, inclusive colocaram um apelido neles: *“Olha se você continuar fazendo arte aí, você vai lá pra rua dos bandeirantes!”* Aquela Rua dos Bandeirantes tinha duas histórias aqui. Você subia a Rua dos Bandeirantes a direita, era a cadeia em cima, e a esquerda subia também, lá em cima é o cemitério. Tudo na Rua dos Bandeirantes (risos). Então ninguém gostava de falar: *“Você vai subir a Bandeirantes!”* Qualquer lado que subisse era ruim.

André Bueno: Esses espaços, esses lugares que o senhor falou. Qual desses mais te marcou aqui na Colônia? (15:11)

José Bueno: Mais que marcou para mim?

André Bueno: É!

José Bueno: Mais que marcou para mim, foi a Banda!

André Bueno: Os lugares, os espaços. Quais mais?

José Bueno: Os espaços?

André Bueno: Sim!

José Bueno: O espaço que mais me marcou foi a Lira, né? Quando eu morei ali, eu morei só no meio dos músicos. Todavia nós ensaiamos lá, no pavilhão, era muito bom! Lá no pavilhão novo também, era muito bom, mas era muito embolado. O salão que eu morava por exemplo no pavilhão novo, mora umas 10 pessoas. Na Lira não, na Lira era tudo separado. Cada um tinha o seu quarto, no máximo eram duas pessoas em cada quarto. Então era confortável, era o lugar mais confortável! Ali era bacana. Tinha uma parreira de uva, em cima ali, carregava, ficava tudo bonito, não usava aquele negócio de invadir as frutas, eles deixavam madurar. Tinha a pessoa que cuidava, que cortava os cachinhos dava pro pessoal, tudo dado, não vendia nada também. O que mais marcou pra mim, morar, foi na Lira. Eu morei na sede do União também. Eu já joguei futebol também. Eu jogava no gol. Goleiro ruim (risos), na época eu jogava no gol, foi em 59/60, 1960 eu jogava no gol do União, joguei muito tempo. Eu gostava de esporte, mas também não tinha outra diversão, a não ser esporte e música. Então não tinha outra diversão não. Não podia sair! Saía daqui, tinha que sair escondido! Sair escondido, e tinha outra coisa. Nós pegávamos o trem na estação, se eles desconfiassem que era doente, eles não deixavam embarcar não.

André Bueno: Onde era a Estação? (17:14)

José Bueno: Aqui em Mário Campos. Então a gente saía daqui e dava a volta por lá, não chegava direto não. Dava a volta por lá, e lá por cima vinha. Chegava por lá, chegava por aqui não, chegava por cima, aí não sabia que era da Colônia não. De vez em quando, aparecia uns dedos duros, vigia daqui, sabe? Um Neném, que morava aqui em cima, trabalha aí, pega os doentes para trazer a força. Ele chegava na estação e falava: “*Aquele lá é doente!*” Falava lá pro chefe da estação. “*Aquele ali é doente, é leproso!*” Aí tinha que voltar para trás. Eu, eles nunca fizeram isso comigo não, porque eu era vivo pra daná. Eu saía e ia lá pra aqueles lados de Sarzedo, e subia aqueles morros também, e descia do outro lado. Ninguém falava que eu era doente, eu era limpinho. Aí eu pegava o trem lá e ia para Belo Horizonte. Ficava, ficava, aí na volta eu já descia lá na estação na cara de pau e vinha andando (risos) Muitas vezes vinha andando. Andava direto daqui para Mário Campos a pé, ia e voltava direto.

André Bueno: Aqui na Colônia tinha mais espaços de lazer, além do campo de futebol e Cine Glória, tinha outros espaços? (18:30)

José Bueno: Lazer?

André Bueno: É

José Bueno: Ahh... Lazer era futebol, banda de música, Cine Glória. No Cine Glória tinha tudo, mesa de jogo, tinha tudo ali. Tinha sinuca, tinha um bar muito bem montado aqui no Cine Glória, um bar muito bem montado com um sinucão grande. Nós ficávamos divertindo lá. Tinha sinuca pequena, tinha o baile, os bailes... Ahh... e o carnaval, os carnavais eram muito bons aqui. O carnaval era onde é a sede do Minas hoje, ali era o refeitório. Você conhece aquela boqueta que tem lá né? Ali recebia comida, ficava os sadios de dentro, e os doentes do lado de cá recebendo a comida. Ali para o carnaval limpava aquilo tudo, e fazia o carnaval para as mulheres solteiras. E para as moças fazia aqui no Cine Glória, tudo música ao vivo, e lá as mulheres não podiam vir cá e nem as moças podiam ir lá, porque lá era mulheres do pavilhão 24, a onde moravam as senhoras ali de frente o campo, moravam lá. Então era o carnaval para elas, e eu por sinal, era um dos que tocava no carnaval das mulheres. Eu, o Sr. Jonas, já falecido, o Raimundo, o Dicalino tocava aqui, o Dicalino mais o... qual é o outro? O China... uma turma que tocava de cá também. O Olicio tocava aqui mais o Dicalino. E... de vez em quando eu parava, tocava, tocava bastante lá, e depois parava pra descansar. E aí eu dava um pulo para ver como estava o carnaval (risos) aí dançava mais um mucado ainda e corria pra lá. Corria pra lá de novo, era uma diversão boa também. O carnaval tinha permissão da pessoa vir lá de cima. Enchia de gente, era muito bom o carnaval. Das atrações que tinha aqui, a maior diversão era o carnaval. E baile, também! Os bailes que tinham aqui, direto os bailes então era só aqui, só quando era um baile especial assim, que tinha permissão dos moradores do bairro Limas para descer. Aqui também tinha muita gente para fazer um baile bom também para o pessoal. A ali onde era a emergência hoje, ali era o pavilhão das moças. Aí quando era 6 horas da tarde, a rapaziada ia lá buscar a moça, para subir aqui para a pracinha, essa praça aqui era muito bem arrumada, essa praça do Cine Glória, era muito bem arrumada, um jardim muito bonito, arrumadinho. Às 6h da tarde, os namorados iam lá buscar as moças, traziam e ficava lá fazendo vai e vem, andava em volta e tudo, sentava, tinha muito banco lá. Só não podia pegar na mão, não! Se pegasse na mão, o guarda já estava lá vigiando. Se pegasse na mão um namorado lá, ele buzinava, ele apitava e os guardas vinham falava: “*Tá pegando na mão lá!*” Aí os caras iam lá e chamavam a atenção da gente, se a gente teimasse a segunda vez, ele levava lá para cima,

lá pra cadeia! Eu pra falar a verdade para você, eu já fui preso 3 vezes por causa de namorar. Por causa de pegar na mão, não podia pegar na mão, e eu pegava e teimava, né? Mas era uma porção que ia preso, não era só eu não (risos) A rapaziada que ia presa chegava lá, e o Sr. Euclides falava: “*Uai você de novo?*” Mas eu falava: “*Uai Sr. Euclides, tenho que namorar né? Mas não dá pra namorar de longe não? Eu não gosto não Sr. Euclides.*” E o Sr. Euclides: “*Pois é, toda vez que o senhor pegar na mão lá, o sr. vai vim! Agora da próxima vez o sr. vai dormir aqui*”. Eu ia lá, eles davam uma castigada na gente lá, e deixava sair, dava um conselho. Mas essa era a nossa vida, até a abertura. Depois que teve a abertura, aí acabou tudo!

André Bueno: Mas voltando um pouco sobre a questão dos namorados, e depois para casar, como era? (23:57)

José Bueno: Pra casar vinha o padre e um escrivão aí, vinha pra casar. Dia de casamento, fazia bem arrumadinho, o escrivão vinha o... tabelião, né? Vinha aqui e fazia o casamento, fazia aqui!

André Bueno: Então podia casar aqui né?

José Bueno: Podia! Podia casar. Nós tínhamos que casar, né? Se ficasse namorando por muito tempo, eles falavam. Aqui quem namorou muitos anos aqui que custou a casar, foi o Dicalino, que casou com a Mércia, namorou 15 anos! (Risos) Eles falavam: “*Uai você não vai casar não Dicalino?*” Ele falava: “*Não! Eu estou cuidando dela direitinho!*” Ele cuidava dela direitinho mesmo, direitinho. O Dicalino era uma pessoa boa demais! Ele era o maestro da banda. Ele era Maestro e o Hugo Dirson era o arranjador que escrevia as músicas tudo! E o Dicalino foi trabalhar lá na Caixa, foi presidente também. O melhor presidente que a Caixa já teve, foi o Dicalino Cabral. Bom demais da conta, fazia festa junina aqui. Ele fazia aquelas festas e tinha de tudo. Tinha pipoca, tinha broa, tinha tudo! Quadrilha, era uma farra bacana, levantava bandeira. E ele fazia movimento mesmo, o Dicalino fazia movimento. Foi um excelente presidente da Caixa. A função do presidente da Caixa era isso mais, sabe? Fazer essas festas, organizar as festas e patrocinar. Porque a Caixa tinha muito dinheiro na época. Entrava muito dinheiro que o pessoal mandava pra cá, vinha direto pra Caixa.

André Bueno: E o que era a Caixa? (24:46)

José Bueno: Caixa Beneficente dos Internados de Santa Isabel.

André Bueno: Era um órgão?

José Bueno: É uma entidade.

André Bueno: E ela tinha o poder de administrar isso, né? O que a Caixa administrava aqui na Colônia?

José Bueno: O que ela administrava?

André Bueno: Isso!

José Bueno: Dinheiro, né? Administrava os bens! Do outro lado, a chácara era ela que administrava! Lá tinha trator, tinha caminhão, tinha tudo! Pomar, era ela quem administrava tudo, tinha gado.

André Bueno: Isso dentro da Colônia?

José Bueno: Não! Aqui do outro lado do rio, tudo era da Caixa. Do outro lado do Rio, tudo era da Caixa! Ela administrava tudo. Muito bem administrado tudo, no tempo do Dicalino, no tempo do Sr. Atagiba, antes do Dicalino, era o Sr. Atagiba. Aí depois esse pessoal foi morrendo e foi entrando outros, e já começou a acabar com tudo, foi e acabou com tudo.

André Bueno: **Pelas suas memórias, você foi uma pessoa que esteve em vários espaços, foi amigo de todo mundo dentro da Colônia. (27:07)**

José Bueno: Ah.. eu era graças a Deus. Todo mundo gostava de mim! Meu negócio era festa. Me convidaram aqui para ser guarda aqui na Colônia, eu não quis, ser delegado. Falei: *“Não! Meu negócio não é prender ninguém, meu negócio é soltar!”* Festas! Políticos, os políticos tudo fervia aqui, me procurava. Porque naquela época os políticos vinham aí tudo. O político não tinha medo de nada não. (risos)

André Bueno: **Então o doente votava?**

José Bueno: Votava! O doente votava. Os políticos entravam aqui, mas entravam quente! E aí depois os Limas e aqui é que se resolvia a política de Betim. Porque às vezes tinha um candidato a Prefeito lá em Betim, eles perguntavam: *“Como é que está a situação de fulano na Colônia e nos Limas?”* Aqui era Limas, Citrolândia. Aí eles falavam: *“Ah... a situação está boa! Fulano é que vai ganhar lá. Ah... então ele que vai ganhar a política”*. E ganhava mesmo, aqui decidia a política. Se empatasse por lá, o Bil por exemplo foi eleito aqui, foi eleito aqui! O.... Uma porção deles. Na época o Álvaro Sales Barbosa, esse já não era do seu tempo, a muitos anos! Foi quase na época que eu vim pra cá, era ele. Ele ganhou voto demais aqui, foi ele que fez o... não tem uma delegaciazinha lá em cima? Ele que fez aquela delegacia (risos) foi ele que fez, a luz também. A primeira luz que chegou aqui em Citrolândia e nos Limas, foi ele que colocou. O Alvinho, Álvaro Sales Barbosa, era muito bom. O Osvaldo Franco, fez aquela caixa d’água que tem em Citrolândia, foi o Osvaldo Franco que fez! Poço artesiano lá embaixo lá na Vila Rica que trazia água de lá pra cá. Tudo foi o Osvaldo Franco fez. O Administrador na época era o Ita Barbosa, era bom! Depois veio a abertura né?

André Bueno: **Me fale um pouquinho como foi essa parte, a abertura? Como foi o seu processo de saída e reconstrução da vida fora da Colônia? Você acha que a sua experiência dentro da Colônia, impactou a vida lá fora? (29:52)**

José Bueno: Ajudou um pouco, né? Atrasou a minha um bocado! No progresso, né? Aqui atrasei a minha vida, peguei muita experiência com o povo, muita experiência! Aí eu fui morar lá pra fora também, fiquei por lá muito tempo. Eu trabalhei muito também.

André Bueno: **Nós já estamos chegando ao final de nossa conversa. Você gostaria de contar mais alguma coisa, que considera relevante ou interessante de sua experiência sobre a Colônia Santa Isabel, sua experiência na Colônia? (30:57)**

José Bueno: Não! A única coisa que eu gostaria. (Pausa para um problema técnico) aqui na Colônia Santa Isabel, é que as autoridades, governador, autoridades Sanitária que se interessassem a conservar pelo menos o patrimônio que ainda resta na Colônia. Essa era a minha vontade, era não, é a minha vontade!

André Bueno: **Te agradeço a oportunidade, e mais uma vez obrigado!**

José Bueno: Estamos, ai!

5.2.4 Entrevistado: José André Vicente.

1. **Data da entrevista:** 27/08/2022. **Duração:** 42:12 min
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno.
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano (Cinegrafista).
-

Introdução

José André Vicente, 87 anos. Chegou na Colônia em 22 de abril de 1944. Zé André como é popularmente conhecido, é um dos mais importantes memorialistas de Santa Isabel. Em suas memórias veremos as partições da antiga Colônia, as moradias para os solteiros e casados, e o preconceito religioso sofrido pelos segmentos protestantes e kardecistas nessa comunidade de maioria católica. É possível observar nesta entrevista, as ações do tempo em sua memória, que hoje por conta da saúde, se torna cada vez mais frágil.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 27 de agosto de 2022 eu estou aqui com José André Vicente. Essa é uma das etapas do projeto de Mestrado que tem por título: *“Do isolamento ao patrimônio: O roteiro de visitação da colônia Santa Isabel”*, que tem por objetivo a realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunhar o processo de isolamento dos atingidos pela hanseníase na Colônia Santa Isabel. Boa tarde, Sr. José André.

José André: Boa tarde!

André Bueno: Eu tô muito feliz de estar aqui com você nessa tarde, vamos começar?

José André: Perfeitamente!

André Bueno: Na nossa primeira pergunta, eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre você e sua relação com a Colônia Santa Isabel.

José André: Eu não lembro direito, exatamente. E...como que é meu Deus? Eu esqueci. 60 e.... a minha cabeça atrapalhou tudo, eu não consigo falar... Vê se você faz para mim a completação.. 1954 eu fui internado aqui.

André Bueno: O senhor chegou aqui em 1954, e o senhor veio de onde?

José André:Hein?

André Bueno:O senhor veio de onde?

José André: Iiiire.... Não! Resplendor! É o nome da minha cidade, quase na divisa do Espírito Santo de onde eu moro, morei! E eu fui criado aqui na Colônia, cheguei aqui com 7 anos de idade, tem muito tempo! Daqui fui internado lá no Espírito Santo primeiro, antes de vir para aqui. Eu tenho 3 anos a mais do que consta da ficha daqui eu fui internado aqui. Quando cheguei aqui na Colônia não havia nem pavilhão de crianças. Quando eu

cheguei aqui eu morava no pavilhão dos homens, tinha dois salões só! Os homens e os meninos ficavam juntos, porque não tinha lugar próprio para as crianças. Ai dia 25 de janeiro de 1944, transferiram nós pro pavilhão de crianças, aí foi criado o pavilhão das crianças, eu sou dos primeiros, aliás eu sou o primeiro da turma! Eu acho que daquele tempo tem muito pouca gente ainda viva, mas ainda tem gente do meu tempo ainda daquela época. Então nós tivemos aí esse tempo todo. Passamos por tudo, e quando foi coisa ruim que acontecia pra nós naquela época, só tivemos mal, mal ooooo ... como que é... A minha cabeça não ajuda ... eu quero falar , mais... com o negócio o do AVC que eu sofri na cabeça, está atrapalhando tudo para mim agora infelizmente, depois desses anos todos, acabou mais isso, esse negócio da minha cabeça para me perturbar, eu não consigo falar, eu começo falar o nome vai embora...

André Bueno: Mas vai dar certo!

José André: Não é! É isso aí! Fui criado aqui, aqui do lado debaixo, aqui da nossa casa aqui, era a separação da Colônia, aqui onde eu morava, era a casa das pessoas que ainda era duvidoso, não era nem doente, nem sadio. Então tinha três repartições, os sadios, os menos sadios, porque eram considerados doentes, mas não tinha documento provado que era doente, era filho de doente só. Aí moramos aqui, as crianças foram crianças aqui, pequeninhas até.... Poucos anos pra, eu devo ser da safra que veio pra cá ainda (risos) muitos anos! E nós estamos aguentando ai, com dificuldade, com sofrimento, com muita amargura, mas hoje nós somos outra coisa melhor graças a Deus! Estamos muito bem, estamos bem graças a Deus e estamos aí, aguentando. E lembrando das histórias passadas, porque eu sou da turma! Tem mais um companheiro.... mais quatro companheiro que eu tenho certeza que estão vivos ainda, dessa turminha de toda de 1964... 94... como que é?

André Bueno: 44!

José André:44! É! 44! E estamos aguentando. Desde o aniversário dos 90 anos, nós estamos aí aguentando. Ai tem uma meia dúzia dos companheiros daquele tempo ainda está vivo é pouca gente que tem ai!

André Bueno: Certo!

José André: A minha ficha de internação aqui é... 1646... não, não é não! Eu não dou conta de falar não. 1614, a minha ficha de internação! Depois disso, mudou essa remarcação, caiu para cento e pouco e agora nem é mais nada não, agora graças a Deus estamos firme, misturado e separado, graças a Deus tudo feliz da vida, estamos vivendo, apesar dos pesares, com todo o sofrimento estamos aguentando firme até o dia de hoje!

André Bueno: Deixa eu perguntar ao senhor. O senhor se lembra dessa estrutura? O senhor começou a falar um pouco. O Senhor poderia falar mais da estrutura física da Colônia. Poderia nos contar sobre as divisões dos espaços, dos ambientes, como que era aqui dentro? (06:49)

José André: Era separado, porque as crianças... Aqui onde nós moramos era a parte principal da Colônia. Lá em cima tem o lugar que distribuía a iluminação da Colônia era separado, não era igual essa que nós temos hoje não. O prédio está ali ainda, eles falavam usina. A onde que a usina mandava luz para cá, naqueles pau de madeira, madeira boa por sinal, e quando acabou que eles tiraram, levaram para Betim, e tá tudo perfeito (risos) E nós vivemos aqui, a parte sadia tinha separação aqui, a entrada, era a Colônia propriamente dito. A onde que eu moro aqui era dos não-doentes, mas era duvidosos,

familiares dos doentes! Aqui era um prédio de dois andares. A parte de cima era as mulheres, e na parte de baixo os homens. Então era tudo misturado criança... separado só por sexo, lá em cima era das mulheres, e lá embaixo dos homens. Tudo misturado! Tinha uma senhora aqui que foi dessa turma aqui, a Dona Terezinha Cardoso, ela é da turma que foi daqui pra baixo, e depois foi para Colônia que apareceu doente depois, e ela está aí até hoje entre nós.

André Bueno: E a parte da Colônia interna, como que era? (08:55)

José André: A parte interna é que era mais difícil, porque a gente sofria muito por causa da humilhação, éramos humilhados! Por exemplo, quando melhorou a situação que podemos estudar fora, que é esses meninos que temos aqui hoje, o Vila esse povo tudo aí.. é daquela época também. Sofria humilhação lá em Betim porque era familiar de doente! Era tudo leproso chamava de leproso! Então nós sofremos, nós não! Os que chegavam a estudar a trabalhar lá dentro Betim era humilhado, eles falavam assim: *“Leproso! Você não pode esbarrar nele não porque cai os pedaços!”* Falava desse jeito! Nós passamos por isso tudo e hoje estamos aqui graças a Deus que vamos onde queremos, e temos liberdade para fazermos o que queremos. E pra completar tudo veio esse negócio do Lula, eles falam do Lula até hoje né, quem viu esse direito de libertação para nós, os doentes sofriam muito! Mas hoje através da... deu a liberdade para todos nós, uma indenização! Nós recebemos todos os meses aquele tanto que dá para sobreviver folgadoamente, graças Deus passamos muitas coisas, agora não passa mais agora temos tudo de bom que nós precisamos a gente tem!

André Bueno: O senhor chegou a morar no pavilhão de crianças né? (10:33)

José André: Agora não existe mais!

André Bueno: Sim!

José André: Agora onde é o pavilhão de crianças é ... como que fala gente... política...

André Bueno: Escola?

José André: Era escola, ainda existe ainda, e ela funciona ainda no tempo de eleição. Eu ainda vou votar lá ainda, esse ano ainda (risos) eu estou com quase 100 anos!

André Bueno: Me fale um pouco dessa trajetória do senhor naquele período da Colônia fechada.

José André: Han?

André Bueno: O senhor também participou de vários movimentos dentro da Colônia, né?

José André: Todos eles! Eu e os avulsos que ainda tem aí envolta, poucos, mas ainda tem. Nós sofremos muita, muita dificuldade. Por exemplo, a separação da Colônia era naquele lugar chamado dispensário que nem a placa não tem mais, apagou, acabou. Dispensário essa rua principal aqui, do fundo da igreja no lado esquerdo tinha o tal de dispensário, que era o local que todo mundo fazia tratamento. Tomava remédio, tomava injeção, tudo era feito ali, hoje é no hospital regional, mas naquele tempo era só tratamento de saúde. Mas graças a Deus nós fomos vivendo! Quem conseguiu passar, porque na época por exemplo não tinha medicação, toda medicação que havia aqui tinha aqui na altura aqui, no final da rua aqui, ainda tem a marca dos locais onde que era....

tinha o remédio que nós usávamos para tratar. Eram dois, o que mais usava para tratamento é...como que é? O tratamento era chamado de mitsuda, é um outro sistema que eles usavam conosco naquela época, igual é o de tuberculose, nós tomávamos aquelas injeções e tomava aquela outra que dava aqui no braço, que era para pode descobrir se tinha doença, ou se a doença estava progredindo ou não. No começo eles inventaram uma doença, um negócio que nós tínhamos aqui, que ninguém nem lembra mais. Tomávamos uma injeção aí para aplicar aqui nas glândulas, aquela injeção tirava lá de dentro lá do... com é que fala? Aqui do ... parte nossa aqui ... como que pronuncia, embaixo aqui dos homens, nós homens e mulheres tudo que fazia, aquela injeção tirava lá da virilha da gente, tirava aqui e fazia aquela injeção porque era muito dolorido. Lembrando que eu tomei duas vezes, ou três no máximo. Depois acabaram com isso, não faz mais não. Hoje faz só o da doença mesmo, que nem existe mais, ninguém consegue, não contamina ninguém. Esse menino que trabalha com nós aqui, foi criado aqui desde criança, e nunca tiveram nada, nunca teve nada aqui, ninguém ficou doente por aqui, tanto é que hoje misturou tudo acabou os sádios tá tudo misturado, e nós estamos vivendo aí até hoje.

André Bueno: E naquela época tinha os prédios, moradias? (14:54)

José André: As moradias, a gente recebia os locais, por exemplo, solteiro morava nos pavilhões, aquele que não tinha casa suficiente pra todo mundo, então tinha uma fila de pessoas pretendentes até alcançar moradia. Então quando morria alguém, aí o negócio era por morte, né? (risos) morrendo , aquele que morria entrava outro na vaga no lugar dele, aí tinha que distribuir a moradia e a gente morava ali, por exemplo quando eram dois numa casa, casal, quando morria um, o outro tinha que sair, por que tinha que dar a vaga para o outro casal que viesse, assim que era naquela época. Igual todo mundo que tinha que sair! Hoje acabou isso, por exemplo essa casa que eu moro, ela era do Estado. Na época eu fiquei sem moradia, e precisei de vir pra aqui, e puseram eu aqui, e agora é minha casa! Já vai sair, ou já saiu não sei, a documentação entregue pelo Pimentel que é o nosso

André Bueno: Governador!

José André: O governador, pois é! Teve o que criou, isso primeiro... Tião Viana! E esse Tião Viana era do PT e era chefe da turma daqui. Ele que deu essa lei pra nós e dar esse direito para nós! Aí passou para essas colônias, e todo mundo tem direito, o que não tinha depois passou para todo mundo e já recebe essa indenização. Eu nao recebi a minha ainda não, mas dizem que já vai sair já, eu vi até o documento, e eu estou esperando pra ver o que vai acontecer. Mas eu não estou preocupado com isso também não.

André Bueno: O que pessoal fala aqui, do trabalho de história oral que a gente tem realizado da participação artística e do futebol na Colônia, e a religião com é que era? (17:06)

José André: A meu filho naquela época era difícil, não era fácil não! Hoje, graças a Deus, está tudo normal, acabou esse negócio, mas no passado os crentes eram prejudicados! Só os católicos que tinham liberdade por causa dos negócios da época, a situação é totalmente diferente de hoje. Os crentes eram prejudicados, eram considerados como uma pessoa, com que fala? Mal vista, as pessoas que eram crentes eram mal vistas Na época, ainda tem uma casa aqui em cima e a última casa aqui, que era a última casa aqui depois fizeram mais, uma casa velha ali do governo da Colônia, e era que de concertar ... lugar de arrumar carro! Era a casa que era nossa, que foi do pessoas da assembleia de Deus, ganhou a casa. As irmãs que comandavam na Colônia naquela época, o padre e as irmãs, as irmãs que

mandavam aqui. Então todo lugar da Colônia aqui, era uma irmã de caridade que era chefe, ela que comandava em cada pavilhão. Pavilhão das moças, pavilhão das mulheres, pavilhão dos meninos, pavilhão dos homens, né? Lugar onde os homens ficavam. Então cada uma comandava uma parte. Foi até que passou para essa última aqui, como que chama? FHEMIG. Da FHEMIG que acabou, aí igualou tudo por que passou todo mundo a ser crente, tudo da mesma igreja, do mesmo local, e não tem esse local de diferença de denominação que é crente que é católico que fosse, todo mundo era considerado igual. Mas até a internação das pessoas quando a gente morria, tinha que fazer diferente, por exemplo, tinha a sepultura, tinha um cruzeiro no alto.

André Bueno: Do cemitério.

José André: Ainda tem ainda, né? Daquele cruzeiro pra cima, era o local onde podia tirar para botar gente crente lá. Por exemplo, se morresse alguém, e fosse crente e tivesse três ou quatro covas abertas, já pronta para fazer o sepultamento, o povo sadio não podia ocupar aquelas covas não. Aí tinha que furar outro buraco lá pra cima e lá que fazia. Eu lembro de um Sr. que se chamava José Avelino igual o nome do Bica, o outro é José Avelino, ele trabalhava aqui na Colônia também. Então ele falou: *“Eu quero ser enterrado aqui, eu quero ficar aqui quando eu morrer!”* E acabou que morreu e ficou lá. No alto do cemitério era o lugar que punham os crentes, e os outros que morriam pra cá, tinha que fazer de novo, arrumar sepultura, já estava pronto, era só completar. Mas os outros tinha que fazer o enterro na época certa. mas isso tudo foi atoa, mas nos marcou bastante isso né? Além de ser humilhado por ser doente, ainda era humilhado de ser diferente de não ter o mesmo comparecimento que tinha todo mundo, todo mundo tinha direito, mas nós que éramos crentes não tínhamos, infelizmente! mas a intenção era boa, a intenção foi.. Deu pra virar e graças a Deus estamos tudo vivos, né? A casa está ali pra mostrar, se você quiser passar lá, 537 ali na coisa ali, a casa que era dos crentes e ficou naquele lugar ali. E foi assim que era naquela época.

André Bueno: E as irmãs tomaram? (21:12)

José André: As irmãs passaram por isso mesmo, e ficou por isso mesmo. Ele não prejudicou em nada, mas os crentes sofremos com isso. Ainda lembro ainda que aconteceu um caso que aconteceu, e ninguém sabe disso só eu que sei porque acho que não tem ninguém vivo mais desse povo. O senhor que sabia desse caso contou pra mim, eu fiquei sabendo até hoje, até o Tunico Magatão que sabia disso, eu e ele que já morreu agora recentemente, não faz muito tempo que ele morreu, não tem nem 10 anos que ele morreu. Aí teve que fazer outra casa lá naquele bairro dá... por coincidência foi o Dr. José Mariano, era o pai dele é que foi a pessoa que acrescentou aquela parte lá onde o Dr. Eduardo comandava, você lembra? Boa Vista! Aquele Dr. lá era o pai do Dr. José Mariano, ele que fez aquela coisa da igreja ali da Senhora de Fátima, ele que fez ali, e cresceu o tamanho da Colônia, filho do Dr. José Mariano, irmão do Dr. José Mariano quer dizer, e ele não era médico, ele era... aquele que toma conta de engenharia, engenheiro! O Dr. José Mariano, José Mariano não!

André Bueno: O irmão dele!

José André: O filho dele! O José Mariano foi nosso médico, um dos mais famosos, que deu o nome da nossa avenida principal aqui! Era chamado de Limas por causa, acreditava-se que uma pessoa que chamado Lima que era o dona daquela região nossa ali, ai Dr. José Mariano por causa disso, acrescentou a palavra Citrolândia que é fruta cítrica,

e daí passou para ser |Citrolândia. Mas o real mesmo daqui era o pessoal da região que chamava família dos Limas. (Risos)

(Troca de bateria)

José André: Mas ai eu estava falando, a casa que eles botaram a oficina, nós usávamos lá como cômodo. Ali é o restante da história dos crentes ali naquela casa, naquele pedaço ali, a casa que era dos médicos, de frente da casa dos médicos, era a casa dos crentes. Então os crentes moravam tudo misturado numa casa só. Uma era o dos crentes, um salão de culto, e as outras duas moradias era de homens solteiros. Mas por nós ser tudo crente era considerado como do diabo, eles falavam assim né? Médico, diretor ou enfermeiro, todo mundo que era católico, os crentes eram considerados dessa maneira como do diabo, que era do diabo, como eles pensavam. Mas nem nós nem eles, todos eram de Deus (risos) Não tinha ninguém do diabo! E graças a Deus!

André Bueno: E graças a Deus, né? E me fala um pouquinho, Sr. José qual desses lugares que o Sr. viveu na história da Colônia, qual desse que marcou mais a sua vida aqui? Desses lugares, pavilhão, igreja, qual deles? (26:44)

José André: É só no pavilhão das crianças que eu fui criado. Criado não! Até sair de lá pra cá, com 16 anos eu saí de lá, saindo de lá eu não sei mais da história. E estou indo lá votando até hoje no prédio das crianças lá, que é a seção de votação nossa lá, e eu vou votar lá ainda esse ano, se Deus quiser!

André Bueno: Então esse lugar, o pavilhão das crianças foi o que mais marcou o senhor? (27:30)

José André: Marcou! É porque a gente foi criado desde criança. As irmãs chamavam Maria... Irmã Filomena! Que cuidava de nós aqui os meninos né? E toda vida foi ela mesmo. Aqui onde eu moro, era o... como é que fala? Os internos, mas os que não eram considerados internos, parentes dos doentes, mas não eram considerados sadios e nem doentes porque não estava misturado com os lá de baixo, da Colônia lá de baixo. Tinha separando ali, como é que chama? A corrente. Do lado da corrente pra lá era a Colônia. De lá pra cá até lá casa das irmãs ali, tinha o lugar de... com é que fala? A minha cabeça não está dando mais não!

André Bueno: Aqui onde o Sr. estava falando era como se fosse uma observação? (28:33)

José André: Era Observação aqui, onde eu moro! Aqui na parte de cima, por baixo era dos meninos e homens, e por cima era as meninas. Igual eu estava falando, tinha umas meninas aqui, que eram duas meninas que moravam lá em cima, eu urinava na roupa, na cama e de noite dava aquele problema, no outro dia tinha que pegar a roupa e secar para poder lavar. Todo menino faz isso, né? Molhar a roupa de cama. E os meninos eram considerados ruins, né? Sujos porque urinavam e tinha que jogar fora lavar, sei lá para separar. E a irmã chegava, eu lembrava até o nome dela, e agora no momento a minha cabeça falha, eu não lembro. Mas eu vai e vem eu lembro! mas não fica registrado na minha cabeça não. Essa irmã, pegava os meninos e colocava eles pra dormir no chão. Aqui era... Não tinha esse prédio, né? Eles desmancharam tudo para poder fazer esse prédio aqui. E ele que era dois andares, ficou com um só. E ali as meninas da parte de cima era as mulheres que tomavam conta das meninas, e aqui de baixo eram os homens também que cuidavam das crianças, e ficava aqui. Eu lembro que a Dona Tereza do

Geraldo Cardoso, foi dessas últimas que passou por aqui. Já estava doente, já internada e apareceu doente, foi passada para o pavilhão de criança. Lá ela casou, passou depois para casar onde ela mora até hoje. O negócio da doença nossa eu estava falando dos dois lugares que ainda tem ali na descida nossa aqui. Tinha o lugar que os remédios nós usávamos chamado Chamuetil, o nome do remédio antibrina os remédios que nós usávamos na época, que era considerado remédio, mas não valia nada! Eu não vi ninguém falar que foi curado que tomou aquele remédio. E hoje foi considerado o promim! Eles chamavam de pronamide que era o nome americano, né? Promanide mas nós falávamos promin! O primeiro remédio a dar resultado e curou a gente aqui muito. E hoje graças a Deus não tem ninguém doente. Igual eu por exemplo: Eu tenho as fichas tudo aqui, zero, zero, zero, tudo legal, mas os outros olhavam assim cheio de marcar, cheio de deficiência, né? Nós íamos fazer esses lugares de apresentação lá na faculdade, e eu chegava lá perguntava o nome da gente, fazia e justificava por que porque a doença pegava não tinha contágio, alguém chegava e falava assim: *“Mas e o senhor? O senhor é internado aí? E as mãos do senhor?”* Fazia desse jeito assim pra min. (Sr. Zé André estende os braços) abria as mãos. Por que eu tinha as mãos daquele jeito. E o médico falava assim: *“É consequência da enfermidade da época”*. Que hoje em dia ninguém mais fica aleijado de ficar torto igual nós. Os novos quando entram, saram ficam com a mão normal, e ninguém percebe que ele tá aleijado. Ai os remédios que nós usávamos era esse tal de Chamuetil e antilebrina, os primeiros que foram usados aqui e que tinha ali até hoje umas árvores ali, mas eles acabaram, se eu não me engano acabou, ou ainda tem alguma remanescente das árvores da chamada que eles usavam chamada chalmuetil que era o remédio que eles usavam, chamuetil e era as duas medicações que nós usávamos chamuetil e antilebrina. Antilebrina era um remédio que dava para as pessoas que eram consideradas negativos e o positivo era o povo velho, forte era as duas diferenças que tinha um do outro. Agora hoje já tem uns três ou quatro nomes cada uma enfermidade diferente (risos)

André Bueno: O senhor Zé, o senhor até começou a falar um pouco sobre uma das perguntas nossas aqui. (33:20)

José André: Han?

André Bueno: gostaria de saber como foi o processo de saída e de reconstrução de sua vida fora da Colônia. Igual o Sr. falou que participa de palestras, né?

José André: Nós fazemos palestras. Fazia até pouco tempo, porque agora eu já não estou andando mais quase, só em casa quase. Porque eu não ando mais, a minha perna ainda mais com essa última doença que deu na minha cabeça, ainda está dando para mim conversar ainda, mais quase que eu não podia nem falar mais. Mas eu foi melhorando devagarzinho. Quem sabe eu ainda aguento andar mais um pouco por aí? (Risos)

André Bueno: E o sr. acha que essa experiência na Colônia impactou a sua vida lá fora? (33:59)

José André: Como que é?

André Bueno: O sr. acha a experiência que o senhor teve aqui na Colônia.

José André: Pra mim, sim! Né? Mas para os de fora não adianta. Porque as pessoas que tem medo, continuam tendo medo. Por exemplo, lá na minha cidade da onde eu vim, eu não posso voltar lá mais não. Por que eles tem medo, todo mundo tem medo! Eu lembro que uma vez que eu fui lá pra casa da minha irmã, a minha irmã morava lá ainda. Tem

até casa residente lá onde ela morou, tem filho que mora lá. Ela pegou e morava lá. E um dia eu cheguei lá na minha terra, e ela falou assim: “*Eu vou conhecer os nossos parentes!*” Eu que era considerado aqui da Colônia. Aí eu fui lá na casa da minha irmã, rapaz, o vexame que eu passei! Entramos lá na casa lá pra entrar, para apresentar eu para a turma, lá. Saiu um por um! As pessoas que estavam dentro de casa, foram um por um. Ficou eu sozinho lá dentro da casa. A minha irmã já tinha saído, me deixou eu sozinho lá para poder conversar com o povo. Aí quando eu olhei para trás não tinha ninguém lá! Acho que eles deixaram a televisão falando sozinha (risos) foi isso! A lembrança que tive da minha terra lá fora. Nunca mais voltei lá! Depois que eu vim pra cá acabou, nunca mais eu voltei lá não. O povo tinha medo demais da conta.

André Bueno: Sr. Zé, já estamos chegando ao final de nossa conversa de hoje. O senhor gostaria contar mais alguma coisa que considera relevante ou interessante sobre a sua experiência na Colônia? (35:32)

José André: Justamente essa aí! Que graças a Deus apesar dos pesares tudo, Eu estou perfeito! Meus negativos estão tudo bem, tudo normal. O médico vem aqui só por causa desses problemas que são sequelas da enfermidade, eu não tenho mais nada! Mas como eu sou todo aleijado, todo atrofiado. Os outros me consideram eu errado, mas eu não tenho nada mais, acabou! Da enfermidade não tem não. Mas eu fiquei só com sequelas. Todo médico fala: “*Uai, mas o que que é isso?*” O povo que considera eles, fala: *Sequelas da doença chamada hanseníase!*” Que o que eles conhecem é só isso. Hoje não existe mais isso, hoje em dia todo mundo que é doente que dá problema, nem internar, internar, mas não muda da casa nem nada, não separa mais da família. Hoje em dia quem tem consequência da enfermidade, até quem volta do serviço, volta para trabalhar de novo.

(Mas o que é isso gente? Abre aí pra nós por favor! Abre a câmera ali, e pergunta: aí! Pergunta...) (interrompido pelo interfone)

André Bueno: Mas o senhor estava falando?

José André: Mas graças a Deus, o mais interessante que eu acho, aquilo que nós tivemos aqui como consideração, não é consideração, não prejudicou nenhum de nós por causa de ser doente, por causa de ser crente como chamam, hoje em dia não existe mais isso, todos nós somos cristãos. Os padres e as irmãs nos consideram bem. Os que já passaram aqui todos são gente fina, boa! Eu ainda tenho umas lembrancinhas das pessoas do passado, e que considerava a gente, sei lá, como coisa errada, era considerada como bicho, mas hoje acabou! E os negócios que tinha aqui antigamente, tinha aqueles correrão que colocava as pessoas que morriam, e no começo ia enchendo, enchendo e aquele lugar que vira pra trás pra sair pro lado de cá, é a onde o lugar que ele fazia para internar os doentes. Mas não foi para frente também não, que tinha um médico, um senhor que foi diretor nosso aqui da Colônia, doente internado, ele não gostava de falar isso que nós éramos considerados do diabo não, que não tem esse negócio do diabo não, todo mundo é de Deus, todos nós somos filhos de Deus, tem ninguém que é do diabo. Então eles falavam que nós éramos do diabo. Mas aí para completar isso, a casa que foi feita para os crentes da assembleia de Deus, uma senhora que era chefe do departamento de lepra da Colônia, era a chefona do que é a FHEMIG hoje, que naquele tempo era departamento de lepra, eles colocavam as pessoas lá separada da Colônia então tinha irmã que comandava aqui, chamava irmã Manuela, e depois era outra, e cada uma, e trocava mas a organização era essa, a Colônia era comandada pelas irmãs. E aí depois que mudou para a FHEMIG, fundação do estado de Minas Gerais, mudou o nome, né, porque não fala mais assim. Aí a FHEMIG cortou esse negócio de falar mal dos outros. Por exemplo, se nós servimos

pra todo mundo até agora por que que a agora tinha que mudar o nome, falar que nós somos leproso, que nós éramos doentes, que nós éramos isso, éramos aquilo, e então todo mundo era igual. E todos considerados iguais, diante de Deus, todos iguais, não tem ninguém melhor de que ninguém, né? A diferença vai ser no dia do juízo final, a prestar conta, quem prestar conta diante de Deus, todo mundo vai prestar conta, todo mundo! E quem tiver que pagar, vai pagar! Mas só que a mão de Deus é boa, Deus é amor. Então todo mundo tem o direito de ser recuperado. Se ele se recuperar a tempo, por que a diferença de nós é só a morte, quando você está vivo você tem uma chance de virar. Depois você morre, não tem como você voltar atrás para fazer tudo de novo. Então a diferença vai ser só aí. Quando chegar no dia do juízo final quem merecer vai ficar, quem não for, vai ter que pagar, é isso!

André Bueno: Senhor Zé eu quero agradecer muito a sua participação mais uma vez, está joia!

José André: Amém

André Bueno: Até uma outra oportunidade, a gente conversa mais

José André: Nós estamos aqui vizinhos, né? (risos) Né? Graças a Deus!

André Bueno: Graças a Deus, obrigado senhor.

José André: De nada!

5.2.5 Entrevistado: Olímpio José dos Santos.

1. **Data da entrevista:** 27/08/2022 **Duração:** 1h40min.
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano (Cinegrafista).
-

Introdução

Olímpio José dos Santos (Jaburu), 75 anos, natural de Baldinho. Chegou em Santa Isabel em 1959. Sendo músico e desportista, nos revela as regalias para os internos que faziam parte desses dois segmentos, e aborda a importância de ambos para a quebra de preconceitos. Categoricamente apresenta as questões sociais entre o interno e a administração da Colônia. Outra contribuição de suas memórias é a informação que nos dá sobre a história de Limas, comunidade formada pelos familiares dos internos, e a sua relação com Betim.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 27 de agosto de 2022, eu estou aqui com Olímpio José dos Santos. E essa é uma das etapas do projeto de Mestrado que tem por título “*Do isolamento ao patrimônio: roteiro de visitação da colônia Santa Isabel*”, que consiste na realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam o processo de isolamento dos atingidos pela hanseníase na Colônia Santa Isabel. Bom dia Sr. Olímpio, eu estou muito feliz com essa oportunidade vamos começar?

Sr. Olímpio: Pode!

André Bueno: Fale um pouco sobre você e a sua relação com a colônia Santa Isabel.

Sr. Olímpio: Ah... Eu vim para cá em 1959, quando eu tinha 12 pra 13 anos mais ou menos, quando eu vim para cá. E foi lá no pavilhão onde é a escola, lá era o pavilhão das crianças, a parte de baixo era dos meninos, a parte de cima era das meninas. Eu não fiquei lá muito tempo, lá no pavilhão. Porque saiu os meninos de lá do pavilhão, e eu fui lá pro pavilhão de Divinópolis, ali onde eles fazem o baile dos velhos ali. Ai eu e a irmã Filomena, que era a chefe lá do pavilhão, aí eu dormia lá, ia lá para o pavilhão, ficava o dia todo lá, almoçava e jantava lá até certo tempo. Ai eu tava estudando música, com o Dicalino Cabral. Eu comecei a tocar, surgiu uma vaga ali na Lira e eu vou embora formiguinha hoje, ali era a casa dos músicos. Só morava músico solteiro, aí surgiu uma vaga lá e o Dicalino falou: “*Tem um quarto aqui, você vai vir pra cá*”. Aí eu saí do pavilhão e fui pra lá, fiquei morando lá até quando eu casei, só saí de lá no dia do casamento. E era bom demais porque naquela época, aqui era muito fechado, mas tinha muita diversão, tinha baile, tinha cinema, tinha teatro, tinha futebol. Televisão quase ninguém tinha, todo mundo pobre (risos), você não tinha condição de comprar uma televisão. E quando você ia casar você comprava uma mesa com 4 cadeiras para colocar numa sala, fogão, e as coisas de cozinha, não tinha luxo nenhum não. Até a geladeira era difícil da gente comprar. Aí mudei lá pra Lira, fiquei bastante tempo. Eu tocava, eu passei a tocar em conjunto, carnaval, em conjunto, primeiro foi no carnaval. E nós fazia 2 bailes, um lá que era das moças, lá no cinema, no baile das mulheres, que era no pavilhão

queimado ali, era ali, mais só que o baile bom era ali, porque do pessoal que era casado, ia quase todo mundo pra ali, que o bairro ali era bom. Então naquela época, de menor, não entrava ali, não podia, ficava os guarda lá vigiando, e pra mim tocar ali, eu tive que conversar. Eles conversaram com o Dicalino, conversaram com Miguel Perez, fui lá no delegado e ele me deu uma licença. Aí toquei 2 anos ali com licença porque eu era de menor, tinha 16 pra 17 anos, e não podia entrar ali, porque eu era de menor. Aí com o tempo eu entrei na banda. Eu era um cara assim tranquilo, não dava trabalho pros outro, porque tinha um pessoal que gostava de sair lá pra cima, tomar umas cachaça, que não podia entrar nem no pensamento (risos), até cerveja não tinha. O divertimento que a gente tinha, o único bar que tinha era o da caixa ali, ficava de frente pro jardim, aquele espaço que tem lá. Aí a parte de tarde assim, até certa hora da noite a gente ficava ali, jogando sinuca, batendo papo, os namorados ficavam lá no jardim, ficava assim, aqueles bancos tudo cheio. E tinha o pavilhão, ali onde era a emergência era o pavilhão das moças, ali era o pavilhão das moças. E a lei aqui era rígida.

O rapaz que arrumava uma namorada ali, aí elas iam pra lá, as que tinham namorado, ia dando 18:30...19:00 e ficava um guarda ali e outro lá, rodando lá no jardim para olhar os namorado (risos) era feio. Aí os caras chegavam, tinha uns pés de Simplício ali, lá onde tem aquelas árvores ali, tinha uns Simplício na beirada do passeio, o cara chegava ali não podia demorar muito não, as moças ficavam lá na janela, não era ali, tinha um janelão grandão, grandona que dava frente para rua ali. Aí elas ficavam lá esperando né. Aí o cara chegava ela saía, ia lá pra cima, dali da entrada da sede, aquela entrada pra lá até lá em cima, porque os banco enchia. Aí ficava aquele punhado de namorado sentado ali, e os guarda de lá, fiscalizando. Aí quando dava 21:00, eles apitavam, descia todo mundo, parecia boi no pasto (risos).

André Bueno: Tudo tinha horário, né.

Sr. Olímpio: Um atrás do outro. Tadinho dos namorados.

André Bueno: Então tinha horário, né?

Sr. Olímpio: Tinha. 21:00 o guarda dava o apito, e todo mundo tinha que descer, eles traziam as moças ali, e não podia ficar muito tempo ali conversando também não. E era assim. Era bom quando tinha baile até às 23:00, por volta das 20:00 até às 23:00, não passava das 23:00 não. Depois que eles foram abrindo espaço até 00:00, por causa do carnaval né.

André Bueno: E quem fiscalizava essa questão de horário? Os horários, quem cuidava?

Sr. Olímpio: Os horários? Era hora do diretor.

André Bueno: Era a hora do diretor né, e quem cumpria essa hora?

Sr. Olímpio: O delegado né. Ali onde era a casa de apoio tinha o delegado, tinha o que comandava os guardas, né. Tinha um subdelegado ficava lá. Eu queria ir no Citrolândia, pra mim passar na corrente lá, eu tinha que ir lá e pegar uma licença, aí punha até horário pra eu vim de lá pra cá. Tinha até horário naquele papelzinho, aí você mostrava para o guarda, ele olhava e você ia embora.

André Bueno: E esse delegado era uma pessoa da própria Colônia?

Sr. Olímpio: Era. Era tudo interno, as autoridades, os guardas, era tudo interno, não tinha pessoal sadio não. Os sadios passavam de avião por cima. O negócio era feio meu filho! Naquela época, nos anos 1960 até os anos 1980 era assim. Aí depois com o tempo eles tiraram a corrente lá, tiraram ela lá de cima, mas mesmo assim, ainda tinha as ordens né, e só tinha uma coisa, eles davam de tudo pra nós, nós tinha até botina, até botina pra trabalhar eles davam. O diretor era muito bom, ele não era diretor de ficar lá no escritório dele não, ele era diretor que rodava a Colônia toda, até a noite ele rodava aí, era o Dr. Nilson, brabo! Ele era bravo, mas era bom demais, era gente boa, se você fosse um cara trabalhador, você tinha tudo com ele, os caras preguiçosos não tinham muita vantagem com ele não. E os Pavilhões você vê lá, como mudou a Colônia. Pra nós que éramos internos a Colônia acabou, nosso direito acabou, nós pega um mantimentozinho ali, que não era nem a metade que eles davam pra um casal, pra uma pessoa, nós pegamos um mantimentozinho ali, um gás e o leite e o pão, o resto nós perdemos, depois eu vou chegar até lá. Aí lá nos pavilhão, tinha o pavilhão Divinópolis, pavilhão Ubá, pra cá, do lado ali e o Bom Sucesso ali, onde é a igreja batista, e a sede do renascença ali, onde mora o Buji. Ali era o pavilhão Bom Sucesso Aí tinha uma cama aqui, tinha um corredor, o daqui era eu, o de lá era outro e só tinha uma mesinha pra você colocar a marmitta de comida que vinha dali, e na parte de baixo, você colocava, sabonete, ou alguma coisa do seu uso próprio. E era tudo cheio, os pavilhões tudo cheio, tudo desse modelo que eu te falei, pavilhão grandão lá, tinha gente que morava até no corredor, você chegava lá tinha cama no corredor, porque não tinha vaga no salão.

André Bueno: E era dividido homem e mulher, como era dividido?

Sr. Olímpio: Não das mulher era só ali, no **pavilhão queimado** e as moça eram ali, onde era a emergência. Você chegava lá era triste viu, ali onde era o museu, ali era a enfermaria, tinha três salão do pessoal, e tinha um salão em baixo pro pessoal que não podia ir e que tinha que ficar ali pra cuidar deles, ali debaixo lá. E nós trabalhávamos pro serviço que tinha o Estado, ganhava pouquinho, demorava sair um dinheirinho tinha do governo, e tinha o pessoal interno que cuidava dos próprios doentes. O pessoal sadio chegava, por exemplo, vinha uma pessoa de fora e ficava lá no parlatório, próximo de sua casa ali, depois dali, do lado onde a Mercês mora, ai era lugar, chamava no auto falante: “*Tem um parente seu aqui e tal*” no parlatório. Aí ia lá para receber a pessoa e ia lá, a gente conversava e tal, não deixava passar não, ali tinha a corrente, na parte de cá tinha um guarda, ficava ali.

André Bueno: E como era o parlatório? Repete por favor.

Sr. Olímpio: Han?

André Bueno: Como era lá no parlatório? Vocês conversavam?

Sr. Olímpio: O parlatório era o lugar onde você recebia, por exemplo, vinha uma visita pra mim, eu ia receber ela lá, e lá nós conversamos e depois de lá ela ia embora. Não deixava descer não, entrar pra dentro da Colônia não. Às vezes entrava algum, vinha os parentes que morava pra lá, pro lado lá de baixo, aí eles arrumavam um jeito de entrar escondido, eles entravam lá pela olaria antiga. Aí subia o pasto ali e tal, mas era escondido, porque se eles descobrissem o guarda ia lá.

André Bueno: O que era a olaria mesmo?

Sr. Olímpio: Han?

André Bueno: O que era a olaria? Era também um espaço, também?

Sr. Olímpio: Não, lá só tinha olaria, fazia tijolo pra tudo aqui. Tudo que era feito aqui era com o tijolo de lá da olaria. Tinha o pessoal que trabalhava ali, eles trabalhavam muito a noite né. Aí tinha um pessoal que trabalhava a noite e um pessoal que trabalhava durante o dia, mas o serviço mesmo era de madrugada (risos).

André Bueno: Não existe mais esse espaço não?

Sr. Olímpio: O espaço acabou, acabou tudo. Deu aquele terreno lá pro Minas e depois tiraram, eles fizeram um negócio pra baixo lá. Já tem tempo que eu não vou pra aquele lado lá. E o... voltando atrás com o trem da Colônia naquela época, a gente só trabalhava pro Estado, só tinha serviço pro Estado, até as casas particulares tinha tudo, o diretor liberava os pintor para pintar, a pessoa ia lá e precisava pintar uma casa, dentro e fora lá, mas tudo no kal, não tinha essas tinta de hoje não. Ai eu fui trabalhar de pintor, comecei a trabalhar ali oh, na reforma ali na estrutura que tá ali em cima da laje, foi o Dr. Nilson fez . Tudo interno. Fizeram depois que veio o hospital pra lá que eles modificaram, que ali tinha o salão da casa das moças, e tinha o pessoal que era interno que trabalhava, só tinha os servos, os médicos, que era sadio, tinha as irmãs. As irmãs tinha um papel excelente, a sorte dos internos que tinha mais debilitado com problema de saúde, às irmãs que ajudavam. As irmãs, se você entrava num pavilhão daquele, tinha uma pomada que usava, que dava um cheiro horrível, se entrasse um pessoal sadio lá, só entrava médico. Cê sabe como vinham os médicos? Os médicos, a casa deles era lá, do lado da casa do padre, naquele lado de lá assim, tinha um casarão, era a casa dos médicos. Lá tinha os quartos pra eles dormirem, eles comiam. E eu descia a pé de lá, chegava ali, perto de onde você mora ali, na casinha pra cá, ali cumprida ali, ali era o laboratório onde faziam exame, trabalhava o Paulo Patrocino, a Tereza Santos e a Carmen e a filha do Paulo Patrocínio. Depois veio um enfermeiro de Belo Horizonte pra cá, pra trabalhar lá, fazer exame. Os médicos desciam, chegava ali, na parte de cá, tinha uma parte que era o quarto onde eles trocavam de roupa, colocava uma coisa branca aqui, até na testa, vestia tipo um blusão, como se chama, o negócio de enfermagem, de enfermeiro? Vinha até aqui a manga, enfiava a coisa da calça lá embaixo e ainda tinha a máscara, branquinha assim. Descia sentava na mesa, aqui nós tá muito perto, era longe, ficava lá. *“O que o senhor ta sentindo?”*, *“Ah doutor...”* aí eles passavam lá pra mim, chegava o outro, aí era a mesma coisa, não mudava os remédio não, era quase a mesma coisa, o medicamento que eles dava. Aí tinha o pessoal que chamava o povo para consulta, mas você só ia lá se você precisasse. Se você precisasse, você ia ali, naquela ali embaixo. Ali era o dispensário, ali era tudo, consulta, injeção, do pessoal que morava fora do pavilhão. Aí eles te chamavam pra consulta, se você ficasse, se você tivesse um problema você chegava lá, você já ouviu falar do Aracy? Ele morava lá em cima. Ai o Aracy, trabalhava ele e uma irmã lá dentro lá, aí era: *“O sr. Aracy, eu to sentindo uma coisa, um problema tal, queria fazer uma consulta”* aí eles falavam *“Vê qual médico tem ae, tal hora?”*, aí ele olhava, *“A ficha dele é número tal, tal, tal. Marca pra ele”*, aí eles marcavam pra mim, ele já sabia até o número da ficha da gente. Rapaz tinha oh, era assim de doença. Mas nos pavilhões não. No pavilhão, lá já tinha um médico né. Os pavilhões pequenos consultava era ali, lá já tinha os médico de lá, que ia lá, e era assim.

André Bueno: E além dos pavilhões teve outras edificações de moradia também? (22:34)

Sr. Olímpio: Tinha! Tinha umas casas antigas. Hoje só tem uma ali em baixo, ali onde mora, do lado do Toninho ali. E parece que tem uma ali que já tá caída, ali perto de onde

o menino colocou a casa de ração ali, as casas eram todas daquele tipo ali. E era cheio também, tinha os quartos né, às vezes tinha quarto que tinha duas pessoas morando, era gente demais! A enfermeira ali, tinha os enfermeiros que só trabalhavam lá, morria gente todo dia 2,3. Levava lá pro necrotério. Não tinha carro funerário não, era tudo na mão, você via aquele. Era tudo terra até lá em cima da Padre Damião pra lá, era tudo terra. O asfalto não tinha, essa rua aqui era de paralelepípedo, na Padre Damião, também era calçada de paralelepípedo e descendo aqui. Pra lá, debaixo do pátio ali, só tinha uma rua, que era a irmã não sei o que, o nome é irmã lá, que era do lado da igreja, subindo ali onde mora o Milton, ali era calçada também, o resto era tudo terra. Mas aí escravizava os homens, tinha uns homens fortes lá no pavilhão, ia lá no necrotério, pegava e levava pra enterrar. Os coveiros em tudo nosso aqui, tudo em terra, não tinha funcionário, sabe. Ai com o tempo foi mudando, veio a FEAL, que foi ali liberando, aí veio a FHEMIG

André Bueno: O que foi a FEAL?

Sr. Olímpio: A FEAL era uma empresa tipo a FHEMIG. Só que na época era o Dr. Peryera o diretor dessa época. Ela fazia o mesmo papel da FHEMIG, aí depois veio a FHEMIG

André Bueno: E falando desses espaços que o senhor destacou. O pavilhão, o dispensário... Qual desses lugares mais marcou sua passagem aqui por Santa Isabel? Qual desses espaços dentro da Colônia mais te marcou? (25:23)

Sr. Olímpio: Espaço?

André Bueno: Os lugares, os pavilhões, o cine glória, os espaços de diversão, qual foi o que mais te marcou?

Sr. Olímpio: Ah! Não tem assim uma coisa que mais me marcou não, demais não. O que mais marcou, era a banda de música que nós tínhamos, que nós tocávamos aqui. Tinha uma peça que nós tava tocando no cinema lá. Quando tinha uma festa nas outras Colônias, nós íamos pra lá pra tocar. Banda de música mesmo! Nós tínhamos 28 componentes. Seu pai tocou trombone lá, depois desistiu (risos). Ai o que mais marcou, as festas de 7 de setembro, que era um festão. Nós tínhamos o desfile, todo mundo desfilava enfermeiros, guardas, desfilava, os enfermeiros desfilavam, além dos alunos lá. E nós fazíamos um treinamento pro desfile antes do dia. Ai lá pras 17h, 16:30, 17h, nós reunia lá no pavilhão de criança, aí dividia, tinha os instrutor né, que ensinava o pessoal a marchar. Era igual à polícia. E nós descia ensaiando pela rua abaixo, vinha aqui, nessa rua aqui, descia e subia e o cara errava o passo o cara gritava “você errou o passo! ”. Tinha uns cara que era policial mesmo, que veio pra cá.

Aí quando dava 7 de setembro, o desfile saia lá da escola, aí nós descíamos aqui desfilando, vinha, passava aí perto do campo ali, descia, ai lá de frente onde é aquela sala do Morhan que era em frente pra praça. Aí tinha, tinha a bandeira nacional lá estirada, nós tocávamos o hino nacional. Aí acabava ali, eles encostavam um caminhão, tinha um caminhão velho do Estado ali, do lado do pé de manga ali, nem garagem não tinha. Aí ele encostava lá, nós subimos no caminhão, ia lá pra Betim. Chegava ali onde é a Praça Milton Campos, antigamente a Igreja Nossa Senhora do Carmo era ali, entre aquelas duas, ela era cumpridona. Ali onde é a Casa da Cultura, ali tinha um bar, tinha uns paus de amarrar cavalo lá. Não tinha asfalto em Betim não, não tinha asfalto em Betim não. Aí nós descíamos ali e vinha descendo, tocando as marchas lá, um dobrado, até chegar lá onde é a Câmara. Onde é a Câmara, era uma casa, era uma casa pequena, não era grande

não, lá era a prefeitura, aí tinha a bandeira lá, nós tocávamos lá o hino nacional. Aí o prefeito chamava nós pra dar um... num sol quente, e você com fome né. Porque não dava tempo de nós fazer lanche nem nada não. Aí o prefeito chamava nós, nós ia ali onde tem a pracinha lá, ali tinha uns bares ali. Não tinha aquelas lojas que tem ali não, a Ponto Frio, aquelas lojas ali, não tinha não, tinha um bar. Aí nós ficávamos do lado de lá, ali onde é o Banco Itaú, era o Banco Nacional, pra aquele lado ali. A gente levava uma caixa de refrigerante, aí de vez em quando eu conto isso, aí a gente falava assim “*você vai querer copo?*”, antigamente não tinha copo descartável não, era copo de vidro.

André Bueno: Só um minutinho que acabou a bateria, vamos só trocar aqui. Segura o copo aí (risos). Só um minutinho, vamos trocar a bateria aqui. (...) Pode continuar.

Sr. Olímpio: Aí eu descia com a caixa, colocava lá pra nós pegar o refrigerante. Aí um olhava pro outro e um perguntava “*Cê vai querer copo?*”, aí o outro “*Pode pegar, eles vão jogar fora mesmo*” (risos) “*Então eu vou querer copo*”. Aí nós pegávamos os copos para nós trazer, aqueles copos que tinha antigamente, não tinha copo descartável não. Se devolvesse lá, eles jogavam fora. Era terrível o preconceito, nós tomava o refrigerante e vinha embora depois do desfile. Mas a época do desfile aqui era bom demais, santo pai! Era bom demais! De vez em quando eu falo: “*As coisas melhorou aqui, mas acabou as parte de diversão, acabou tudo*”. Hoje nós não tem teatro, não tem cinema, não tem banda mais, nem conjunto, aqui tinha dois, tinha um que era o Dek 8 que era do Dicalino, e tinha um conjunto que era da Caixa, oficial da Caixa, só tocava baile lá pra Caixa. Era outro conjunto. Aqui era bom demais, depois foi acabando. O futebol nosso era interno. Tinha uma lei que o ministro colocou aí, que a diversão nossa era o futebol. E só tinha o Minas e o União.

André Bueno: Isso dentro da Colônia?

Sr. Olímpio: Dentro da Colônia, time da Colônia mesmo era Minas e União. No início da Colônia, eles faziam pelada, aí formou Minas e formou União. O mesmo fundador do União é o mesmo fundador do Minas (risos), é incrível! A esposa do... a dona Maria esposa do... ah fugiu o nome dele. O Zefa, chamava Zé Alfaiate, ele se chamava Zé, mas tinha o apelido de Alfaiate, ele foi um dos fundadores do União, e foi fundador do Minas. E aí, a diversão era o futebol, não tinha arquibancada, era tudo barranco, ali enchia, ficava a torcida do União e o pessoal do Minas, uns ficavam de um lado e os outros no outro. Chegava ali uma briga, ali o bicho pegava! Mas quando acabava o jogo, os jogador subia e ia... À noite tava todo mundo lá no Bar da caixa, o único bar que tinha. Ali eles gozavam um do outro, tomava refrigerante todo mundo junto, café, lá tem um espaço ali, lá naquele bairro que era só de vender café, na entrada de cá, na porta de cá, ali era só café, só um cafezinho.

André Bueno: Então a rivalidade era só dentro do campo?

Sr. Olímpio: É, a rivalidade era só dentro do campo. E e era do diretor que corria atrás né. Quando chegava um jogador, eles traziam o cara nos carros e levava ali, na delegacia, dali o delegado mandava levar pro pavilhão, aí os guardas perguntava assim, “*Cê joga bola?* ”, “*Ah eu joga uma bolinha e tal*”, o cara virava torcedor do União, avisava o presidente do União, o cara já tava lá no salão já, arrumado já, aí chegava lá o guarda com o livro, “*Cê joga bola?* ”, “*ah*”, “*então assina aqui pra mim. Você vai jogar no União*”. Eram 2 anos de contrato meu filho.

André Bueno: ah! Tinha contrato?

Sr. Olímpio: Era contrato, eram 2 anos. E vice-versa, no Minas também era a mesma coisa

André Bueno: A mesma coisa, dependia de quem tava na frente né?

Sr. Olímpio: O cara que chegava primeiro pegava o jogador. E os times eram formados assim. Vivia de jogador que vinha de fora. Aí depois foi mudando, não deixava jogador sadio jogar, aqui dentro. E era interessante, que quando chegava um jogador, quando era treino, o treino do União era terça e quinta, do Minas era quarta e sexta. Ai era: “*Chegou um jogador aí, chegou um balaio aí*” eles falavam assim: “*Chegou um balaio aí*”, e ia pra lá, pra ver se o cara era bom mesmo, enchia de gente pra ver se o cara era bom. Aí quando o cara era ruim “*E pegaram um balaio*” (risos). Isso era divertido, isso era bom, até os treinos era cheio ali, até os treinos. Aí o Dr. Nilson colocou um obrigatório para eles jogarem todo domingo, aí o treino era segundo quadro, jogava no domingo e no outro domingo jogava os times principais.

André Bueno: O que era o segundo quadro?

Sr. Olímpio: Era aquele jogador mais ruim, que faz, eles chamavam eles de “esfria sol”. Aí o reserva fazia o segundo quadro. E era obrigatório, tinha que jogar todo mundo. Era a diversão que nós tínhamos era essa. O campo no início eu não cheguei a alcançar não, mas ali onde é a mercearia que tem a casa do João Guadalupe ali. Ali tinha um campo pequeninim, e uma quadra que era pras muié jogar volei. Ai com o tempo os próprios jogadores, o pessoal que gostava de jogar bola resolveu fazer aquele campo que tá lá hoje. Aquele campo o que me falou sobre a construção daquele campo foi o Aldo Delarete, ele era Presidente do Centro espírita ali, seu pai conheceu ele, ele foi um dos que ajudou a fazer o campo. Não tinha marca, era tudo na mão, esses carrinhos de mão que nós usamos hoje aí, não tinha. Eles usavam era couro de boi pra arrastar a terra e galiote. Galiote é um negócio que tem na olaria pra carregar barro, deve ter alguma por aí, no museu tinha que ter, porque lá tinha, na olaria alí tinha. Construirão aquele campo ali. Aí depois com o tempo o doutor que gostava de futebol. O Dr. Nilson que fez aquela arquibancada que tem ali, reformou o campo todo, e não tinha vestiário, fez dois quartinhos, tem até um quartinho virado pra lá, e na rua de cá tinha outro, que aí depois fez os vestiário, aí nos pegou e abriu lá, pra guardar ferramenta lá. Fizeram o sorteio cada um ficou com ficou com um vestiário de lá, pra baixo e nós ficamos com o corredor ali, na rua ali. Aí o pessoal trocava de roupa ali. Mas ninguém mexia com nada, você saía da sua casa, largava a janela aberta, até a porta podia deixar aberta, ninguém mexia em nada.

André Bueno: E ainda sobre o futebol, depois vieram outros times, ou ficou só União e Minas.

Sr. Olímpio: Não, o Dr. Nilson, fez o campo, e tinha o pessoal que vinha e atravessava o campo e ia lá pra onde é a associação, tinha uma cooperativa. Eles criavam muito porco, aí a cooperativa que fornecia milho, fubá essas coisas pra tratar de porco. Naquela parte de baixo, onde é o Bandeirinha, até lá embaixo onde fica a caixa, serraria ali em cima, ali era cheio de chiqueiro, tinha a lagoa, ninguém mexia, ninguém te roubava nada, tinha essa vantagem. Aí o Dr. Nilson, colocou uns toco assim, com dois arame liso, e falou assim: “*Oh tá proibido de passar dentro do campo*”. Nós só entrávamos pra dentro do campo pra treinar e jogar, ninguém entrava, todo mundo respeitava. Com o tempo eles foram liberando pros jogadores, jogarem aqui dentro. Inclusive, os de lá de Santa Isabel não jogavam aqui.

André Bueno: Eles jogavam lá?

Sr. Olímpio: Eles não deixavam. Tinha o time deles lá, o Santa Isabel, como era sadio não podia jogar nos times.

André Bueno: Aí tinha o campo lá né?

Sr. Olímpio: Já tinham o campo lá. O campo deles e antigo. Aí nós fazíamos o contrato de dois anos, aí quando tava pra vencer os presidente procurava para renovar os contratos. Uns saiam e vinham pro Minas. Quando tinha um problema com o jogador do Minas que ele queria ir pro União, tinha que ser trocado. A diretoria entrava em acordo. Via se um jogador do União queria entrar no Minas, aí eles entravam num acordo, conversavam com o jogador né, pra ver se ele queria transferir pro Minas. Se aceitasse, aí fazia a troca. Não podia nem treinar. Por exemplo, dava uma, o cara brigava lá com o time do União, se não conseguisse uma troca, ele ficava sem jogar, nem treinar nem nada, no Minas não podia, ele cumpria a lei. Era tudo certo. Aí depois foi mudando, foi entrando jogador sadio no Minas e no União. Aí nós tava na parte do futebol, né? Aí como os jogadores que eram internos estavam perdendo o espaço para jogador sadio. Aí Zé de Brito, conhece Zé de Brito? Resolveu fazer o Renascença: *“Ah, vamos fazer um time só com jogador interno, já que eles perderam o espaço no time da Colônia”*. Ai não deixou eles treinarem, os times. Por exemplo o União o presidente não liberou espaço pra eles, aí eles fizeram o primeiro treino lá no Santa Isabel, eles liberaram e eles treinavam lá.

(barulho de carro de som)

André Bueno: Só um minutinho, vamos esperar esse carro passar pra não atrapalhar nosso som, só um minutinho. (espera um tempo). Antes de o carro de som nos atrapalhar, o senhor podia voltar a contar do Renascença, como ele começou.

Sr. Olímpio: Ata. Aí o Isauro e o Zé de Brito, eles faziam parte da diretoria do Minas, e houve um problema lá que eles afastaram. Aí como o jogador interno estava perdendo espaço para jogador sadio. Eles resolveram fazer um time só de interno, pra eles treinar. Não tinha espaço pra eles treinarem, eles treinavam onde o União treinava. E os presidentes não liberou também não. Eles foram treinar lá no campo Santa Isabel. Aí eles chegaram até fazer um jogo lá em cima, deixaram eles fazer jogo aqui. Aí eles entraram pedindo espaço no campo lá na administração. O gerente, antigamente tinha um gerente, tinha o diretor e tinha o gerente, que resolvia os problemas além do interno né. Aí essa época era o Heitor que era o gerente. E o Heitor, antes dele vir trabalhar aqui, ele era goleiro, jogava no União. O sogro dele, tinha uma cozinha ali, por trás do beco, entre os pavilhões de Divinópolis e o outro lá, tinha uma cozinha, e o sogro dele dava uma pensão lá. Aí o União ia jogar domingo, aí o sogro dele avisava pra ele que tinha o jogo. Aí vinha ele com a mulher dele, a sogra dele, aí eles ficavam lá na pensão. Aí eles jogavam, acabava o jogo, eles iam lá jantava, tomava um banho e ia embora. Ele jogou aí 1 ano ou 2 como goleiro. Aí eles foram lá pedir, fizeram 3 reuniões. Nas 2 primeiras, os dois presidentes não aceitaram. Aí o Heitor falou assim, *“Se um dos presidentes não abrir mão, não vai ter jeito não”*, porque ele não ia contra o União não. Mas a nossa presidente na época era a Carlita, a filha dela dava aula lá no Citrolândia. Ai a Carlita falou assim *“O Sr. Jaburu, como é que eu faço?”*. Porque tinha muita ligação o Isauro com o Zé de Brito com o pessoal do Minas, com o. E era pra ser só jogador interno, aí eu falei *“A senhora que sabe, o senhor Isauro e o Zé de Brito não são mais diretores, mas eles são ligados ainda amizade e tudo”*. Aí ela pega e votou a favor da Renascença. A favor do Zé

de Brito e do Isaura, porque era do interno. Aí foi onde surgiu o Renascença. Aí pegou e deu um espaço, acabou com os treinos também, não deu mais treino. Na semana seguinte o time do Renascença já não era mais dos internos. Eles já buscaram jogador lá das Bicas, lá de Igarapé. Aí acabaram de montar a diretoria, e os jogador que já tinha ido pra lá, pra jogar lá, a maioria saiu, os que eram do União voltou pro União, os que era do Minas, voltou pro Minas, ai tem eles aí até hoje.

André Bueno: Isso foi em que época mais ou menos?

Sr. Olímpio: A época, a data. E eu sou ruim de data! 1980.

André Bueno: Quase na abertura da Colônia mesmo né?

Sr. Olímpio: Já era na abertura porque já tinha liberado os jogadores sadios de jogar aqui, ai tava liberado depois da abertura.

André Bueno: E aproveitando esse gancho da abertura, o senhor falou também das memórias do senhor de tocar na Praça Milton Campos, e logo depois falou das pessoas irem jogar na Colônia, os sadios. (55:57)

Sr. Olímpio: Na praça dos descia, o caminhão ficava perto ali da Casa da Cultura, nós descíamos a pé tocando pra rua a baixo, a banda, no 7 de setembro e lá participamos também do encontro de banda, mas isso já foi um pouco mais tarde na época do... o prefeito era o Bil. Concurso de banda, nossa banda aqui era boa, nós só perdíamos pra banda do 5º Batalhão. Que era a que abria, ela vinha...

André Bueno: De Belo Horizonte?

Sr. Olímpio: De Belo Horizonte. Ali onde, pra cima do Banco Itaú, ali tinha umas árvores lá, não tinha aqueles prédios ainda não. E tinha tipo uma pracinha lá, ali de frente onde é a câmara. Aí eles colocavam um palanque lá, tinha o pessoal que julgava, né. Porque vinha às bandas de todo lugar. Vinha a banda de Sabará, a de Sabará, era uma banda muito boa, vinha de Esmeralda, vinha de outros lugares. E a nossa ia participar. O Bil era muito ligado com o Dicalino, com o pessoal o Euclides Ferreira, o outro irmão dele, a família dos Ferreira. Eles vinham na casa dele. E no dia que a gente tava ensaiando, dia de ensaio, às vezes ele vinha pra ver um ensaio nosso. Daí que surgiu a banda de Betim, o sargento formou a banda de Betim. E nós participamos desses eventos. Nós ficávamos reservados lá pra trás, né? porque (risos) o preconceito. O preconceito é até nosso mesmo, porque a gente tinha medo de pegar e os cara xingar a gente. Aí depois eu vou voltar no futebol. Ai com o tempo nossa banda, o Dicalino parou de mexer. Tudo que ele fazia levava pra frente. Ele foi um dos melhores presidentes que o Minas teve, e a Caixa eu nem preciso falar, seu pai deve saber. A Caixa estava falida, até o telhado lá tinha arriado.

André Bueno: E o que era a caixa?

Sr. Olímpio: A Caixa beneficente ali.

André Bueno: O que era a caixa? O que ela fazia?

Sr. Olímpio: Ela fazia evento de baile, de festa de São João, essas coisas. Porque, tinha Santo Antônio era no Minas, São João era na Caixa e São Pedro era lá no União. Só que o São João era o melhor que tinha né, porque dava pipoca, dava broinha de milho, tinha amendoim. Mas a broinha, o falecido Mané Pavão, que assava no forno, tinha um forno lá da serraria lá, ele que assava as broinhas e fazia as pipocas e trazia e punha lá na sede.

Tinha o baile do lado de cá. Aí certa hora eles vinham com o balaio cheio e vinha distribuindo. Tinha gente que morava fora nas casas aí, fora dos pavilhões, eles traziam uma sacolinha e levava a sacolinha cheia de bolo (risos), era gostosa, era o Mané Pavão que fazia essas coisas lá E era bom que a gente tinha essas festas, não tinha briga. Às vezes dava uma confusão, mas o próprio pessoal chegava e tirava. Era muito difícil dar uma coisa mais pesada.

André Bueno: Sobre a questão do preconceito, o futebol e a arte a representação da banda? (1:02:43)

Sr. Olímpio: Eu vou chegar lá.

André Bueno: Me conta então.

Sr. Olímpio: Você quer do futebol?

André Bueno: Eu queria saber do senhor a importância do futebol e da arte né, o senhor como representante das bandas. Foi impactante, em questão da abertura da Colônia, foi importante a arte e o futebol?

Sr. Olímpio: Olha, todos dois ajudaram, todos dois. Eu vou te contar. Porque quando a banda daqui acabou, aí ficou o Joaquim Maia, você já ouviu falar dele, ele foi criado aqui. Ele dava aula lá na Lira pros meninos que queriam aprender, mas quando chegava a certo ponto da música ficava mais pesado, né. Aí ele desistia, aí acabou, acabou a banda. Mas as duas partes fizeram parte pra ajudar no preconceito. Preconceito, foi nós no futebol. Agora o que mais sofreu nos no futebol, tinha menos união aqui. O Armando Dutra, ele mudou lá pro Citrolândia, era pros Lima, não era Citrolândia não, você sabia, não era Citrolândia não era Lima.

André Bueno: Você podia até contar pra gente o que era o Lima?

Sr. Olímpio: Os Lima, vinha o pai. O cara internava aqui, deixava a família lá fora, longe lá. Mas como eles descobriram que eu estava internado aqui, e minha família estava lá, que eu era doente. Tinha o preconceito contra eles lá, eles já não tinham o espaço normal, a convivência normal. Tinha um tipo de preconceito, então vinha ali pros Lima. Alí era uma pobreza meu filho. As casas eram feitas de adobe, com telha cumbuca e muitas delas até tampada de capim. Fazia tipo um, você já viu coisa coberta de capim, você já viu?

André Bueno: Já.

Sr. Olímpio: Tinha vários alí, porque não tinha como fazer, não tinha condição.

André Bueno: E porque Limas?

Sr. Olímpio: Eu não sei porque colocaram Limas não, mas aí ali na igreja, aqui no alto, era a principal região que tinha mais gente morando. Aí o cara vinha, trazia a família, fazia um barracão lá, desse tipo que eu to te falando. Terra batida, nem cimentada assim não era, e vivia ali. Eles ajudavam. Quando dava mantimento aqui, dava carne aqui, vinha uns corte de boi que eles davam, então a costela, esse tipo de coisa, tinha muita carne, e eles davam ali, chamava xepa, dava pro pessoal lá de cima. Então juntava a fila de gente ali, dava bastante carne, dava muita carne pra eles lá e chamava xepa. Eles deixavam eles entrar pra pegar carne ali. E assim foi surgindo o Lima, com o pessoal, os filhos de doente, família de doentes e com o tempo foi modificando né, foi mudando. E vindo gente até que não tinha a ver com doente pro Citrolândia, igual hoje tem aqui na Colônia E o

negócio ali era terrível! Aí o Armando mudou pro Citrolândia, ele mexia com o futebol do União. Aí seu Armando formou, Fernão Dias, o primeiro time daqueles lá, nos Lima, Citrolândia de hoje, foi o Fernão Dias, o primeiro time. Aí ele formou o time lá com os meninos que era do aprendizado, o aprendizado era os meninos que saíam do preventório, já estavam rapazinhos iam pra lá, lá aprendiam noção de mecânica, tinha serviço de fundição, marcenaria, e os meninos iam pra lá. Ai o seu Armando trazia os meninos lá do aprendizado pra jogar pra ele.

André Bueno: Trazia de onde?

Sr. Olímpio: Do aprendizado os rapazes, do aprendizado. Vinha jogar pro Fernão Dias. Primeiro time formado lá no Citrolândia. Logo em seguida formaram o Limense, mas o Limense, como o Fernão Dias também não tinha muito jogador pegava os bocadim, em peso. Tinha uma molecada boa de bola ali viu. Eles pegaram jogadores do Minas do União, e faziam um jogo bom viu. Àquele campo ali do Alcides Braz, ele era, uma parte dele era da ABAL, a ABAL era a associação dos doentes. Porque nós não podíamos ir no Banco, não passava nem na porta do Banco, então eles recebiam o pagamento lá de quem era aposentado e vinha.

André Bueno: E ela ficava no Citrolândia?

Sr. Olímpio: Essa ABAL tinha a sede dela lá em Belo Horizonte. Mas ela tinha uns terrenos, tinha aquele terreno ali, tinha um lá onde tem uma igreja, do outro lado da rodovia, lá tinha um chiqueiro onde eles criavam porcos lá, dá ABAL, lá depois ficou sendo sede do Fernão Dias. Agora lá tem uma igreja grandona lá, depois da rua do Juquinha fazendo lá em cima. Ai o Armando tinha um cara, era até dentista parece que era ligado muito no Armando. O Armando tinha um cavalinho saia pedindo esmola, o pessoal lá do Citrolândia vivia de esmola, pedindo, batendo chapéu. Você sabe disso.

André Bueno: Conta pra nós um pouquinho disso. Isso era o que?

Sr. Olímpio: Bater chapéu.

André Bueno: Bater chapéu?

Sr. Olímpio: É. O cara não tinha nada haver com nós, o cara chegava lá falava que era doente, batia chapéu, às vezes ia de carro. Enchia o carro de galinha, arroz, mantimento, às vezes dinheiro, mas trazia mais era mantimento e galinha. Eles andavam pelas roças lá. A gente tinha parentesco, mas não era. Ai seu Armando montava no cavalinho dele pra pedir esmola, e ele tinha uma ligação com este dentista lá. E o pessoal nosso não podia pegar ônibus de Betim, Igarapé, lugar nenhum ali, que se eles descobrissem descia. Eles tinham um fiscal dentro do ônibus pra ver. Se ele desconfiasse que o cara era do Citrolândia mesmo, descia. Aí esse dentista falou assim “*Ô Armando e se a gente colocar um time pra competir no campeonato de Betim? Podia ajudar a acabar com esse problema aí, esse preconceito*”, aí o Armando falou assim “*Ó! Só tem um time da nossa região aqui que dá pra competir em Betim*”, o Dicalino Cabral era presidente do Minas na época ainda. Procurou o Dicalino, aí o Dicalino já era muito ligado lá com o Bil né, aí ele pegou e aceitou. Você não conheceu o Dicalino não né?

André Bueno: Não.

Sr. Olímpio: Ele era um baixinho, ele chegava assim nos lugares, enfiava a mão no bolso, porque a mão dele era atrofiada. Aí ele aceitou, nós entramos. Ah... meu filho, nós tinha

dois quadro, já tinha falado, o primeiro, segundo e terceiro quadro. Betim tinha disputado, tinha que ter o primeiro e o segundo quadro. Quando nós chegamos no segundo quadro, porque nem ponto tinha. Daí a pouco aparecia gente de um lado, nos mato do outro, aí ficou lá xingou nós depois. Não tinha como nós fazer nada “*Mete o pé nesse leproso aí*”, e o jogador às vezes era até sadio. Na época a gente tinha o Tonhão, nós tinha o buchecha, nós tinha o Tone, pai do Zamba, que jogava com nós. Tinha os meninos do Citrolândia, Tião Caldas, os meninos que jogavam de segundo quadro e não tinha nada (risos) era xingado. Os jogadores que vinham de Belo Horizonte, nós tinha o... não tinha muito não, era xingado. Que nós fazia o time, os jogadores que tinham condição de jogar os jogadores principal, inteiravam com os jogadores que vinham de Belo Horizonte no seu time. Nós tínhamos que ter no mínimo 20 jogadores em cada categoria, primeiro e segundo quadro, tinha que ter reserva. Lá no Laranjeira nós sofremos mais. Nos chegava lá naquele terreirão, poeira não tinha não, os caras ficava lá do barranco xingando. E aí foi entrosando o futebol, o pessoal foi perdendo um pouco de medo né. Mas existe ainda, você pode ter certeza que existe ainda. E com a abertura da Colônia, o pessoal, aqui corria muito dinheiro, interessava pras lojas, pros bancos, aí um dia abriu. E hoje graças a Deus a colônia, não existe mais Colônia, aqui é um bairro de Betim. Que aqui antigamente nem tinha o nome de Betim, não tinha nem o nome de Betim, era Mário Campos 2. Eu fui conversar com a assistente social ali semana, foi essa semana. Fui lá fazer uma consulta, mas não deu pra mim fazer, e eu tive que conversar com ela, a respeito do direito mesmo, nosso aqui. Aí eu falando pra ela “*Engraçado! Acabou com nosso direito tudo! Antigamente quando nós internava aqui, nós tinha a fichinha da Colônia, era Mário Campos 2, não tinha nem o nome de Betim*”, aí ela: “*Ah! Mas foi mudando diretoria e tal*”. Hoje pra mim consultar, seu pai é contra, ele consulta ali, porque se não fosse ele não consultava com Dr. Eduardo. Você sabe o que eles falaram pra mim, ali embaixo? Antes de eu ir lá, eu tinha que levar um xerox meu da minha identidade, residência, conta de água e luz, e levar na assistência social lá no pavilhão, lá embaixo. Pra ver se tem condição dela me colocar no consultório, pra ver se eu consigo consultar com o Dr. Eduardo. Porque do contrário, eu tenho que ir lá naquela coisa lá embaixo.

André Bueno: No posto.

Sr. Olímpio: No posto de saúde lá embaixo, lá perto da prefeitura, pra eles lá marcar pra mim, senão, não consigo, se eu precisar consultar com Dr. Eduardo não consigo. Antigamente eles iam lá na minha casa, eles vinham aqui e “*Oh Jaburu, te consulta pra você quinta feira, tal hora*”, tinha os chamador. Hoje eu não tenho direito de consultar com o Dr. Eduardo. Ele vinha na minha porta aqui, e eu não tenho direito, cortaram. Cortaram todos os direitos dos doentes, porque nós não vínhamos pra aqui, porque nós queria não, nós fomos obrigados a vir, porque lá fora não aceitava nós, lá fora não aceitava, nós fomos obrigados a vim. Agora nós não temos o direito de nada.

André Bueno: E essas memórias todas do senhor no esporte, na arte, na banda, fala um pouco pra gente. Você acha que a sua experiência na Colônia impactou na sua vida, nos pós colônia, no fim do isolamento, e como? (1:16:43)

Sr. Olímpio: Das mudanças?

André Bueno: Isso né, essas experiências que o senhor teve na banda de música, no futebol, isso impactou a sua vida depois do fim do isolamento, depois que a Colônia abriu?

Sr. Olímpio: Faz parte da minha vida né, porque hoje, eu não posso falar que eu sou músico mais, porque não toco nenhum instrumento, o Renato tirou o saxofone, que ele até deixava comigo aqui, mas eu não quis, porque eu não tenho desenvoltura mais. Então é ruim pra eu voltar a praticar música, é muito difícil. Eu vou ter que aprender de novo! (risos). E a minha idade já não dá mais pra isso né. Mas no futebol eu tô até hoje, porque o pessoal não me deixa parar. Já era pra mim ter aposentado a muito tempo, mas eles não deixam. Mas o futebol pra mim foi...é o meu lazer o futebol hoje. Porque o resto não tem mais. E até pela minha idade, se tivesse bares eu não iria frequentar. Com o futebol, e quando eu entrei aqui esses dias atrás e, que eu tava te falando que os cara me procurou lá. Eu falei pra eles o seguinte: *“Eu sou um cara, que eu fui abençoado porque eu consegui dentro do esporte”*, e olha tudo que eu disputei, Você vê na sede ali o tanto de troféu que tem lá. Todos os campeonatos que o Minas ganhou, o primeiro campeonato que o Minas ganhou, eu era treinador do Minas, eu era técnico do Minas. Eu fiquei mais de 10 anos. Porque antigamente nós não disputávamos campeonato, nós começamos a disputar depois que os caras vieram pra cá. O nosso negócio era amistoso, os festivais eram muito bons, e eu falei pra eles que eu pude trabalhar com os amadores no terrão de fora do município de fora, de Belo Horizonte. Os melhores jogadores que já teve na várzea, eu trabalhei com eles aqui, e a maioria dos profissionais também. Tem muito jogador profissional. Entre eles tinha o Maria, que era do Atlético, tinha o Marcos Vinícius, tinha o Tita, tinha o Cleber, o Fernando Roberto, o Adelmo que foi gerente do banco Itaú ali em Betim, os irmãos dele, João e Anderson, Marco Antônio. Tinha vários que eram profissionais e que era e depois deixou de ser, aí passou, deixou o profissional deixou o profissional. E desses, eu fui um cara bem privilegiado por poder contar com esse tanto de gente, e o melhor de tudo foi o carinho e a amizade que eu consegui com esse pessoal. Que até hoje a maioria deles, às vezes liga e encontra com pessoas daqui, que eles conhecem. Eles perguntam por mim. Então uma coisa que eu prezo muito na vida da gente, primeiro você tem que ter fé em Deus, o principal. A união da família é a segunda principal é a saúde. E depois vem os amigos, amizade você não compra, amizade não tem preço, não tem valor em dinheiro. Amizade é uma coisa acima de tudo, dinheiro, não tem preço. Cara se você tiver um amigo e ele for seu amigo, não tem dinheiro que pague uma amizade. Graças a Deus eu tenho muitos amigos! Por causa do futebol. Eu falo pros cara, eu falei pro cara aqui na entrevista, tem aquele monte de troféu lá mas o principal, o melhor troféu que eu tenho é os amigos que eu consegui. Porque o troféu tá lá, agora amizade é outra coisa. Você pode chegar num lugar e ter uma pessoa lá que é seu amigo. Você chegou onde tem um amigo seu você tá em casa. Então isso não tem preço. Graças a Deus eu tenho isso comigo. O principal troféu meu é os amigos que eu tenho comigo. Aqui, fora, todo lado que eu ando. Sempre vou ter uma pessoa lá que é meu amigo. Esses dias mesmo, nós fomos jogar lá em Betim, aí chegou: *“Você tá me conhecendo?”*, *“Eu tô conhecendo, mas não tô lembrando seu nome”*, *“Sou fulano tal, joguei lá com você lá”*, *“Pior que é mesmo”*, *“Olha depois do jogo você vai lá pra casa, almoçar comigo lá”*, eu *“Não, não, posso não, tenho que ir embora”*. Então isso é gratificante, é bom demais. Amizade é uma das principais coisas na vida da gente.

André Bueno: Isso é verdade! O Sr. Olímpio, a gente já está chegando ao final da nossa conversa, as memórias do senhor contemplam praticamente todo o roteiro de entrevista que eu preparei pro senhor. Eu gostaria de saber, se o senhor tem mais alguma memória a compartilhar com a gente, que considera, relevante ou interessante, sobre a sua experiência sobre a Colônia.

Sr. Olímpio: A Colônia foi, a Colônia praticamente minha vida foi aqui. Então passei por uns problemas, não de saúde graças a Deus, agora que eu estou tendo problema de

saúde. Problema de vista, problema de coração, mas tá tudo sob controle, só o que tá me prejudicando um pouco é as vistas. Mas minha experiência foi toda vivida aqui, com o pessoal antigo da Colônia e hoje o pessoal mais novo. Que a cada dia você aprende uma coisa, ajuda você ter uma experiência em alguma coisa. Aí a igreja, o futebol, era a música antes, isso tudo é o aprendizado que a gente tem. Tudo que eu aprendi tá aqui dentro da Colônia. Graças a Deus! E o melhor de tudo é os amigos que eu tenho. Tenho muitos, Graças a Deus! Isso é importante.

André Bueno: E eu agradeço ao senhor essa oportunidade de partilhar com a gente tudo isso.

Sr. Olímpio: Vou te falar um negócio sobre aqueles postes.

André Bueno: Por favor, fala aí. Quais postes mesmo, só para...

Sr. Olímpio: Os postes que foram os primeiros alambrados que tinha na Colônia, na época o presidente era o Antônio Ferreira, português, era até meu compadre que morava aqui. Ele era presidente do União, e o David Siqueira era presidente do Minas. O Minas já tinha feito aquele vestiário lá, primeiro vestiário que teve que ser feito na beirada do campo ali, foi o do Minas. Aí nós ganhamos uma tela e fizemos assim, só do lado do Minas assim, por causa do banco ali né, fizemos um alambrado, *um pedaço de alambrado*. Aí eles reuniram, conversaram com os dois, os dois presidentes: “*Vamos dar, vamos vê se nós consegue alambar o campo todo*”. Aí saíram pedindo, pedindo tela, saiu pedindo nas casas, cada pessoa ajudou, uma dava um troquinho, outra dava outro. E os caras que foi fazer aquilo lá, chamava Alberto Vieira, seu pai conhece, era um União doente que tinha aí brabo! Ele era brabo. (risos) E o Antônio Martins, o tio do Xexeu, era casado com a tia do Xexeu, o Antônio Macaia, ele morava do outro lado. Aí esse pessoal, o Severão, você conhece, e o irmão dele, ajudava a fazer aquilo ali. Tudo 0800, não agarrou nada, fizeram com esforço e a vontade e conseguiram colocar aqueles postes lá, que tinha aqueles fios ali embaixo ali, perto do dispensário, era do Estado. E os outros postes que não eram de ferro, eles pegaram e deram pra nós, o pessoal que tava mexendo. Ai esses homens, carrio, esses e aqueles postes, carrio os postes tudo. Tinha pra lá, furaram, já tinha aquela arquibancada lá. Furaram aquele negócio aí, você pode olhar lá, os negócios era tudo de cascalho, não tem brita ali. Fizeram, colocaram aqueles postes. Ai hoje, não tem nenhum deles vivo mais. Então eu, como eu falei pra você, aqueles postes nunca podem ser tirados dali, é uma memória de quem trabalhou e não recebeu, porque não cobrou nada. Então tinha que ter uma coisa pra proteger aqueles postes ali. Que aí hoje o Jaburu não tá aqui, aparece um louco lá, resolve tirar os postes e tira. Hoje tem mato pra lá tudo, que antigamente não tinha, hoje tem. É só que quando eles reformou ali, os cara tava tirando com a alavanca lá, aí eu cheguei lá e brequei ele, “*Não, porque você tá tirando isso daí?*”, “*Ah porque o...*”, não sei se foi o Tonim ou o Gaguim, não tô lembrado não, mandou tirar aquele negócio do chefe dele lá. “*Não, pode parar aí, não vai tirar não, porque os cara que fez isso e oh, o Severão tava vivo, o irmão (mas os dois já tinham falecido), os cara que fez isso aí, não vive mais não. Você não sabe o trabalho, a força e o esforço que eles tiveram pra fazer isso aí, então não vai tirar não,*” “*Ah mais ele mandou*”, “*não! pode parar*”, “*até que é bom porque tá muito duro isso aqui*”. Quando ele chegou, chamou o rapaz de lá, “*Porque você parou?*”, “*Não, o Jaburu, mandou parar*”, aí ele veio falar comigo e eu fui e falei pra ele e ele, “*Não Jaburu, você tá certo, nós precisa de mais gente igual você. Não vai tirar mais não*”. Tá lá, aquilo ali é, aqueles postes são muito difíceis de acabar, é de ferro, aquilo ali é uma memória que não pode,

pra nós que sabe, hoje você tá sabendo, porque eu to te contando. Aquilo é uma memória valiosa, pode não. A gente tem que valorizar o que os antepassados fizeram

André Bueno: E essa que é importante sobre memória, ressignificar o espaço que muita gente não conhece com o tempo.

Sr. Olímpio: Quem vai ali, vai para ver jogo, pra jogar mais não sabe.

André Bueno: Não sabe o sentido.

Sr. Olímpio: Não sabe o sentido daquilo ali. “Ah! tinha que ter tirado esse poste daí”, “não!”. Enquanto eu tiver vivo e tiver aqui, se eu vir mexendo aí eu vou contra risos). É só uma coisa que nós temos que preservar!

André Bueno: O senhor Olímpio, mais conhecido por Jaburu aqui na comunidade né. Porque Jaburu? Só pra encerrar. (1:43:28)

Sr. Olímpio: (risos). Porque eu era um moleque muito novo, não tão novo assim. Aí os meninos davam uma certa idade lá no pavilhão de criança, aí eles dividiam, por exemplo, lá tinha 5 meninos lá que tratava, porque o espaço ali era só o de sábado que os meninos podiam bater uma bolinha ali, não tinha espaço não. Aí juntava, quem treinava era o magrim, aí o Chapelem, era o nome do nosso treinador, Valdo Chapelem. Aí ele pôs o apelido de Jaburu, porque eu era magrinho com as perninhas finas. Aí pôs o apelido em mim Jaburu e ficou. Pôs o apelido lá e saiu, aí acabou, não adianta. Eu fiz um trabalho muito bom também, a minha vinda pro mineirim, foi um trabalho que eu fiz lá com os meninos. Eu não estava morando lá não, já tinha até casado. Irmã Elizabeth, queria fazer um time dos meninos lá.

André Bueno: Lá no pavilhão das crianças?

Sr. Olímpio: Lá no pavilhão das crianças. Aí tinha um tomador de conta lá, um deles é o Rubens, você conhece? Aí ele me chamou “Vamos organizar os meninos aqui, fazer um time dos meninos? ”, aí falou assim “ É pra nós treinar? ”, só tinha um sábado, mas quando nós conseguimos um espaço para os meninos treinar, e fizemos um time de lá. E nós organizou tudo, tanto que nós colocamos o nome dele de 12 de outubro, nossa bandeira era amarela, o 12 de outubro. Aí nós fizemos um jogo, teve uma festa aí do falecido Cabo Nelson, o aniversário do Cabo Nelson. Eles queriam fazer um jogo, uma taça...E esse jogo foi contra o União, aí ele: “Não, nós vamos jogar contra um time bom”, tinha até um cara que era do América que era do União, nessa época. Aí eu aceitei o jogo “Não nós vamos jogar”, aí quando nós chegamos lá no campo, o Gê, Gerolines, pai desse menino que gosta de fazer teatro aí, ele era o juiz, ele apitava bem. Ele não era juiz profissional, se você precisar e pedia ele, ele ia lá e apitava pra você. Aí ele chegou e disse: “O Jaburu, você é doido?”, “Não, de que?”, “Colocar seus meninos contra esses caras aí”. Time do União era um time massa. “Não, futebol é lá dentro de campo”. Aí nós ganhamos do União, ganhamos uma tacinha deles. O Zé até dispensou um bocado de jogador dele lá, deu um problema lá com essa derrota, por eles terem perdido pros meninos. Daí surgiu o Dicalino, era meu professor de música, morava ali em cima, e eu mexia com os meninos. “Oh Jaburu, você vai ajudar, o treinador do Minas” ele falou comigo, eu disse: “Não quero não, vou mexer só com os meninos lá.”Aí veio o nosso festival. Cara, a irmã fazia um negócio lá, mas não fazia no dia não, dava o almoço pra todo mundo. O pessoal que descia, os meninos, todo mundo bacana demais, nos fazia um dia antes do jogo. Aí o cara “Vou arrumar um time pra você”. O Minas foi jogar em São

Paulo, deu uma goleada no time lá de São Paulo na Colônia lá. E o Minas chegou aqui, o time do Minas era muito bom, chamou esse time pra jogar comigo, antes deles virem jogar com nós, o Minas ganhou deles, o Minas perdeu pra eles. Tinha até um primo do Éder jogando. Aí os caras falaram assim: “*Nó! esse time aqui que ganhou do Minas*”, “*Não, vamos pro jogo, não tem nada disso não*”. Aí nós ganhamos deles de 2x0. O treinador deles disse assim: “*Oh senhor Jaburu, eu não acredito, nós vamos marcar outro jogo com o senhor*” (risos). Só que não teve mais não. Daí que eu vim trabalhar no Minas, aí eu resolvi, não eu vou ajudar, de tanto ele insistir, eu vou ajudar o Formiga. Aí eu fiquei até hoje. Até no dia de hoje. Mas é uma parte que fez assim, estar no futebol até hoje. A irmã Elizabeth pediu pra eu fazer um timezinho. Os meninos eram bons de bola viu! Eles não tinham chance de jogar nos times do Minas e do União, mas eu treinava eles, fazia o treinamento certinho com eles, os meninos ficaram bons!

André Bueno: E você tinha quantos anos nessa época?

Sr. Olímpio: Eu tinha, não sei.

André Bueno: Então o senhor já não morava lá mais né?

Sr. Olímpio: Não, eu já estava casado, quando nós fizemos o time lá. Aí com minha saída pro Minas, acabou. Nós ganhamos um monte de troféu.

André Bueno: Uma vida dedicada ao futebol na Colônia, né?

Sr. Olímpio: É! Porque eu parei de jogar né, aí eu fui ajudar os meninos lá

André Bueno: Senhor Olímpio, eu agradeço muito essa oportunidade viu, e mais pra frente a gente quer escutar mais histórias.

Sr. Olímpio: Vocês aceitam um café?

5.2.6 Entrevistado: Luiz Alberto Silva.

1. **Data da entrevista:** 02/09/2022 **Duração:** 28:49 min
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano (Cinegrafista).
-

Introdução

Luiz Alberto Silva (Caticó) 67 anos. Foi acometido pela hanseníase com 20 anos de idade. Em Santa Isabel, aprendeu com as irmãs o cuidado com os enfermos, tornando-se com o passar do tempo enfermeiro. Luiz Alberto revela a parte clínica de Santa Isabel ao mostrar como era feito o tratamento dos internos, os medicamentos utilizados e os resultados alcançados. Luiz foi acometido pela Covid-19, mas sua memória se mantém firme e atual, ao abordar questões do preconceito do passado e do presente.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 2 de setembro de 2022, eu estou aqui com Luiz Alberto Silva. Essa é uma das etapas do projeto de Mestrado que tem por título: “*Do isolamento ao patrimônio, o Roteiro da Visitação da Colônia Santa Isabel*”, que consiste na realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam o processo de isolamento dos atingidos pela hanseníase na Colônia Santa Isabel. Boa tarde, eu estou muito feliz com essa oportunidade, Sr. Luiz, vamos começar?

Luiz Alberto: Vamos.

André Bueno: Fale um pouco pra gente sobre a sua relação com a Colônia Santa Isabel?

Luiz Alberto: Uai, a Colônia Santa Isabel, eu vim pra cá na década de 70. Fui internado aqui, vim de outro estado pra cá. Eu cheguei aqui pra tratar e acabei ficando. Porque antigamente, a gente que era novo, as pessoas novas, mais novos tinha tantos internos, que os doentes cuidavam um dos outros, você entendeu? E aí quanto eu cheguei, eu cheguei muito novo, a irmã falou assim: “*Não, ele vai aplicar injeção, vai trabalhar aplicando injeção!*” E aí eu fui aplicando injeção, fui qualificando, fui fazendo curso, e tudo, até né? Me tornar um enfermeiro mesmo. E aí fiquei dessa época, eu estava com 20 anos, quando eu vim, e trabalhei até me aposentar. Antigamente era só o estado, aqui era só Estado. Não tinha FHEMIG, não! Aí de um tempo pra cá, depois de 80, veio a FHEMIG. Mas era só o Estado, era muito paciente, tinha gente demais da conta. Aquele pavilhão ali, era cheio de gente, essas casas eram cheias de gente. O que as pessoas adoeciam lá fora, não tinha medicamento naquela época, eles traziam pra Colônia, trazia pra cá, e aí o paciente ficava aqui tomando o remédio. Chegava todo debilitado, todo deformado. Antigamente você entrava aqui na Colônia, você parece que estava entrando, parece que eles separavam assim, mesma coisa que aquele holocausto que tinha sabe. Muito doente que não tinha remédio, não tinha medicamento! Pra você ver que dificuldade que era. Triste de um lado, porque o povo era triste, você passava perto

daquele pavilhão ali, onde que é o Luiz Verganin, aquela coisa, você via os doentes gritando, gritando de dor, ali no hospital ali, você passava por fora ali e via os doentes gritando e rolando de dor porque dava um tal de nerite, neutite nos pacientes, eu senti muito isso também, os pacientes gritavam, não tinha remédio, você entendeu? Morriam à míngua, praticamente morriam à míngua, porque era demais. Para você ver os pavilhões, às vezes dormia gente no chão, porque não tinha cama para eles, de tanta gente que tinha. Essas casas todas lotadas de gente, entendeu? Era terrível, foi uma fase muito difícil, que passamos, passamos nessa época muita coisa difícil, não era fácil não!

André Bueno: Aproveitando um pouquinho o gancho. O senhor falou que até trabalhou na Colônia, né? Teve a oportunidade de trabalhar na Colônia, me fala um pouquinho mais como era a vida do senhor aqui, nos espaços, se tinha área de diversão, como era a alimentação? (04:50)

Luís Alberto: Uai, igual eu falei para você quando eu cheguei para cá. Eu fui trabalhar na enfermagem, né? Aí eu trabalhava na enfermagem, ajudando a cuidar dos doentes. E aí tinha muita diversão para gente, tinha os bares, tinha o cinema, tinha os bares nas sedes. Tinha o futebol, tinha o Minas e União, não existia a Renascença, só o Minas e o União. Tinha o sinucão lá no Bar da Caixa. Tinha muita diversão, não era só tristeza, não era só tristeza não, tinha muita coisa boa também. Tinha muita moça, dava pra namorar. Dava para pescar no Rio, né? Muita coisa boa também, não era só coisas ruins também não.

André Bueno: Me fala um pouco Sr. Luiz sobre a estrutura física da Colônia. Você pode nos contar sobre as divisões dos espaços, dos ambientes, como era aqui dentro? (06:23)

Luís Alberto: Uai, aqui era dividido, né André? Tinha o Pavilhão dos homens, lá o pavilhão das mulheres que ali perto do campo, né? O pavilhão das moças, lá era as enfermarias. A pessoa adoecia, eles levavam para as enfermarias lá embaixo. Ali, onde eles batem cartão, lá embaixo, era as enfermarias, e ali onde é o Luiz Verganin, era a enfermaria geral dos homens, ali sabe? Ali tinha um pavilhão das crianças aqui embaixo, feminino e masculino. Menino que chegava aqui de longe, ia pra lá pro pavilhão igual tem muitos que ainda tem gente... Eu não passei pelo pavilhão porque quando eu cheguei já era rapaz, né? Aí eu já tinha um salão dos rapazes, e é assim...

André Bueno: E qual desses espaços que mais marcou a sua passagem pela Colônia? (07:50)

Luís Alberto: Ô André, o que eu gostava mesmo era as sedes dos Clubes aqui, sabe? Porque nas sedes tinha muita diversão, sabe? Muita diversão, tinha bailes as semanas. Muitos bailes que tinha que eram promovidos por Dicalino Cabral. O Dicalino Cabral ele era de Uberaba, um músico formado. Ele adoeceu e veio pra Colônia, e aqui ele continuou, ele fez a banda de música, promovia os shows, os bailes. Até quando ele faleceu, ainda tinha! Você chegou a conhecer ele, não né?

André Bueno: Não, cheguei não!

Luís Alberto: Pois é, antigamente vinha muita gente, tinha até um escritor aqui, tinha até um livro dele Álvaro Fantini, ele escrevia, fazia livros. Ele era um homem muito culto, muito inteligente. Ele adoeceu na terra dele, porque antigamente, quem adoecia na sua terra, podia ser rico ou pobre, tinha que vir para Colônia. Eles pegavam eles e traziam, se ele não viesse por conta própria, a defesa sanitária, buscava, e eles tinham que vir pra Colônia. Podia ser rico ou pobre, ele vinha para cá, trazia! Então vinha muita gente importante, igual tinha Juliana que era cantora. Tinha o Devalci, era um artista também.

Igual o Luiz Veganim, que era o outro artista que tinha aqui também. Muita gente importante igual o Dicalino Cabral, o Cabo Nelson, entendeu! O seu pai também, o Mantiqueira, era radialista, né?

André Bueno: O senhor trabalhou na área de enfermagem, e tem orgulho disso. Me fala um pouco também, da sua relação e interação com essas pessoas na Colônia, como era a sua relação com elas no dia a dia. (10:21)

Luís Alberto: Eu toda vida, tive um bom relacionamento com todo mundo. Porque eu tratava muito bem as pessoas que eu atendia, sabe? Eu trabalhei muitos anos com o Doutor Eduardo. Fui enfermeiro por muitos anos. Eu tenho uma filha que trabalha na área de saúde, eu sempre falo com ela: *“Ó filha, você que trabalha na área da saúde, você tem que olhar mais para aquelas pessoas que mais precisam de você! Você nunca fala não para aquelas pessoas que chegam perto de você”*, porque tem gente que prefere falar um não, do que resolver o problema daquela pessoa, né? E ela é muito boa. Esse Marquinho, meu aqui, Marco meu, ele deu um problema renal, ele foi consultar lá em Betim na Unimed, e quem foi consultar ele lá de madrugada? Quem que atendeu ele lá de madrugada? Doutor Eduardo! E o Doutor Eduardo, falou: *“Eu vi aqui a sua ficha vi que você é lá da Colônia Santa Isabel”*. E quem é o seu pai lá? É o Luiz Caticó! E ele falou: *“Nossa! O Luis Caticó foi um grande enfermeiro, trabalhou comigo, e tudo”*. É assim né, André, não tenho muito que falar não.

André Bueno: Eu vou até aproveitar esse gancho da sua profissão. Essa pergunta nem está no nosso roteiro não, mas eu vou fazer assim mesmo. O senhor poderia falar como era o tratamento aqui dentro na Colônia? (11:58)

Luís Alberto: O tratamento da Colônia, vou te falar pra você, era o que podia fazer na época. Não tinha muita opção. Porque morria gente demais da conta aqui. Chegava muita gente, dava muita... a pessoa morria com barriga d'água, aquelas coisas. Porque além do tratamento não ser bom, hoje é totalmente diferente. Antigamente tinha o esterilizador. O esterilizador ficava lá fervendo você aplicava uma injeção ali, e punha a agulha, com seringa dentro do esterilizador, ali você já pegava outra, quer dizer, não era uma coisa esterilizada, bem esterilizada, né? Igual hoje é totalmente diferente, é descartável. Você aplicou uma... vem já... Não descartava nada, sabe? E os pacientes morriam muito com infecção. Nisso o paciente morria de infecção e nem sabia o que era. E outra coisa, antigamente quem dava problema de pressão morria! Porque não tinha medicamento para pressão. Então a pressão vinha, dava problema de pressão, aquele paciente ia só subindo a pressão, subindo, e já vinha e começava a atingir os outros órgãos, rins, fígado. Aí começava a dar barriga d'água e morria rapidão. E hoje não, deu problema de pressão, tem o captopril, enalapril que controla a pressão da pessoa, né! E hoje tem medicamento pra isso, hoje é totalmente diferente as coisas. Antigamente era terrível, mas não era só aqui, era em todo lugar, né? Era o que podia fazer, você entendeu? Não tinha nada a ser feito a não ser aquilo. Era complicado antigamente. Curativo, todo mundo que tinha machucado, ferida, não tinha nenhum controle igual tem hoje. Hoje é tudo esterilizado, todo material, totalmente diferente, né? Mas antigamente, era terrível!

André Bueno: O senhor poderia falar para nós, alguns medicamentos utilizados na época. E qual que deu certo? (14:53)

Luís Alberto: Ah... André vou te falar, um medicamento que deu certo? Eu acho que nenhum! Para controlar a hanseníase, a pessoa tomava uma tal de sulfona que tinha. Era o único medicamento para a hanseníase, era essa sulfona. E usava uma pomada, qualquer tipo de pomada para ferimento, você entendeu? E só! Não tinha um medicamento certo

para a hanseníase, não tinha. Era mais ou menos isso, não tinha muito que fazer. Morria gente demais. Morria tanta gente, que tinha três, quadro enterro por dia. Ele ficava chamando o povo: “*Ô gente vamos ajudar! Levar o povo lá para o cemitério*”. Acabava um subia, levava um, voltava, pegava tem que ajudar a levar o outro. Porque era tanta gente que morria, que quase não tinha povo para carregar. Hoje tem funerária, tem tudo. Antigamente era aqueles mais fortes que ficava ajudando a carregar os defuntos. Eu mesmo quantas vezes eu acudi ajudando a carregar o povo. Pois é André é isso.

André Bueno: Com o fim da necessidade de isolamento das pessoas. Como foi o processo de saída e reconstrução da vida fora da Colônia? Você acha que a sua experiência dentro da Colônia impactou a sua vida fora? (16:47)

Luís Alberto: Antigamente aqui, para um doente sair da Colônia ir em Betim, era muito difícil, muito difícil! Ou você saia escondido ou tinha que tirar licença com o diretor pra você ir até Belo Horizonte ou Betim. E o doente não era bem aceito. Aqui tinha um paciente aqui que se chamava Abel, ele era enfermeiro, a dona dele foi internada lá em Belo Horizonte, perto da Praça Hugo Werneck, onde era a FHEMIG antigamente, os doentes internavam lá. Aí ele pegou e me chamou pra ir lá na época, visitar a dona dele. Eu fui com ele, aí nós chegamos lá, ele foi ver a dona dele. Aí nós voltamos só tinha um ônibus 4 horas que vinha pra cá. Quando nós chegamos no ponto o ônibus já tinha ido embora. Aí eu falei: “*Nossa! E aí Abel, como nós vamos fazer?*” Ele falou: “*Nós vamos dormir num banco desse aí, e esperar o ônibus passar!*” Eu falei: “*Não senhor! Nós vamos lá pra rodoviária e vão pegar um ônibus lá, e pega o ônibus de Betim e pega os ônibus dos estudantes até aqui no centro de Betim*”. Aí André, quando nós chegamos na rodoviária. Aí aquele povo, e o ônibus parado lá naquela parte de baixo da rodoviária de Betim. E vendo aquilo nós entramos na frente, entramos e sentamos, aí o ônibus saiu. Quando chegamos no meio do caminho o cobrador olhava pra mim e pra ele, aí ele chegou e falou: “*Vocês são da onde? Vão pra onde?*” Eu falei assim: “*Nós vamos pra Betim*”. E o Abel sentado no canto, o Abel tinha as mãos aleijadas, os pés todos coisados. Aí ele falou assim: “*Nós vamos pra Betim*”. Ele falou assim: “*Vocês moram onde?*” Eu falei assim: “*Moramos em Betim*”. Aí ele pegou, foi lá na frente, ele não quis receber o dinheiro da nossa passagem. Ele foi lá na frente e chamou o motorista. O motorista parou o ônibus lá perto do Carrefour. Eu falei: “*Eles vão descer nós Abel, mas nós não vamos descer daqui não! Só se ele pegar nós e jogar lá fora. Porque nós já entramos mesmo, e não vamos ficar aqui de noite aqui no meio do mato não*”. Aí o motorista veio e nos cumprimentou e falou: Vocês são de onde? Eu falei: Nós somos lá da Colônia Santa Isabel. Aí ele falou assim: “*Vocês sabem que tem o ônibus lá da Colônia?*” Eu falei: “*Sei! Só que nós perdemos o ônibus lá, e nós com essa friagem dormindo no relento, como nós ia fazer lá? A única solução foi pegar a gente pegar o ônibus aqui*”. Aí o motorista falou assim: Ah... vão bora, vão bora! Mas o cobrador não quis pegar o nosso dinheiro da passagem. Pelo cobrador, ele queria descer a gente de toda maneira do ônibus. Mas nós ficamos, eu falei: “*Nós não vamos descer não Abel, nós já passamos por tudo, vamos aguentar a mão aqui!*” E o Abel ficava tremendo coitado, ele era muito assim, apresentava hanseníase, eu não! Eu nunca apresentei hanseníase, eu era jogador de bola, tinha muita força física, não apresentava ser doente, mas ele apresentava. Aí foi uma complicação, então, é uns fatos que acontecem na vida da gente, né? Igual a gente foi tão discriminado nessa época, né? Quem viveu! Pra você ver, logo veio essa lei Tião Viana. Quem recebe igual eu, ou outros, nós estamos representando aquelas pessoas que sofreram tanto atrás né, que não tiveram esse prazer de receber esse dinheiro. E uma coisa bem empregado foi isso. Nós fomos muito discriminados, muito mesmo! Até em Betim, se a pessoa descobrisse que você era doente, não deixavam você entrar nem na loja. Posso

contar esse caso? A pouco tempo agora, aconteceu uma coisa que fiquei impressionado com isso. O Geraldo Patrício diz que ele chegou lá em Betim pra comprar um boné, olhou lá na loja assim: “*O menino quanto é aquele boné lá?*” Ela falou: “*É tal...*” Aí disse que, saiu pra lá sabe. Foi lá cochichou com o patrão dela lá, e o patrão dela veio, pegou o boné e deu pra ele e falou assim: “*Você não precisa pagar nada não, pode ir embora*”. Ele falou, olha: “*Eu não quero o boné de graça não, eu tenho dinheiro para pagar o boné*”. Então eu falei assim: “*Você tinha que chamar a sua sobrinha que é advogada, e processar esse pessoal*”. Que isso é uma discriminação no dia de hoje. O Geraldo Patrício, apresenta a hanseníase dele. Que ele tem as mãos deficientes, ele tem muitos sinais de cicatrizes. Ele tinha que chamar a sobrinha dele que é advogada, a nora dele, e bater um processo em cima dessa da loja, né, André? Porque foi uma discriminação pra cima dele. Eu graças a Deus nunca tive problema de discriminação não. Toda vida eu viajei com o meu povo. Nós saímos, vamos para esses restaurantes. Vamos pra todo lado. Eu nunca tive problema de nada disso não. Mas pra você ver, nos dias de hoje, ainda tem esse preconceito ainda, e não é fácil não, viu André? É complicado!

André Bueno: Ô Luiz, nós já estamos chegando ao final de nossa entrevista. Você gostaria de nos contar mais alguma coisa que considera relevante ou interessante sobre a sua experiência na Colônia?

Luís Alberto: Repete a pergunta, eu não entendi.

André Bueno: Você gostaria de nos contar mais alguma coisa interessante, relevante, sobre a sua experiência, sua vida na Colônia? (23:42)

Luís Alberto: Não... Na Colônia eu só tive alegria, graças a Deus. Eu vim pra cá novo. Comecei a trabalhar. E logo eu casei. Tive uma família, meus filhos tudo graças a Deus tem a vida deles. Eles estão felizes, a gente fica feliz também, eu mais a mulher. Tão aí criando os netos, pelejando. Eu não posso falar mal da Colônia não, por que eu só tive alegria aqui dentro da Colônia. Sempre fui muito bem recebido. Todo mundo me vê e fala, muita gente as pessoas antigas que eu mexia. Igual a Nedina quando ela foi ganhar aqueles meninos gêmeos, eles hoje são motoristas os meninos, eu estava de plantão no dia. Ela lá em cima na mesa, aí eles falaram: “*O Luiz, vê se você pega a veia da Nedina aqui*”. Eu vim e peguei a veia dela na hora. E toda vez que a Nedina me vê ela me fala: “*O Luiz, eu tô viva por causa de você! Você chegou lá aplicou o remédio em mim, e na mesma hora eu fiquei boa!*” Quer dizer, você se sente bem com aquilo! De você ter feito uma coisa boa pra pessoa. Igual eu sempre mexi com doente, mexi com curativo. Muita gente me fala: “*O Luiz, se você estivesse trabalhando, eu não estaria desse jeito!*” Então eu só tenho alegria aqui dentro da Colônia. Não posso falar mal, não falo mal daqui. Foi aqui que eu criei os meus filhos. Eu tenho o meu Marco que é formado em Engenharia. Então sempre tive esse prazer de criar os filhos, tá tudo bem! Deus é tão bom comigo, você precisa ver. A Paula menina formada, trabalha na área da saúde. Ela é efetiva do Júlia e da UPA do Barreiro, Prefeitura de Belo Horizonte. Então não tenho nada a reclamar, André. Só agradecer a Deus por tudo isso!

André Bueno: É isso aí, eu te agradeço mais uma vez a oportunidade. A sua memória é uma memória muito importante, porque ela é uma memória de trabalho, tratando a Colônia com o ambiente hospitalar. Por isso é sempre bom de ouvir! (26:13)

Luís Alberto: Obrigado, André! Me desculpa alguma bobagem que eu falei aí. Igual diz que a pessoa quando sofre de COVID a pessoa fica com a cabeça meio, e eu depois que eu tive a COVID eu fiquei... já tem dois anos que eu tive a COVID quase. E eu estava

esperando para vacinar, e eu peguei a doença. E pra você ver eu peguei na roça, lá em Goiás!

André Bueno: Olha para você ver!

Luís Alberto: O Wellington ficava falando: “*Vamos tio, vamos tio!*” Eu falei: “*Não, eu não vou viajar não, por causa da doença*”. Foi naquele tempo que a doença tava brava aquela coisa. Ai o Marquinho chegou: “*Ó pai você que tá com a ideia, vai pra lá, que o senhor vai ficar seguro lá na roça*”. Aí eu falei: “*Beleza!*” Cheguei lá, liguei para um irmão meu que mora em Goiânia, você conhece ele, o Zezinho. Ficamos de encontrar lá. Cheguei lá roça, aí tô bebendo água daquele pote lá da roça que é muito fresquinho né, muito calor lá. Ai Tatina, foi à cidade receber o pagamento dela. Quando ela voltou, voltou gripada. Aí aquela gripe foi aumentando, aumentando, aumentando. Eu falei: “*Não, isso é gripe só!*” Isso não é nada não. Quando no meio do caminho a menina ligou para nós, e falou que a Tatina tinha sido internada com COVID. Aí eu falei: “*Ah... eu também tô doente também!*” Eu abracei ela na hora de sair, tomava água no pote, despedimos dela. Ah... não deu outra. Fez exame em todo mundo, e só eu que peguei a doença!

André Bueno: Olha pra você ver.

Luís Alberto: E um irmão meu lá em Goiânia tinha pegado também. Tinha entrado todo mundo lá com ela. Aí eu tive que ficar lá sete dias internado, lá na previdência. Mas fiquei bom! Esse negócio da cabeça que eles falam que fica tonta, essas coisas. Eu já procurei um neurologista e ele disse que não tem jeito, é assim mesmo, e que devagar vai passando! Isso é sequela da COVID. Então vamos ver né? Estamos aí!

André Bueno: Então muito obrigado ao senhor.

5.2.7 Entrevistada: Eva Lopes dos Santos.

1. **Data da entrevista:** 02/09/2022 **Duração:** 27:19 min
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano (Cinegrafista).
-

Introdução

Eva Lopes dos Santos (Dona Eva) 84 anos, veio para a Colônia Santa Isabel em 1961 para se tratar. Com o fim do tratamento não quis ir embora, casou-se e passou a morar na residência própria. Dona Eva, nos conta fatos marcantes de sua vida abordando eventos, pessoas e lugares relacionados a sua memória afetiva.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 27 de agosto de 2022, eu estou aqui com Eva Lopes dos Santos. Essa uma das etapas do projeto de Mestrado que tem por título: “*Do isolamento ou patrimônio: O roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel*”, que consiste na realização de entrevistas, com pessoas que vivenciaram ou testemunharam o processo de isolamento dos atingidos pela hanseníase na Colônia Santa Isabel. Boa tarde, Dona Eva!

Eva Lopes: Boa Tarde.

André Bueno: Eu estou muito feliz em estar aqui na residência da senhora. Vamos começar?

Eva Lopes: Vamos!

André Bueno: Fale um pouco sobre você e sua relação com a Colônia Santa Isabel?

Eva Lopes: De antes? ou de agora?

André Bueno: Isso! Como a senhora veio pra cá? Como a senhora chegou aqui? Em que ano, se a senhora lembrar.

Eva Lopes: Lembro, como eu acabei de falar com ele agora, foi em 61, 1961.

André Bueno: E porque a senhora veio pra cá?

Eva Lopes: Eu vim porque o posto de saúde da cidade, lá ele não tinha assim, um tratamento, né? Eu pensava que eu precisava de um tratamento melhor, e lá não tinha. Eu ia e comparecia às consultas, mas não tomava medicamento. E a gente sentiu que ia precisar tratar. Alguém foi, desta Colônia Santa Isabel, foi e conversou com a minha mãe, e me olhou. Olhou meus braços, os meus cotovelos e falou assim, era até compadre dela: “*É comadre, essa menina vai... você vai precisar mandar ela... lá é Belo Horizonte, mas é pra lá até um pouco ainda. Mas você vai ter que levar ela pra fazer tratamento, porque o tratamento do posto não está sendo suficiente não!*” Eu estava o que? Eu era menina. Pra mim, eu nem ligava as coisas, né? Criança, por mais apegado às mães, mas aceitava. Aceitei e vim embora, achando que eu estava fazendo um passeio. Mas quando a minha

mãe despediu.... (Fala com emoção) Que ela ia voltar, e eu ia ficar. Foi difícil! Nunca tinha me separado dela. Mas depois eu fiz amizade, e de repente eu fui acostumando com a vida. E não demorou muito, eu arrumei um namorado, e comecei a namorar, e deu certo. E daí 10 meses eu casei. Não demorou um ano não, de Colônia assim, solteira. E não demorou muito, a gente comprou a residência aqui, que era muito humildezinha, muito pequena. E eu não mudei mais, moro nesse lugar até hoje, na mesma casa e só foi renovando, reformando e eu não mudei mais. E aqui pra você ver, em 60 eu casei no final do ano. Em outubro, no mesmo ano, cheguei aqui no começo do ano, e no mesmo ano eu casei. No final do ano pagamos aluguel um pouquinho tempo, três meses e vim para essa ponta de rua, e moro até hoje. Nunca mais mudei de casa, moro aqui mesmo. E ele né, viveu até quando foi possível. Quando ele já tinha... 50, né? Faz 50 e poucos anos, ele faleceu em um acidente. Eu continuei na moradia, e moro até hoje. Já fez o que, que ele morre? 25 anos.... tem 25 anos que ele morreu. Então foi assim. Eu to aqui ainda, né? Com 84 anos, eu ainda tô vivendo. E tem a vida da gente, a Lilian, né? Foi muito bom, e está indo, né André? Vamos ver até quando. Agora está ficando mais perto do final, a gente sabe disso, né? A idade chega e não tem jeito mesmo. Mas é uma vida! Um dia desse eu recebi bastante foto que era da minha mãe. Não sei lá, se acharam lá nos guardados lá, nos baús que tinha quieto lá. E trouxe pra mim, as fotos. Mas não tem nenhuma foto minha de solteira, e sei que eu mandava, eu levava quando eu ia na casa dela, lá fora. Mas eu não achei nenhuma minha de solteira, mas tem muita foto da família, e tá comigo. Eles trouxeram pra ficar comigo, as fotos. Mas assim, de mim solteira, eu não sei, as crianças do meu irmão, brincou as vezes, que ela não achou não, minha cunhada não conseguiu as fotos não. As outras fotos só as mais recentes, né. Da minha chegada aqui, eu não achei nenhuma, infelizmente. E eu sei que muito né. 60 com 40 tem muito tempo, tem razão de sumir mesmo. Ela não achou não, as fotos não, mas foi nesse ano de 61 quando eu cheguei. Eu fiquei no pavilhão central. Nós pagamos aluguel um pouquinho tempo, e já viemos pra comprar essa casa. A senhora que era dona aqui, André. Era mãe da Expedita, essa faleceu agora recente, que morava aqui nessa rua. Era a casa que era dela, aí nós panhamos dela. E foi mexendo, foi arrumando. Era muito pequenininha, chovia muito, e tal. Fomos reformando a casa, e não senti vontade de mudar não. Como se diz: “De Colônia para Colônia, eu fico aqui mesmo”. Eu não mudei não! Teve época que pensei em pedir vaga, mas eles não sediam não. Se a gente já tivesse onde morar, né? Eles não davam vaga lá não, o Estado. E eu me quietei aqui mesmo. Estamos aqui.

André Bueno: Dona Eva, a senhora falou que chegou aqui bem jovem na Colônia.

Eva Lopes: Cheguei!

André Bueno: Então a memória da senhora é bem fresca. Me fala um pouquinho da estrutura física da Colônia naquele período? A senhora pode falar como que era? A senhora falou que foi do pavilhão central, né? (07:53)

Eva Lopes: É!

André Bueno: Como que era a Colônia Santa Isabel?

Eva Lopes: Ahh ... não tinha assim, liberdade não, né? Era bem assim um regime, né. Até as minhas visitas que chegava, chegava pelo Mário Campos. Minha família me visitava. Mas tinha um guarda aqui, tinha outro guarda lá, naquele ponto lá em cima. Aí os guardas vinham aqui me chamar. Eu tinha que ir na delegacia, pegar uma licença para minha família chegar. Aí eles atravessavam a Colônia. Eu já morava nesse local aqui, eles chegavam aqui, eles podiam ficar. Mas para eles passearem na Colônia, tinham que ir lá

no Sr. Barreto, como eles chamavam, o delegado. Aí ele escrevia uma ordem, a licença. Eles podiam passear no campo de futebol, passear e dar umas voltas lá embaixo. Mas aqui em casa eles já podiam ficar, já podia, eles não implicavam não. mas tinha uma corrente aqui na entrada, né. Para passar ela tinha que conversar. Conversava com o guarda, e o guarda conversava com a delegacia, né: *“Tinha uma família de fulano de tal que queria conhecer... e tal se podia deixar”*. Eu sei que era o Sr. Barreto que autorizava. Bem, eu casei nesta igreja aqui, Matriz de Santa Isabel. Foi em outubro de 61, o meu casamento. E nós fizemos o que... 50, 50 e poucos anos que durou, né? Chegou a 50 não, eu não to muito certa não, de casado, não chegou não. Nós fizemos bodas de prata em 25 anos, chegamos a fazer depois 33, era até comemorado, mas foi só, não durou muito mais não, porque aconteceu o acidente com ele.

André Bueno: E deixa eu perguntar a senhora, desses lugares que a senhora falou da Colônia, a senhora trouxe até a novidade da igreja, do campo. Qual desses lugares mais te marcou nessa passagem sua da Colônia? (10:28)

Eva Lopes: Acho que marcou mais, foi porque não demorei muito, eu comecei a dedicar a igreja. Me pediram se eu poderia trabalhar, ajudar lá na Igreja Católica.

André Bueno: O que te marcou mais foi a Igreja?

Eva Lopes: Marcou mais foi a Igreja mesmo.

André Bueno: Fale um pouquinho como era lá?

Eva Lopes: A Igreja era antiga, né. Fizeram ela de novo, era uma igreja bem menor, simples mesmo. E a gente vinha do pavilhão. Pavilhão a igreja, da igreja pro pavilhão. Nas quartas feiras e domingo, podia ir no cinema, ou com namorado, ou se não tivesse namorado, né também podia ir com os colegas. Cinema no baile, aos sábados, assistir o baile. Mas foi pouco tempo, eu casei logo, logo no outro ano eu já estava casada. É... casei e nós moramos até em uma casa aqui, ela é marcada de enchente. Aquela casa que tem ali, perto do necrotério, o velório. Moramos ali só três meses, aí no mesmo ano, a enchente pegou nós lá, e nós viemos pra aqui, onde eu moro até hoje. Antes as enchentes não viam aqui não, e agora tá vindo. Porque pros fundos aqui, dos quintais enche tudo de água nas épocas de enchente. Mas de primeiro não, de primeiro era só nas quebradas mais próximas do rio. Aqui não vinha não. Mas não perturba a gente também não, porque é um pouco mais alto, vem só pelo quintal mesmo. As enchentes iguais esse ano mesmo, veio próximo aqui, veio na minha escada, em janeiro deste ano. Mas lá era muito bom, perto de tudo né, André. Perto da igreja, perto da intendência onde ele a gente chegou a trabalhar. Mas tinha o problema da enchente que nós não gostamos. Ter que sair, por as coisas tudo pro forro da casa, abrir lá e por as coisas lá, as coisinhas que a gente tinha pra salvar da enchente. Mas salvou, porque a enchente não chegou no teto. Mas se chegasse ao teto da casa a gente tinha perdido.

André Bueno: E essa enchente foi quando?

Eva Lopes: Essa foi no começo de 62, né.

André Bueno: Foi uma grande enchente então?

Eva Lopes: Foi uma grande enchente, foi! Eu nunca tinha visto enchente. Eu fiquei toda assustada.

André Bueno: E a senhora tinha acabado de chegar, né?

Eva Lopes: Tinha acabado de chegar. É... já estava criando bichos, galinhas e patos. Os patos que gostaram, mas foram embora, e as galinhas morreram na enchente. É.. Afogaram tudo, a gente não salvou elas a tempo. Aí também eu fui embora pra casa da minha sogra, atravessamos de barco, e daqui pra cima foi levando só o cachorro, tinha só cachorro. As galinhas levamos pra casa do vizinho, onde é o Celino que morava ali agora, não sei, perto da Maria do Amparo, sabe a onde?

André Bueno: Sei!

Eva Lopes: É! É ali que a gente deixou os bichinhos que a gente tinha, e fomos embora pra minha sogra. E ficamos lá até passar a temporada da enchente. Mas depois voltamos, secou tudo a casa. As poucas coisas que tinha, que pôs no alçapão que tinha no forro da casa também não. Fogão, já tinha fogão a gás, já tinha bastante louça, botou tudo no forro da casa, não perdemos não. Carregou as criações, galinha, cachorro, né. E nós ficamos lá na casa dela, nos Limas, como dizem, lá no Citrolândia. Ela nem queria que a gente voltasse pra cá não, queria que nós morássemos lá pro resto da vida. Mas nós não quisemos não, nós preferimos voltar, e tentar secar tudo. Porque ficou tudo muito úmido. É... meu marido chegou a adoecer. Eles falaram que foi de tanto mexer na enchente. Inchou os pés, deu nele uma anemia. Ele passou mal após a enchente, no mesmo ano. Mas graças a Deus ele melhorou e vivemos muito, e muito tempo.

André Bueno: E deixa eu perguntar a senhora. A senhora chegou em 61.

Eva Lopes: É!

André Bueno: A senhora casou no mesmo ano

Eva Lopes: Casei no final do mesmo ano.

André Bueno: Mesmo ano. Em 62 teve uma grande enchente, né?

Eva Lopes: É!

André Bueno: Me fale um pouco da interação da senhora com essas pessoas. Como era a vida na comunidade, a senhora tinha muitos amigos? (15:58)

Eva Lopes: Eu tinha na época duas pessoas conterrâneas da gente. Eu os conheci quando eles iam visitar a família. Parece que todo mundo era uma família só, né? Aí eu lembro quando eles chegavam lá, não era.. eles chamavam ele pelo nome mesmo dele, Raimundo Eloi Ferreira. Nós também era da família de Ferreira, então tinha até um parentesco. O outro era o Antônio Maciel, também era de lá. Pertinho! Nós tínhamos conhecimento com a família dele, é de frequência assim, de almoço aos domingos na casa da irmã dele, Dolores que era o nome dela. Ele faleceu aqui não tem muitos anos não é... não! Mas tem porque a esposa dele, você chegou a conhecer, a Joana?

André Bueno: Não!

Eva Lopes: Não? Eu pensei que não, por que tem muitos anos não que ela faleceu. Ela era esposa dele. Eles foram meus padrinhos de casamento da igreja. Eles eram conterrâneos meus. E o outro padrinho era um que mexia com padaria, com oficina, mexia com futebol também, ele foi outro padrinho de casamento do civil, já faleceram todos os dois, ele e a Isabel. É... Nós passamos só uma enchente lá, e fez bom negócio não, mas a gente sabia que o negócio não estava bom, com prejuízo! Mas nós queríamos sair, mas é que coisa que eles falaram que todo ano vinha enchente, aí nós saímos. Passou só uma enchente e nós mudamos. Aí a mãe da Expedita trocou, ela voltou nós, deu uma volta em

dinheiro, deu uns móveis, umas coisas. E ela foi pra lá, né? E nos veio. Nós veio pra aqui, e fomos mexendo, resolveu trabalhar, e ainda trabalhou bastante por conta própria. Trabalhava de empregado no Estado. Depois foi trabalhar pro Sr. Wilson Garcia, um comerciante forte! Você já deve ter ouvido falar nele, Sr. Wilson. Trabalhou no balcão para ele na loja que hoje é da Marli, lá é da Marli. Ele trabalhou ali como encarregado. Depois resolveu trabalhar por conta própria e reformas, mais de 20 anos trabalhando aqui mesmo.

André Bueno: Deixa eu perguntar a senhora aproveitando essa passagem dessas várias décadas morando na Colônia. Na década de 80 teve a abertura da Colônia Santa Isabel.

Eva Lopes: É... Foi!

André Bueno: E como foi esse processo de saída e reconstrução da vida fora da Colônia. A senhora acha que a sua experiência na Colônia, impactou a sua vida fora dela? (19:07)

Eva Lopes: Ah... Eu acho que não! O que pôde fazer antes, né? Foi bem aproveitado, eu acho. Porque a gente era muito nova, tinha mãe, com aquele tanto de irmãos tudo em casa. Então acho que foi bem aproveitado ter feito tratamento um pouco no posto né? Ainda que eu acho, que ainda não deixou de ajudar a gente salvar mais, né? Da doença, dos remédios que receitava lá. Mas não demorou muito a gente até melhor mesmo vim, e trazer a minha mãe. Ela ficou pouco tempo, ela providenciou, e ela vendeu o sítio, e ela veio, e ainda viveu comigo bastante ainda. Ela escolheu assim, tinha filho no Rio de Janeiro, tinha em São Paulo, tinha em Juiz de Fora e tinha no interior, lá em Manhuaçu. Aí ela escolheu que iria vender, mas iria ficar perto de mim, porque eu era a caçula dela. E ela viveu aqui comigo, bastante tempo, bastante mesmo. Aqui ela envelheceu mais. Faleceu aos 81 anos. Na minha idade, mamãe já tinha falecido, ela faleceu aos 81, eu tenho 84. Ela deu derrame, não teve mais vida.

André Bueno: Dona Eva, a senhora que morou aqui bem na divisa da corrente.

Eva Lopes: É!

André Bueno: Com o passar dos anos, a questão do preconceito. A senhora chegou a ir pra fora também? (21:03)

Eva Lopes: Ahh... o preconceito tinha muito ainda, sô! Tinha muito preconceito!

André Bueno: Mesmo depois que as correntes caíram? Como foi isso?

Eva Lopes: Uai, depois que tiraram as correntes, foi tipo liberado né, praticamente. Tirou a corrente, ficou a abertura, passagem. Tinha um guarda, continuou ainda, o guarda! Continuou bastante ainda, a noite principalmente, né. Era fechado mesmo. Eu acho que demorou, demorou bastante tempo ainda, não sei mais o mandato de quem que eles tiraram os guardas dos pontos. Que liberou mesmo, que tirou. Então mais ou menos, mas tinha um guarda, a noite principalmente. Eu dava um café ao guarda aqui, dava café para ele, dava uma chamadinha nele: *“O fulano vem e faz o favor de vim no portão pegar a garrafa de café”*. Às vezes tinha outra pessoa. Eles ficavam quase em dois. Porque se precisasse, se chegasse uma pessoa de fora, e precisasse conversar lá, um ia pra lá resolver com o delegado, e o outro ficava no ponto. Mas tinha guarda dia e noite. Porque se não, teria muita invasão. Aí eles ficavam, ficavam guardas. Mas para manter mesmo né. Se eles precisassem assim, mas se a pessoa saísse, ou fugisse lá pro lado do cemitério,

voltava meio assim, bêbado, né. O guarda deixava, quantas vezes que o guarda pedia pra deixar eles na beira do meu portão, não era dentro não. Pedia pra ele ficar lá até mais tarde pra ele voltar, acabar o efeito do álcool. Aí ele ficava deitado, não amolava a gente não. Ele ficava deitado até mais tarde coitado, e ia embora, ele morava pra lá, e ia embora. Não amolava a gente não. Mas lá perto do guarda, ele ficava lá chateando as vezes o guarda. Ele pedia pra deixar descansar a mente até descansar do álcool, e aí ficava. Não perturbava a gente não. Ah... Gente acabou tudo, os meninos que bebia mais na época. É... Eu conhecia eles, os rapazes novos! Nós íamos lá pra cima, passava do limite, bebida, e ficava até mais tarde. Mais tarde, quando eles já estavam bem, o guarda deixava ele ir embora pra casa. Agora eu acho que eles já morreram, moradores lá de cima, lá da Vila Rica. É... eu acho que hoje mesmo nós conversamos sobre esses meninos. Eu estava conversando com a Edina. Mas foi assim, bobo...

André Bueno: Dona Eva nós já estamos chegando ao final da nossa conversa. E eu gostaria de saber se a senhora tem mais alguma consideração relevante sobre a história da Colônia. Algo interessante sobre a sua experiência aqui? (24:25)

Eva Lopes: Hunnn.... É... a minha experiência do casamento que a gente morou só aqui né. Eu acho que foi muito bom! A gente morava ali perto da igreja. A gente tinha uma frequência na igreja. Festas a gente ajudava. E agora próximo de eu fazer cirurgia... lá onde que é do Isauro, ali né, que eles fazem as coisas, eu participava, ajudando dando uma mão lá. E foi assim a vida toda, a gente sempre foi dessa igreja né, da católica. Todos os dois, eu e ele. A Lilian foi batizada aqui. Então fomos ficando só aqui mesmo, a vida inteira. A família dele queria nos levar pro centro de Betim. Mas nós não chegamos a mudar pra lá não, nós não chegamos a morar no centro não. A família dele é que morava lá. Mas nós não moramos não, nós adaptamos mais aqui mesmo, nós já compramos e ficamos aqui mesmo. Agora hoje tem 8 dias que eu perdi o último dos meus cunhados da família, agora eu não tenho mais nenhum, mas até agora eu tinha um, cunhado. Hoje tem 8 dias do falecimento dele, do Edmundo. Mas na época eles eram 4 irmãos, tinha mãe, tinha um terreno bom em Citrolândia, mas nem assim, nem assim o meu marido não quis mudar lá não, ele fala que tinha vontade de morar na Colônia. Ele foi criado em Betim, no Angola. E eu sempre via ele falar que tinha vontade não era lá em cima não, em Citrolândia não, era aqui mesmo! E nós ficamos, a vida toda que Deus deu nós nessa ponta de rua, aqui mesmo.

André Bueno: Eu te agradeço à senhora, viu Dona Eva, mais uma vez!

Eva Lopes: É nada

André Bueno: Até uma outra oportunidade!

Eva Lopes: É um outro dia a gente está com outro repertório. Porque eu ainda estou, assim com aquele pensamento de hoje de ter 8 dias do falecimento dele, menino bom! Mas outro dia nós dá outra entrevista, que a gente está com um repertório melhor. Hoje eu ainda estou assim, angustiada com a morte dele.

André Bueno: Não..., mas essa foi fantástica! Te agradeço muito viu!

Eva Lopes: Nada! Nada a agradecer, André!

5.2.8 Entrevistada: Maria Aurora de Oliveira Diniz.

1. **Data da entrevista:** 06/09/2022 **Duração:** 31:57 min
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno.
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano (Cinegrafista).
-

Introdução

Aurora de Jesus, 87 anos, natural de Juiz de Fora. Chegou em Santa Isabel com 20 anos de idade acompanhando o marido que veio trabalhar como motorista. Dona Aurora não teve hanseníase, dessa forma morou toda a sua vida na área sadia. A sua partilha nos mostra como era a área de convivência de quem trabalhava na antiga Colônia, e seus principais espaços. E ainda, revela o importante papel das Irmãs do Monte Calvário no cuidado com os hansenianos.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 6 de setembro de 2022. Eu estou aqui com Maria Aurora de Oliveira Diniz. Essa é uma das etapas do projeto de Mestrado que tem por título: *“Do isolamento ao patrimônio: O roteiro de visita da colônia Santa Isabel”*. Que consiste na realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam o processo de isolamento dos atingidos pela hanseníase na Colônia Santa Isabel. Boa tarde, Dona Aurora.

Maria Aurora: Boa tarde!

André Bueno: Eu estou muito feliz com essa oportunidade.

Maria Aurora: Obrigado!

André Bueno: Vamos começar?

Maria Aurora: Vamos!

André Bueno: A primeira pergunta do nosso roteirinho aqui, Dona Aurora, eu gostaria que a Senhora falasse um pouco pra gente, qual a sua relação com a Colônia Santa Isabel?

Maria Aurora: Olha a minha relação com a Colônia Santa Isabel, quando eu vim para cá, eu conheci o meu esposo lá em Juiz de Fora. Era filho de um auxiliar de administrador daqui, Pedro Violante Diniz. E ele foi para trabalhar lá, hanseníase! Foi motorista. E pra trabalhar com meu tio, e eu conheci. Começamos a namorar, casamos, e depois aí, meu sogro, viemos pra cá, porque ele era o único filho homem. Eles eram 4 mulheres, e tinha ele só de homem. Então veio pra dar um apoio pro pai, nós mudamos para aqui, depois ele morreu e nós, é que continuamos.

André Bueno: A senhora chegou aqui mais ou menos em qual década? (02:00)

Maria Aurora: Eu vim pra aqui foi em 56, 57, tem 65 anos que eu morro aqui!

André Bueno: 65 anos!

Maria Aurora: Que eu moro aqui!

André Bueno: Me fala um pouco como era a vida aqui na Colônia nesse período. A senhora mudou pra onde aqui? (02:10)

Maria Aurora: Eu vim morar lá no portão!

André Bueno: No portão.

Maria Aurora: Na entrada da Colônia.

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Nós fomos morar lá. E meu marido foi ser motorista aqui. Foi motorista do carro dos médicos. Depois quando o motorista daqui que era do caminhão, passou, a ser o motorista do caminhão. Aposentou o motorista do caminhão aqui da Colônia, que fazia transporte de alimentos de Belo Horizonte para cá, de médicos no carro. Era levar médico, buscar médicos aqui para Colônia Santa Isabel. E tinha quando nascia nenenzinhos lá embaixo. As crianças não podiam ficar com os pais. Então o marido ia transportar eles a Belo Horizonte, os nenenzinhos. E muitas vezes eu fui junto carregando o nenenzinho. Nascia e não podia ficar. Ai na hora que nascia, já subia aqui pra cima que onde você mora, né? Que ali era o pavilhãozinho das Crianças, ficavam ali. E do lado de frente ali, era o laboratório que trabalhava o senhor Paulo Patrocínio, trabalhava ali.

André Bueno: Aproveitando que a senhora já falou um pouco, né, sobre alguns lugares específicos na Colônia. A senhora poderia me falar mais um pouco sobre essa estrutura física da Colônia? A senhora pode nos contar se existia divisões do espaço, de ambientes como que era aqui dentro? (03:21)

Maria Aurora: Olha, a gente não podia descer aqui para baixo, da sua casa para baixo a gente não podia, ninguém descer de jeito nenhum, não era permitido. Tinha guarda ali, né? Então aonde que tem aquela guarita ali, os pais iam visitar os filhos ali. O meu marido buscava as crianças no preventório, para fazer visita pros pais, aquele, nem sei como chamava, tinha um nome aquilo ali, foi delegacia, foi tudo do lado de cá, do seu lado de casa ali. Era assim que tinha, lá pra baixo não podia ir, eles não deixava ir.

André Bueno: Não podia ir..

Maria Aurora: Não!

André Bueno: Então era dividida? A parte sadia...

Maria Aurora: É Colônia e funcionários, aqui em cima a parte dos funcionários.

André Bueno: E como era aqui, quais as edificações tinham nessa parte dos funcionários? (04:33)

Maria Aurora: Como assim?

André Bueno: Os prédios Que a senhora lembra.

Maria Aurora: Olha, tinha lá onde que ficava as crianças, né. Tinha o laboratório que até hoje mora gente ali, naquela casa ali. E pra cima tinha a casa das irmãs, a casa das Irmãs, tinha um Pavilhão grande ali também, que eles recebiam as pessoas. Tinha a usina que fornecia luz, que ainda tem aquela casa ali até hoje. E vem subindo, depois da Casa

das irmãs, a onde que é, ali era o grupo das crianças. Atrás daquela rua que entra ali, era a lavanderia das irmãs. Que eu também cheguei a trabalhar lá lavando roupa.

André Bueno: Onde era a lavanderia ali?

Maria Aurora: Não tem grupo? Onde era o grupo. Atrás do grupo! Tinha ali uma lavanderia. Tinha a sala de passar e a onde lavava roupa. Tem ali que tem lá hoje casa residência, mas ali era padaria. Eles faziam pão, fornecia pra nós aqui, pros funcionários, para Colônia e lá pro preventório em Mário Campos.

André Bueno: O preventório era em Mário Campos?

Maria Aurora: Era em Mário Campos!

André Bueno: E quem ficava no Preventório?

Maria Aurora: Tinha irmãs, que eu não me recordo o nome, que tem muitos anos. E os filhos dos doentes.

André Bueno: Entendi.

Maria Aurora: Os maiores que vinham, e não tinha com quem ficar, né. E era de saúde, ficavam lá. Porque os que vinham logo que chegava aqui, ficava lá onde que você mora, que era o lugar que ficava. Pra fazer exame. Feito tudo direitinho, e depois que mandava pra lá. Os nenezinhos nasciam, subia para lá pra arrumar, pra levar pra Belo Horizonte. Aqui em frente a minha casa, era administração. Nessa rua aqui, onde morava o Sr. Aracy que foi um dos ajudantes, administrador aqui, né. Da outra parte de baixo morava meu sogro, na outra de baixo morava o mecânico, que era que mexia com o concerto do carro. E naquela parte de baixo que mora o pessoal do... como se chama, aquela parte ali.... eu esqueci o nome, morava, como é que chama... é a casa que ficava os médicos, depois veio morar! O médico morava ali, sabe. O Sr. Patrocínio, o Sr. Paulo Patrocínio, ele era laboratorista, ele trabalhava lá embaixo, mexendo. E depois tinha a casinha que era dos Padres que têm até hoje, e onde era a casa dos médicos que ficavam todos os médicos ali.

André Bueno: Tudo na rua dos padres ali?

Maria Aurora: Não, a rua da casa dos médicos, aquela que pegou fogo, como ela pegou fogo você já morava aqui.

André Bueno: Não, eu não lembro não.

Maria Aurora: É aquela que desce daquele lado ali, era uma casa muito grande, muito bonita.

André Bueno: Ali então era a casa dos médicos.

Maria Aurora: A casa dos médicos, que tinha a minha cunhada que é a comadre Tereza que cozinhava, arrumadeira, ela trabalhava lá, a Angelina. Era assim esse pedacinho, era pequenininho.

André Bueno: Era pequeno.

Maria Aurora: O resto aqui pra cima, de um lado era a casa dos funcionários.

André Bueno: Sim.

Maria Aurora: E aqui é do motorista.

André Bueno: Sim.

Maria Aurora: Então aqui não tinha muita casa não. Essa aqui na rua, que eles falam que é da favela ali, né, ali, tinha a casa de funcionários também não tinha mais nada.

André Bueno: Há tá.

Maria Aurora: Morava o pai da Firmina, né. Morava o Nhô que é irmão, e foi fazendo assim.

André Bueno: Tudo funcionário.

Maria Aurora: Os funcionários da cozinha

André Bueno: Os funcionários antigos?

Maria Aurora: Os funcionários que trabalham na cozinha. E a entrada para cozinha, não descia pela Colônia não, a onde que é hoje a ... aquele negócio enfrente a sua casa ali, é que tinha um caminhozinho que os funcionários desciam por ali, é era só aquele trechinho ali.

André Bueno: Um trechinho?

Maria Aurora: A onde que é hoje o que ela aquela quadra ali.

André Bueno: Assim!

Maria Aurora: Sabe? A gente descia ali por trás, descia ali para trás. A gente descia ali, porque tinha onde tem aquela casa que era laboratório, a gente passava por trás do laboratório para chegar na cozinha. Mas era bom aqui, era bom! O governo fornecia pra gente, nós tínhamos o pão, que era fornecido para os funcionários também. No mais, a gente não tinha nada, nós tínhamos que ir a pé até Mário Campos pegar trem, não tinha ônibus.

André Bueno: A senhora chegou a andar de trem?

Maria Aurora: Muito, muito, muito! Quando a minha cunhada foi casar nós fomos fazer compra em Belo Horizonte de trem.

André Bueno: É mesmo?

Maria Aurora: Quando não tinha o carro daqui, que eles precisavam, o diretor fornecia.

Maria Aurora: Dr. Geraldinho....

André Bueno: Para os funcionários, né?

Maria Aurora: Tinha muitos médicos aqui, só que eu não recordo o nome de todos não.

André Bueno: E a vida aqui na parte sadia, né dos funcionários. E era diferente da dos internos, né? (09:47)

Maria Aurora: Sim!

André Bueno: Tinha a questão das festas?

Maria Aurora: Tinha tudo.

André Bueno: Mas era separado, né?

Maria Aurora: Ninguém descia, e nem ninguém subia.

André Bueno: Sim.

Maria Aurora: Era só os filhos de funcionários!

André Bueno: Então fala pra gente o que tinha de diferente, lá?

Maria Aurora: Iiiii... aqui tinha baile, tinha barraquinha, carnaval, desfile de sete de setembro. Aqui tinha tudo nesse pedaço aqui!

André Bueno: Tudo separado?

Maria Aurora: Tudo separado, só os filhos de funcionários

André Bueno: Olha!

Maria Aurora: Tinha o campo de futebol. Tinha o time daqui que jogava.

André Bueno: Qual era o time daqui?

Maria Aurora: Santa Isabel!

André Bueno: Santa Isabel.

Maria Aurora: Toda vida foi Santa Isabel.

André Bueno: Santa Isabel.

Maria Aurora: É!

André Bueno: A senhora lembra da criação dele?

Maria Aurora: Quando eu vim eu já achei, né!

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Porque os jovens já jogavam. O meu marido que morava aqui, jogava.

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Não tem tanta novidade aqui não! Mas era... Ô... menino muito melhor, muito melhor do que hoje!

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Porque tinha a separação. Mas era uma tranquilidade, ninguém trancava a casa, ninguém fechava a casa. Eu saía pra Belo Horizonte qualquer família que saía, podia chover, que os vizinhos entravam na sua casa e fechava, e fazia tudo, né?

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Fazia tudo pra você! Tomavam conta dos seus filhos. Hoje você não pode, né? Quantas vezes eu saía pra Belo Horizonte eu e minha cunhada pra fazer comprar. E todos compravam na subsistência da Polícia Militar, lá em Belo Horizonte, pra cima da Santa Casa, como chama aquele bairro lá? Eu não sei.

André Bueno: Eu não sei.

Maria Aurora: Não sabe também não. Pois nós íamos fazer compra lá, o caminhão do Estado levava. O mantimento vinha descontado já no cheque, a gente comprava no cheque

do governo do Estado. E o caminhão trazia, e a gente vinha em cima do caminhão com a mudança, com os mantimentos tudo. Mas tudo era divertido!

André Bueno: Era divertido!

Maria Aurora: Aqui tinha tudo! Tinha coroação de Nossa Senhora, barraquinhas. As Irmãs faziam tudo, muito bom! Hoje o progresso ajudou muito em outras coisas. A luz aqui era péssima!

André Bueno: Era?

Maria Aurora: Era! Tinha o horário de ter a luz, tinha o horário de cortar. Ela chegava de manhã, 6 e pouco 7 horas, quando dava 7 horas da noite, a gente ficava tudo no escuro. tem que ir lá.

André Bueno: E essa energia vinha da onde?

Maria Aurora: Uai, antigamente dava qualquer defeito, a gente ia em Betim.

André Bueno: Ata!

Maria Aurora: A gente ia lá em Betim. Eles iam com o caminhão. Tinha o eletricitista aqui, e levava lá e ele mexia lá em Betim.

André Bueno: E a água que vocês bebiam aqui? (12:28)

Maria Aurora: Do açude! Tudo do açude.

André Bueno: Ahh... tinha um açude então?

Maria Aurora: O açude era maravilhoso!

André Bueno: É mesmo? Conta um pouco pra gente sobre o açude.

Maria Aurora: O açude era assim, a gente podia nadar. Porque em cima não! Em cima era pescaria. A água descia e tinha uma bomba ali. Mas no córrego, ih... a gente podia nadar no açude por baixo também, podia nadar. Nos domingos meu filho, aquela meninada, os pais iam levando tudo pro açude. Era muito tranquilo, muito gostoso, sabe? Hoje, o progresso foi muito bom, por que de certo sentido melhorou. Mas a gente tinha mais tranquilidade. Hoje você não conhece ninguém mais, acabou a Colônia! Você não conhece ninguém mais, né? De início, ninguém fechava a casa. Era assim, muito simples, muito pobre, não tinha asfalto, né? Mas era bem melhor! Bem melhor!

André Bueno: Fale um pouquinho da senhora também do trabalho, a senhora chegou a trabalhar na Colônia, né? (13:26)

Maria Aurora: Não! Eu trabalhei aqui na casa das Irmãs.

André Bueno: Na casa das Irmãs! Fale um pouquinho pra gente como que era?

Maria Aurora: Eu fui trabalhar na casa das irmãs, fui lavar roupa para elas. Eu ajudava em tudo que precisava. Aí precisou de lavadeira. Eu fui lavadeira, lavava a roupa delas tudo. Elas subiam lá de baixo, e tinha o quarto de trocar roupa, e tinha um tacho enorme! Ali a gente tinha um cabo de vassoura, pegava a roupa e jogava lá dentro da água fervente, já com os medicamentos, os ingredientes que eles davam, o sabão, a água sanitária. E fervia aquela roupa até! Fervia não cozinhava! E tinha os tanques onde pegava os cabos das vassouras, tirando dos tanques, e jogando nos tachos, tachos desses de cobre, grande! Tirando dali, e jogando dentro dos tanques, de uns tanques passava para outro, era assim!

Ali também, tinha a costureira, né. Que era a Dona Lita, a Maria Bacadinha também lavava roupa. As lavadeiras, primeiro foi a Dona Maria Bacadinha e a Lita. Porque eu vim pra cá, antes de começar a trabalhar, fiquei na casa do meu sogro. Depois é que arrumaram a casa pra mim, que eu fiquei definitivo. Mas foi muito bom!

André Bueno: Essa pergunta aqui que eu vou fazer, não está no nosso roteiro não. Mas eu gostaria de saber, a senhora falou dos funcionários, várias funções que tinham dentro da Colônia...

Maria Aurora: É!

André Bueno: Qual era a função das Irmãs? (15:07)

Maria Aurora: Lá embaixo, tinha a Irmã Deotata, mexia do pavilhão dos homens, cuidava dos homens. A irmã Elizabeth cuidava das crianças do Pavilhão para das crianças, que é o grupo ali, onde é o grupo ali embaixo das duas partes de baixo e de cima do Pavilhão. A irmã Florença uma tomava do pavilhão dos homens, e de uma tomava conta do pavilhão das mulheres, e tinha que tomar das crianças, tinha tudo separado direitinho Hospital, né! Era dentro dos Pavilhões mesmo que elas cuidavam. É tanto que lá perto do campo, era a Irmã.... Acho que era a Florência que tomava conta, Irmã Elizabeth das Crianças, e Deodata dos homens. E a Irmã Assunta, e Irmã Maria Rita da cozinha! Que cuidado e administrava a cozinha. E a Irmã Maria José, o almoxarifado, mexia no almoxarifado. Era ali, onde que é hoje, aquela igreja evangélica.

André Bueno: Ahhh.... ali que era o almoxarifado?

Maria Aurora: Almoxarifado.... É! E eu ajudei muito no almoxarifado também.

André Bueno: E o que que tinha no almoxarifado? O que guardava lá?

Maria Aurora: Tudo que vinha lá pra baixo, era passado pelo almoxarifado!

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Era mantimento, era tudo!

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Sabe? Era roupa de cama, coberta. Tudo que vinha passava por ali primeiro. A Irmã tinha o escritório, ela fazia tudo. Aí daqui transportava lá para baixo. Era entregue lá embaixo e depois que passava por aqui!

André Bueno: Entendi!

Maria Aurora: Naquela esquina onde morava a Rosarinha, onde morava o administrador, depois ... morou aqui muito tempo, depois que saiu que se aposentou, foi morar outro ali, o Sr. Aracy foi se aposentar há muito tempo. Tomou conta lá de baixo, muita gente nem gostava dele, pode nem falar. (risos).

André Bueno: (Risos).

Maria Aurora: O senhor Ambrósio também foi administrador, uma pessoa muito boa. Teve muita gente boa aqui, sabe? Graças a Deus! Aqui eu vivi esses anos todos, estou vivendo, graças a Deus! Não tenho arrependimento não, de ter vindo. Larguei a minha família lá, para acompanhar, marido, né? Mas graças a Deus, arranjei um marido muito bom, senão eu tinha voltado (risos) Mas foi bom, graças a Deus.

André Bueno: E desses lugares todos que a senhora falou. Qual desses lugares mais marcou a senhora aqui na Colônia? (15:07)

Maria Aurora: Em cima?

André Bueno: Aqui na Colônia, no Monte Calvário, né... Qual?

Maria Aurora: Lá na Colônia não tenho muito assim, o que dizer muito, porque nem podia descer lá!

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Vou só contar uma historinha.

André Bueno: Han?

Maria Aurora: Quando aquela menina casou, como ela chama, mora lá na Padre Damião.... como ela chama? Que ela mexia na igreja, nas cozinhas do Estado aqui?

André Bueno: Zenaide?

Maria Aurora: Zenaide! Eu lembro que no casamento da Zenaide. Eu conhecia muito os pais dela lá em Juiz de Fora. O pai, a mãe estava internada aqui! O pai dela trabalhava com o meu tio. Meu tio mexia com feira e o pai dela também. Então eu vinha passear aqui na casa do meu sogro, antes de vim morar aqui, antes disse ela chegou até ir comigo. Elas eram pequenas, meninas, eu levava a Zenaide, não a Zélia! Chegava na casa do pai, e depois o pai trazia. E a Zenaide foi casar. O Casamento da Zenaide, me convidou. E eu mais a tia Chica, e minha cunhada, descemos escondidos. O guarda, pois, nós pra cima, eu nunca passei tanta vergonha na minha vida! (risos) Nós estávamos lá, toda repleta na festa! Gostava da família, como gosto até hoje. Porque a gente conheceu lá na minha terra, e tudo né? Aí nós fomos lá no casamento toda repleta, mas não pedimos autorização, né? Porque eu acho que se a gente tivesse pedido o administrador, eles davam! Porque sempre que precisava passar da Colônia, não tinha Citrolândia, era só umas casinhas aqui e ali, né? E a gente tinha que passar ali né, porque o ônibus que vinha de Belo Horizonte, passava e largava nós no 23. O Igarapé só parava pra nós lá, nós não tínhamos outro jeito.

André Bueno: O 23, o que era 23?

Maria Aurora: Quilômetro 23!

André Bueno: Quilômetro 23!

Maria Aurora: É! Parava lá, então tinha que descer lá e vim a pé!

André Bueno: E onde era mais ou menos lá, o quilômetro 23?

Maria Aurora: Quase perto da ponte. Tinha que andar muito! Então a gente fugia, passava por aqui, Óh! Onde é que é o Citrolândia hoje, tinha trilho, a gente passava, pegava a BR e fazia as compras da gente lá nas Bicas. Muita coisa que não tinha em Mário Campos comprava nas Bica, né. E aconteceu que nós descemos para o casamento, e não pedimos autorização não. Quando estamos lá, o guarda: (faz um barulho com a mão), *sobe, sobe!* (risos)

André Bueno: Reconheceu a senhora, né?

Maria Aurora: Eu e a tia Xica (risos) mas que vergonha... a gente era bobo né? Hoje ninguém tem vergonha, mas nós tínhamos! Nós com a carinha murcha viemos embora...

a Zenaide deve lembrar disso! (risos) A vergonha que nós passamos, quando nós descemos lá. Mas aqui foi muito bom!

André Bueno: Muito bom! E aqui em cima, teve algum espaço, um lugar que marcou muito a senhora aqui? (20:37)

Maria Aurora: Não... não.... Aqui pra mim, foi tudo!

André Bueno: Foi tudo.

Maria Aurora: Por que tudo aqui, a gente era uma família só! né? Considerava uma família só! O que não era primo, era tio, sabe como é? Hoje é que tem esse monte de gente que a gente não conhece. Aqui tinha o meu compadre, que é o compadre Nhô parente seu né? (Direcionando a fala ao cinegrafista) (risos) que era meu compadre, meu amigão! Mas demais da conta mesmo, éramos como irmãos. Primos também, né? A gente era assim, o povo aqui tudo era compadre, comadre sabe como é que é? Não tinha esse negócio de separação não. Hoje que tem, hoje você não conhece mais ninguém!

André Bueno: É!

Maria Aurora: Hoje, por exemplo, eu estava rindo até com a Firmina. Que se for olhar, só resta eu e a Firmina aqui de velha quase, daquela turma mesmo, é uai! As meninas do Paulo Patrocínio, mas elas eram mocinhas naquela época, né. Mais velha mesmo é a Firmina com 80 e... Firmina tá com quanto? Eu estou com 87, acho que ela tá com 88, 89 por aí. O resto tudo era moça, rapaz. Os bailes muito gostosos que fazia aqui. Tinha os desfiles de 7 setembro, só aqui em cima.

André Bueno: Só aqui em cima.

Maria Aurora: Ensaivava os meninos, né. O grupo aqui, a Ana Maria ali dos Patrocínio era professora, diretora do grupo aqui, foi muito tempo.

André Bueno: Ahhh, tinha uma escola que a senhora falou né?

Maria Aurora: É a onde que é ali....

André Bueno: Sim! E ali só para os alunos daqui?

Maria Aurora: Daqui de cima! Só pros alunos filhos dos funcionários aqui de cima.

André Bueno: Entendi.

Maria Aurora: Aqui nós tínhamos a administração. Era o correio de um lado, uma sala de telefone do outro, porque não tinha telefone igual tem hoje, né? Aquele telefone, assim, só tinha ali. E o escritório dos médicos em cima, e atrás do lado de lá, onde mora o Pedro Bacadinha, era a farmácia. Os medicamentos vinham, ficava ali, e a irmã despachava para Colônia. Não era misturado os medicamentos no almoxarifado. No almoxarifado é mantimento, era roupa era essas coisas, mas medicamento era tudo separado. Era muito bem organizado isso aqui! Muito bem organizado mesmo! Essa turma era boa. A gente tem saudade, sabe? Daqueles tempinhos gostosos que a gente tinha. Só de andar a pé, que era dureza. A gente andar a pé, eu já fui a pé daqui em Betim. Mas vou te falar também tem uma parte boa. Porque, carona o pessoal que passava... eu sei que aquela estradinha era pequena, não era essa estrada que tem hoje que se movimenta. Qualquer um parava dava a gente, nunca ninguém desrespeitou! Hoje você não pode pegar uma carona.

André Bueno: Não poder.

Maria Aurora: Né? Beleza, pra você ver nós ia a pé mesmo fazer compra. Não tinha ônibus, tinha um.... Campo Belo, acho que é Campo Belo que saía da rodoviária às 7 horas da noite. Trazia a gente, mas parava pra nós onde que é... onde que tem aquela fábrica de colchão, parava pra gente ali, a gente tinha que descer ali e vim a pé até aqui na Colônia. Saía às 7 horas da rodoviária em Belo Horizonte, pra você ver como a gente chegava aqui?

André Bueno: Nossa!

Maria Aurora: E vinha a pé! E era feliz e não sabia. A gente vinha rindo, brincando, cantando, era assim, acabou a vida. Não posso falar da Colônia, não sabe? Nesses anos todos que eu moro aqui, não posso reclamar não. Criei meus filhos aqui! E não são poucos, né? Que eu trouxe pra cá, mas que eu ganhei e já veio pequenininho. Cresceu tudo aqui, casou, ai oh...Rendeu família aqui! Mas aqui bobo é muito gostoso, não posso reclamar não.

André Bueno: O Dona Aurora seguindo o nosso roteiro. A senhora poderia falar com a gente, como foi o processo de saída e reconstrução fora da Colônia. Você acha que tudo que a senhora viveu aqui dentro impactou a sua vida pós Colônia, depois que a Colônia abriu. Por que a senhora continua morando aqui dentro? (20:37)

Maria Aurora: Continuo, continuo...

André Bueno: E como foi depois que a Colônia acabou com a necessidade de isolar, como foi isso aqui?

Maria Aurora: Só tem novidade, né? Porque só cresceu! Mas não, o resto não tem mais nada. Aquelas coisas boas que a gente tinha, não tem, cadê? Agora tudo é ... além de ser boa, tudo era fornecido pelo Governo, né pelo Estado. A gente não comprava pão, não pagava aluguel, a gente não pagava luz, né? Tudo era oferecido pelo governo, então... aquela época era melhor né? (risos) Você pensa... não teve novidade, novidade aqui é só crescimento. Cresceu demais, e nós não temos estrutura. Pra você ver, aqui não tem um emprego para um filho seu... trabalhar em que aqui aí, onde? Só tem casas de moradia, né? Não tem uai! Pra você ver onde é a padaria, aqui é casas de morada. Onde era o grupo, casa de morada. Farmácia, acabou! Né? Não tem mais aqui, nós tínhamos a farmácia. Casa dos médicos, acabou! Tudo acabou! Não tem mais nada. Até o portão lá em cima, né? Acabou, só tem casa ali em cima. Quer dizer aquela estrutura antiga que a gente tem saudade, acabou! Era triste, era! Porque a pessoa era separada de sua família, e ficar lá embaixo era ruim, mas pra nós aqui em cima, não atingia em nada, né? Não atingia em nada. Agora o campo lá em cima, né? Que aqui tinha o time de futebol, vinha jogador de fora jogar aqui. Era muito bom! Os jogos... tinha uma turma muito animada. Não tem novidade de contar daqui daquela época, a não ser daquelas coisas. Porque aqui tudo é muito simples, tudo muito simples, mas tudo muito gostoso. Eu tenho muita saudade! Era triste num ponto, mas bom no outro.

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Para os funcionários era bom, né? Porque tinha uma vida sossegada, uma vida de liberdade, uma vida sem opressão. Porque hoje a gente tem medo. Doença, era proibido mesmo, não deixava, a não ser os funcionários, descia tudo requisitado pra descer. A gente não envolvia com eles, eles não se envolviam com a gente. A gente via muito era visita, quando descia no trem lá, quando vinha visitar o seu pessoal aqui, mas também não podia descer, ficava lá naquele parla...parlamen... nem sei como que chama aquilo ali, tinha a gurita, lé?

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Aí... primeiro não tinha corrente, ficava o guarda.

André Bueno: Sim.

Maria Aurora: Mas depois quando veio o médico para aqui, mandou colocar corrente, ai ai que foi pior, aí que não descia nada mesmo. Mas não tenho assim, muita coisa pra falar não, mas pra mim foi bom!

André Bueno: Foi bom né?

Maria Aurora: Foi bom!

André Bueno: Dona Aurora, a gente já tá chegando ao final da nossa conversa. A senhora gostaria de contar mais alguma coisa? (28:24)

Maria Aurora: O menino... não, eu não tenho não! Porque eu passei aqui, eu não tenho nada que reclamar aqui! Porque graças a Deus toda a vida me dei muito bem aqui. Não tenho, eu acho, sobre a questão da doença, na época que era proibido a gente ficou lá, não podia lá descer lá embaixo, mas graças a Deus, olha pra você vê a nossa comunidade não sofreu com nada, não sofreu com nada! Esse monte de gente que tem aqui ó quer dizer que eles falam da doença, mas para mim, não é tanto assim nada, né. E como se diz, dos séculos de Cristo né, que eles falam dessa doença. Não tem nada que falar dessa doença, não. Graças a Deus, eu criei os meus filhos tudo aqui, uma netaiada, já tenho até bisneto, né? Não tenho nada aqui, falar sobre a doença, sobre nada não. Porque eu vou falar se eu não tenho, vou falar uma coisa que, não é?

André Bueno: Sim!

Maria Aurora: Porque tem gente que tem preconceito, né? Preconceito existe! Mas eu não tenho que falar não!

André Bueno: Sim

Maria Aurora: Pelos anos que eu moro aqui, né? 65 anos não é 65 dias, né? É muito tempo, eu vim pra cá novinha. É...Bom demais!

André Bueno: Dona Aurora, muito obrigado a senhora viu!

Maria Aurora: De nada filho, só isso que eu posso te falar, porque eu falei demais viu?

André Bueno: Nossa! Foi bom demais!

Maria Aurora:(risos)

5.2.9 Entrevistada: Firmina da Natividade Silva.

1. **Data da entrevista:** 06/09/2022. **Duração:** 36:01 min
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno.
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano (Cinegrafista).
-

Introdução

Firmina da Natividade Silva, antiga moradora do Bairro Monte Calvário (área sadia). Chegou em Santa Isabel com 1 ano de idade, acompanhando o pai que veio ajudar na construção de alguns pavilhões. Dona Firmina, sempre esteve muito ligada às Irmãs do Monte Calvário, desta forma, revela com descrição, a relação de cuidado que as religiosas tinham com os internos. Além disso, mostra a sociedade que se formou paralelamente a área de internação, com lugares, atividades e festividades próprias.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 6 de setembro de 2022. Eu estou aqui com Firmina da Natividade Silva, e essa é uma das etapas do projeto de Mestrado que tem por título: *“Do isolamento ao patrimônio: O roteiro de visita da colônia Santa Isabel”*. Que consiste na realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam o processo de isolamento dos atingidos pela hanseníase na Colônia Santa Isabel. Boa tarde Dona Firmina.

Firmina: Boa tarde!

André Bueno: Estou muito feliz, com essa oportunidade de estar conversando com a senhora, podemos começar?

Firmina: Pode! Seu eu souber responder. (risos) É sério!

André Bueno: Me fala um pouquinho sobre a sua relação com a Colônia Santa Isabel.

Firmina: A minha relação é essa que eu já falei com você né. A gente não podia ir lá, mas eu ia assim mesmo. Porque quando eu trabalhava para irmãs....

André Bueno: Como que a senhora chegou aqui? Conta pra nós, vamos voltar um pouco.

Firmina: Ahh.... Quando eu cheguei na Colônia?

André Bueno: Isso! Quando que a senhora veio pra cá?

Firmina: Eu vim pra cá, porque os meus pais vieram pra cá. O meu pai veio para trabalhar, como eu te contei aquela vez. Foi nas construções desses pavilhões, aí. Ele trabalhou nesses pavilhões que construíram. Nós morávamos lá, onde é a olaria, lá! Tinha uma olaria lá do outro lado do córrego, ali que nós morávamos. Lá nós moramos até eu fazer um ano. E quando nós viemos aqui, mudamos pra perto do açude. Meu pai fez um barraco lá, barraco! Aquelas casas de pau-a-pique barriadas de barro. Ali nós crescemos,

viemos para a escola aqui, já tinha eu, o Nhô que eram os mais velhos, nós dois, éramos os mais velhos... Depois foi chegando os outros irmãos. Aí nós moramos ali até quase todo mundo crescer. Depois minha mãe, trabalhava aqui na lavanderia do laboratório antigo, que tinha ali onde hoje é o salão das irmãs, ali tinha um laboratório. E ali era a lavanderia das roupas do Estado, porque as lavadeiras lavavam. A minha cunhada trabalhava, a Maria Bacadinha, lavava a dos médicos, e a minha mãe das irmãs. Tinha aqueles tachões que fervia. Não tinha nada pra desinfetar, e tinha que ferver as roupas, né? Aí nós viemos pra escola, e aí nós crescemos ali, estudamos nesse grupo aqui. A minha mãe colocou nós na escola. A minha mãe trabalhava lá, lavando e passando as roupas das irmãs e do Estado. Ai eu fui crescendo aqui, né. Aí quando eu tinha uns 12 pra 13 anos, um dia a irmã, quando nós foi fazer o catecismo, para fazer a primeira comunhão, ali onde mora o Celso, ali tinha a Observação, e embaixo as irmãs moravam ali, elas moravam era lá, até que construíram a casa delas aqui em cima, as irmãs moravam ali. E elas davam a Irmã Gioconda... É Lina! A Lina que ela chamava que era a superiora delas aqui, dava catecismos pra nós, pros meninos que iam fazer a primeira comunhão, né. Aí nós fizemos a primeira comunhão. Aí ela perguntou a minha mãe se deixava, eu... ela já morreu também, a Teresa, Teresa do Olavo, que era mocinha aqui também, moça, né! Irmão do Narciso que trabalhava na cozinha e na serraria lá dos doentes. Limpar a capela, lá. Ai eu fui, fiquei lá limpando a capela muito tempo, a capela das Irmãs. Depois que a casa delas ficou pronta, elas mudaram. Eu continuei limpando a Capela. Aí eu limpei com a mãe da Célia. A Tereza saiu, foi casar. E eu movimenteí com a mãe da Célia, a Angelina. Eu limpei com a Pituca, ela era uma menina que trabalhava na casa do Aracy, pai do Alaor. E aí eu fui ficando lá nas irmãs. Toda vida que eu me entendo por gente é trabalhando para essas irmãs, aí. Depois que eu fiquei moça, ela perguntou: *“Ficou sem lavadeira!”* Aí pedi à minha mãe para eu lavar a roupa. Eu fui e falei: *“Que não ia lavar não mãe, porque eu não ia dar conta”*. Isso eu já estava moça. *“Eu não vou lavar, eu não sei lavar roupa dessas irmãs!”* Porque eram 16 irmãs que tinha aqui. *A minha mãe falou: “Ah...sei que saiu que a Irmã Ludovica”*, era uma que trabalhava na cozinha, não tinha a Assunta, ela não tinha chegado aqui ainda não, não tinha chegado da Itália não. Tinha irmã Lina, que era a superiora delas, que trabalhava lá na casa lá embaixo. Tinha a irmã Andrelina, Irmã Liberata, a Irmã Ludovica que trabalhava na cozinha. Tava a Irmã Batistina, a Irmã Alexandrina. Essas irmãs antigona velha, ai, depois que foram chegando as outras. Aí eu continuei, fiquei lavando a roupa, porque não tinha... Elas tinham que ferver um tachão que fervia a roupa, porque elas trabalhavam na Colônia lá embaixo, e tinha que ferver a roupa, porque não tinha nada pra desinfetar. Era água e o sabão, lá. Aí muita gente falava pra minha mãe assim: *“Se ela não tinha medo de ficar mexendo assim..”* Aí começou as irmãs me mandar lá pra Colônia, e eu ia! Tinha uns guardas... eu tinha que falar que eu estava a mandado das irmãs. Descia, porque eu não descia lá embaixo, eles não deixavam, né. Aí eu descia, eu ia no pavilhão dos homens. Eu ai lá no pavilhão das mulheres que era lá onde pegou fogo, se lembram daquela vez? Que pegou fogo, lá. Eu ia, as irmãs mandavam eu ir lá levar as coisas. O pavilhão dos homens. Era no tempo que a doença, gente! Outro dia eu estava aqui comentando com as minhas meninas: *“Gente! Se vocês vissem os doentes que tinha aqui!”* Uns não tinham nariz, outros não tinham boca, tudo... E eu entrava assim, sem nada. Levava as coisa, lá que as irmãs mandava eu lá levar. Eu ia, e entrava lá pra dentro levava as coisas. Olha pra você ver, a minha mãe trabalhou com as irmãs muitos anos, mexendo assim também. Lavava as roupas delas, porque elas trabalhavam lá embaixo, e graças a Deus ninguém ficou doente! Era o que elas estavam falando sobre o negócio de doença, eu falei: *“Olha gente, doença é Deus é quem manda! Eu era então pra ser doente, não era?”* Porque eu tinha contato mesmo lá embaixo. Eu ia no pavilhão... depois a Irmã Elizabeth, porque o

pavilhão das crianças vocês lembram dela lá? Não né, vocês não lembram não, vocês são meninos. Eu ia lá levar as coisas para a irmã Elizabeth! E graças a Deus , não tive nada! E toda vida eu trabalhei com essas irmãs. Depois que essas Irmãs foram morrendo, a ... lá embaixo, lá na cozinha, trabalhava a Irmã chama a Anunciata, era dos Anunciados. Uma era brasileira, e a outra Italiana, a italiana era da cozinha. Menino, e quando eu ia lá, ela falava comigo assim: “*Que eu era muito piccola, a piccola*” era pequena, menina pequena. Ai Irmã Lina ficava falando comigo o que ela estava falando comigo, que eu não sabia nada de italiano. Ai ela mandava eu lavar a verdura pra ela, e fala que era pra mim olhar se tinha alguma lesma na verdura. E ela falava uns trem esquisito, e eu chama a Irmã Lina: “*O irmã Lina a senhora vem cá, porque eu não sei o que a Irmã Anunciata está falando*”. E eu to lá vida inteira foi mexendo na Colônia lá embaixo, aí eu depois sai, larguei as irmãs, eu casei, né. Sai de lá, larguei as irmãs. E depois eu voltei de novo, trabalhar. Depois que eu casei e fiquei uns anos afastados. Depois elas me chamaram de novo, voltei de novo. Aí já era o tempo da Irmã Assunta, a Elizabeth, Irmã Joana, né? Irmã Feliciano, uma que tocava harmônio. E nós nos encontrávamos lá. Era assim, meio dia em ponto, tinha um ensaio as missas eram em latim. Nós tínhamos o que tivéssemos fazendo. O que tivesse, tinha que largar e ir pra lá ensaiar, meio dia! Ai se não fosse, ela até puxava a orelha da gente, a Irmã Feliciano. Depois a Irmã Feliciano foi embora daqui, veio a Benigna, que era pior que a Feliciano de exigente. Também tocava harmônio. Ai a Feliciano, a madre levou para Belo Horizonte, nós ficou, nós ficou as meninas era eu, sua mãe (a Sandra que estava na Sala), a Nana, a Bituca, a Nilsa Palhares que era filha do Nestor Palhares, essa meninas. Nós cantávamos lá no coral da igreja. Ai meu filho vou te falar a minha vida foi toda assim, toda vida mexendo com irmã. Depois que eu me casei e tive os meninos, eu voltei de novo, e fiquei lá até me aposentar. Aposentei e voltei de novo, trabalhei mais 3 anos e 6 meses depois de aposentada. Porque elas não achavam. Falavam que não achavam gente pra por lá: *Ah... gente de confiança igual você, nós podemos sair e deixar a casa, entregue!*” Graças a Deus nunca aconteceu nada de errado, né. Mas a minha vida aqui, eu não tive muita coisa assim, de ter assim, qualquer pessoa é doente, não vai! A Bizu você deve lembrar dela?

André Bueno: Lembro!

Firmina: Lembra de Dona Bizu?

André Bueno: Lembro!

Firmina: O gente a Irmã Joana mandava eu ir pra casa daquela Dona Bizu, e tinha dia que ela falava comigo assim: “*Firmina, a hora que você tiver uma folguinha aqui, você leva isso, você leva aquilo pra mim, lá pra Bizu?*” Dona Bizu e a irmã dela Aparecida, eu ia, levava e chegava lá. Ela tinha uma gataiada! Lá tinha gato até em cima da mesa, os gatos dela subiam. Eu voltava: “*Irmã Joana, que tanto de gato é aquele?*” A Irmã: *Ah... Firmina não pode nem falar pra tirar aqueles gatos dali!*” Eu não tinha receio da doença não. Elas mandavam ir, eu ia lá embaixo levar as coisas. A Irmã Deodata mandava eu ir pra lá. A Irmã Elizabeth, a Irmã Joana, elas tudo mandavam eu descer pra Colônia, e não tinha isso. Depois foi aquele trem de por guarda lá, pra ninguém descer, ninguém descer. Mas nós passávamos ali, no fundo da minha cunhada, tinha uma pinguela A gente passava na pinguela para sair lá dentro da Colônia escondido. O Aracy, Nossa Senhora! Não podia descer na Colônia não, o pai do Alaor, não deixava não. Nós íamos escondidos, ali naquele Sr. Domingos Fernandes, comprava uma linha, comprava as coisas lá e não podia né, ele dizia que não podia.

André Bueno: Domingos Fernandes era uma loja? Era uma venda?

Firmina: Era uma venda, ali onde é que é... o que será que é aquilo ali agora? Ali em frente o... deixa eu te explicar. Você sabe onde que mora a Abadia.

André Bueno: Sim!

Firmina: Aquela loja ali do lado de baixo, ali. Que era a loja do Domingos Fernandes.

André Bueno: Sim!

Firmina: o que é aquilo lá hoje?

André Bueno: Agora é um prédio da prefeitura né?

Firmina: Ah... é da prefeitura?

André Bueno: Acho que ali funcionava o CRAS.

Firmina: Ah... ali que a gente comprava trem lá!

André Bueno: Então ali era uma venda, né?

Firmina: Era uma venda do Sr. Domingo. Vendia até fiado pra gente. Depois passou pro Sr. Amélio, ali no Cine Glória. Ali eles falam que o Teteco mora lá, não mora?

André Bueno: Sim, sim!

Firmina: Ali também era uma loja do Sr. Amélio. Você lembra do Sr. Amélio, né André? O Sr. Amélio tinha uma loja ali também. Nós comprávamos fiado ali, eu! E muita gente. Mas sobre isso aí, meu filho de doença, eu nunca tive receio de doença não. Agora que eu não tô cuidando muito, é porque eu não estou aguentando andar muito, né por conta do meu pé, né, mas ao contrário meu filho...Ó!

André Bueno: Dona Firmina, deixa eu falar com a senhora. Me fala um pouquinho mais. A senhora falou que teve a vida muito próxima das irmãs. (12:44)

Firmina: Tive!

André Bueno: Me fala um pouquinho mais sobre o trabalho das irmãs dentro da Colônia? O que elas faziam?

Firmina: Essa aí ó: Manuela, Deotata, trabalhavam no pavilhão dos homens. A irmã Elizabeth era com crianças no pavilhão das crianças. A irmã Gioconda era no pavilhão das mulheres, que ela trabalhou muitos anos lá. Tinha a irmã Filomena, era no pavilhão de crianças também, trabalhou muitos anos no pavilhão de crianças, a Filomena, uma baixinha, depois foi embora também, depois eu acho que até morreu por lá. Mas elas trabalhavam demais, viu! Um dia o Sr. jair falou comigo assim: "*Dona Firmina, quem conheceu a lepra*", que era a lepra que eles falavam, não era hanseníase, eles falavam lepra! Eu também continuei assim, porque eu enfiava lá. "*Mas que não teve ninguém, eu vou falar pra senhora*". No dia que ele estava trabalhando na casa das irmãs, nem médico nem enfermeiro aguentou o que essas irmãs aguentaram aqui dentro. Elas trabalhavam viu, vou te falar! Eles faziam, não tinha enfermeiro para cuidar, tinha doente, menino que caia até bicho nas feridas! Elas limpavam, mas trabalhavam, essas irmãs antigas. Era a Liberata, era a Simplícia, era a... como que chamava, a Irmã Simplícia, Irmã Liberata, a irmã Gioconda não, a irmã Gioconda ela mexia com criança mesmo. Essas irmãs, a Florencia pegava o pavilhão das moças. Elas tudo mexiam com os doentes, mas mexiam mesmo. A Manoela... O pai de uma cunhada minha, da Alzira, morreu a pouco tempo, agora lá em Igarapé, foi casada com meu irmão. Eu fui lá eu vi, no dia que eu fui pra

visitar o pai dela, eu fui com ela. As irmãs punha aquelas faixas, que sangrava né, aí a perna dele, ela falou: “*Olha Firmina, a perna do meu pai, é bicho!*” Tanto bicho que a irmã tirou da perna dele. Ai tinha feito o curativo, ele tava assim, eles não sentiam, falava que não sentia dor, né. Mas o Sr. Jair falava comigo, e eu falei: “*É verdade!*” Porque as vezes que eu vou lá, que o Sr. sabe como é que é: “*Não! Aqui não tem ninguém que possa falar que lidou com doente a não ser essas irmãs*”. E muita gente falou mal delas, né. Mas não! Elas trabalhavam viu! Elas cuidavam bem dos doentes, muito bem mesmo. Não pode dizer que não, aqui tinha muitas irmãs que foram embora. Tinha uma que se chamava Batistina, eu gostava dela. Ali naquelas superiores no início que elas vieram pra cá, veio foi essa aí quando elas vieram da Itália. Depois veio a irmã Assunta, ela chegou, eu nem lembro do ano que ela chegou aqui. Ela não conhecia gente negra não! Ahhh meu filho no dia que ela viu minha mãe, ela fazia assim ó! (Esfregando o braço) que era pra mãe... Aí as irmãs que tinham vindo primeiro falaram com ela que aquela era a cor dela. Porque eu acho que lá na Itália não tinha preto não, nessa época não. Aquilo não saia não porque era cor da pele. Ela custou entender porque a minha mãe era preta. E depois meu filho... a Eustaquia de nós dos irmãos, todavia foi a mais clara, né. Ai um dia mãe foi lá com a Eustáquia, ela não entendia, que a Eustáquia era filha de mãe não, porque ela estava carregando uma menina mais clara, e mãe era escura, né. A minha mãe era da sua cor assim. Ai a irmã falava: “*O pai dela é claro, o pai dela é português!*” Ficou explicando, elas entendiam a língua delas pra lá. A Anunciata não aprendeu a falar o brasileiro, essa que era cozinheira que eu trabalhei com ela lá muito tempo. Eu limpava a igreja. Essa aí não deu conta de aprender a nossa língua, não falava não. Mas a Assunta quando veio pra cá, não falava não. Depois que foi acostumando as irmãs. A Irmã Joana foi trabalhar para ela na cozinha, a Irmã Joana era brasileira, né. Aí foi ensinando ela, conversava com ela, foi aprendendo. Um dia, quem falou comigo? “*Uai Firmina, você não deveria sair da casa das irmãs não*”, eu não sei quem. Eu falei assim: *Ué eu então eu ia morrer lá na casa das irmãs!*” Eu velha já, chegou a época de aposentar, né! Eu gostava de trabalhar lá com elas. As meninas falavam, eu falei: “*Eu gostava, elas nunca me amolaram, elas tinham confiança em mim!*” Eu gostava de trabalhar. Se eu pudesse eu estava trabalhando até hoje, André! (risos)

André Bueno: Dona Firmina, a senhora falou através das memórias da senhora que a senhora morou na parte dos funcionários, né?

Firmina: É!

André Bueno: Mas a senhora andou muito pela Colônia, né? a serviço das irmãs.

Firmina: Andei!

André Bueno: Me fala um pouco da estrutura física da Colônia, como eram os prédios, a divisão, como era antigamente aqui? O que que tinha aqui dentro da Colônia de Prédio?(16:22

Firmina: Lá embaixo?

André Bueno: Lá embaixo, e depois aqui dos funcionários.

Firmina: Uai lá embaixo, ali onde é que é, não sei o que é aquilo ali. Eu não sei, os trens mudaram tudo, lá não fizeram perto do pavilhão, não fizeram um negócio lá? O que que é aquilo ali...

André Bueno: No pavilhão....

Firmina: Pra lá do açougue do...

André Bueno: Ahh... o museu!

Firmina: Aquilo é um museu?

André Bueno: É!

Firmina: Ali era um pavilhão, uai, dos homens. Era ali que os homens moravam. Uns homens, esses que eu to te contando doente que era muito ruim. Porque tinha o pavilhão dos homens e das mulheres. Das mulheres era o Mário Campos, lá perto do campo, né. E dos homens era ali, aquele pavilhão enorme, era grandão! Era ali que o pavilhão dos homens.

André Bueno: Sim!

Firmina: Era ali que era o pavilhão. E depois o das crianças, era aqui onde é a escola hoje. Era menina de um lado, menino do outro. Os meninos eram do lado de baixo e as meninas de cima. As irmãs tomavam conta, a Irmã Filomena tomava conta das crianças, do pavilhão das crianças. A Irmã Gioconda tomava conta do pavilhão das mulheres, lá Mário Campos, do lado campo, ali.

André Bueno: Sim!

Firmina: Era assim, a administração toda vida foi aqui em cima, né. Ali onde é que mora o Pedro.

André Bueno: Sei!

Firmina: Pedro Mentirinha, ali era administração. Ali era administração. Ali a onde que mora aquele povo lá que nem sei que povo é aquele ... eu acho que ele tem um lava-jato lá agora. Ali era o laboratório. Antes era ali onde era o salão das irmãs, ali que era o laboratório! Ali trabalhava enfermeiro, médico. Os médicos trocavam de roupa era ali, pra descer pra Colônia, tudo de roupa branca. Depois que eles jogaram o laboratório no chão, eu não sei o que fizeram porque eles derrubaram. Foi lá pra onde que é aquele lava jato perto da sua casa, lá do outro lado

André Bueno: Sim!

Firmina: Não tem um lava jato ali?

André Bueno: Tem! Tem!

Firmina: Ali era o laboratório. Depois eu não sei porque eles foram acabando com tudo aqui. Ali era o laboratório, depois que tirou aqui de cima passou pra lá, o laboratório era ali. A gente consultava lá! Porque o único lugar de consulta era no laboratório que você tinha que consultar. Os médicos atendiam as pessoas ali, eles atendiam a gente, os médicos examinavam e consultavam. E não tinha que marcar não, você queria consultar, você chegava lá e consultava. Agora que tem esses negócios assim de consulta, essa coisrada que vai. Mas antigamente não tinha. Você chegava, você passou mal, você chegou lá, você consultava. Agora....

André Bueno: Mas ali, era só para a parte dos funcionários ou da Colônia inteira?

Firmina: Da Colônia inteira!

André Bueno: Da Colônia inteira...

Firmina: Da Colônia inteira, podia consultar lá. Agora os doentes não! Os médicos iam nos pavilhões.

André Bueno: Assim!

Firmina: Porque tinha o de criança, tinha o de adultos, né? Que era de mulheres e homens. Os médicos atendiam nos setores deles. A gente aqui da saúde que se sentisse mal, assim. Podia ir lá que os médicos atendiam a gente, e consultava.

André Bueno: Lá no laboratório?

Firmina: No laboratório!

André Bueno: A senhora falou de vendas, tinha mais vendas?

Firmina: Tinha!!! Tinha o Madureira. Que é ali... a primeira televisão que o Tó comprou, foi lá no Madureira. Ali onde é que é um sacolão? Ali era uma loja de móveis e tudo do Geraldo Madureira. A Dona Helena morreu, será? A mulher dele, não sei, que ela era viva. Não sei se ela morreu, a Dona Helena.

André Bueno: , faleceu!

Firmina: Morreu né? Ali era uma loja do Madureira. Nessa época ali, o povo já podia descer lá pra Colônia, podia. Porque uns tempos não podia como eu estou te contando. Tinha até uns guarda até em cima ali, perto, em frente onde eu to te falando daquela lava jato. Ali tinha guarda, tinha até guarita deles ali, que a gente não podia descer. Mas depois liberou, e a gente podia descer. E o povo comprava as coisas lá no Madureira. A primeira televisão que nós tivemos, foi assim, o Tó falou assim: “*Ah.. eu vou comprar uma televisão. Eu vou comprar lá no Madureira!*” E comprou lá. Lá vendia móveis. Lá tinha a loja... essa do Madureira era a loja de móveis que todo mundo comprava lá. Tinha a Sr. Domingos Fernandes igual eu estou te contando. Lá ele vendia roupa. Não tinha esse trem da gente sair daqui e ir pra Betim, pra fora comprar as coisas não, compra aqui mesmo. Móveis, tudo a gente comprava aqui dentro da Colônia. Lá no Madureira vendia móveis, vendia tinta, tudo! Eu fico pensando, se essa Colônia tivesse continuado como era antigamente, era muito melhor! Eu acho! Antigamente era muito melhor. Não tinha essa coiserada toda não, né?

André Bueno: E a diversão como era aqui?

Firmina: A diversão tinha o Cine Glória lá. Ali podia descer, quando eles deixavam descer. Passava filme, carnaval. Nós podíamos descer, porque tinha a parte de cima. Agora eu nem sei se aquilo ali é assim, igual era, né? Ainda tem a parte lá de cima?

André Bueno: A parte tem!

Firmina: Tem uma escadaria ali?

André Bueno: Tem!

Firmina: A gente de saúde, subia lá pra cima, e assistia eles dançarem carnaval lá embaixo, naquele salão lá.

André Bueno: Então era dividido?

Firmina: Era dividido! A gente ficava lá em cima, e podia assistir o carnaval deles lá. E era um carnaval bonito que tinha aqui antigamente, só você vendo! E depois o cinema também, a gente podia descer pra assistir. O Aracy que era o administrador, sei lá o que

que é, acho que ele era administrador aqui... Ele não deixava descer não. Mas depois liberava e a gente podia assistir filme. Ficava em cima, e eles lá embaixo. As diversões eram boas! Aqui em cima também tinha festa boa aqui. Depois passou a ter carnaval aqui em cima, ali onde que é o grupo. Ali que era os bailes que tinha aqui em cima era ali no grupo. Ali eles faziam carnaval aqui em cima, essa Colônia já foi boa. Se tivesse continuado o que era, mas depois vai mudando tudo, né André? Vai aparecendo tanta coisa, o povo vai mudando. E agora quase nem tem gente que você conhece. Eu pelo menos. Às vezes eu estou aqui no portão, passa gente e me cumprimenta até por nome, passa de carro: “*Ô Dona Firmina!*” E não sei quem é! Um dia eu fui lá na casa da Dalva. O Godô está conversando comigo, está conversando, “*Eu falei minha Nossa Senhora quem é esse homem?*” Se o Michelin não chama ele por Godô, eu não sabia! Ele falou: “*Ô Dona Firmina, eu tô vendo que a senhora não tá me conhecendo*”. Eu falei: “*Godô menino, você era menino de escola, e agora um homão, né!*” Eu falei: “A gente nem conhece o povo mais, André (risos) Às vezes passa aqui, sabe. Me chamam por nome, eu cumprimento, eles respondem. Mas... E um dia que veio o povo lá do... morava aqui na Colônia, morador aqui, funcionário aqui. Ele mudou foi para Mário Campos? Os filhos dele moram em Mario Campo! Acho que parece que uma filha do Celino... irmã do Celino da Sonia acho que é casado com o filho dele. Eles vieram aqui um dia, meu filho! Ah...Eu estou conversando com o povo sem saber o nome, como é que eu vou perguntar o nome? Com vergonha de perguntar, eles sabendo que eu conhecia o povo, e eles me chamando pelo nome. A eu depois falei à minha Nossa Senhora o jeito é perguntar. Eu falei: “*Ô você me desculpe, eu estou lembrando de você, mas eu esqueci o seu nome*”... Ai ele falou: “*Eu sou o Geraldo do Geremias!*” Falei: “*A meu filho você me desculpa, a gente vai ficando velha e vai esquecendo das coisas*” (risos)

André Bueno: Dona Firmina de todos esses espaços que a senhora falou pra gente. Qual desses lugares mais te marcou aqui na Colônia, ou na área aqui da saúde? (26:40)

Firmina: Da Saúde...

André Bueno: É, qual desses espaços, lugares?

Firmina: Quem mais me marcou?

André Bueno: Isso!

Firmina: Eu acho mais me marcou, foi o meu serviço lá com as irmãs. Eu adorava trabalhar lá! Adorava mesmo! Só você vendo! A coisa boa, André que você sente, é da pessoa confiar em você. Você acredita, elas saiam, e falavam assim: “*Firmina eu vou te entregar a chave da porta da casa*”. Eu falava: “*Irmã, não! Se alguém bater, você pode atender!*” É a melhor coisa que tem é a pessoa confiar em você. E elas confiavam em mim, só você vendo. A melhor coisa pra mim, era isso! As meninas falavam: “*Mãe, larga a casa da irmã!*” Até quando o Tô estava ruim, mas ele falava alguma coisa que a gente entendia. Um dia ele falou com a Maristela assim: “*Que não pra Maristela deixar eu trabalhar muito mais não, porque eu já tinha trabalhado muito*”. Mas eu gostava de ir lá, só você vendo! Era muito bom trabalhar lá! Bom porque um, que elas confiavam muito em mim, e as meninas falavam que eu trabalhava muito, mas eu trabalhava muito mesmo. Que eu trabalhava! Tinha que ficar na cozinha e lavando a roupa, né. Porque a lavadeira de lá, umas vezes ficou faltando. O Sr. Jair tinha pedido a irmã a Nenzinha aquela que morreu lá... Aí ela saía, e saía calada, não falava pra irmãs que ia sair, e que não ia voltar no outro dia, não falava. E eu tinha que largar o meu serviço, fazer o meu e o dela. E tinha dia que cheguei aqui morta de cansada! Ai a Irmã Assunta chamou o Sr. Jair e falou:

“Olha você tem que conversar sério com a sua comadre lá, ou ela...” Ela é mãe.... Não sei se você conheceu, ela tem um filho que chama.... eu chamo ele de nego, eu não sei o nome dele. Eles moram em Citrolândia. O pai dele se chamava Edson e era muito amigo do Sr. Jair. Ele até era padrinho do Rojo, que era filho desse aí que sumiu, coitadinho, perdeu o Juízo. Até a mãe quando ele morreu ele já estava levado, né! E ela sofria muito com ele: *“Ah... Você conversa com a sua comadre, ou ela vem ou não vem. Porque a Firmina está trabalhando pra ela e pra mim!”* Aí ele falou assim: *“Ah... a irmã eu não vou arrumar ninguém mais não. A senhora acerta com ela, porque não tem jeito não. O menino está dando muito trabalho”*. Aí eu fiquei fazendo os dois serviços, lavava e passava e cozinhava. A Irmã Elizabeth me ajudava, né. Mas não era tudo! Era pesado pra mim, mas eu gostava! Foi ali que eu gostei mesmo! (risos)

André Bueno: Deixa eu aproveitar aqui Dona Firmina. Com o fim da necessidade de isolar, quando a Colônia abriu, né?

Firmina: É!

André Bueno: Como foi pra senhora esse processo? (29:40)

Firmina: De que?

André Bueno: Porque a senhora continua morando no mesmo lugar, né?

Firmina: No mesmo lugar!

André Bueno: Mesmo lugar!

Firmina: Eu morava lá, igual eu falei pra você no Açude, né?

André Bueno: Sim!

Firmina: Depois lá perto do açude, morava o avô da Célia....

André Bueno: (Pausa para trocar a bateria) Antes da gente trocar de bateria a senhora estava falando, de quando morou lá na olaria né?

Firmina: É... depois pra lá, perto do açude. Depois mudei pra aqui, do açude eu já vim aqui pra cima. Ali onde mora... você não deve saber onde que mora a Samara não né? do Damião não, né?

André Bueno: Não, não estou lembrando não!

Firmina: Em frente à casa do Marco Antônio!

André Bueno: Sim!

Firmina: A minha casa era do lado de cá dos meus pais.

André Bueno: Sim!

Firmina: Ali, eu casei, morava ali! E o Marco Antônio de cá.

André Bueno: Entendi! E aí abriu a Colônia...

Firmina: Abriu e.... Aí podia invadir a Colônia quem quisesse. A gente podia ir pras festas, podia ir pra assistir jogo. Podia tudo lá embaixo.

André Bueno: Isso impactou a senhora?

Firmina: Não... quando eles proibiram de ir... Igual eu estou te contando, nós íamos escondidos. Passava lá, naqueles fundos de córrego. Às vezes precisava de ir lá, e eu ia! Aí descia normal, né? Porque depois que abriu, liberou pra todo mundo descer. Os que já trabalhavam lá, né Célia e André, muitas pessoas aqui de cima eram funcionários, né? Tinha que descer para trabalhar. Aí eu acho que foi até por isso que eles abriram, sabe por quê? Quando gente daqui, que depois começou a trabalhar lá embaixo. A mãe do Marco Antônio, a Tuca, né? Todo mundo empregou. Foi descer lá pra baixo pra trabalhar, tinha que descer, né? Depois foi meus meninos, mesmo... Cláudio, Rogério, Rosimeire, Silvana e começou... acho que depois disso, que o povo arrumou emprego e foi lá pra baixo, eles liberaram porque tinha, né. Não tinha como eles não ir trabalhar.

André Bueno: E como era a questão do preconceito das pessoas de fora da Colônia, até mesmo depois que acabou com essa necessidade de isolamento. Como era a visão dessas pessoas em relação a vocês que eram funcionários. Tinha preconceito também? (32:24)

Firmina: Ah... Eu acho que tinha, porque tinha muita gente que tinha medo, tinha preconceito sim! “Ah... *Fulano mora na Colônia...*” Tinha! O povo tinha medo do povo daqui!

André Bueno: Até quem trabalhava na Colônia?

Firmina: Os que trabalhavam não! Mas o povo de fora, tinha! Agora você olha, o povo lá de Igarapé... Bicas, né... às vezes nem gostava. A gente quando ia, não tinha condução, a gente tinha que ir lá no alto para pegar a condução para Betim, para Belo Horizonte. O povo tinha medo da gente, tinha! O povo de fora tinha. Mas os daqui não, aqui não tinha ninguém que tivesse medo não. Alias se tinha ficava para si próprio. Mas assim, a gente não tinha necessidade de descer lá. Eu não tinha não.

André Bueno: Só o povo de fora que tinha medo, né?

Firmina: Tinha sim!

André Bueno: Dona Firmina, estávamos chegando ao final de nossa conversa de hoje. A senhora gostaria de compartilhar mais alguma coisa que a senhora acha interessante sobre a sua vida na Colônia, né? Na Colônia eu falo no geral. (33:46)

Firmina: A minha vida aqui eu não acho que foi ruim não. Eu acho que foi boa (risos) Boa assim ... a gente foi perdendo o povo da gente, morrendo e tudo. Mas é o que tem que acontecer mesmo. Mas eu não tenho que reclamar de morar aqui não, de ter morado aqui não. Criei os meus filhos tudo aqui, graças a Deus, criei! O meu marido arrumou serviço, ele não era funcionário não, ele trabalhava lá no chiqueiro para a irmã. Quando nós casamos, a irmã Assunta que criava porco, porque ela fazia a festa do natal para os doentes, era vendendo os porcos que ela criava no chiqueiro dela lá no fundo. Vendia para fazer as festas de natal, ela fazia aquele tanto de coisa para distribuir lá para os doentes. Ai depois ela mesmo que consegui com o Dr... acho que é Dr. Nilson na época era diretor aqui, ela arrumou emprego para eles. Empregou o pai da Célia, o meu marido, e eles arrumaram emprego para eles no estado. Mas eles trabalhavam, era assim, lá no chiqueiro lá da irmã cuidando dos porcos, e eu trabalhava na casa da irmã. Aí eu criei e criei os meninos.... Eu não tenho queixar não André, aqui eu não falo mal da Colônia não. Graças a Deus, os meus meninos foram criados aqui! Eu perdi o meu mais novo, que foi o Márcio, que morreu com 17 anos. Ahh... Mas isso é coisa da vida mesmo, tem que passar, né? (risos) E vamos passando.

André Bueno: É isso aí, Dona Firmina, eu quero agradecer a senhora por mais uma oportunidade, viu?

Firmina: uai se aparecer outra, nós estamos aí, né! (Risos)

André Bueno: Obrigado, viu!

5.2.10 Entrevistado: Eduardo Rabelo de Abreu.

1. **Data da entrevista:** 09/09/2022. **Duração:** 53:29 min
 2. **Entrevistador:** André Luiz de Jesus Bueno.
 3. **Participação:** Marco Antônio Germano(Cinegrafista).
-

Introdução

Eduardo Rabelo (Doutor Eduardo) 67 anos, médico clínico e hansenologista. Chegou em Santa Isabel em 1981 para estagiar no ambulatório como fase obrigatória da graduação de medicina. O Dr. Eduardo contribui de forma efetiva nessa entrevista, mostrando a relação médico e interno ao citar de forma poética a vida dessa sociedade composta por credos, classes sociais e culturas diferentes. Por outro lado, o seu olhar como profissional da saúde, revela a relação entre instituição/usuários e seus desafios atuais.

Entrevista / transcrição:

André Bueno: Hoje é dia 9 de setembro de 2022, eu estou aqui com Eduardo Rabelo de Abreu, e essa é uma das etapas do projeto de Mestrado que tem por título, “*Do Isolamento ao Patrimônio: o roteiro de visitação das cobras de Isabel*”, que consiste na realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram e/ou testemunharam o processo de isolamento dos atingidos pela hanseníase na Colônia Santa Isabel. Boa tarde doutor Eduardo!

Dr. Eduardo: Boa tarde!

André Bueno: Eu estou muito feliz com essa oportunidade de estar mais uma vez conversando com o senhor, vamos começar?

Dr. Eduardo: Claro!

André Bueno: Dr. Eduardo, fale um pouco para gente sobre a sua relação com a Colônia Santa Isabel?

Dr. Eduardo: Uma relação que depois de 41 anos aqui dentro, relação íntima, duradoura, harmoniosa e os conflitos que aconteceram ao longo desses 41 anos, eles na verdade, só ajudaram a consolidar a relação. Eu suspeito que por comodismo, eu não saí daqui, não foi bem por amor a causa não, preguiça de tentar novas aventuras, ou de tentar enfrentar desafios novos. Vai ficando aqui mais por vida mansa, povo tranquilo, e aquilo que te falei da outra vez, o lugar que dá sensação de que você está sendo útil, de que você está sendo, vamos dizer assim, a sua ação, os seus atos, eles estão sendo benéficos, então isso dá um sentido muito grande. Para nós, profissionais da saúde que trabalhamos em realidade dolorosas, essa sensação de tá sendo útil, de dar um sentido ao seu trabalho é tudo. Colônia é isso! Ressignificou uma série de coisas na minha proposta de vida, larguei de lado muitas coisas que pareciam ser caminho rumo à glória, a fama e a fortuna, pra ficar aqui tranquilo. Então essa relação é afetiva, a Colônia Santa Isabel é muito importante para mim, tanto é que algumas más línguas dizem que na verdade a única “mulher” que eu fui apaixonado, chama-se Colônia Santa Isabel. Os outros

envolvimentos afetivos foram superficiais, não duradouros e muito menos, não tão profundos, feita essa relação com a Colônia.

André Bueno: E o senhor chegou aqui em qual período? (02:50)

Dr. Eduardo: 1981, em maio de 1981 no final do curso de medicina lá na Alfredo Balena, nós fomos desviados do município de Ibitité de última hora para cá. A Fhemig aceitou receber os três acadêmicos para fazer internado Metropolitano, lembrar que a Faculdade de Medicina da UFMG, papel bonito que ela faz esse ambiente Universitário, ela não tem aquele “staf” de uma USP, uma UNICAMP, não tem os doutores tão famosos quanto, mas sempre foi uma faculdade envolvida com realidade, tentando mudar a realidade. Essa reforma pedagógica que houve na UFMG nos anos 1970, foi uma grande revolução. Foi a primeira Faculdade de Medicina a criar o internato Rural, onde o acadêmico era enviado no final do curso para o interior, desse enorme estado para entrar em contado com doença, tinha doença de Chagas, tinha Hanseníase, muita pobreza, o povo do norte submetido a condições duras de vida, condições precárias de saúde, então isso foi muito bonito, e o internato Metropolitano, destinado àqueles que não podiam ir para o internato rural, também é muito valioso. Isso na minha opinião influenciou na formação do caráter, mas com a faculdade/escola ela não deve só de se preocupar em transmitir conhecimento e informação, ela deve se preocupar em formar cidadãos, envolvidos com o mundo a sua volta, e a UFMG sempre fez isso muito bem.

André Bueno: E aprofundando um pouco nas suas memórias relacionadas a Colônia, qual foi sua primeira visão ao chegar aqui, como era a Colônia naquele período? (04:48)

Dr. Eduardo: Primeiro, é um lugar distante. A Fernão Dias, já existia, mas acho que não era duplicada ainda, então uma vinda de Belo Horizonte aqui era mais de uma hora, uma hora, uma hora e meia. Era um lugar ermo, porque o Citrolândia também era bem pequeno nessa época, devia ter 5/10 mil pessoas no máximo. Então a chegada na Colônia não era muito poética, não. Você tinha que atravessar toda Citrolândia, mas quando você descia aquele morro, ali do cemitério, você sentia que estava entrando em um lugar diferente. Primeiro, o ar ficava mais úmido, mais frio, e o verde do nada brotava, você olhava para sua esquerda, aquele pasto lindo que até hoje ainda está mantido, olhava para sua direita, árvores, mangueiras e toda região onde hoje tem aquele capinzal, que o filho do Juarez cuida, o Gilmar. Ele era todo arborizado e quando você chega em baixo, terminava a descida, você vai entrar na área propriamente dita, na área comunitária da Colônia, o primeiro choque, As correntes estendidas, a guarita, um guarda com um uniformezinho simples, um cacete na cintura, vindo descer a corrente. A gente passava com a nossa Kombi por cima daquelas correntes e aí tudo mudava. Lugar bonito! As ruas largas, as casas limpinhas, as pessoas sentadas em frente às suas casas, com ar bucólico, tipo de uma cidade de interior, mas você notava uma diferença, a população mais velha, muitos já apresentando sinais antigos da doença. Mas quando você chega, atravessa o córrego do Bandeirinhas e adentra área da Colônia, o que impressiona é a arquitetura mesmo, a forma urbanística que eles bolaram, nesses hospitais-colônias no ano 1920. Os arquitetos da época todos eles seguiam a mesma orientação, transformar esses hospitais colônia em lugares agradáveis. Então não tinha prédios de vários pavimentos, todos os prédios térreos, no máximo um pavimento, as ruas largas, os calçamentos com as pedras de paralelepípedo em desiguais, com o mato nascendo ali entre as pedras, e os nossos pacientes ali sentados pacientemente com instrumentos, tipo um anzol feito de ferro para tirar esse mato. Uma situação diferente. Os prédios amplos, espaços não faltavam, e as

peessoas, muita gente! Muita gente! Os profissionais de saúde junto com o povo da área administrativa, nós éramos mais de 600 pessoas. Nós chegamos aqui naquela época 1981, eram aproximadamente 2 mil internos. Esses internos, ficavam espalhados na área hospitalar, na área ambulatorial, na área dos pavilhões, enfermarias e por último na área comunitária. Mas o que mais me marcou foi a forma carinhosa com que a gente foi recebido. O meu colega Carlos, que era do Ceará- Fortaleza, estava também vindo fazer esse internato. Nós fomos de cara, disputar para ver qual casa a gente ia tomar o primeiro guaraná, comer as primeiras empadas, e foi na casa do Aprígio, da Dona Filhinha, aqui na Rua Ana Neri. Então eu adorava quando dava mais ou menos duas, três horas da tarde, hora do café, eu escapulia do ambulatório calado e ia para fazer o lanche. Aquele monte de empada acabando de sair do forno, a garrafa de guaraná. Aquela era mais gostosa que o guaraná de hoje. Aquele guaraná engarrafado que tinha. Essas são as memórias na minha opinião que mais deixam uma impressão forte. A forma do povo te receber. Na segunda semana que eu cheguei aqui, já tinha uma comissão de simonesienses, para ver quem era esse doutorzinho de Simonésia, que chegou novo aqui. Estava lá, Antônio Maciel, tava o Duca, tava o Reimundo Eloi, todos conterrâneos, hoje alguns ainda sobrevivem, o xerife. Poucos são os pacientes da Simonésia. Eu fiquei encantado com a forma como se conduzia a medicina aqui dentro, muito mais respeitosa, muito mais eficiente. Nós tínhamos professores da UFMG que trabalhavam aqui, um era o otorrinolaringologista, o Celso provavelmente teve aula com ele também, lá na técnica cirúrgica, 5º período, José Maria Porcaro Brandão, você deve se lembrar dele, o Antônio Guerra, o anestesista, os dois ortopedistas. Então a gente notava que aqui havia um serviço de alta qualidade. Fazia-se cesarianas, as retiradas de útero com miomas, as vezes estereotomias total, todas eram feitas aqui. As amputações, as aratodesias e hoje dá uma saudade enorme daquilo, porque hoje eu não estou fazendo nada daquilo mais. O serviço foi aos poucos sendo desmontado, a ponto de hoje uma biópsia de pele a gente não ter um local adequado para fazer esse procedimento. Então não deixa bater uma certa saudade. E a gente testemunha o Sistema Único de Saúde nesses anos sendo construído dessa forma, melhorando em alguns aspectos, na maioria dos aspectos. O Sistema Único de Saúde é uma coisa linda, que progressivamente vai sendo implantado, mas às custas de um desmonte de outras instituições e de outras estruturas de saúde que a gente sabe que ainda tem papel a cumprir. No caso da Colônia Santa Isabel, uma das cinco colônias do estado de Minas Gerais, a mais populosa de todas do Brasil, não pode desaparecer sem deixar memórias, igual querem as nossas autoridades do Governo do Estado. Eles alegam que isso daqui tem um passado não muito edificante, foi uma instituição total, serviu para segregar, no sentido amplo do termo, segregação no sentido de isolamento compulsório, numa tentativa infeliz de conter a expansão da endemia da hanseníase, e hoje o estado vê que isso não faz mais sentido, que deve pura e simplesmente desmontar tudo. Um erro! O Sanatório Santa Isabel tem condições de superar esse passado de um lugar que serviu para segregar, para excluir, um lugar que serviu para prestar, não um atendimento, mais prestar um tipo de assistência a essas pessoas, ele pode superar esse passado rumo a um novo papel no Sistema Único de Saúde. Qual seria esse novo papel? O de ser referência estadual em reabilitação terciária, para os agravamentos da hanseníase e das patologias correlatas a hanseníase, quer dizer, doenças que também provocam quadros clínicos semelhantes a hanseníase, como é o caso da diabetes, das neuropatias periféricas. O estado não vê isso com interesse, diz inclusive que não há demanda para isso, e a gente fica revoltado porque a gente tá aqui no dia a dia e sabe que a uma demanda enorme, oculta, reprimida, tão logo apareçam alguns serviços, vão aparecer esses doentes demandando por essa atenção. Cito o exemplo de um doente de Buritizeiro, cidade nas margens, do Rio São Francisco, vizinha de Pirapora. Esse cidadão perdeu toda a

capacidade de se relacionar com seus semelhantes lá na área rural de Buritizeiro, porque além de perdido supercílios, além de ter ficado marcas indeléveis, as infiltrações da hanseníase, ele perdeu a parte cartilaginosa do nariz. Então quando você olha para ele não tem mais essa parte cartilaginosa, tem um buraco literalmente, e isso o humilha e o constrange! A ponto dele falar: *“Doutor que coisa doida essa pandemia”*, eu *“Porque?”*, *“Com essa máscara eu posso esconder meu rosto e não preciso ficar falando para todo mundo porque eu perdi o nariz”*. Olha, isso é cruel! Porque nós sabemos que nós temos técnicas cirúrgicas relativamente simples que reconstrói o nariz desse rapaz, e ele vem tentando isso nos últimos 10/15 anos, desde que foi tratado no Eduardo de Menezes, tentando fazer essa cirurgia, mas não conseguiu ainda. Esse cidadão que é o visível, que é a ponta desse iceberg, tem outras dezenas, centenas talvez de pessoas na mesma situação deles, eles não tem 30 mil reais para pagar um cirurgião plástico, para fazer a técnica cirúrgica, mais comum nesses caso é um implante ósseo, que você faz retirando a parte do doador aqui no rádio, ou na urna, ou mesmo na crista ilíaca ou mesmo no crânio. O Doutor Tufik, fez essas cirurgias com vários clientes nossos que mudaram de comportamento, nós tínhamos um, que tinha essa mesma situação, que depois da cirurgia, começou a cuidar melhor da higiene do corpo, passou a ter orgulho em andar com brilhantina no cabelo, de andar com a barba aparada, tudo isso porque deu uma levantada na plástica, para eles isso foi tudo, no sentido de recuperar a autoestima, então a gente fica, digamos assim, não desanimado, mas fica numa situação de perder a esperança de que um dia a gente vai conseguir mudar essa realidade. Uma menina de 14 anos, diagnosticada com um caso de hanseníase, veio até aqui, decidiu não tratar em outro lugar, veio aqui, procurar aqui. Essa menina de 14 anos estava com a forma inicial de hanseníase, mas já com manchas enormes espalhadas pelo corpo. Demos alta para ela agora, depois de 6 meses de tratamento, ela completou 15 anos com a gente aqui, ela recebeu a alta, dois dias depois ela completou os 15 anos, ela já ficou sem as manchas, já no primeiro mês de tratamento as manchas começaram a ceder o que não é comum, eu pensava que essas manchas iam ficar residuais e ficar pelo resto da vida, mas aí desapareceu. Uma jovem com o namorado, aos 15 anos, cheia de vida, tudo para ela ter essa aparência devolvida. Como nenhum dos nervos dela foi afetado, ela não desenvolveu nenhuma incapacidade motora, e nem sensitiva, mas a mãe que também teve hanseníase que veio de Almenara, ficou com a garra, uma contratura móvel em uma das mãos, tentou desesperadamente fazer uma cirurgia simples, que é a transposição de um tendão, chamado palmar longo, trocando por um músculo que atrofiou, esse novo tendão, desse novo músculo ia possibilitar ela flexionar e estender os dedos, e os movimentos de pressão voltarem, os movimentos firmes da mão, foi negado isso a ela, enrolando, enrolando e não foi feita a cirurgia. Ela foi na justiça, já judicializou a questão, exigiu que o hospital dessa conta de fazer essa cirurgia, que ela estava tratada, ela queria fazer a reabilitação. A Organização Mundial de Saúde deixa isso muito claro, não basta só diagnosticar, fazer a terapêutica, você tem que reabilitar, você tem que prevenir incapacidades, uma vez elas implantadas, você tem que reabilitar seus pacientes, nós não estamos fazendo isso, nós não temos esse centro de referência nesse estado. Então essa senhora, mãe dessa criança que agora teve alta, revoltada com uma mão, uma criança de colo, e uma mão que poderia ter sido operada, o rapaz do nariz, são caso que eu ilustro a mostrar, que tem uma dívida social enorme o Estado de Minas Gerais, com os seus cidadãos, que foram atingidos pela hanseníase e que tiveram agravamentos passíveis de correção cirúrgica. O Estado de Minas Gerais não pode achar, que pagando uma pensão para os filhos separados, está quitada essa dívida, não! Quem identificou a pessoa com hanseníase, quem transportou pelos vagões da central do Brasil, essas pessoas, quem por fim isolou dentro de uma área física, fechada por correntes, foi o Estado de Minas Gerais, ele foi o executor, das ações

de controle de hanseníase claro, atendendo a política sanitária da época essa era sim da ossada do Governo Federal, e no serviço nacional de lepra que pedia essas normas esses procedimentos, mas quem executava as ações era o poder público estadual. Então hoje essa dívida, pode ser paga, o governo reconhecendo um dos seus hospitais da rede FHEMIG, a gente cita a Colônia Santa Isabel, porque é o que na minha opinião é o lugar mais capacitado, com recursos humanos, com infraestrutura, com estrutura física adequada a fazer esse papel, como não vemos nada disso, essa prataria ortopédica nossa, com essa última enchente virou sucata, parece que foi leiloada ae a um preço vil e perdemos todos os materiais, tudo. Então bate desesperança.

André Bueno: Dr. Eduardo, navegando pelas suas memórias, naqueles tempos áureos do tratamento que o senhor fala até de forma saudosa, me fala um pouco sobre os espaços de tratamento que tinham aqui. As pessoas falam muito sobre os dormitórios, mas onde que os internos eram tratados, se tinham locais para colocar medicamentos, como que era, aqui dentro da Colônia? (20:28)

Dr. Eduardo: Tinha! Os pacientes se dividiam, entre os que tinha autonomia para morar em casa, casais ou mesmo solteiros, tinham casas geminadas, onde ficavam 2,3 casais, tinham as outras casas isoladas, mas esse pessoal era a maioria, a maioria aí de uns 60%, nesse número de quase 2.000 internos. Havia as enfermarias onde estavam os pacientes que estavam em pior situação clínica, os acamados portadores de lesões ulceradas e cletensa, amputados, esses na enfermaria se encontravam numa estrutura física muito precária, acumulados em espaços mal ventilados, mal iluminados, higiene precária. Não era o Estado quem prestava era a maior assistência, eram os religiosos do Monte Calvário, eram os próprios pacientes, que se organizavam, que através das bolsas de laborterapia, faziam como se fosse um contrato informal com o Estado, e fazia o grosso do trabalho, que a gente chama de trabalho pesado, as trocas de curativo, administração de medicação, tudo. Mas lembrar, que nessa época que eu cheguei aqui 1981, já se iniciava uma grande revolução no tratamento da hanseníase, porque até então o tratamento da hanseníase era precário, era feito às custas das sulfonas injetáveis. Sulfonas que já eram usadas desde os anos de 1940, começou lá na Luisiana, nos Estados Unidos, num sanatório chamado Carville, que hoje é um grande centro de estudo de doenças tropicais. É curioso que os Estados Unidos tá lá, o Celso e eu conhecemos inclusive um colega médico lá de Carville que tava no avião, a gente indo para Pequim participar de um congresso, era época daquele escândalo com o Bill Clinton com a Mônica, e nós brincamos: “*Oh seu presidente*”, ele riu, mas a gente via, que ele é aquele tipo de perfil de cientista sério, fez uma apresentação bonita depois. Então lá no primeiro mundo eles têm centros de estudo mais avançados que os nossos, para tratar de doenças que são nossas. Você não vê hanseníase, não vê malária comumente no hemisfério norte, são doenças tropicais, doenças nossas aqui. Esse tipo de lembrança daquela época que os doentes tomavam injeção na veia e aquela mesma agulha era esterilizada de forma precária e era usada para aplicar em um paciente seguinte com outro medicamento. Essa era uma época muito, muito antiga. Nós disseminamos hepatite C, entre nossos pacientes, em números que a gente não tem ideia de quantos, porque muitos talvez vieram a óbitos sem diagnóstico de hepatite C, e provavelmente foi uma das causas maiores de óbito de pacientes saudáveis e não de complicação da hanseníase, que era insuficiência renal crônica, era a mais temida. Era uma doença muito comum entre os nossos pacientes os virchowianos que eram de forma grave. E naquela época, a forma de fazer vigilância sanitária também era precária. De 1981, com a chegada da FHEMIG em 1979 as coisas começaram a melhorar, a poliquimioterapia já estava sendo usada em 5 lugares no mundo em caráter ainda experimental. O Brasil foi um dos 5 lugares do mundo que implantou essa experiência

com essa poliquimioterapia. Manaus foi escolhida, lá tinha um centro dermatológico de doenças tropicais, muito interessante né! Também foi na Índia o outro lugar, óbvio, pelo número de pacientes, o outro lugar foi na Indonésia e também na Venezuela. A Venezuela viveu momentos de glória na medicina, chegaram até a falar de uma vacina contra a hanseníase, invenção do Zuniga, médico venezuelano, depois se mostrou ineficaz, não teve resultado que convencesse não. Mas nós viemos de uma época, que além de não ter vacina, a forma de diagnosticar a doença era através de um teste chamado Mitsuda, análogo à patologia, a biópsia que a gente fazia, e o laboratório? A precariedade se estendia ao laboratório, um microscópio em condições não muito boas de funcionamento, um técnico de laboratório, não havia ainda a figura do bioquímico e nem um patologista, então era muito precário! Com isto a morbidade da hanseníase, quer dizer os agravamentos que a doença provocava, ficavam aí o tempo todo. As osteomielites, a insuficiência renal, as doenças hepáticas, as intoxicações medicamentosas, o fígado sofria muito, o sulfona, até hoje né, as anemias hemolíticas provocadas pelos nossos remédios. Tudo isso era quase um modelo quase de Idade Média, não houve grande progresso desde que lançaram a sulfona em 1947 até 1980. O progresso veio quando a clofazimina foi associada a sulfona oral e a rifampicina, um antibiótico, os outros dois não são antibióticos, a sulfona e a clofazimina são quimioterápicos, o outro não rifampicina é antibiótico e sintetizado pro ser vivo. Então essa junção foi esse grande progresso que a gente viu, e que hoje faz a gente pensar que nos próximos 10/20 anos o Brasil conseguiria cumprir as metas da Organização Mundial de Saúde, que é ter a doença para 100 mil habitantes teria que ter só 10 pessoas com a doença. Essa prevalência é de 10 para 100 mil, ou de 1 para 10 mil nós vamos alcançar ela ainda. Para cada 100 mil brasileiros nós temos 16 com hanseníase, todo ano em torno de 30 mil casos novos. Eu mesmo vou notificar dois casos novos agora, semana que vem. Então, há um grande trabalho ainda a ser feito pela frente, para que o Brasil saia dessa posição constrangedora de ser o país que tem mais prevalência de hanseníase do que a Índia. A Índia sempre ocupou o primeiro lugar com seus 1,5 bilhão de pessoas. Não sei se você sabe, mas a China acabou de ser ultrapassada pela Índia em número de habitantes, o que não deixa de ser um pouco assustador. A população continua explodindo no muito inteiro. Então, aqui eu vejo agora um lugar que está servindo no dia a dia para ajudar no controle, das ações de controle da hanseníase, aqui ainda tem um lugar ao sol, a gente ainda tem o papel ainda a ser feito no Sistema Único de Saúde, antes de desaparecer sem deixar lembranças como querem alguns de nossos governantes. Para eles parece ser incômodo, que houve um dia que as políticas sanitárias que se aplicavam, era essa do isolamento compulsório.

André Bueno: Dr. Eduardo, desses espaços que o senhor falou, que o senhor trabalhou, vivenciou com os internos. Qual desses mais marcou sua vida na Colônia? (28:40)

Dr. Eduardo: Espaço?

André Bueno: É, os lugares, as casas...

Dr. Eduardo: Não. O bloco cirúrgico!

André Bueno: O bloco cirúrgico?

Dr. Eduardo: Foi onde aconteceu os momentos mais dramáticos, que nós já vivenciamos aqui. Foi dentro daquele bloco sem elevador, onde a gente subia com os pacientes nos braços.

André Bueno: Onde ele era?

Dr. Eduardo: Aqui no prédio do lado da igreja. O bloco cirúrgico, o bloco obstétrico, a parte de baixo, eram as enfermarias e funcionavam de forma boa, muito boa! Principalmente depois da criação da FHEMIG e da vinda para cá de dois médicos que mudaram completamente essa forma de lidar com os pacientes. Eram dois também ex-alunos da UFMG, o Álvaro Macro Machado e o Aldo Coelho. Que chegaram aqui e faziam a escuta torácica faziam uma palpação abdominal, apalpavam o pulso, os doentes ficam assim: “*Nossa o médico pôs a mão em mim, que estranho, eu era olhado por um médico de capote, com duas luvas cirúrgicas, e que não tocavam em mim e tão logo que me atendia, atendia os outros pacientes ele arrancava capuz arrancava o capote e ia embora*”. Então foi a primeira vez que nossos pacientes tiveram prontuário médico, isso já era 1980. Antes não havia, havia uns dados, dados nas fichas epidemiológicas clínicas, acoplado ao prontuário, o que seria o prontuário médico. Não havia o hábito de evoluir diariamente o paciente internado no leito hospitalar. E nem havia o hábito também o acompanhamento de pacientes de hanseníase “curados”, ou seja, não havia cultura de prevenção nem de reabilitação. Nós fomos inaugurar a sapataria ortopédica aqui já nos anos de 1996, dentro de um sanatório. E hoje já senti que não tem mais sapataria, foi simplesmente destruída. Agora além dos blocos cirúrgicos, as casas que abrigavam a gente, recebiam a gente para almoçar. Os espaços eram muito bonitos, eram espaços abertos que tinham nas margens do Paraopeba. Havia um lugar que chamava Cruzeiro, eu fui fazer uma peregrinação numa capela que tinha lá. Uma caminhada de quase 1 hora que você fazia, eu lembro, uma maravilha! Os pacientes com um milharal muito bem cuidado, as plantações de mandioca, o gado gordo e os animais que a intendência tinha, uns burros gordos, pelo lustroso, e o rio Paraopeba limpo, formando até cachoeira, em alguns trechos dele a água ficava mais turbulenta, matas do outro lado. E o passeio mais agradável que a gente fazia depois do almoço. A gente atravessava o rio e ia para os pomares da caixa beneficente. E ali Celso, a gente não só se fartava de mexerica, laranja serra d’água, laranja baía, como a gente enchia sacola, balaio e levava para casa, era uma fartura absurda! As hortas plantadas pelo Raimundo Eloi e os trabalhadores junto com ele. Então passava a imagem de fartura, de uma fazenda onde as pessoas eram felizes e havia abundância de alimentos, de atenção. Eu me lembro da pocilga, eram centenas e centenas de porcos que eram criados lá, então a cozinha era festa ali fora para falar, era saco de arroz de uma vez jogado naqueles panelão enormes, para servir refeição para 3000 pessoas. Então isso me impressionou, fez daquilo um lugar agradável, e foi por isso que eu não quis mais sair daqui. Uma mistura de comodismo e preguiça em enfrentar o desafio do novo, junto com a sedução do lugar e das pessoas, principalmente as pessoas que elas exerciam sobre a gente.

André Bueno: O senhor falou da intendência, falou também do trabalho das pessoas, dos internos, me fala um pouco desses lugares que tinham aqui, o senhor me falou dos criadores de porcos. Os lugares administrativos que aqui tinham do Estado, o que que tinha aqui? (33:10)

Dr. Eduardo: Tinha por exemplo algo que hoje a gente vê como repulsivo. Tinha um sistema de polícia interna, uma cadeia interna com guardas armados e com um comportamento truculento de alguns deles e eles eram comandados por um delegado que era um verdadeiro *gentleman*, o Bica. Um homem de fala mansa, um homem tranquilo que não se exaltava, e isso era um contraponto para as truculências dos guardas. Era a parte responsável por vigiar a Colônia, de colocar ordem. Havia também, algo de extremamente desagradável que era uma hierarquia muito bem respeitada, a figura do

médico acima do médico, o diretor, e acima do diretor lá mais distante o governador, parecendo Dom João VI, longe do dia a dia. Mas essa hierarquia ela também se processava nos pacientes. Havia os pacientes com melhor status econômico que moravam inclusive numa área melhor da Colônia, as melhores casas, alguns tinham carro que era na verdade um símbolo de riqueza de status econômico. E havia os pacientes em situação econômica não muito favorável que viviam também em outro lugar, ou seja, dentro da Colônia, dentro dos estigmatizados e discriminados ocorria também discriminação entre eles, havia uma hierarquia entre eles. Aquele paciente regresso do exército ou da marinha que era aposentado compulsoriamente e vinha pra aqui, o status dele era garantido, ele era um cabo, um tenente ou coisa parecida, e ele vinha com aquele espírito militar, então ele era tratado de uma forma diferente, diferenciado. Então normalmente ele era encaminhado para funções na área da intendência da chefia, era encarregado em implantar disciplina, e como todo ser humano que era lançado ao poder, os abusos, a mosca azul, não são só os nossos políticos que são picados por ela, mas faz parte da natureza humana. O Gandhi fala isso: “*A maior luta que o ser humano tem que fazer é contra si mesmo*”, contra a pulsão da violência, prepotência. Então você tem que desenvolver a não violência o arremessar, que é o princípio do budismo, que fala da não violência como forma de você possibilitar a vida em sociedade. E além do mais também havia a verdade, sátira, que são duas coisas que o ser humano sempre foge. Ele foge da verdade e da não violência e aqui tinha isso. Tinha muito *Fake News* que corria na época, que fazia que alguns sofressem algum tipo de coerção e de discriminação. Então a Colônia na verdade representava o que é o corpo da sociedade, extremamente desigual, constituída de uma minoria que compunha elite aqui dentro e uma maioria que se submetia a isso. Um regime parecido com o velho regime da França antes da Revolução Francesa, antes do Napoleão Bonaparte, você viveu essa situação aqui dentro e ainda hoje você percebe resquícios disso. Uma capacidade de os seres humanos serem irmãos fraternos de se tratarem com igualdade, com fraternidade, isso a Colônia reproduz de forma muito fiel. Acho que nós vamos mudar muito para o melhor.

André Bueno: Dr. Eduardo, você chegou aqui no início da década de 1980. As correntes estavam quase caindo. (37:36)

Dr. Eduardo: Estavam ainda funcionando.

Andre Bueno: Gostaria que o senhor nos falasse como foi esse processo de transição da queda total delas. Como foi isso para a comunidade e pro senhor também?

Dr. Eduardo: Olha a retirada simbólica das correntes, o Hélio parece que sabe ainda dessa corrente guardada em algum lugar, que na minha opinião faz parte da memória, deveria ser descoberto isso. A queda das correntes foi uma política adotada pelo governo de abrir os espaços fechados, abrir as Colônias, lembrar que a antipsiquiatria estava em moda na época, e havia um grande movimento em todo o mundo, o famoso movimento antimanicomial, na França, na Itália, explodiu esse movimento, os pensadores tipo Michael Foucault, o médico Fernando Bazalha, na Itália, o médico americano, todos eles construíram uma ideia de que os espaços fechados de exclusão, as instituições totais tinham que ser repensadas, tinham que ser abertas. Então a FHEMIG fez isso, uma política na minha opinião progressista, só que na prática a Colônia e o Citrolândia continuaram ainda sendo marcas do estigma, lugar daqueles doentes de morfeia. Um pedreiro nosso que estivesse trabalhando na duplicação da Fernão Dias, ou que estivesse trabalhando em qualquer obra pública aqui perto, ele tinha que fingir para os companheiros dele que ele morava no PTB, ou que ele morava em Contagem. Então na

hora que terminava o horário de trabalho deles, todo mundo se encaminhava para pegar seus ônibus e retornar à casa, o nosso paciente daqui, pegava o ônibus indo para Betim, para fingir que morava lá, para depois retornar para a casa dele, e o argumento dele era o seguinte: *“Ô doutor se eles descobrirem que eu sou de Citrolândia, que eu sou da Colônia, no outro dia o chefe de obra (como é que chama?), o encarregado da baixa na minha carteira. Isso já aconteceu com dois amigos meus e eu não quero que aconteça comigo, tenho mulher e filhos”*. E as escolas também de Betim, também foi um processo lento para receber os filhos de nossos pacientes, numa escola pública, no ensino fundamental e no ensino médio. Muitos deles tem história de discriminação que sofreram, os bullings na escola. *“Vocês de Citrolândia ficam ali no canto em, vocês têm aquela doença”*. Então foi um processo lento, mas que ainda hoje está em andamento, ainda hoje tem pessoas que evitam aqui, mesmo com toda a informação que a doença é de baixíssima contagiosidade, que a doença tem cura, que ela não mutila, não deforma o corpo humano se tratar em época correta, de forma correta. Mesmo com essas informações, as condutas de afastamento elas se fazem presentes no nosso dia a dia. Essas condutas, elas têm níveis, o primeiro é a evitação, eu evito aquela pessoa com a qual eu não me identifico, com a qual eu não quero me relacionar. Então eu evito cumprimentar, evito cruzar na rua, ou estabelecer maior contato. Mas depois da evitação, tem um segundo passo que é a discriminação, ou seja, eu não só evito a pessoa, como não a reconheço como igual a mim, em direitos, oportunidades, em nada. Discriminar no sentido de dizer: *“Você é diferente, você não é igual a mim”*. No terceiro passo das condutas de afastamento, seria a segregação, o isolamento físico e num espaço próprio da instituição total, por exemplo, um convento é uma instituição total, um presídio também é, por exemplo o Ceresp aqui atrás, é um exemplo de instituição total. As instituições psiquiátricas e as colônias também eram. Isso na minha opinião já foi superado. A segregação já foi superada! E hoje a gente vê os pacientes de Betim vindo aqui ansiosos para serem atendidos por nós. Elogiando a excelência do tratamento no Hospital Geral Dr. Orestes Diniz, falando que a enfermagem, os médicos e o corpo que trabalha no hospital tem uma forma diferenciada. E naturalmente você é melhor comparado a alguma outra coisa, você tem que ter um parâmetro para dizer, isso aqui é melhor ou pior, pois o parâmetro que eles usam é o atendimento que eles recebem na rede pública, tanto no município de Betim como na área metropolitana toda de Belo Horizonte. Então nós realmente aos pouquinhos estamos construindo essa ponte, e isso tem sido feito por funcionários, pela população. Cada vez mais se destacando como cidadãos com exercício da cidadania. Vê você lá hoje na FUNARBE, você percebe que tem um espaço enorme para promover cultura, memória, voltada para a Colônia. Dá a impressão que o espaço mais rico de todas as áreas de Betim, Icaivera, PTB. Colônia Santa Isabel, a primeira a ter um teatro, a primeira a ter história, e na verdade nós já produzimos muitas coisas boas aqui, os nossos artistas, você vê o Veganim por exemplo, você vê o Tião, muita coisa boa! Isso aos poucos tá desmistificando a ideia que a lepra não tem cura, que a lepra é sinal de impureza, sinal de uma maldição, ela é comum como outra qualquer passível de intervenção médica, passível de ser melhorada, e quem sabe um dia erradicada. Erradicar acho meio difícil hen! Essas bactérias estão aqui há 3,5 bilhões de anos, bem antes de nós, elas não vão embora assim fácil não!

André Bueno: Dr. Eduardo, você falou sobre a questão do preconceito em relação ao interno e também aos filhos dos internos. (44:24)

Dr. Eduardo: Sim!

André Bueno: O senhor como médico antigo do hospital da colônia, o senhor também sofreu preconceito?

Dr. Eduardo: Ah sim!

André Bueno: Ou sofre ainda?

Dr. Eduardo: Sofri sim! Eu lembro dos pacientes que queria ir ao meu consultório, eu estava na UNIMED dando plantão, só um exemplo, aí chega uma senhora que seria da high society, vamos dizer assim, acompanhada das filhas, do genro, para atender de uma precordialgia, que de cara a gente já trata como uma emergência médica. Não tinha uma equipe de acolhimento ainda, não tinha esse protocolo manchester não, um enfermeiro para seguir, então eu nem percebi que a dor no peito na verdade era a dor da alma, claro depois de fazer um eletrocardiograma, não tinha troponina na época, era KMB. Então, falou: *“Nossa que médico maravilhoso, quero tatar com ele, e qual é o consultório, não sei o que mais”*, aí alguém buzinou com ela: *“Olha ele é médico lá da Colônia Santa Isabel”*, *“o que? Não, eu já tô boa, já tô boa!”*. A mulher não quis saber mais de me procurar, porque eu trabalhava aqui. E o preconceito maior que eu fui vítima, foi de um Deputado, do grupo político do meu pai, da minha terra. E esse Deputado eu encontrei com ele no aeroporto lá no Rio, eu tava indo para uma viagem, ele também tava indo, e aí conversando *“Ah, você é filho do Zé Miguel, lá de Simonésia, e tudo. Como é que é? Você se formou em medicina? Onde você tá trabalhando”*, eu falei: *“Ah eu já estou na Colônia tem uns 3,4 anos, lá na Colônia Santa Isabel em Betim”*. Ele só arregalou, fez aquela cara de decepção, disse: *“Meu Deus, escutei falar que você ia para o exterior estudar psicanálise, que você ia seguir uma carreira, o que que aconteceu meu filho?”* mas ele falou com o doído, e a mulher dele também fez uma expressão de *“Tadinho desse menino que futuro, enfiar dentro de uma Colônia”* e ele comentou depois: *“Eduardo, filho de Zé Miguel, tinha tanta coisa pra fazer na vida, foi se meter lá na Colônia Santa Isabel”*. Eu não vou falar o nome do Deputado, porque o filho dele inclusive é um Deputado Federal hoje, pega mal, mas eu nessa hora fiquei magoado, falei: *“Meu deus, achei que ia ser elogiado, por ter escolhido trabalhar com a parte da população que é mais fragilizada,”* ou talvez me elogiar, pelo caráter nobre, o idealismo, que nada! Eu fui tratado como um babaca que fracassou, que não teve coisa melhor para fazer na vida do que vir para a Colônia. Então há sim, há essa ideia de que ser médico e trabalhar com os pacientes, é porque você não conseguiu coisas melhor na vida, ou não conseguiu ser aprovado numa residência, ou não teve nenhuma opção de fazer coisa melhor. É o que eles falam.

Andre Bueno: Dr. Eduardo, nós já estamos chegando ao final da nossa conversa, o senhor gostaria de contar mais alguma coisa que o senhor acha relevante, ou importante sobre a sua vivência na Colônia Santa Isabel? (47:40)

Dr. Eduardo: Ah sim! Na minha opinião, de 1981 pra cá, que é o ano que eu formei. Então eu comecei a trabalhar aqui em 1982, mas a coisa mais bonita que já aconteceu, é você tratar de uma pessoa que chegou aqui meio desesperançada, com o corpo todo coberto de lesões, o rosto infiltrado, os lóbulos auriculares enormes. Trazidos de cidades do interior, e 1 ano depois você dar alta para essa pessoa, com ela com uma aparência ótima! Inclusive, tem até uma mais bonita, porque a clofazimina, que é um dos remédios que a gente usa, ele impregna a pele, ele é um corante. Então tem umas pessoas morenas que são cafuzos né, eu não sei o que a clozefenina faz, que ela embeleza a pele dessas pessoas, eles ficam com a pele bonita, com a coloração homogênea, brilhante. Então essa experiência, de dar alta para essa menina de 14/15 anos, como demos alta para uma outra

criança também, vinda lá do Pará. Veio com a mãe e contraiu a hanseníase ainda no Pará. Então isso não tem forma nenhuma de gratificar mais, do que sentir que você foi útil, que você ajudou o indivíduo a recuperar a saúde física, recuperar a saúde emocional, a autoestima, e voltar para casa exercendo cidadania. E outra, a gratidão dessas pessoas, da família dessas pessoas, para com a equipe que tratou delas é a coisa mais bonita que existe. Eu vivo sendo alvo dessas delicadezas, dessas gentilezas, e tem hora que eu penso: “*Tô abusando, isso já é explorar os povos, a generosidade dos pacientes*”, mas não tem jeito, eles são generosos, são gratos e desses anos todos aqui, o que fica de bonito é isso. Dá a impressão que você pode morrer daqui alguns anos em paz, sentindo que sua existência fez muito sentido, que você deu significado ao seu trabalho, e lembrar que sem o trabalho não somos nada. Parafraseando Gonzaguinha: “*O homem sem o seu trabalho, ele perde a honra, e o homem sem sua honra, ele mata! Ele morre!*”. Então o trabalho dignifica, o trabalho te dá sentido. A Colônia, na minha opinião, me deu sentido. Já estou ficando velho, não tenho netos ainda, tô achando que quando chegar neto já vou estar na bengala, ou no andador, mas não tem problema, teve sentido vir para a Colônia, a felicidade de ver pacientes recebendo alta, chorando emocionados. Hoje aconteceu isso, uma menina, acadêmica de psicologia, uma moça de 18 anos, 19 anos, no auge da juventude, da beleza, do encantamento com a vida, foi diagnosticada com hanseníase, o mundo desabou! A mãe lá em Valadares já estava tratando, a mãe morrendo de culpa por ter: “*Transmitido a doença para minha filha, transformei minha filha também numa amaldiçoada por ter essa doença e tal*”. Essa menina depois de duas vindas aqui, virei para a tia dela que estava com ela: “*Liga para sua irmã, e fala que essa menina não teve, não tem e na minha opinião, não terá hanseníase.*” Consegui confirmar que ela não estava doente de hanseníase, o exame de laboratório, mas o exame clínico, me fizeram levar a conclusão que teve um erro de diagnóstico. Muito comum de nós médicos fazermos, e outra, de certa forma, falar para essa menina: “*Oh, você tá bem, não tem hanseníase, essa mancha sua, o nome da doença é prurigo nodular, você vai usar essa pomadinha, fica tranquila, pode voltar para casa tranquila*”. Você vê que os olhos começaram a marejar atrás dos óculos, isso te deixa feliz demais. Imediatamente a mãe lá de Valadares fica sabendo “*Oh, eu não tenho a doença, o médico falou que eu nunca tive, nem vou ter*”, isso é bem futurista, porque pode vir a ter, não sei. Mas isso aí não tem preço! Aconteceu isso hoje, aqui. Então todo dia acontecem coisas maravilhosas desse tipo!

André Bueno: Isso aí Dr. Eduardo, eu agradeço mais uma vez essa oportunidade de conversar com o senhor, é sempre uma aula. (52:37)

Dr. Eduardo: Não! Eu queria me desculpar, sou prolixo, verbo rico, se não me der um freio eu vou embora. Então tem que ter você para pontuar: “*Olha Dr. está viajando demais, vamos focar*”. Mas oh, foi um prazer também contribuir. Aliás é minha obrigação fazer isso, se eu sou funcionário público, servidor público, eu não tenho que só ficar tratando paciente, tenho que ajudar a informar, ajudar as promoções que levam nossa memória a não desaparecer, nossa cultura. E outra, contando com vocês como aliados para defender o projeto institucional do Sanatório de Santa Isabel, referência Estadual.

Em sua pulsão observamos de forma expressa, os lugares/espacos mais citados. Quando maior o tamanho da fonte mais citado, quando menor menos citado. Em virtude disso, de forma geral vemos que as questoes como moradia e religiao sao lugares marcantes para a comunidade, com destaque para a marca do isolamento com o PAVILHAO. Apes a conferencia e a analise metodologica proposta chegamos a um total de 53 espacos/ lugares organizados nas 3 zonas distintas: Zona sadia: 9, zona intermediaria 5, e zona doente 39. E notavel que a questao desse espaco/lugares tem a sua validacao pelas relacoes historicas e afetivas absorvidas pelo trabalho de historia oral, pela importancia com lugar de memoria e potencialmente a sua manutencao como cultural do municipio e a sua existencia no complexo urbano da Colonia Santa Isabel.

5.4 O DESENVOLVIMENTO DO RECURSO PEDAGÓGICO – O ROTEIRO DE VISITAÇÃO DA COLÔNIA SANTA ISABEL

Em maio de maio 2021, foi ofertada uma parceria com os professores do curso de Design da UFMG, que funcionou como uma consultoria dos estudantes de graduacao do Design, matriculados em uma disciplina do Professor Glaucinei Rodrigues Correa²². O trabalho conjunto potencializou a proposta de nosso recurso pedagogico dando ao roteiro uma identidade historica, cultural, patrimonial e turistica sem apagar o passado dos internos, mas ressignificando a comunidade atraves deste recurso. Ja os estudantes do curso de Design²³ ficou a experiencia em trabalhar uma proposta complexa na concepcao do design de um recurso educacional. Para a construcao do recurso, os estudantes basearam-se em informacoes apresentadas no pre-projeto e em uma visao espacial, a historia da Colonia Santa Isabel na busca de informacoes que possam encarnar a proposta. Vale salientar que foram feitas varias reunioes para chegar a este produto. Esta e a proposta que apresentamos adiante. Assim sendo, e fechada a parte estetica do roteiro, foram incorporados os espacos/lugares para a composicao do roteiro, como tambem historicos e texto interativos. Alem disso, foi realizada uma pesquisa na comunidade sobre suporte comercial para ser colocado no guia de servicos.

O recurso configurado como roteiro de visita para o Conjunto Urbano da Colonia

²² Professor na Escola de Arquitetura e Design da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador na linha Design e Educacao do mestrado Profissional em Educacao e Docencia - PROMESTRE da Faculdade de Educacao da UFMG.

²³ Felipe Oliveira e Marcos Philippe Martins estudantes do 4º periodo do curso de Design da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Santa Isabel consta informações históricas dos espaços de memória e um mapa, localizando edificações, espaços e bens culturais da antiga Colônia. Esse guia tem como objetivo mostrar as tendências de cada etapa do isolamento dos internos da hanseníase até os dias de hoje, através de uma comparação que o visitante poderá fazer ao visitar Santa Isabel guiado por esse recurso pedagógico ao analisar os espaços e lugares usufruídos no passado e existente ou não no presente através da história cultural do urbano.

O roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel é uma inovação na proposta de difusão de patrimônio cultural com destaque no turismo local. Este recurso busca ressignificar um conjunto urbano constituído de forma traumática, em um núcleo histórico de importância igual a outro presente em cidades históricas.

O diferencial da proposta é que ao abordar a história ainda recente do isolamento e instigar o visitante a visualizar as transformações do espaço de isolamento e os processos de abertura de Santa Isabel. Esteticamente o roteiro contemplará a proposta sinalizando a cores, fotos e textos que se juntam para abordar a história cultural do urbano de Santa Isabel.

Apresentamos abaixo, o roteiro detalhado.



Figura 6 – Capa e contracapa
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

A capa e contracapa do roteiro apresentam a identidade histórica e cultural da Colônia Santa Isabel: o Portal da Colônia Santa Isabel.

Copyright © 2021. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
 É permitida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, desde que divulgada a fonte.



ORGANIZADOR

André Luiz de Jesus Bueno (UFMG)

ORIENTAÇÃO

Profa. Dra. Denise Nacif Pimenta (FIOCRUZ/MG)

COORIENTAÇÃO

Profa. Dra. Polyana Aparecida Valente (UEMG)

DESIGN GRÁFICO:

Supervisão:

Prof. Dr. Glaucinei Rodrigues Correa(UFMG)

Capa, projeto gráfico e diagramação:

Felipe Oliveira e Marcos Philippe Martins

Adequação gráfica:

Pedro Xavier

Representação artística da Colônia Santa Isabel:

Carlos Renato Pina dos Santos.

COLABORADORES:

Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira (UFMG)

Profa. Dra. Flora Rodrigues Gonçalves (FIOCRUZ/MG)

Prof. Dr. Jezulino Lucio Mendes (UFMG)

Prof. Dr. Reinaldo Bechler. (DAHW/Brasil)

MEMORIALISTAS

Aurora Maria de Jesus

Eduardo Rabelo

Eva Lopes dos Santos

Firmina da Natividade Silva

José André Vicente

José Bueno Filho

Luiz Alberto Silva

Mercês Aparecida da Conceição

Maria Laurência de Jesus

Olimpio José dos Santos

FONTES DOCUMENTAIS:

Acervo fotográfico da Secretaria de Arte e Cultura de Belim

Índice

- 7 Apresentação
- 9 Orientações
- 10 Histórico — A Colônia Santa Isabel
- 16 Lugares de memória
- 64 Mapa (Representação artística da Colônia Santa Isabel)
- 118 Festivals e mercados históricos
- 124 Guia de serviços

Figura 7 – Folha de rosto / Ficha técnica / Sumário. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

Compõe o roteiro, a ficha técnica com a informação das instituições participantes como os respectivos responsáveis técnicos pelo projeto. Um sumário para nortear as temáticas apresentadas na proposta. Para que o leitor encontre mais rapidamente o item de interesse.

Apresentação

Caro visitante,

A proposta deste roteiro de visitação emerge da necessidade de evidenciar e preservar a memória de espaços, arquiteturas e pessoas que não estão representados nos livros de História. Iremos percorrer os 90 anos da fundação da Colônia Santa Isabel (Betim – MG) e conhecer um tempo em que pessoas eram isoladas socialmente para o tratamento da lepra. Você pode até se perguntar “Mas o que eu tenho a ver com essa história?”. Bom, é esse o compromisso deste roteiro! Fornecer respostas a essa pergunta, bem como suscitar outras inquietações em você. Te garantimos: você vai se surpreender!

Neste percurso, você conhecerá uma comunidade que, durante os anos de 1931 e 1985, viveu uma experiência de isolamento médico e construiu muitas histórias, não apenas sobre a doença, mas, sobre artes, esportes, solidariedade e muito mais. Com

Com o objetivo de preservar o original, o conteúdo com o conteúdo de concentração de que o livro tem cor, o texto preto e seus detalhes, foram substituídos por cores em tons de cinza, de 29 de março de 2020.

A história da corrente é a história que a comunidade de Santa Isabel viveu. Com o consequente desenvolvimento de uma comunidade que construiu a história de Santa Isabel.



a “queda das correntes”, em 1985, a comunidade se reinventou e, hoje, ressignifica os estigmas e apagamentos experimentados durante o isolamento.

Você terá a oportunidade de observar as tendências arquitetônicas e culturais de inspiração europeia, recorrentes nos primeiros anos da República Brasileira, seguindo a orientação de sanitaristas, e acompanhar as suas transformações até os dias atuais. Trata-se de uma memória viva, cotidianamente reinventada, que está nas ruas, nas esquinas, nas casas, nas árvores e, muito além disso, ela está agora em você.

História é vida!

André Bueno



Orientações sobre o roteiro:

A proposta deste roteiro é fornecer uma visitação diferente à Colônia Santa Isabel, na qual você é convidado a identificar as mudanças e permanências que os lugares e monumentos aqui registrados sofreram com o passar do tempo.

A seleção e descrição dos espaços foram fornecidas por moradores da comunidade que viveram o período do isolamento, o que revela uma forte inspiração afetiva.

As informações sobre a localização, utilização e visitação dos espaços e monumentos encontram-se na descrição de cada lugar.

Na página 64 você encontra um mapa da Colônia que vai te auxiliar na localização e identificação dos lugares/monumentos.



Figura 8 – Apresentação do roteiro/ orientação.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

De forma inicial é feito uma apresentação do roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel. Faz-se necessário informar ao usuário do roteiro, questões importantes que serão mostradas no decorrer do trabalho. Seguida essa parte, são apresentadas orientação sobre o uso do roteiro.



Figura 9 – Capa do capítulo 1 / Histórico da Colônia Santa Isabel. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

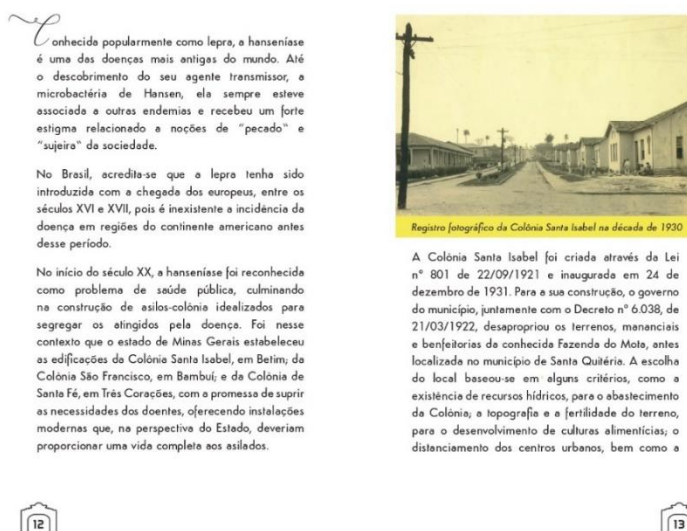


Figura 10 – Histórico da Colônia Santa Isabel. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

existência de linhas férreas para facilitar o transporte dos pacientes.

Apesar da ação controladora do Estado, da dor do isolamento e dos estigmas associados à doença, os asilados desenvolveram uma sociedade multicultural dentro da Colônia, marcada por eventos esportivos, festividades, bailes, cinema, teatro, dentre outras atividades.

Na década de 1960, a utilização do sulfona, um medicamento que acabava com o contágio do doente no início do tratamento, revolucionou a profilaxia da hanseníase que, até então, baseava-se no isolamento dos doentes. Dessa forma, instaurou-se um novo modelo de tratamento, feito em dispensários, e, mais tarde, de forma ambulatorial. A década de 1980 marcou o fim definitivo do isolamento e a abertura da Colônia Santa Isabel.

Atualmente, a Colônia Santa Isabel é um bairro que integra a Regional Citrolândia, na cidade de Betim. A história e a representação desta comunidade fazem dela um exemplo de superação, porque, nela, está um pedaço do Brasil, cuja história nunca ou pouco foi contada.



Figura 11 – Histórico da Colônia Santa Isabel.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

Nesta parte apresentamos um histórico informativo sobre a hanseníase enquanto doena. Depois apresentamos a questão do estigma que acarretou a construo de lugares de segregação como   o caso da Colônia Santa Isabel que se faz representada neste roteiro. E por fim questões chegam a nossa atualidade e a ressignificao e utilidade do local



Figura 12 – Capa do Capítulo 2: Lugares de memória - O Conjunto Urbano de Santa Isabel. Roteiro de visitao da Colônia Santa Isabel.

A Colônia Santa Isabel foi projetada pelo engenheiro sanitário Lincoln Continentino e pelos médicos Antônio Aleixo e Samuel Libânio. Esta união entre o saber médico e a engenharia buscava construir um ambiente hospitalar com edificações amplas, arejadas e arruamentos largos e bem distribuídos, levando em consideração as concepções sanitárias da época.

A construção da Colônia contou com o consórcio de diversas cidades mineiras e do governo do estado, interessados em tratar os acometidos pela doença. O nome de alguns pavilhões, inclusive, são fontes importantes para identificar os municípios interessados no envio de doentes.

Por orientação das conferências profiláticas, a Colônia Santa Isabel foi subdividida em três zonas distintas:

a) **Zona sadia:** onde se localizavam as residências dos funcionários, médicos e religiosos que davam assistência a Colônia.

b) **Zona intermediária:** onde se localizavam as edificações de diagnóstico e desinfecção.

c) **Zona doente:** onde se concentravam todas as edificações que compunham a sociedade interna, como os pavilhões/dormitórios, as áreas de lazer e recreação, igrejas, enfermaria, necrotério e cemitério.

Levando em consideração essa subdivisão, o nosso roteiro é organizado pela localização dos espaços de memória de acordo com as três zonas. Destacamos 48 lugares considerados representativos para os antigos moradores da Colônia Santa Isabel, portanto, permeados de memória afetiva.

A região que compunha o antigo sanatório, atualmente, foi dividida em bairros. As áreas *sadia* e *intermediária* pertencem ao Bairro Monte Calvário e parte do Bairro Cruzeiro. A antiga área de internação se tornou o Bairro Colônia Santa Isabel.



Figura 13 – Texto lugares de memória - O Conjunto Urbano de Santa Isabel. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

A apresentação dos espaços de memória²⁴ se dá por meio de fotografias que dialogaram e faram o leitor identificar como era a Colônia no período do isolamento, as profundas mudanças que sofreu o Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel nos últimos anos, bem como as permanências. Como principal objetivo do roteiro, abordamos as intervenções estéticas e as permanências provocadas com tempo que também não deixam de contar a história desse núcleo histórico.

Além disso, de forma geográfica os lugares de memória serão apresentados de acordo com o zoneamento de áreas proposta pela orientação sobre a construção e utilização de leprosários que são identificadas nas três zonas distintas: Zona sadia, Zona intermediaria e Zona doente

²⁴ Até o momento foram identificados 69 espaços de memória.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Portal

ZONA SÁDIA

Era a entrada principal da antiga Colônia, sendo o seu principal símbolo. Em seu topo, há uma inscrição em latim, *Hic manebimus optime*, que significa “Aqui ficaremos bem”. No período de isolamento, vigias responsáveis pelo portal controlavam as entradas e saídas da antiga Colônia.

Endereço: Rua Mario Campos, nº 1136 — Bairro Monte Calvário.



Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Açudão

ZONA SÁDIA

Era um represamento construído sobre o Córrego Bandeirinhas para abastecimento da Colônia. Por conta de sua queda d'água de 3 metros de altura, que se assemelhava a uma cachoeira, tornou-se um local de lazer, muito frequentado pelos moradores da área sadia e pelos internos autorizados pela direção da instituição, além de também ser utilizado para pesca. Em 2018, uma tromba d'água danificou o seu aterro lateral, mudando o curso do rio e secando a queda principal do antigo açude, que já estava comprometida por conta do assoreamento.

Endereço: Rua do Matão, s/n - Bairro Monte Calvário.

Figura 14 – Lugares de memória: Zona sadia – Portal / Açudão.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Almoarifado

ZONA SADIA

Era o local de armazenamento de alimentos não perecíveis e itens de uso dos internos, como roupas de cama e cobertores. Além de servir como depósito, o local era ponto de chegada de medicamentos e utensílios para uso médico. Atualmente, o espaço é de propriedade do Santa Isabel Esporte Clube, sendo ocupado por uma igreja.

Endereço: Rua Miguel Pereira, nº 289 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Administração

ZONA SADIA

Era o principal prédio da área sadia, onde funcionava o correio e a estufa de desinfecção de cartas e de dinheiros. Além disso, a edificação abrigava uma sala de telefonia, o escritório dos médicos e a administração da Colônia. Nella, havia também uma farmácia, onde os medicamentos eram guardados antes de serem distribuídos para outras repartições da Colônia. Atualmente a edificação se tornou um local de uso residencial.

Endereço: Rua Frei Damião, nº 144 — Monte Calvário.

Figura 15 – Lugares de memória: Zona sadia – Almoarifado / Administração. Roteiro de visitaçao da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Residências dos Funcionários

ZONA SADIA

Lugar onde foi construído as moradias dos funcionários da Colônia. Neste local, só era permitida a passagem de pessoas que não eram portadoras da doença. Atualmente, o local é onde está situado o bairro Monte Calvário, popularmente conhecido como "Saúde".

Endereço: Rua Frei Damião — Bairro Monte Calvário



Registro fotográfico da década de 1960



Registro fotográfico de 2022



Bosque das Chalmugras

ZONA SADIA

Era um bosque que recebeu este nome por conta do plantio da *Hydnocarpuskurzii* (King) Warb, mais conhecida popularmente como *Chalmoogra* ou *chalmugra*. A introdução dessa espécie na Colônia parece estar relacionada ao mito do uso medicinal do óleo extraído dessa planta no tratamento da hanseníase.

Endereço: Rua Santa Cecília, esquina com Rua Miguel Pereira, s/n° — Bairro Monte Calvário.

Figura 16 – Lugares de memória: Zona sadia – Residência dos funcionários / Praça das Chalmugras.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Antiga Escola dos Sadios

ZONA SADIA

Era uma das edificações de suporte da área dos funcionários, abrigando, inicialmente, a escola dos filhos de funcionários sadios que trabalhavam na Colônia. Posteriormente, foi elevada à Escola Estadual "Anexa" à Colônia Santa Isabel. Atualmente, parte dela é utilizada para uso residencial.

Endereço: Rua Miguel Pereira, n° 132 — Bairro Monte Calvário.



Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Laboratório Lourenço Magalhães

ZONA SADIA

Era um espaço que funcionava como farmácia e depósito de manipulação de medicamentos. Atualmente, se tornou um local de uso residencial.

Endereço: Rua Miguel Pereira, n°100 — Bairro Monte Calvário.



Figura 17 – Lugares de memória: Zona sadia – Antiga Escola dos sadios / Laboratório Lourenço Magalhães.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1930



Registro fotográfico de 2022



Capela do Monte Calvário / Casa das Irmãs

ZONA SADIA

Era uma igreja construída na área dos funcionários, tendo um papel fundamental no acompanhamento religioso e social da comunidade. Foi edificada a mando da cidade de Bom Sucesso (MG). Atualmente, em seu complexo, ainda original, existe um grande salão de eventos e a Creche Comunitária Santa Cecília que atende crianças de 3 a 4 anos de idade.

Endereço: Rua Miguel Pereira, n.º 130 – Bairro Monte Calvário.

Figura 18 – Lugares de memória: Zona sadia – Capela do Monte Calvário / Casa das Irmãs. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Apresenta o das 4 edifica es que compõem a área intermediária.



Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Casa de Máquinas / Usina

ZONA INTERMEDIÁRIA

Era um espaço que abrigava o maquinário responsável por gerar e distribuir energia para a Colônia. Atualmente, o prédio compõe o complexo esportivo da quadra do Monte Calvário.

Endereço: Rua Miguel Pereira, n.º 97 – Bairro Monte Calvário.

Figura 19 – Lugares de memória: Zona intermediária – Casa de máquinas / Usina. Roteiro de visita o da Colônia Santa Isabel.





Pavilhão de Observação

ZONA INTERMEDIÁRIA

Era uma moradia, inicialmente destinada às Irmãs do Monte Calvário, e, posteriormente, aos filhos dos internos com suspeita de lepra. O prédio abrigava dois andares, sendo o primeiro, ocupado por meninos e homens e, o segundo, por meninas e mulheres. Foi demolido no início da década de 1990 e, no seu lugar, foram construídas três residências.

Endereço: Rua Miguel Pereira, entre as edificações 246 - 256 — Bairro Monte Calvário.



Laboratório

ZONA INTERMEDIÁRIA

Era um espaço utilizado como vestiário para médicos, além de ter funcionado como uma farmácia, uma agência de correios e, também, como posto médico dos moradores da área sadia. Estava localizado no limite entre a zona sadia e a zona doente. Atualmente, se tornou um local de uso residencial.

Endereço: Rua Miguel Pereira, nº199 — Bairro Monte Calvário.

Figura 20 – Lugares de memória: Zona intermediária – Pavilhão de observação / Laboratório.

Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Parlatório

ZONA INTERMEDIÁRIA

Era um espaço no qual os internos recebiam visitas. Nele, uma grande bancada separava o visitante dos internos, mantendo assim, um formato carcerário de visitação. Foi construído a mando da cidade de Santo Antônio do Amparo (MG). O nome parlatório é derivado do verbo italiano *parlare* ("falar"), sendo, pois, um local de fala, conversação. Atualmente o local é utilizado pela Fundação Hospitalar de Minas Gerais (FHEMIG).

Endereço: Rua Miguel Pereira, nº242 — Bairro Monte Calvário.

Figura 21 – Lugares de memória: Zona intermediária – Parlatório.

Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Apresentação das 36 edificações que compõem a Zona doente.



Pavilhão Gustavo Capanema – Pavilhão Novo

ZONA DOENTE

Acredita-se que este seja o último pavilhão de moradia construído na Colônia Santa Isabel. Excepcionalmente moraram nele homens que eram divididos em grandes salões com várias camas, sem qualquer privacidade. Nele também existiu uma sapataria especializada para atender as necessidades dos internos sequelados pela Hanseníase. Atualmente o pavilhão é o lar de antigos internos que necessitam de acompanhamento médico especializado.

Endereço: Rua Ana Neri, nº 120 - Colônia Santa Isabel.

Figura 22 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Gustavo Capanema – Pavilhão Novo.

Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Pavilhão Mario Campos / Pavilhão das Mulheres:

ZONA DOENTE

Era uma moradia para mulheres solteiras e viúvas, tendo funcionado até 26 de março de 1998, quando foi destruído por um incêndio. Logo após esse incidente, parte do antigo pavilhão foi reformado para receber suas antigas moradoras. O espaço ficou conhecido carinhosamente por "Lar das senhoras". A outra parte da edificação encontra-se em ruínas.

Endereço: Rua Alan Kardec, nº 14 – Bairro Colônia Santa Isabel.



Pavilhão Central - Pavilhão das Moças

ZONA DOENTE

Era uma moradia para moças solteiras, e partir dos 15 anos, egressas do pavilhão das crianças. Atualmente, neste local, funciona o Hospital Dr. Orestes Diniz, que homenageia o primeiro diretor da Colônia Santa Isabel. Popularmente, este hospital é chamado de "Emergência".

Endereço: Rua Emilio Ribes, nº 100 – Bairro Colônia Santa Isabel.



Figura 23 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Mario Campos - Pavilhão das mulheres / Pavilhão Central – Pavilhão das Moças. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Pavilhão Maria Luiza Machado Vieira – Pavilhão das Crianças

ZONA DOENTE

Era uma moradia para crianças acometidas pela lepra. Era dividida em duas repartições: no lado de baixo, moravam os meninos, e, no lado de cima, as meninas. Durante o seu funcionamento, foi administrado pelas irmãs do Monte Calvário, que eram responsáveis pela educação e condução da vida das crianças dentro da Colônia. Atualmente, em seu lugar, encontra-se localizada a Escola Municipal Frei Rogato.

Endereço: Rua Ana Neri, n° 399 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Casas particulares

ZONA DOENTE

Era um conjunto de casas geminadas construídas pelo Estado exclusivamente para casais. Quando um dos conjuges falecia, o(a) viúvo(a) era obrigado(a) a conceder a vaga para outro casal e ir para um pavilhão. Devido à escassez dessas edificações, havia uma fila de espera para os pleiteadores.

Endereço: Rua Olavo Bilac, n° 90 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Figura 24 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Maria Luiza Machado Vieira - Pavilhão das crianças / Casas particulares. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Pavilhão Bom Sucesso

ZONA DOENTE

Era uma moradia para os atletas solteiros, formado por quartos com no máximo duas camas, sendo o espaço com maior privacidade da Colônia. Na década de 1980, passou a sediar o Renascença Futebol Clube, um time formado pelos antigos internos que buscavam resgatar as raízes históricas da comunidade desportista. Hoje, parte do antigo pavilhão é sede do Renascença e, a outra, é de uso residencial e comercial.

Endereço: Rua Emilio Ribas, n° 225 e 225A — Bairro Colônia Santa Isabel.



Pavilhão Ubá e Pavilhão Divinópolis

ZONA DOENTE

Eram moradias, construídas, respectivamente, pelas cidades que levam os seus nomes. Atualmente, o Pavilhão Divinópolis abriga o Núcleo de Assistência Social Geraldo Rabelo e o Pavilhão Ubá, a Sede da Conferência de São Vicente de Paula.

Endereço: Rua Ana Neri, n° 276 — Bairro Colônia Santa Isabel (Pavilhão Ubá). / Rua Ana Neri, n° 262 — Bairro Colônia Santa Isabel (Pavilhão Divinópolis — atual sede dos Vicentinos).



Figura 25 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Bom Sucesso / Pavilhão Ubá e Pavilhão Divinópolis.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Lira 3 de outubro Casa dos Músicos

ZONA DOENTE

Era uma moradia para os internos solteiros membros da Banda de Música Euterpe Carlos Gomes. Os quartos eram separados com no máximo dois ocupantes. Neste local, também aconteciam os ensaios da banda. Atualmente a edificação é utilizada para uso residencial.

Endereço: Rua Emilio Ribas, nº 246 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Enfermaria Masculina Hospital Werneck Machado

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado ao tratamento médico intensivo para homens. Após o fim do isolamento, o prédio foi abandonado, chegou a ser ocupado e desocupado novamente, até entrar em arruinamento. Logo após uma reforma de quase 10 anos, o local passou a sediar o Centro de Memória da Hanseníase Luiz Verganin, que reúne um grande acervo de fontes históricas do período do isolamento, que conta com móveis, fotografias, livros e objetos de uso dos antigos internos.

Endereço: Rua Emilio Ribas, nº 300 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Figura 26 – Lugares de memória: Zona doente – Lira 3 de Outubro – Casa dos músicos / Enfermaria Masculina – Hospital Werneck Machado.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

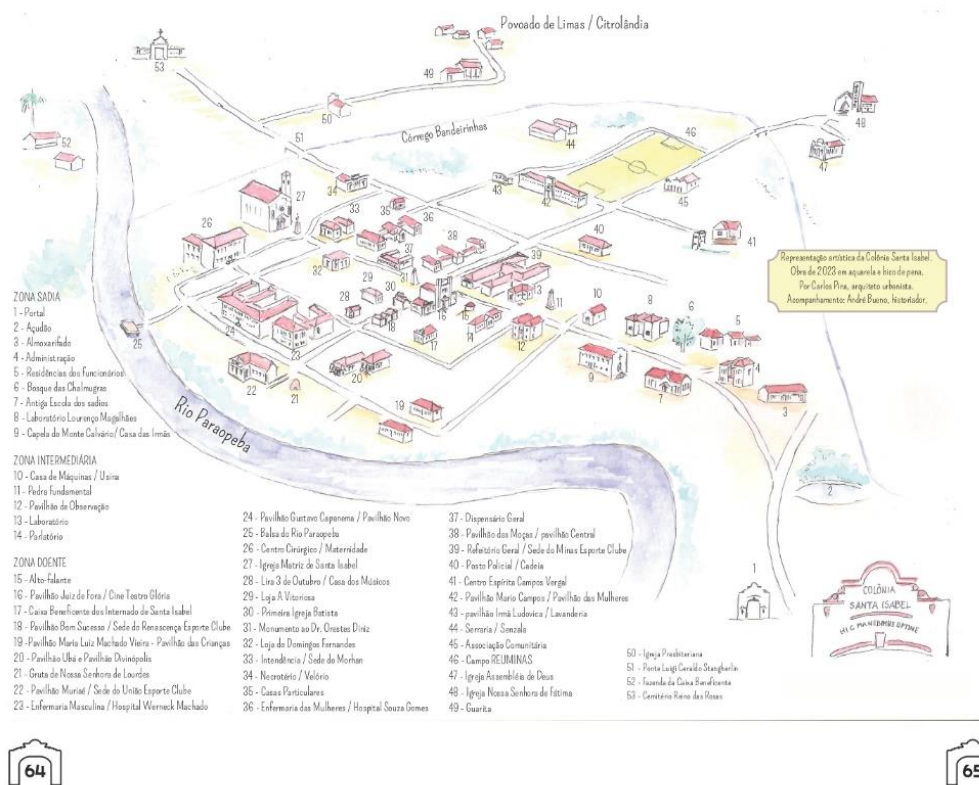


Figura 27 – Lugares de memória: Representação artística da Colônia Santa Isabel. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

A representação artística da Colônia Santa Isabel que tem por objetivo situar os lugares/espços de memória apontados pela pesquisa. Foi elaborado pelo arquiteto Carlos Pina²⁵ entre outubro de 2021 e janeiro de 2022. Ele foi confeccionado em técnica de aquarela com traços em nanquim. A representação encontra-se na parte central do roteiro, sendo uma importante ferramenta para que o visitante se situe geograficamente e organize sua visitação.

Depois dessa parte retorna à apresentação final dos espaços de memória da Zona doente.

²⁵ Natural de Cuiabá, MT, Carlos Pina é formado em Arquitetura e Urbanismo pela UNIC-Cuiabá, tem especialização em Iluminação e Design de Interiores pela Universidade Castelo Branco-RJ; atua como conselheiro suplente tanto no Conselho Estadual de Cultura (2017-2021) e atuou no Conselho de Arquitetura e Urbanismo no Estado de Mato Grosso (2017-2020).



Enfermaria das Mulheres - Hospital Souza Gomes

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado ao tratamento médico intensivo para mulheres. A edificação teria sido construída juntamente com os primeiros prédios para a recepção dos internos. Atualmente, sedia parte da administração da Fundação Hospitalar de Minas Gerais (FHEMIG).

Endereço: Rua Olavo Bilac, nº 113 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Dispensário-Geral

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado ao acompanhamento médico de internos não-hospitalizados. O local contava com consultórios médicos e salas de curativos, além de um laboratório de análises clínicas. Foi utilizado também como sala de despachos do diretor. Atualmente, sedia parte da administração da Fundação Hospitalar de Minas Gerais (FHEMIG).

Endereço: Av. Professor Antônio Aleixo, s/nº - Bairro Colônia Santa Isabel.



Figura 28 – Lugares de memória: Zona doente – Enfermaria das Mulheres / Hospital Souza Gomes e Dispensário Geral.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1960



Registro fotográfico de 2022



Centro Cirúrgico / Maternidade

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado às cirurgias e aos tratamentos de emergência. O primeiro andar era formado por um bloco cirúrgico e por um bloco obstétrico. Na parte de baixo, estavam localizadas as enfermarias. Até pouco tempo, em seu lugar, funcionava um bloco de pequenas cirurgias e um centro de especialidades médicas. Atualmente, encontra-se fechado.

Endereço: Rua Silva Lima, nº 22 – Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1930



Registro fotográfico de 2022



Refeitório Geral / Sede do Minas Esporte Clube

ZONA DOENTE

Era o refeitório dos antigos internos, onde também aconteciam os bailes mais populares da Colônia, conhecidos como “Baile do Gordura”. Este espaço funcionava também como Pensão da Caixa, em que pessoas de melhor condição recebiam uma alimentação à parte. Com a criação do Minas Esporte Clube, na década de 1940, o time passou a ocupar parte do espaço. Atualmente, parte da edificação é ocupada pela administração da FHEMIG e a outra parte é sede do Minas Esporte Clube.

Endereço: Esquina da Rua Emílio Ribas com Av. Professor Antônio Aleixo - Bairro Colônia Santa Isabel.



Figura 29 – Lugares de memória: Zona doente – Centro cirúrgico/ Maternidade e Refeitório Geral / Sede do Minas Esporte Clube. Roteiro de visita da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Sede do União Esporte Clube

ZONA DOENTE

Era uma moradia para mulheres aposentadas e de melhor condição financeira. Foi construída pelo município de Muriaé e, por isso, também era conhecida como Pavilhão Muriaé. Com a criação do União Esporte Clube, na década de 1940, o espaço passou a sediar esse tradicional time.

Endereço: Ana Neri, nº 74 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Campo REUMINAS

ZONA DOENTE

Era palco das principais disputas esportivas da Colônia, tendo como times principais o *União Esporte Clube* (1942), com treinos às terças e quintas, e o *Minas Esporte Clube* (1943), com treinos às quartas e sextas, para os jogos principais que aconteciam sempre aos domingos. Posteriormente, houve também a criação do time *Renascença Esporte Clube* (1980), que deu origem à tríade de comando do campo. O nome, REUMINAS, é uma referência às iniciais desses três times (Renascença, União e Minas). Atualmente, o campo integra a rede desportiva de Betim, sediando diversos campeonatos e festivais.

Endereço: Rua Emílio Ribas, nº 144 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Figura 30 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Muriaé / Sede do União Esporte Clube e Campo REUMINAS.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Igreja Matriz de Santa Isabel

ZONA DOENTE

Construída entre 1935 e 1937, pelo Frei Crizogono Van Veem. Foi um marco para a institucionalização do catolicismo na Colônia. O número de fiéis católicos na comunidade chegava a 98,4% dos internos. Nos primeiros anos, as irmãs de caridade assumiram um importante papel na condução social da Colônia, prestando atendimento em diversos setores da administração e nos cuidados dos internos. Até 1936, o acompanhamento religioso era feito por um padre redentorista que celebrava missas e ministrava o sacramento. Na década de 1960, a Igreja passou por uma reforma, na qual houve uma ampliação da sua lateral e uma redefinição da sua atual fachada. A pedido do Frei Crizogono, em seu adro, foi colocado um monumento em homenagem a Padre Damião, missionário religioso que dedicou a sua vida aos hansenianos da Ilha de Molokai, localizada no Havaí.

Endereço: Praça Frei Edgard Groot, nº1 – Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Igreja Nossa Senhora de Fátima

ZONA DOENTE

Inaugurada em 1954, pelo Frei Rogato. Tornou-se o terceiro templo religioso católico construído no Complexo Urbano da Colônia Santa Isabel. A cada ano, todo dia 13 de maio, acontece uma festividade em honra à Nossa Senhora de Fátima.

Endereço: Praça do Bairro de Fátima, s/nº - Bairro Colônia Santa Isabel.

Figura 31 – Lugares de memória: Zona doente – Igreja Matriz de Santa Isabel e Igreja Nossa Senhora de Fátima. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Gruta de Nossa Senhora de Lourdes

ZONA DOENTE

Construída na década de 1940, com objetivo de trazer a devoção de Nossa Senhora de Lourdes para a antiga Colônia.

Endereço: Rua Ana Neri, nº 124 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Centro Espírita Campos Vergal

ZONA DOENTE

Fundado em 1º de janeiro de 1947 pelos internos adeptos ao Espiritismo Kardecista, tendo como principal idealizador o Sr.º João Batista, mais conhecido como Pipoca. Devido a perseguições religiosas comumente ocorridas na década de 1940, Chico Xavier, que era amigo de Pipoca, intermediou a construção desta casa com o Deputado Romeu de Campos Vergal. O apoio de Campos Vergal foi fundamental para o estabelecimento de uma liberdade religiosa na Colônia. O Centro Espírita, que leva o nome do deputado, teve uma forte contribuição para a distribuição de alimentos não perecíveis, roupas, brinquedos e remédios, além de amparar e confortar a condição dos asilados. Atualmente, o Centro continua seu trabalho fraterno na comunidade. O aniversário da casa é comemorado no dia 4 de janeiro, data que marca a realização da primeira reunião pública, em 1947.

Endereço: Rua Alen Kardec, nº60 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Figura 32 – Lugares de memória: Zona doente – Gruta de Nossa Senhora de Lourdes e Centro Espírita Campos Vergal.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Igreja Presbiteriana da Colônia Santa Isabel, 1950



Igreja Presbiteriana da Colônia Santa Isabel, 2022



As Igrejas evangélicas

ZONA DOENTE

Instalaram-se na Colônia na década de 1940. Para isso, os missionários das congregações das Igrejas Batista, Assembleia de Deus e Presbiteriana, se reuniram, primeiramente, na casa de adeptos, e, posteriormente, buscaram um espaço próprio para o desenvolvimento dos seus cultos.

Endereço das Igrejas

Igreja Presbiteriana da Colônia Santa Isabel.

Rua Alan Kardec, nº60 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Primeira Igreja Batista

Rua Emilio Ribas, nº22 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Igreja Assembléia de Deus

Rua Pio XII, nº10 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Primeira Igreja Batista, 1980



Primeira Igreja Batista, 2022



Igreja Assembléia de Deus, 1980



Igreja Assembléia de Deus, 2022



Figura 33 – Lugares de memória: Zona doente – As igrejas evangélicas. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1930



Registro fotográfico de 2022



Pavilhão Juiz de Fora Cine Teatro Glória

ZONA DOENTE

Espaço destinado ao entretenimento dos internos, tendo sido construído pela cidade de Juiz de Fora. O prédio contava com um salão de jogos, um bar com sinuca, salão de bailes, cinema e palco para apresentações artísticas. A parte de baixo era destinada ao público interno e, a parte de cima, aos funcionários e seus parentes. Em seu complexo, destacam-se o antigo coreto, o autôfalante, o jardim e a sede da Caixa Beneficente.

Endereço: Av. Professor Antônio Aleixo, nº 43 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Alto-Falante

ZONA DOENTE

Localizada no alto de um morro, a edificação era utilizada para avisar e convocar os internos para suas atividades. Além disso, servia como entretenimento ao apresentar programas musicais e animar as festas e atividades promovidas pela Caixa Beneficente. Atualmente, o alto-falante tem uma programação musical aos finais de semana e se mantém disponível para a comunidade na parte de divulgação. Programação musical: Sábado de 14h às 15h. Domingo de 9h às 10h.

Endereço: Av. Professor Antônio Aleixo (Complexo arquitetônico do Cine Glória), nº43 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Figura 34 – Lugares de memória: Zona doente – Pavilhão Juiz de Fora / Cine Teatro Glória e Alto-falante.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1960



Registro fotográfico de 2022



Caixa Beneficente dos Internados de Santa Isabel

ZONA DOENTE

Era um órgão administrado pelos próprios internos, que recebiam doações e organizavam atividades sociais. O prédio foi inaugurado em 1942. Com o fechamento da associação, no final dos anos de 1990, o local transformou-se no Memorial José Avelino, um rico acervo histórico relacionado à Colônia, que, depois, foi transferido para o Centro de Memória da Hanseníase Luiz Vergarin. Atualmente, ocupa o seu espaço a Biblioteca José Mariano Neto, com um raro acervo bibliográfico sobre a hanseníase.

Endereço: Av. Professor Antônio Aleixo, nº 43 – Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



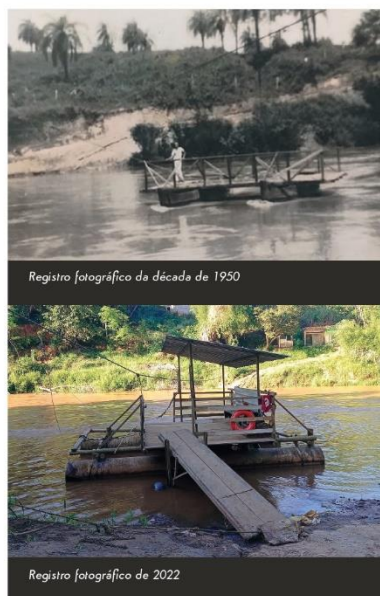
Fazenda da Caixa Beneficente

ZONA DOENTE

Era uma propriedade pertencente à Caixa Beneficente, situada na outra margem do Rio Paraopeba, com estruturas e funções de uma fazenda. Em suas dependências, havia a residência do encarregado, além de um paiol, uma baia, um curral, uma pocilga, pomares de frutas cítricas e plantações de milho, feijão, batata, mandioca etc. Tudo que era produzido na fazenda era distribuído na Colônia. Essas benfeitorias e serviços eram movidos por internos contratados pelo Caixa. Com a decadência e fim do órgão administrativo, no final da década de 1990, o terreno foi abandonado. Atualmente, o terreno faz parte do Município de São Joaquim de Bicas, dando origem ao Bairro Primavera. No local, há uma penitenciária.

Endereço: Rua Rio Paraopeba, s/nº – Bairro Primavera/São Joaquim de Bicas.

Figura 35 – Lugares de memória: Zona doente – Caixa Beneficente dos Internados de Santa Isabel e Fazenda da Caixa Beneficente. Roteiro de visita da Colônia Santa Isabel.



Balsa do Rio Paraopeba

ZONA DOENTE

Era um meio de transporte fluvial que interligava a antiga Colônia à Fazenda da Caixa Beneficente. A balsa foi planejada para conjugar a força da correnteza do Rio Paraopeba com a força motriz; formada por um conjunto de cabos de aço, correntes e roldanas; tornando a travessia mais leve. Anos mais tarde, a marinha criou um protocolo para regulamento do número máximo de passageiros e para tornar obrigatório o uso de coletes e a instalação de um teto de proteção solar. Atualmente, é utilizado como meio de transporte para os moradores do bairro Primavera que pertence atualmente à cidade de São Joaquim de Bicas, estando localizado no terreno da antiga caixa.

Funcionamento: Todos os dias, de 05h50 às 19h30. Valor: R\$3,00

Endereço: Esquina da Rua Silva Lima com Rua Ana Neri — Bairro Colônia Santa Isabel.



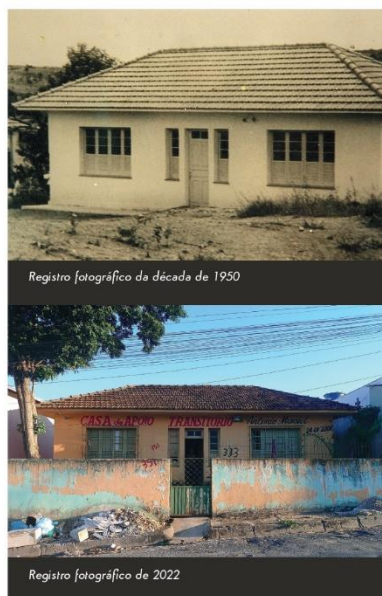
Intendência / Sede do MORHAN

ZONA DOENTE

Edificação que, inicialmente, serviu como moradia para os internos da Colônia, e, posteriormente, foi sede da Intendência, um órgão administrado por internos com poderes administrativos e de ordem; tendo sido construída pela cidade de Patrocínio. Atualmente, o local é sede do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN), uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 6 de junho de 1981, com ações voltadas para a imunização da hanseníase, com foco na conscientização e na construção de políticas públicas eficazes para a população.

Endereço: Praça Frei Edgard Groot, nº282 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Figura 36 – Lugares de memória: Zona doente – Balsa do Rio Paraopeba e Intendência / Sede do Morhan.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Posto Policial / Cadeia

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado à correção e detenção de agentes infratores dos crimes ocorridos dentro da Colônia. O corpo policial era composto por guardas armados e um delegado, todos internos. A polícia guarnecia todas as entradas e guaritas de vigilância da Colônia. Além disso, vigiavam a vida dos internos nas festividades e eventos sociais. Atualmente, o local é usado como casa de apoio transitório para pessoas que precisam vir à Colônia para receber algum tipo de tratamento.

Endereço: Rua Dos Bandeirantes, nº 333 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Necrotério / Velório

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado à preparação dos corpos de internos falecidos para sepultamento. Segundo relatos de antigos internos, neste espaço, também eram realizadas exumações para estudos científicos da doença. Atualmente, o local é utilizado como velório comunitário.

Endereço: Esquina da Rua Silva Lima com Rua dos Bandeirantes — Bairro Colônia Santa Isabel.



Figura 37 – Lugares de memória: Zona doente – Posto policial / Cadeia e Necrotério / Velório.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Cemitério Reino das Rosas

ZONA DOENTE

O campo-santo foi construído na década de 1930 juntamente com as primeiras edificações da Colônia Santa Isabel. O cemitério acompanhou as tendências e aspirações sociais e religiosas de diferentes períodos históricos. Atualmente é administrado pela Prefeitura de Beim.

Endereço: Alameda da Saúde, n° 62 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Loja A Vitoriosa

ZONA DOENTE

Era um estabelecimento comercial, de propriedade do Sr.º Geraldo Madureira Ramos, destinado à venda de utensílios domésticos, além de materiais de construção, mobiliários e eletrodomésticos. Ao vender por prestação, o proprietário se destacou por facilitar o comércio para os internos. Atualmente, no local, funciona um sacolão, mantendo a função comercial da edificação.

Endereço: Rua Emilio Ribas, n° 120 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Figura 38 – Lugares de memória: Zona doente – Cemitério Reino das Rosas e Loja A Vitoriosa.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Loja do Domingos Fernandes

ZONA DOENTE

Foi a primeira loja aberta da Colônia, responsável pela venda de bijuterias, tecidos, joias e demais utensílios para casa. O estabelecimento tinha como referência o nome do seu proprietário, o Sr. Domingos Fernandes. Era considerada pelos antigos internos como uma loja completa, na qual se encontrava de tudo. O empreendimento teve outros donos até ter suas atividades encerradas no final da década de 1990. Atualmente, o prédio é de propriedade da Conferência de São Vicente de Paula.

Endereço: Rua Olavo Bilac, nº 142 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1970



Registro fotográfico de 2022



Serraria/ Senzala

ZONA DOENTE

Compunha o conjunto de edificações de suporte da antiga Colônia, responsável pela disponibilização de madeira, tanto para construção quanto para reformas. Foi uma edificação fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos relacionados ao uso da madeira na comunidade. Em 2015, o espaço já se encontrava em decadência. Em 2016, foi cedido à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para a realização de seus festejos e ritos tradicionais. Atualmente, é conhecido como Senzala, tendo se tornado um local de memória e cultura afro religiosa.

Endereço: Rua dos Esportes, nº 316 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Atividades do local: terço em honra à Nossa Senhora do Rosário, todo dia 7 de cada mês, às 19h.

Visitação: Sábados, de 09h às 11h.



Figura 39 – Lugares de memória: Zona doente – Loja Domingos Fernandes e Serraria / Senzala.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Associação Comunitária dos Moradores da Colônia Santa Isabel

ZONA DOENTE

Edificação que, inicialmente, funcionava como uma cooperativa que comercializava itens relacionados à agropecuária. Atualmente, sedia a Associação Comunitária dos Moradores da Colônia Santa Isabel.

Endereço: Rua Emilio Ribas, nº 161 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Pavilhão Irmã Ludovica – Lavanderia

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado à lavanderia da Colônia e à higienização das roupas dos internos. Atualmente, o local sedia o Centro de Culturas Populares Antônio Fagundes.

Endereço: Rua Alan Kerdec, nº 11 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Figura 40 – Lugares de memória: Zona doente – Associação Comunitária dos Moradores da Colônia Santa Isabel e Pavilhão Irmã Ludovica – Lavanderia. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Futebol na Colônia Santa Isabel



Festa de Nossa Senhora do Rosário.



Janeiro:

Última semana de janeiro — Concerto contra o preconceito.

31 — Dia Nacional de Combate e Prevenção da Hanseníase.

Março:

21 — Festival do Santa Izabel Futebol Clube.

Abril:

21 — Festival do Minas Esporte Clube.

Maió:

Primeiro domingo (Festa de Nossa Senhora do Rosário)

13 — Festa da Abolição da Escravatura.

13 — Festa de Nossa Senhora de Fátima.

Julho:

04 — Aniversário do Centro Espírita Campos Vergel.

Figura 41 – Festividades e marcos históricos – Capa calendário de janeiro a julho. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



18 – Festival do União Esporte Clube.

Setembro:

15 – Dia de Nossa Senhora do Monte Calvário.

Novembro:

15 – Festival do Renascença.

17 – Festa de Santa Isabel.

Dezembro:

15 - Festa de Santa Virgínia Centurione Bracelli

24 – Marco da Inauguração da Colônia Santa Isabel em 1931.



Figura 42 – Festividades e marcos históricos – Calendário de setembro a dezembro. Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

Nesta parte são apresentados os principais eventos, festividades e marcos da história da Colônia Santa Isabel.



Figura 43 – Guia de Serviços - Capa. Roteiro de visita o da Colônia Santa Isabel.

Bairro Monte Calvário

Garage Beer Club

Rua Miguel Pereira, nº145 Bairro Monte Calvário
Dias e horários de funcionamento: Terça a quinta de 18h às 00h, Sexta e Sábado de 16h às 2h e Domingo de 10h às 00h.

Padaria Monte Calvário

Rua Miguel Pereira, nº249 — Bairro Monte Calvário.
Dias e horários de funcionamento: Segunda a domingo de 06h30 às 19h.

Kome bem burger - Lanche Artesanal

Rua Miguel Pereira, nº 259 — Monte Calvário
 Tel: (31)3530-7073 / (31)98580-6682.
Dias e horários de funcionamento: Segunda a domingo de 18h30 à 00h



Ril Lanches :

Rua dos Bandeirantes, nº356 — Bairro Colônia Santa Isabel / Tel.: (31)-99946-2179.
Dias e horários de funcionamento: De quarta a domingo e feriados de 17h às 14h.

Tomé's Hamburgueria e sorveteria:

Rua Emílio Ribas, nº 50 — Bairro Colônia Santa Isabel. Tel: (31)97179-3264
Dias e horários de funcionamento: Segunda a quinta de 18h30 às 22h.

Lanchonete do Buggy:

Rua Emílio Ribas, nº2274 — Bairro Colônia Santa Isabel / Tel: (31)99307-3251.
Dias e horários de funcionamento: Terça a domingo e feriados de a sábado das 9h às 20h

Mercearia da Glória

Rua Emílio Ribas, 222 - Colônia Santa Isabel.
Dias e horários de funcionamento: De segunda a sábado de 6h às 18h, e domingo de 6h às 12h.



Restaurante e lanchonete Xodó da Vovó

Rua Miguel Pereira, 466 — Bairro Monte Calvário
Dias e horários de funcionamento: Restaurante de segunda a sábado de 07h às 15h. Lanchonete de 18h às 23h30

Bairro Colônia Santa Isabel

Restaurante recanto da Fatinha:

Rua Ana Neri, nº304 — Bairro Colônia Santa Isabel / Tel.: (31)3596-6019 / (31)999475021
Dias e horários de funcionamento: Aberto todos os dias e feriados de 10h às 14h.

Padraria Pão e Mel:

Rua Bandeirantes, nº 245 — Bairro Colônia Santa Isabel / Tel.: (31)3140-6407
Dias e horários de funcionamento: Segunda a sábado das 6h às 19h e domingos e feriados de 6h às 12h.



TELEFONES ÚTEIS.

Prefeitura de Betim: 08002563236
 Secretaria Municipal de Arte e Cultura: (31) 3594-4382.
 Regional de Citrolândia: (31)3531-7505
 Hospital Dr. Orestes Diniz: (31)3592-3331
 Unidade Básica de Saúde Marli Rosa: (31)3594-1053
 Casa de Saúde Santa Isabel: (31) 3529-3305
 Drogeria Santa Isabel: (31)3530-6311 / (31)98678-0629.
 Bombeiros: 193
 Polícia Militar: 190
 Polícia rodoviária: 191
 Samu: 192

LINHAS DE ÔNIBUS

BH/Citrolândia: 3850
 Estação Eldorado/Citrolândia: 3855
 Betim/Citrolândia: 910A e 910B — Van: 90



Figura 44 – Guia de Serviços – Locais e telefones úteis.
 Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.



Figura 45 – Guia de Serviços – Folha de rosto final.
Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

O Guia de serviços é algo que dá suporte ao visitante. Nele, equipamentos públicos podem dar mais acesso caso seja necessário suporte. Sua funcionalidade é peça fundamental para o uso do turismo e situar o comércio local, a fim de aquecer e motivar o turista a usufruir e conhecer mais sobre os serviços dispostos na comunidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora haja uma produção bibliográfica considerável correlacionada a história das doenças, a Colônia Santa Isabel ainda é desconhecida para muita gente. Em razão dessa realidade é necessário publicitar cada vez mais a sua existência de forma ressignificada e diversificada.

Tendo uma amplitude de temáticas disponíveis, a pesquisa nesta comunidade é um campo fértil para todos aqueles que queiram se aventurar. Como morador, foi árduo este processo no mestrado, tanto nos recortes necessários, como na ambígua relação de pesquisar um “ambiente construído para doença, em um “período de doença”, como foi a questão da pandemia, que desencadeou sentimentos de isolamentos regulamentados, tanto do passado por conta da hanseníase, quanto o do presente momento por conta da COVID-19.

Tal situação fez com que, o trabalho se reinventasse, ouvindo a voz da comunidade, vozes essas, presentes na minha formação e no meu ser. O trabalho de história oral realizado neste processo, em sua definição geral objetivava ouvir aqueles que foram silenciados pela história oficial, com o intuito de investigar os lugares/espços por eles habitados ou utilizados. Muito além disso, o que encontramos foram partilhas de superação, de pessoas que não desistiram da vida, que por conta do preconceito foram consideradas historicamente o bolor da sociedade.

O fato de ser morador da comunidade pode ser entendido como um facilitador, mas digo, que esse fator contribuiu em partes. A postura de pesquisador me blindou no quesito investigativo, mas me familiarizou, ao deixar o entrevistado a vontade, assim foi possível alcançar as metas, ao transformar o processo que poderia ser pessoal e restritivo em uma simples e gostosa conversa.

A opção da escolha de 10 pessoas, e não de um trabalho comunitário, veio de um importante processo de entendimento de que ao selecionar pessoas de diferentes seguimentos, conseguiríamos um resultado particular, e com mais detalhes, diferente de uma partilha comunitária, que poderia influenciar falas ou retrain os participantes, porque o entrevistado em sua individualidade contou a sua história interligada ao espaço/lugar que mais o marcou de forma afetiva.

Mesmo sendo este o meu lugar de fala, e ter a comunidade como meu refúgio, a cada momento com os entrevistados, me reinventou como pesquisador. Com a postura adquirida e com um roteiro estruturado, o que conseguimos registrar, vai além da proposta

desse trabalho, mas sim o registro de pessoas que se manterão vivas dentro e fora da colônia.

Nesse sentido, é visível que as marcas do preconceito ainda são vigentes nas falas. Tais relatos evidenciam que mesmo com as campanhas de informação e os meios de comunicação disponíveis, a hanseníase ainda é um tabu a ser vencido. O estigma histórico que a doença carrega pontuam a realidade do Brasil como um dos países com maior incidência da doença no mundo. Logo, vê-se a necessidade de atacar o seu cerne, não apagar ou esquecer, mas sim, mostrar que a hanseníase tem cura, é tratável e revelar pontuadas consequências do preconceito histórico.

A patrimonialização de um ambiente como Santa Isabel, ocorrido nas últimas décadas, foi um fato importante que, marcou o início de uma série de ações que contribuíram, e contribuem para a proteção deste patrimônio do Brasil. A história cultural do urbano se apresenta como ferramenta para entender aspectos sociais de utilização de um espaço/lugar, por uma sociedade que se apropriou, reinventou e continua a defini-lo de acordo com a mentalidade de cada época.

O roteiro de visitação fruto desse trabalho, se torna uma ferramenta pioneira. Não há relatos, no Brasil, da existência de um roteiro de visitação baseado em memórias traumáticas. Tal consideração, aponta para um leque de possibilidades que se abrem para esta comunidade, como a ampliação da proteção do patrimônio histórico, que os órgãos públicos poderão intensificar na comunidade. A continuidade da ressignificação, por questões de apreço pelo lugar, motivadas pelos moradores, ao utilizar o roteiro como forma de apropriação deste espaço/lugar, e com o turismo guiado e estruturado, que consequentemente, trará mais investimentos, criará de forma integrada uma economia regional com valorização da cultura local.

Neste processo a definição de uma linguagem para o roteiro e seu público-alvo foram discutidos de forma intensa, e ao finalizar o projeto, ele se apresentou como um material de linguagem simples e facilitadora, em primeiro lugar como ferramenta a ser utilizada pelo público escolar de Betim, através do projeto de educação patrimonial, que evidência o patrimônio histórico e cultural do município. E em segundo, por visitantes e pessoas que buscam a temática de um local relacionado a história das doenças no Brasil. Nele apresentamos para o conforto e facilidade de seu manejo, orientações sobre a comunidade, como também locais de prestação de serviços, itens comuns para aqueles que não conhecem o local visitado. E por fim, servirá como modelo para a criação de outros roteiros de visitação, com a mesma temática e seguimento da Colônia Santa Isabel,

ambientes marginalizados pela história que resistem a preconceitos sociais, e que precisam ser evidenciados.

Convém salientar que ao mapear os espaços/lugares descritos na bibliografia pesquisada, ao levantar os processos históricos sobre a sua construção e utilização, como também a afetividade dos participantes da pesquisa, automaticamente selecionamos e indicamos o que deve ser patrimonializado, e receber os graus de proteção necessárias pelos órgãos públicos competentes, para proteger a história deste conjunto urbano. Dessa forma, contemplamos todos os objetivos que nos trouxeram aqui, que era apontar possíveis bens para preservação e proteção.

Enfim, como diz Melaine Klein: *“Quem come do fruto do conhecimento é sempre expulso de algum paraíso”*. Confesso que as angústias que me trouxeram para o mestrado foram refletidas, debatidas e acalentadas, pela história cultural do urbano, e agora, se faz necessário, seguir outros caminhos, assumir um novo compromisso, não apenas como morador, mas pesquisador da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, D. G. KNUPP, M. E. C. G. **Cartilhas turísticas de Ouro Preto: um novo olhar**. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, v. 4, p. 111-128, 2016. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/143/pdf_1>. Acesso em: 24 jan. 2022.

AMARIZ, Marlene. Fonte: Info Escola navegando e aprendendo. s.d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/saude/higienismo/> Acesso em: 06 de maio de 2022.

ASSIS, Terezinha. **A História da Construção de Betim. Espaço geográfico construído por gente**. Betim, MG, 1996.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**/ Aleida Assmann; tradução: Paulo Soethe. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995. **Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 30/3/1995, Página 4509. Coleção de Leis do Brasil - 1995, Página 848 Vol. 3.

BUENO, André Luiz de Jesus. **Guardiões do Rosário: A criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Colônia Santa Isabel**. Artigo (Especialista em História e Cultura Afro-brasileira) - FAVENI. Betim, 2018.

BUENO, André Luiz de Jesus; VALENTE, Polyana Aparecida. **A ARTE CONSTRUINDO IDENTIDADE (S) NA COLÔNIA SANTA ISABEL (1931-1982)**. Revista Espacialidades, v. 17, n. 1, p. 367-386, 2021.

CABRAL, Luiz Otávio. **Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica**. Revista de Ciências Humanas, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, 2007.

CARVALHO, Keila Auxiliadora. **Tempo de lembrar: As memórias dos portadores de lepra sobre o isolamento compulsório**. Revista Aedos, v. 2, n. 3, 2009.

CARVALHO, Keila Auxiliadora. **Colônia Santa Izabel: a lepra e o isolamento em Minas Gerais (1920-1960)**. 2012.

CARVALHO, Keila Auxiliadora. **Discussões em torno da reconstrução do significado da lepra no período pós-sulfônico**, Minas Gerais, na década de 1950. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun. 2015 p.541-557.

CASTRO, Elizabeth Amorim, **O leprosário São Roque e a Modernidade, Uma abordagem da Hanseníase na perspectiva da relação Espaço-Tempo**, Curitiba, 2004.

CONTINENTINO, Lincoln. Organização de leprosários. **Boletín de la Oficina Sanitária Panamericana (OSP)**; 12 (12), dic. 1933, 1933.

- COSTA, M. S. et al. **Políticas para hanseníase: a evolução da gestão em saúde.** Revista Enfermagem Digital Cuidado e Promoção da Saúde, v. 1, n. 2, p. 104-108, 2015.
- CURI, Luciano Marcos. **Excluir, isolar e conviver: um estudo sobre a lepra e a hanseníase no Brasil.** Belo Horizonte, 2010. 394f
- DA SILVA, LEICY FRANCISCA. **História da Lepra ou da Hanseníase? História da Lepra ou da Hanseníase? O problema da terminologia na história da doença.** Arquivos Mineiros de Leprologia, p. 18, 1944.
- DINIZ, Orestes. **Do Isolamento da Lepra (Algumas condições para a sua eficiência)** Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1933.
- DORIA, José Luís. **Apontamentos históricos sobre a lepra.** AnInstHigMedTrop, v. 14, p. 109-115, 2014.
- DUCATTI, Ivan. **Discurso científico e legitimação política: Hanseníase e isolamento compulsório (Brasil, século XX).** Projeto História, São Paulo, n.34, jun. 2007.
- EIDT, Letícia Maria. **Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira.** Saúde e sociedade, v. 13, n. 2, p. 76-88, 2004.
- FAILLACE, J. Maya. **Do conceito atual de profilaxia da lepra: contribuição à Campanha contra a Lepra no Rio Grande do Sul.** Tese apresentada à Faculdade de Medicina de Porto Alegre, 1933,
- FEMINA LL, Soler ACP, Nardi SMT, Paschoal VDA. **Lepra para hanseníase: a visão do portador sobre a mudança de terminologia.** Hansen Int. 2007;32(1): 37-48.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos.** 2. ed. – São Paulo: Associação. Editorial Humanitas, 2006.
- FUNARBE, **Dossiê de Tombamento – Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel.** Betim, março/1998.
- FUNARBE, **Dossiê de Tombamento – Portal / Colônia Santa Isabel.** Betim, março/1998.
- FUNARBE, **Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC).** Betim: Funarbe, 2010.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MACIEL, Laurinda Rosa et al. **Memórias e narrativas da lepra/hanseníase: uma reflexão sobre histórias de vida, experiências do adoecimento e políticas de saúde pública no Brasil do século XX.** 2017.

- LE GOFF, Jacques; BOM, Laurinda; FREIRE, Alberto. **As doenças têm história.** 1985.
- LOPES, Jecson Girão. **As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica.** Geografia ensino & pesquisa, p. 23-30, 2012.
- MASSONI, Luis Fernando Helbert; PAULON, Simone Mainieri. **Sobre Clausuras e loucura: Memória e cidades. Memória e Patrimônio: tramas do contemporâneo.** Porto Alegre: Casalettras, 2019, p. 342-352.
- MAZIERO, L. T. P., & Bonametti, J. H. (2013). **Espaço urbano como comunicação: signos da paisagem.** Revista De Estudos Da Comunicação, 14(35).
- MEIHY, José Carlos Sebe B. , SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: História oral aplicada** Editora Contexto; 1ª edição. 2020.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática.** 2018.
- MILAN, P. L. **Viajar para aprender: turismo pedagógico na região dos Campos Gerais –PR.** 125 p. Dissertação de Mestrado em Turismo e Hotelaria – Universidade Vale do Itajaí– UNIVALI. Balneário Camboriú, 2007.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE DEPARTAMENTO NACIONAL DE SAÚDE, DIVISÃO DE ORGANIZAÇÃO HOSPITALAR, **História e evolução dos hospitais.** Rio de Janeiro, 1944. Reedição de 1965.
- NADER, Maria Beatriz; PELEGRINE, Ayala Rodrigues Oliveira. **Memória traumática e direito à verdade: o legado da ditadura militar no Brasil.** Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, p. 380-403, 2020.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano.** V. II, n°4. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jul/Dez 2005.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2,n.3, 1989, p. 3-15.
- QUEIROZ, MS.,and PUNTEL, MA. **A endemia hansênica: uma perspectiva multidisciplinar [online].** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 120 p. ISBN 85-85676-33-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- ROB SANTOS, Clara Miranda; RAIMUNDO, Carlo Filipe Evangelista. **O método qualitativo e a abordagem fenomenológica: características e afinidades.** 2017. Disponíveis em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2017/04/metodo-qualitativo.html>/ Acesso em 19/09/2020.
- ROBIN, Régine. **A memória saturada.** Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2016.

SANTOS, Clara Miranda; RAIMUNDO, Carlo Filipe Evangelista. **O método qualitativo e a abordagem fenomenológica: características e afinidades**. 2017. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2017/04/metodo-qualitativo.html/> Acesso em 19/09/2020.

SIQUEIRA, Janaína. **Nada sobre nós, sem nós**. 2019. Disponível: <https://medium.com/@janainasiq/nada-sobre-n%C3%B3s-sem-n%C3%B3s-d50146d47224> (Acesso em: 10 de abril de 2022).

SOUZA-ARAÚJO, H. C. **História da Lepra no Brasil**. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.

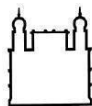
SOUZA, Martha Veloso Cólén Mourthé e Equipe (Formandos da Escola Estadual Nossa Senhora do Carmo, curso Magistério). **Resgatando a História de Betim**. Pág. 65 e 66. Betim, MG, 1994.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, p. 01-22, 1983.

VARINE, Hugues de. **O museu comunitário como processo continuado**. Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social.

8. ANEXOS

8.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Pesquisas René Rachou

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Projeto: Do isolamento ao patrimônio: O roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

Coordenadora: Denise Nacif Pimenta

Entrevistador: André Luiz de Jesus Bueno

Colaboradores: Denise Nacif Pimenta e Polyana Aparecida Valente

Tipo: História oral de Vida.

Formato gravação: Digital

Entrevistado:

Data e Local:

Horário de Início:

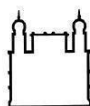
Horário de Término:

- 1) Fale um pouco sobre você e a sua relação com a Colônia Santa Isabel.
- 2) Conte-nos em que período chegou à Colônia e como era a sua vida lá.
- 3) Você se lembra da estrutura física da Colônia. Pode nos contar um pouco sobre as divisões de espaço, os ambientes de sociabilidade relacionados?
- 4) Qual desses lugares mais te marcou na sua passagem por Santa Isabel?
- 5) Como você se relacionava e interagia com as pessoas na Colônia?
- 6) Como foi o processo de saída e reconstrução da vida fora da Colônia? Você acha que sua experiência na colônia impactou na sua vida pós colônia? Como?
- 7) Você gostaria de nos contar mais alguma coisa que considera relevante e/ou interessante sobre sua experiência na Colônia Santa Isabel?

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador:

8.2 TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIMENTO – TCLE.



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Centro de Pesquisas René Rachou

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – ENTREVISTA

Prezado Participante,

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa intitulado **“Do isolamento ao patrimônio. O roteiro de visita da Colônia Santa Isabel”**, coordenado pela Dra. Denise Nacif Pimenta do Instituto René Rachou – Fiocruz Minas da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-MG).

O objetivo principal deste projeto é mapear e analisar os espaços que configuraram o sistema de isolamento da Colônia Santa Isabel através da história oral das pessoas que vivenciaram ou testemunharam a construção deste lugar/espço de saúde formulado pelo Estado.

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa pela sua relação pessoal ou profissional com a Colônia Santa Isabel. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não participar, ou desistir da mesma. Contudo, sua participação é muito importante para a execução da pesquisa. Se houver algum dano, comprovadamente decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil, na Resolução nº 466/2012 e na Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Caso aceite este convite, você participará de uma entrevista que terá duração de aproximadamente uma hora. Todos os procedimentos de gravação de som e vídeo somente serão realizados se houver a sua autorização prévia. Confirmada a autorização, você deverá indicar, no início da entrevista, a permissão para o registro de vídeo e de som ou apenas o registro de som.

Em função do período de isolamento social, como medida de mitigação aos impactos do novo corona vírus, a entrevista ocorrerá de forma presencial seguindo as orientações da Organização Mundial de Saúde - OMS no período de sua realização. Desta forma, serão respeitadas as normas de segurança estabelecidas para o controle do vírus, como distanciamento social, higienização e utilização de equipamentos de proteção individual (EPIs).

De modo geral, o benefício relacionado a sua colaboração nesta pesquisa será a potencialização da Colônia Santa Isabel como patrimônio Cultural do município de Betim, propiciando a utilização turística e educativa de seus espaços/lugares através da sua ressignificação cultural, histórica e urbanística. Os participantes não terão quaisquer despesas decorrentes da pesquisa e todos os cuidados serão tomados para evitar quaisquer danos decorrentes da mesma. Não haverá nenhum benefício direto.

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador:

O principal risco de participação nesta pesquisa é de um possível constrangimento durante a entrevista. Entretanto, os pesquisadores se comprometem a deixar o ambiente o mais tranquilo e descontraído para que este tipo de situação não ocorra. Todo o material será somente utilizado para fins desta pesquisa. Em qualquer momento você terá plena liberdade de responder ou não às questões levantadas e ou encerrar a sua participação.

Caso seja devidamente solicitado o sigilo, o seu nome será retirado de todos os trabalhos e substituído por um pseudônimo, caso seja necessário citar pessoas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro e ficará sob a guarda da pesquisadora coordenadora da pesquisa. O uso da imagem somente será feito caso você preencha o Termo de Cessão de Uso de Imagem.

Ao fim deste projeto, os resultados serão divulgados por meio de publicação de artigos em revistas científicas, relatórios e material de divulgação. Todos os dados gerados (material impresso e áudio) serão armazenados em local seguro sob a guarda da coordenadora da pesquisa, por pelo menos 05 anos após o término da pesquisa, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/CPqRR.

Este termo está redigido em duas vias e você ficará com uma. Você deverá assinar o termo e rubricar as outras páginas, assim como o pesquisador responsável.

A qualquer momento você poderá solicitar informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos contatos fornecidos no final deste documento. Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do CPqRR, órgão responsável por defender os interesses dos participantes da pesquisa.

Endereço da Coordenação da Pesquisa

Dra. Denise Nacif Pimenta
Centro de Pesquisa René Rachou
Avenida Augusto de Lima, 1715, Barro Preto, Belo Horizonte/MG, CEP: 30.190-002
Tel: (31) 3349 7700, E-mail: denise.pimenta@fiocruz.br

Endereço do Comitê de Ética do Centro de Pesquisas René Rachou - CEP/CPqRR

Secretaria: Bernadete Patrícia Santos
Centro de Pesquisa René Rachou
Avenida Augusto de Lima, 1715, Barro Preto, Belo Horizonte/MG, CEP: 30.190-002
Tel: (31) 3349 7825, E-mail: cepcoord.minas@fiocruz.br

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e Data: _____

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador:

Nome do Participante

Assinatura do Participante

Assinatura Pesquisadora Coordenadora
Dra. Denise Nacif Pimenta

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador:

8.3 CARTA DE ANUÊNCIA DA SECRETARIA DE ARTE E CULTURA DE BETIM – SECULT.

SECRETARIA MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA

PREFEITURA DE BETIM
CNPJ 18.715.391/0001-96

Carta de Anuência Institucional


Declaramos conhecer o Projeto de Pesquisa Institucional intitulado: "ROTEIRO DO ISOLAMENTO: A COLÔNIA SANTA ISABEL E SEU CIRCUITO URBANO E CULTURAL", da pesquisadora responsável: Denise Nacif Pimenta, Grupo de Pesquisa Clínica e Políticas Públicas em Doenças Infecciosas e Parasitárias Fiocruz Minas, Centro de Pesquisas René Rachou Fundação Oswaldo Cruz | Ministério da Saúde

Declaramos ter ciência de que o objetivo geral da proposta é o de: "Mapear e analisar os espaços que configuraram o sistema de isolamento da Colônia Santa Isabel por meio de relatos de história oral das pessoas que vivenciaram e testemunharam a construção deste lugar/espaço de saúde, com o intuito produzir uma cartilha informativa com roteiro de visitação e um mapa do Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel, destacando espaços de memória ainda existentes "

Declaramos ainda conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial as Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares.

Esta Instituição está ciente de suas co-responsabilidades como Instituição Co-participante do presente Projeto de Pesquisa. Assim, manifestamos - nos favoravelmente a sua execução, desde que o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa CNPJ 33.781.055/0008-01, do Instituto René Rachou/FIOCRUZ Minas.

Betim, 04 de janeiro de 2021.



Geraldo Rodrigues Valadão
Secretário de Arte e Cultura de Betim

Secretaria de Arte Cultura de Betim
Rua Pará de Minas, 640 - Brasília, Betim – MG – CEP: 32600-412
Telefones: (31) 3594-2302
E-mail: operacional.dpp.pc@gmail.com

8.4 PARECER SUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO RENÉ RACHOU
FIOCRUZ- MINAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Do isolamento ao patrimônio: o roteiro de visitação da colônia Santa Isabel

Pesquisador: Denise Nacif Pimenta

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 53323421.9.0000.5091

Instituição Proponente: Instituição Instituto René Rachou/FIOCRUZ Minas

Patrocinador Principal: Instituição Instituto René Rachou/FIOCRUZ Minas

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.479.418

Apresentação do Projeto:

Trata-se da análise de resposta ao Parecer 5.297.071, emitido por este Comitê em 17/03/22. As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1858627 de 18/04/2022).

Resumo: O presente estudo tem por objetivo analisar espaços de memória da Colônia Santa Isabel, um conjunto urbano criado em 1931, com o intuito de segregar os doentes acometidos pela hanseníase, que de forma compulsória. Por meio de política sanitária do período, considerou-se os hansenianos inaptos ao convívio social, marginalizando-os a ponto de serem denunciados aos serviços de vigilância sanitária e, conseqüentemente, cassados e confinados em colônias (ASSIS, 1996). Com o fim do isolamento no início da década de 1980, é marcante o abandono da localidade por parte do Estado. Fator este, que devido à perda da utilidade das edificações, desencadeou a ocupação irregular de prédios abandonados resultando na descaracterização de grande parte de seu acervo arquitetônico. De forma tardia, foi minimizado no ano 2000, com o tombamento municipal deste complexo como Patrimônio Cultural do Município de Betim. Dessa forma, o presente projeto tem como objetivo principal criar um roteiro de visitação para a Colônia Santa Isabel, através da compreensão dos espaços de memória desse espaço/lugar formado historicamente por memórias traumáticas constituídas no período de seu funcionamento.Com

Endereço: Avenida Augusto de Lima, 1715

Bairro: Barro Preto

CEP: 30.190-009

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3349-7825

Fax: (31)3349-7825

E-mail: cepcoord.minas@fiocruz.br

INSTITUTO RENÉ RACHOU
FIOCRUZ- MINAS



Continuação do Parecer: 5.479.418

base na análise da bibliografia sobre história cultural do urbano e suas adaptações, entrecruzada à metodologia de história oral, pretende-se mapear os espaços de memória por meio das edificações ou resquícios, ainda existentes no espaço onde existiu a colônia. Além disso, através dos relatos dos antigos internos, intenta-se remontar as várias etapas que constituíram o isolamento em Santa Isabel com ênfase nas vivências, nos processos de ocupação, sociabilidades e nos mais diferentes usos desse conjunto urbano no tempo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Elaborar um roteiro de visitação para a Colônia Santa Isabel por meio de relatos de história oral das pessoas que vivenciaram e testemunharam a construção deste lugar/espaço de saúde.

Objetivos Secundários:

- 1) Identificar, mapear e analisar os espaços que configuraram o sistema de isolamento da Colônia Santa Isabel
- 2) Disponibilizar os resultados alcançados a fim de contribuir com o projeto de Educação patrimonial já existente em Betim. E apontar possíveis bens culturais visando sua proteção e preservação no município.
- 3) Potencializar o turismo histórico na Colônia Santa Isabel.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Um possível risco da pesquisa é surgir um constrangimento durante a realização das entrevistas. Os pesquisadores que irão conduzir a pesquisa estarão atentos a propiciar meios para que os participantes se sintam confortáveis para responder as perguntas, ou para se abster de respondê-las, e os entrevistados poderão encerrar sua participação a qualquer momento. Devido à pandemia do novo corona vírus há o risco de contaminação, por isso serão respeitadas as normas de segurança estabelecidas para o controle do vírus, como distanciamento social, higienização e utilização de equipamentos de proteção individual (EPIs). Os pesquisadores só irão a campo caso apresente o teste de covid-19 negativado.

Benefícios: De modo geral, não há benefício direto para o/a participante. Tal trabalho potencializa a Colônia Santa Isabel como patrimônio cultural do município de Betim, pois permite a utilização turística e educativa de seus espaços/lugares através da sua ressignificação cultural, histórica e urbanística. Os participantes não terão quaisquer despesas decorrentes da pesquisa e todos os cuidados serão tomados para evitar quaisquer danos decorrentes dela.

Endereço: Avenida Augusto de Lima, 1715
Bairro: Barro Preto **CEP:** 30.190-009
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3349-7825 **Fax:** (31)3349-7825 **E-mail:** cepcoord.minas@fiocruz.br

INSTITUTO RENÉ RACHOU
FIOCRUZ- MINAS



Continuação do Parecer: 5.479.418

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram anexados à Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Segue abaixo a análise das pendências apontadas Parecer 5.297.071:

PENDÊNCIA 1: Juntar o termo de anuência do município de Betim para a realização da pesquisa. Resposta: Termo de anuência segue em arquivos anexados.

Parecer 5.297.071: A Carta indica o Município de Betim como instituição co-participante, entretanto, aquele município não foi inserido como co-participante na Plataforma Brasil. Solicita-se esclarecimento.

Resposta: De acordo com orientação a instituição foi inserida como co-participante.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA

PENDÊNCIA 2: É preciso constar nas informações básicas do projeto o uso de imagem e/ou som. Adicionalmente, solicita-se a utilização do termo de uso de imagem e/ou som no modelo do CEP IRR. O termo apresentado faz referência à Pós-Graduação Profissional em Gestão, Pesquisa e Desenvolvimento na Indústria Farmacêutica de Farmanguinhos/Fiocruz de Farmanguinhos.

Parecer 5.297.071: Solicita-se incluir no termo a possibilidade do participante indicar se autoriza o uso somente da imagem, somente do áudio ou ambos. Além disto remover dos TCLE a frase: "Autorizo a gravação em áudio e filmagem" (final da pag. 02), uma vez este assunto será tratado no Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz.

Resposta: Solicitação atendida de acordo com as orientações.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA

Endereço: Avenida Augusto de Lima, 1715
Bairro: Barro Preto **CEP:** 30.190-009
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3349-7825 **Fax:** (31)3349-7825 **E-mail:** cepcoord.minas@fiocruz.br

INSTITUTO RENÉ RACHOU
FIOCRUZ- MINAS



Continuação do Parecer: 5.479.418

PENDÊNCIA 4: Rever TCLE pelas seguintes questões:

a) É preciso que conste o direito à buscar indenização em casos de danos decorrentes da pesquisa, segundo as previsões legais;

Parecer 5.297.071: Notamos que o direito de buscar indenização é citado no terceiro parágrafo da primeira página e no primeiro parágrafo da segunda página. Sugerimos haja apenas uma menção à indenização.

Resposta: Para atender a solicitação, foi retirado a frase da segunda página.

b) A frase - "Ainda, caso tenha que se deslocar ao local da pesquisa especificamente para participação na entrevista, você receberá ressarcimento para o transporte e, caso demande tempo, suficiente alimentação também, para você e para seu acompanhante, quando necessárias" – está confusa. Além disso, não se sabe quanto tempo é necessário para que o/a participante e seu/sua acompanhante recebam alimentação, melhor que ele/a receba a alimentação em qualquer situação;

Parecer 5.297.071: o direito ao ressarcimento não deve ser excluído do TCLE (Resolução CNS 510/2016, art.17 item VII: O Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, em seus diferentes formatos, deverá conter esclarecimentos suficientes sobre a pesquisa, incluindo: VII - explicitação da garantia ao participante de ressarcimento e a descrição das formas de cobertura das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa, quando houver). Solicita-se adequação.

Resposta: A frase foi retirada do termo por não haver necessidade do deslocamento do entrevistado, uma vez que a entrevista será realizada em sua residência ou em um local escolhido por ele. Saliento que todo e qualquer gasto com deslocamento são de responsabilidade do entrevistador. Sobre a questão de possíveis gastos, ela é explicitada na página 1 no 6º parágrafo.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA

Considerações Finais a critério do CEP:

Após análise criteriosa, constatamos que o estudo atende aos aspectos fundamentais das

Endereço: Avenida Augusto de Lima, 1715	CEP: 30.190-009
Bairro: Barro Preto	
UF: MG	Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3349-7825	Fax: (31)3349-7825
	E-mail: cepcoord.minas@fiocruz.br

**INSTITUTO RENÉ RACHOU
FIOCRUZ- MINAS**



Continuação do Parecer: 5.479.418

Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016 sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Diante do exposto, o Comitê de Ética do IRR/FIOCRUZ Minas, de acordo com as atribuições a ele concedidas pela Legislação vigente, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto. Firma-se, diante deste documento, a necessidade de serem apresentados os relatórios semestrais e final, bem como a notificação de modificações no protocolo para apreciação do CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1858627.pdf	18/04/2022 20:48:48		Aceito
Outros	Projetoalteracao.docx	18/04/2022 20:45:22	Denise Nacif Pimenta	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoOficial.docx	18/04/2022 20:44:58	Denise Nacif Pimenta	Aceito
Outros	TCLERalterado.docx	08/04/2022 12:21:57	Denise Nacif Pimenta	Aceito
Outros	Cartaresposta.docx	08/04/2022 12:20:48	Denise Nacif Pimenta	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLERoficial.docx	08/04/2022 12:18:52	Denise Nacif Pimenta	Aceito
Outros	Anuencia.pdf	01/02/2022 21:31:09	Denise Nacif Pimenta	Aceito
Outros	Termo.docx	01/02/2022 21:30:28	Denise Nacif Pimenta	Aceito
Outros	Matriz.docx	17/11/2021 11:48:24	Denise Nacif Pimenta	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	16/11/2021 14:24:24	Denise Nacif Pimenta	Aceito
Outros	Roteiro.docx	12/11/2021 12:01:01	Denise Nacif Pimenta	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida Augusto de Lima, 1715
Bairro: Barro Preto **CEP:** 30.190-009
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3349-7825 **Fax:** (31)3349-7825 **E-mail:** cepcoord.minas@fiocruz.br

INSTITUTO RENÉ RACHOU
FIOCRUZ- MINAS



Continuação do Parecer: 5.479.418

BELO HORIZONTE, 21 de Junho de 2022

Assinado por:
Ana Paula Granato Ribeiro
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Augusto de Lima, 1715
Bairro: Barro Preto **CEP:** 30.190-009
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3349-7825 **Fax:** (31)3349-7825 **E-mail:** cepcoord.minas@fiocruz.br

8.5 TABELA 5 - MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA SEGUNDO A BIBLIOGRAFIA PESQUISADA.

Nº	DENOMINAÇÃO	HISTÓRICO / USO	REFERÊNCIA/CITAÇÃO
01	<i>Açudão</i>	Serviu como reservatório de água para o abastecimento da Colônia Santa Isabel.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.
02	<i>Almoxarifado</i>	Local de armazenamento de alimentos de consumo na Colônia Santa Isabel.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.
03	<i>Antiga usina/Casa de Máquinas.</i>	Local de geração de energia para as repartições da Colônia (Parte sadia e parte doente).	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
04	<i>Associação comunitária dos Moradores de Santa Isabel</i>	Funcionou como comercial, depois cooperativa e hoje é a sede da Associação Comunitária.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
05	<i>Alto-falante</i>	Local onde era feito o sistema de comunicação dentro da Colônia Santa Isabel.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
06	<i>Barca do Rio Paraopeba.</i>	Meio de transporte localizado entre as margens da Colônia e o terreno da fazenda da caixa	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.
07	<i>Capela das Irmãs/ Convento das Irmãs do Monte Calvário</i>	Localizada na área sadia, templo religioso de responsabilidade das Irmãs do Monte Calvário. Foi construída pelo povo de Bom Sucesso em 1942.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.
08	<i>Capelinha do Cruzeiro</i>	Templo religioso localizado na região do Cruzeiro. Por muito tempo foi local de peregrinação dos internos católicos.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
09	<i>Casa Brasília.</i>	Antigo comércio do Sr. Wilson Garcia Martins	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
10	<i>Casa da administração.</i>	Local onde eram feitos os despachos administrativos.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.

			FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010.
11	<i>Caixa Beneficente / Memorial José Avelino.</i>	Órgão gerido pelos antigos internos de Santa Isabel que tinha como intuito administrar e fomentar a vida social da Colônia.	FUNARBE, <i>Cadernos da memória 1, Patrimônio Cultural de Betim</i> , 2010. FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
12	<i>Carpintaria</i>	Local de fabricação de móveis	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
13	<i>Casa do diretor</i>	Casa onde morava o Diretor. Prédio destruído por um incêndio em 1990.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. SOUZA-ARAÚJO, H. C. <i>História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946)</i> . Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.
14	<i>Casas dos funcionários sadios.</i>	Edificações destinadas a moradias dos funcionários sadios que moravam em Santa Isabel.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
15	<i>Casa dos médicos</i>	Local onde moravam os médicos que atendiam em Santa Isabel.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
16	<i>Casa dos músicos (Lyra 3 de outubro)</i>	Casa onde moravam as pessoas que tinham aptidão para música e que tocavam nas bandas.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
17	<i>Casas dos solteiros.</i>	Locais destinados aos solteiros.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
18	<i>Cemitério Reino das Rosas.</i>	Localizado em um morro. Era onde eram sepultados os internos.	FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d. FUNARBE, <i>Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia</i> , Betim, 2010.

19	<i>Centro Cirúrgico/ Maternidade</i>	Centro de especialidades cirúrgicas e maternidade da Colônia.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
20	<i>Centro Espírita Campos Vergal</i>	Construído na década de 1940, pertencia aos professores dos Kardecismo.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.1. s.d.
21	<i>Cine Teatro Glória/Pavilhão Juiz de Fora</i>	Construído através da doação da Sociedade de assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra de Juiz de Fora, sendo um magnífico pavilhão de diversões. Considerado como o coração da Colônia.	ASSIS, Terezinha. <i>A História da Construção de Betim, Espaço Geográfico Construído por Gente.</i> , Betim, MG, 1996. CARVALHO, Keila Auxiliadora. <i>Colônia Santa Isabel: a lepra e o isolamento em Minas Gerais (1920-1960)</i> . 2012. DINIZ, Orestes. <i>Do Isolamento da Lepra II</i> (Algumas condições para a sua eficiência) Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1933. FUNARBE, <i>Dossiê de Tombamento – Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel</i> , Betim, março/1998. FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d. SOUZA-ARAÚJO, H. C. <i>História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946)</i> . Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948. SOUZA, Martha Veloso Cólen Mourthé e Equipe (Formandos da Escola Estadual Nossa Senhora do Carmo, curso Magistério). <i>Resgatando a História de Betim</i> . Pág. 65 e 66. Betim, MG, 1994.
22	<i>Correio/Estufa</i>	Local usado para desinfetar as cartas e todo o dinheiro que saía de Santa Isabel. Nessa edificação funcionava também a administração da Colônia.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
23	<i>Cruzeiro do Bairro Cruzeiro.</i>	O local foi estabelecido como ponto de peregrinação dos internos na época do isolamento.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010.

24	<i>Dispensário Souza Gomes</i>	Estabelecimento de beneficência onde se prestam gratuitamente serviços médicos, dando os medicamentos prescritos.	<p>FAILLACE, Maya. Profilaxia da Lepra - Contribuição à Campanha no Rio Grande do Sul.</p> <p>FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.</p> <p>FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010.</p> <p>GONTIJO, Gramont, <i>A História da Colônia Santa Isabel</i>, Vol.1. s.d.</p> <p>GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i>, Vol.3. s.d.</p> <p>RABELLO F. E. <i>A profilaxia da lepra: O passado, o presente e o futuro. (Uma apreciação da experiência brasileira, em especial da fase paulista desta experiência).</i></p> <p>SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.</p>
25	<i>Enfermaria dos homens/ Pavilhão Werneck Machado).</i>	Local de atenção a situações graves de saúde.	<p>FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010.</p> <p>FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.</p> <p>GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i>, Vol.2.</p> <p>SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.</p>
26	<i>Escola das crianças internas.</i>	Localizada na Rua Emílio Ribas, além de escola a edificação também foi residência do professor e observação.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
27	<i>Escola para os filhos dos funcionários</i>	Localizada na área sadia. Era a escola que atendia as crianças dos funcionários.	<p>FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010.</p> <p>GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i>, Vol.2. s.d.</p> <p>SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.</p>
28	<i>Estrada de Ferro Oeste de Minas</i>	Única via de transporte do período da antiga Colônia, cuja estação mais próxima ficava no município de Mário Campos, a quatro quilômetros de Santa Isabel.	<p>FUNARBE, <i>Cadernos da memória 1, Patrimônio Cultural de Betim</i>, 2010.</p> <p>FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.</p>

			GONTIJO, Gramont, <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.1. s.d.
29	<i>Eremitério</i>	Construído no terreno da Casa dos Padres. Com o objetivo de receber pessoas para retiros e celebrações.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010.
30	<i>Estátua do Padre Damião</i>	Monumento localizado na praça da Matriz de Santa Isabel que perpetua a memória de Padre Damião que foi um missionário que dedicou a vida aos doentes da ilha de Molokai no Havaí	ASSIS, Terezinha. <i>A História da Construção de Betim. Espaço geográfico construído por gente.</i> Betim, MG, 1996. SOUZA-ARAÚJO, H. C. <i>História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946).</i> Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.
31	<i>Farmácia</i>	.Local de armazenamento e distribuição de medicamentos.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
32	<i>Gruta de Nossa Senhora de Lourdes</i>	Construída na área da Colônia. A gruta até hoje é um local de devoção mariana.	FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
33	<i>Hospital Souza Gomes / Enfermaria das mulheres.</i>	Hospital para tratamento especializado para mulheres.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010.
34	<i>Intendência/ Biblioteca José Mariano.</i>	Construído pelo povo de Patrocínio, essa edificação tinha a funcionalidade de uma prefeitura, atualmente no local funciona a biblioteca	FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
35	<i>Igreja Assembleia de Deus</i>	Templo religioso edificado na década de 1940 por professores do segmento.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
36	<i>Igreja Batista da Colônia Santa Isabel</i>	Templo religioso edificado na década de 1940 por professores do segmento.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.

37	<i>Igreja Matriz de Santa Isabel</i>	Foi construída pela FreiCrisógono na Vem entre os anos de 1935 e 1937.	CARVALHO, Keila Auxiliadora. Colônia Santa Isabel: a lepra e o isolamento em Minas Gerais (1920-1960). 2012. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.1. s.d. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.
38	<i>Igreja Nossa Senhora de Fátima</i>	Segundo tempo religioso mais antigo de Santa Isabel. Está localizado no bairro de Fátima.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010 GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
39	<i>Igreja Presbiteriana</i>	Templo religioso edificado na década de 1940 por professores do segmento.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3.
40	<i>Instituto Gaspar Viana.</i>	Local de testes laboratoriais	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.
41	<i>Laboratório (Instituto de Química) Lourenço Magalhães</i>	Lugar de manipulação e depósito de medicamentos,	CARVALHO, Keila Auxiliadora. Colônia Santa Isabel: a lepra e o isolamento em Minas Gerais (1920-1960). 2012. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.
42	<i>Lavanderia</i>	Lugar onde se lavavam toda a roupa dos internos dos pavilhões e enfermarias.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
43	<i>Olaria</i>	Local de produção de tijolos e telhas.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.

			GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
44	<i>Padaria</i>	Local onde era confeccionado os pães que eram consumidos em Santa Isabel. Estava localizado na parte sadia.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
45	<i>Parlatório</i>	Construído pelo povo de Santo Antônio do Amparo.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d. SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.
46	<i>Pavilhão Bom Sucesso</i>	Construído pelo povo de Bom Sucesso.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
47	<i>Pavilhão das crianças / Pavilhão Maria Luíza Machado Vieira.</i>	Foi construído com duas alas, a feminina e a masculina.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.
48	<i>Pavilhão das meninas.</i>	No local foi construída a escola Frei Rogato.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
49	<i>Pavilhão das moças / Hospital Dr. Orestes Diniz</i>	Morada das moças solteiras.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
50	<i>Pavilhão Divinópolis</i>	Morada para abrigar os internos da Cidade de Divinópolis.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. SOUZA, Martha Veloso CólenMourthé e Equipe (Formandos da Escola Estadual Nossa Senhora do Carmo, curso Magistério). <i>Resgatando a História de Betim</i> . Pág. 65 e 66. Betim, MG, 1994.
51	<i>Pavilhão dos meninos</i>	Morada dos meninos.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.

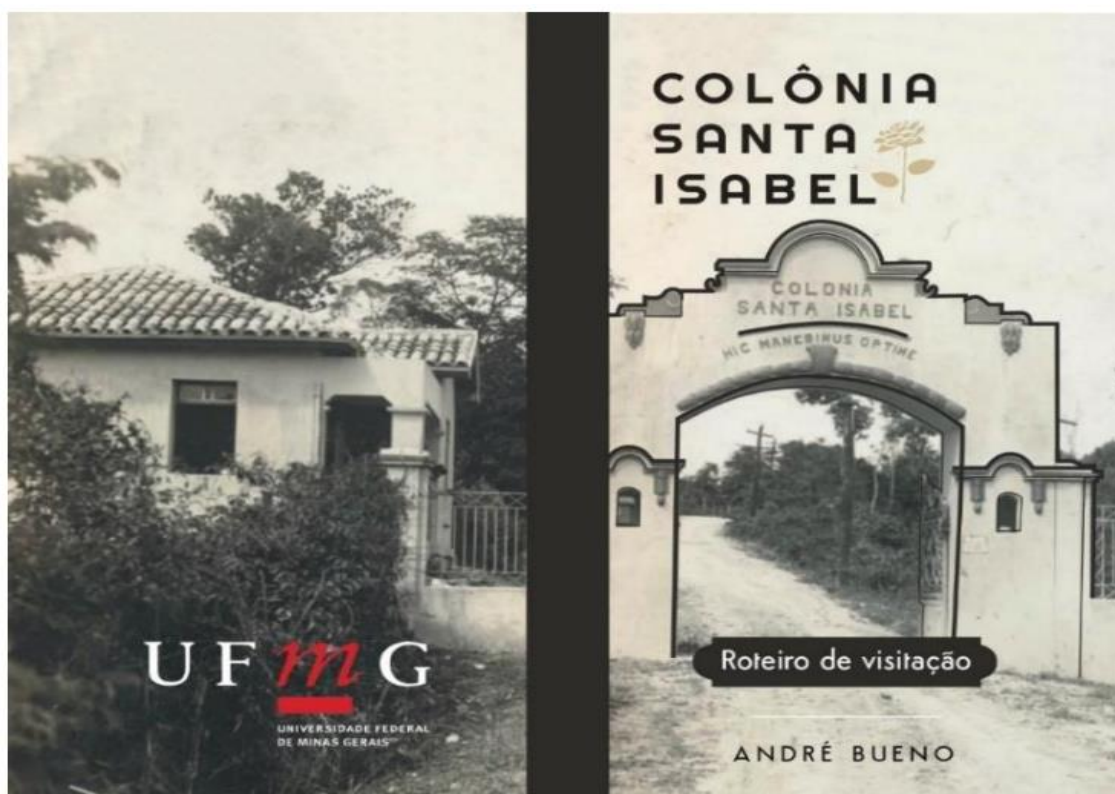
52	<i>Pavilhão de Observação</i>	Inicialmente foi lar das Irmãs do Monte Calvário, mais tarde passou a abrigar os recém-chegados na Colônia e os filhos dos internos com suspeita da doença.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d. SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.
53	<i>Pavilhão Gustavo Capanema (Pavilhão novo).</i>	Habitação dos homens. Foi construído entre 1937 e 1939, com capacidade de 300 leitos.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. ASSIS, Terezinha. <i>A História da Construção de Betim. Espaço geográfico construído por gente.</i> Betim, MG, 1996
54	<i>Pavilhão Mário Campos/ Pavilhão das Mulheres</i>	Residência das mulheres solteiras.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. FUNARBE, Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC). Betim: Funarbe, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.
55	<i>Pavilhão Muriaé / Sede do União Esporte Clube.</i>	Construído pelo povo de Muriaé em 1939. Nele, primeiramente funcionou como moradia para mulheres ricas, aposentados e com recursos. (Sede do União)	ASSIS, Terezinha. <i>A História da Construção de Betim. Espaço geográfico construído por gente.</i> Betim, MG, 1996. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948.
56	<i>Pavilhão Patrocínio</i>	Morada para abrigar os internos da Cidade de Patrocínio.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.

57	<i>Pavilhão Refeitório Geral.</i>	Cozinha e refeitório.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.
58	<i>Pavilhão Ubá</i>	Morada para abrigar os internos da Cidade de Ubá	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
	<i>Portal da Colônia</i>	É um arco, como o designa a comunidade de Santa Isabel, foi a primeira forma de acesso à então colônia onde eram internadas pessoas atingidas pela hanseníase nas primeiras décadas do século XX. O portal é original, tem um estilo espanhol e é feito de gesso e concreto. Esse portal era a única entrada para a colônia, tem duas guaritas e tinha correntes controlando a entrada e a saída. A cor do portal era branco e ocre	ASSIS, Terezinha. <i>A História da Construção de Betim. Espaço geográfico construído por gente.</i> Betim, MG, 1996. CARVALHO, Keila Auxiliadora. <i>Colônia Santa Isabel: a lepra e o isolamento em Minas Gerais (1920-1960).</i> 2012. FUNARBE, <i>Cadernos da memória 1, Patrimônio Cultural de Betim</i> , 2010 FUNARBE, <i>Dossiê de Tombamento – Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel</i> , Betim, março/1998. FUNARBE, <i>Dossiê de Tombamento – Portal / Colônia Santa Isabel</i> , Betim, março/1998 FUNARBE, <i>Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC).</i> Betim: Funarbe, 2010. MATOS, Joelma, <i>Betim dos Tropeiros às engrenagens 1711-2004</i> , Betim. SOUZA-ARAÚJO, H. C. <i>História da Lepra no Brasil. v.2. Período Republicano (1889-1946).</i> Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1948. SOUZA, Martha Veloso Cólen Mourthé e Equipe (Formandos da Escola Estadual Nossa Senhora do Carmo, curso Magistério). <i>Resgatando a História de Betim.</i> Pág. 65 e 66. Betim, MG, 1994.
59	<i>Posto de saúde da Rua Padre Damião.</i>	Local de atendimento primário.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
60	<i>Posto de saúde do bairro de Fátima</i>	Local onde os antigos internos tomavam suas injeções.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
61	<i>Posto policial/ cadeia</i>	Local onde eram aprisionados os internos rebeldes.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
62	<i>Praça das Chalmugras</i>	Local onde foi plantada a Chalmugra, planta que teria sido utilizada como teste para a cura da hanseníase.	FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010. FUNARBE, <i>Inventário de proteção do Acervo Cultural (IPAC).</i> Betim: Funarbe, 2010.

63	<i>Prefeitura</i>	Local onde funcionava a Caixa Beneficente, posto telefônico e redação do Jornal O Arauto.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d.
64	<i>Preventório São Tarcísio.</i>	Internato para crianças, filhos de leprosos ou tuberculosos, que são criadas separadas dos pais para evitar contágio.	GONTIJO, Gramont, <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010.
65	<i>Pocilga</i>	Local de criação e engorda de suínos.	SOUZA, Martha Veloso Cólen Mourthé e Equipe (Formandos da Escola Estadual Nossa Senhora do Carmo, curso Magistério). <i>Resgatando a História de Betim</i> . Pág. 65 e 66. Betim, MG, 1994.
66	<i>Refeitório</i>	Refeitório dos internos. Neste local também era um salão de danças.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.2. s.d. GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
67	<i>Sede do Minas Esporte Clube</i>	Sede do Minas Esporte Clube. Time fundado na década de 1940 por internos.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.
68	<i>Serraria</i>	Local de corte madeira.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d. FUNARBE, Cadernos da Memória 4, Memória do Patrimônio Cultural da Regional Citrolândia, Betim, 2010
69	<i>Serraria da Caixa Beneficente</i>	Local de corte de madeira gerido pela Caixa Beneficente.	GONTIJO, Gramont. <i>A História da Colônia Santa Isabel</i> , Vol.3. s.d.

Fonte: Levantamento bibliográfico.

8.6 LIVRO ROTEIRO DE VISITAÇÃO



hic manebimus optime

Roteiro de visitação

**COLÔNIA
SANTA
ISABEL**

ANDRÉ BUENO

Minas Gerais - 2022

Apresentação

Caro visitante,



A proposta deste roteiro de visitação emerge da necessidade de evidenciar e preservar a memória de espaços, arquiteturas e pessoas que não estão representados nos livros de História. Iremos percorrer os 90 anos da fundação da Colônia Santa Isabel (Betim – MG) e conhecer um tempo em que pessoas eram isoladas socialmente para o tratamento da lepra. Você pode até se perguntar “Mas o que eu tenho a ver com essa história?”. Bom, é esse o compromisso deste roteiro! Fornecer respostas a essa pergunta, bem como suscitar outras inquietações em você. Te garanto: você vai se surpreender!

Neste percurso, você conhecerá uma comunidade que, durante os anos de 1931 e 1985, viveu uma experiência de isolamento médico e construiu muitas histórias, não apenas sobre a doença, mas, sobre artes, esportes, solidariedade e muito mais. Com

Com o objetivo de diminuir o estigma, e contribuir com a campanha de conscientização de que a doença tem cura, o termo lepra e seus derivados, foram substituídos por Hanseníase pela Lei Federal Nº9.010, de 29 de março de 1995.

A reitreada das correntes é a forma que a comunidade denomina o Jindo isolamento. Que consequentemente reitrou as correntes das guaritas, que controlavam as entradas e saídas da Colônia Santa Isabel.



a “queda das correntes”, em 1985, a comunidade se reinventou e, hoje, ressignifica os estigmas e apagamentos experimentados durante o isolamento.

Você terá a oportunidade de observar as tendências arquitetônicas e culturais de inspiração europeia, recorrentes nos primeiros anos da República Brasileira, seguindo a orientação de sanitaristas, e acompanhar as suas transformações até os dias atuais. Trata-se de uma memória viva, cotidianamente reinventada, que está nas ruas, nas esquinas, nas casas, nas árvores e, muito além disso, ela está agora em você.

História é vida!

André Bueno



Orientações sobre o roteiro:

A proposta deste roteiro é fornecer uma visitação diferente à Colônia Santa Isabel, na qual você é convidado a identificar as mudanças e permanências que os lugares e monumentos aqui registrados sofreram com o passar do tempo.

A seleção e descrição dos espaços foram fornecidas por moradores da comunidade que viveram o período do isolamento, o que revela uma forte inspiração afetiva.

As informações sobre a localização, utilização e visitação dos espaços e monumentos encontram-se na descrição de cada lugar.

Na página 64 você encontra um mapa da Colônia que vai te auxiliar na localização e identificação dos lugares/monumentos.



hic manebimus optime

CAPÍTULO 1

HISTÓRICO

A

COLÔNIA

SANTA

ISABEL

aqui ficaremos bem



Reconhecida popularmente como lepra, a hanseníase é uma das doenças mais antigas do mundo. Até o descobrimento do seu agente transmissor, a microbactéria de Hansen, ela sempre esteve associada a outras endemias e recebeu um forte estigma relacionado a noções de “pecado” e “sujeira” da sociedade.

No Brasil, acredita-se que a lepra tenha sido introduzida com a chegada dos europeus, entre os séculos XVI e XVII, pois é inexistente a incidência da doença em regiões do continente americano antes desse período.

No início do século XX, a hanseníase foi reconhecida como problema de saúde pública, culminando na construção de asilos-colônia idealizados para segregar os atingidos pela doença. Foi nesse contexto que o estado de Minas Gerais estabeleceu as edificações da Colônia Santa Isabel, em Betim; da Colônia São Francisco, em Bambuí; e da Colônia de Santa Fé, em Três Corações, com a promessa de suprir as necessidades dos doentes, oferecendo instalações modernas que, na perspectiva do Estado, deveriam proporcionar uma vida completa aos asilados.



Registro fotográfico da Colônia Santa Isabel na década de 1930

A Colônia Santa Isabel foi criada através da Lei n° 801 de 22/09/1921 e inaugurada em 24 de dezembro de 1931. Para a sua construção, o governo do município, juntamente com o Decreto n° 6.038, de 21/03/1922, desapropriou os terrenos, mananciais e benfeitorias da conhecida Fazenda do Mota, antes localizada no município de Santa Quitéria. A escolha do local baseou-se em alguns critérios, como a existência de recursos hídricos, para o abastecimento da Colônia; a topografia e a fertilidade do terreno, para o desenvolvimento de culturas alimentícias; o distanciamento dos centros urbanos, bem como a

existência de linhas férreas para facilitar o transporte dos pacientes.

Apesar da ação controladora do Estado, da dor do isolamento e dos estigmas associados à doença, os asilados desenvolveram uma sociedade multicultural dentro da Colônia, marcada por eventos esportivos, festividades, bailes, cinema, teatro, dentre outras atividades.

Na década de 1960, a utilização da sulfona, um medicamento que acabava com o contágio do doente no início do tratamento, revolucionou a profilaxia da hanseníase que, até então, baseava-se no isolamento dos doentes. Dessa forma, instaurou-se um novo modelo de tratamento, feito em dispensários, e, mais tarde, de forma ambulatorial. A década de 1980 marcou o fim definitivo do isolamento e a abertura da Colônia Santa Isabel.

Atualmente, a Colônia Santa Isabel é um bairro que integra a Regional Citrolândia, na cidade de Betim. A história e a representação desta comunidade fazem dela um exemplo de superação, porque, nela, está um pedaço do Brasil, cuja história nunca ou pouco foi contada.



hic manebimus optime

CAPÍTULO 2

LUGARES DE MEMÓRIA

O CONJUNTO
URBANO DE
SANTA ISABEL

aqui ficaremos bem



A Colônia Santa Isabel foi projetada pelo engenheiro sanitário Lincoln Continentino e pelos médicos Antônio Aleixo e Samuel Libânio. Esta união entre o saber médico e a engenharia buscava construir um ambiente hospitalar com edificações amplas, arejadas e arruamentos largos e bem distribuídos, levando em consideração as concepções sanitárias da época.

A construção da Colônia contou com o consórcio de diversas cidades mineiras e do governo do estado, interessados em tratar os acometidos pela doença. O nome de alguns pavilhões, inclusive, são fontes importantes para identificar os municípios interessados no envio de doentes.

Por orientação das conferências profiláticas, a Colônia Santa Isabel foi subdividida em três zonas distintas:

- a) **Zona sadia:** onde se localizavam as residências dos funcionários, médicos e religiosos que davam assistência a Colônia.
- b) **Zona intermediária:** onde se localizavam as edificações de diagnóstico e desinfecção.

c) **Zona doente:** onde se concentravam todas as edificações que compunham a sociedade interna, como os pavilhões/dormitórios, as áreas de lazer e recreação, igrejas, enfermaria, necrotério e cemitério.

Levando em consideração essa subdivisão, o nosso roteiro é organizado pela localização dos espaços de memória de acordo com as três zonas. Destacamos 48 lugares considerados representativos para os antigos moradores da Colônia Santa Isabel, portanto, permeados de memória afetiva.

A região que compunha o antigo sanatório, atualmente, foi dividida em bairros. As áreas *sadia* e *intermediária* pertencem ao Bairro Monte Calvário e parte do Bairro Cruzeiro. A antiga área de internação se tornou o Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022

Portal

ZONA SADIA

Era a entrada principal da antiga Colônia, sendo o seu principal símbolo. Em seu topo, há uma inscrição em latim, *Hic manebimus optime*, que significa “Aqui ficaremos bem”. No período de isolamento, vigias responsáveis pelo portal controlavam as entradas e saídas da antiga Colônia.

Endereço: Rua Mario Campos, nº 1136 — Bairro Monte Calvário.





Açudão

ZONA SADIA

Era um represamento construído sobre o Córrego Bandeirinhas para abastecimento da Colônia. Por conta de sua queda d'água de 3 metros de altura, que se assemelhava a uma cachoeira, tornou-se um local de lazer, muito frequentado pelos moradores da área sadia e pelos internos autorizados pela direção da instituição, além de também ser utilizado para pesca. Em 2018, uma tromba d'água danificou o seu aterro lateral, mudando o curso do rio e secando a queda principal do antigo açude, que já estava comprometida por conta do assoreamento.

Endereço: Rua do Matão, s/n - Bairro Monte Calvário.



Almoxarifado

ZONA SADIA

Era o local de armazenamento de alimentos não perecíveis e itens de uso dos internos, como roupas de cama e cobertores. Além de servir como depósito, o local era ponto de chegada de medicamentos e utensílios para uso médico. Atualmente, o espaço é de propriedade do Santa Isabel Esporte Clube, sendo ocupado por uma igreja.

Endereço: Rua Miguel Pereira, nº 289 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Administração

ZONA SADIA

Era o principal prédio da área sadia, onde funcionava o correio e a estufa de desinfecção de cartas e de dinheiros. Além disso, a edificação abrigava uma sala de telefonia, o escritório dos médicos e a administração da Colônia. Nela, havia também uma farmácia, onde os medicamentos eram guardados antes de serem distribuídos para outras repartições da Colônia. Atualmente a edificação se tornou um local de uso residencial.

Endereço: Rua Frei Damião, nº 144 — Monte Calvário.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Residências dos Funcionários

ZONA SADIA

Lugar onde foi construído as moradias dos funcionários da Colônia. Neste local, só era permitida a passagem de pessoas que não eram portadoras da doença. Atualmente, o local é onde está situado o bairro Monte Calvário, popularmente conhecido como "Saúde".

Endereço: Rua Frei Damião — Bairro Monte Calvário





Registro fotográfico da década de 1960



Registro fotográfico de 2022



Bosque das Chalmugras

ZONA SADIA

Era um bosque que recebeu este nome por conta do plantio da *Hydnocarpuskurzii* (King) Warb, mais conhecida popularmente como *Chalmoogra* ou *chalmugra*. A introdução dessa espécie na Colônia parece estar relacionada ao mito do uso medicinal do óleo extraído dessa planta no tratamento da hanseníase.

Endereço: Rua Santa Cecília, esquina com Rua Miguel Pereira, s/nº — Bairro Monte Calvário.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Antiga Escola dos Sadios

ZONA SADIA

Era uma das edificações de suporte da área dos funcionários, abrigando, inicialmente, a escola dos filhos de funcionários sadios que trabalhavam na Colônia. Posteriormente, foi elevada à Escola Estadual "Anexa" à Colônia Santa Isabel. Atualmente, parte dela é utilizada para uso residencial.

Endereço: Rua Miguel Pereira, nº 132 — Bairro Monte Calvário.





Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Laboratório Lourenço Magalhães

ZONA SADIA

Era um espaço que funcionava como farmácia e depósito de manipulação de medicamentos. Atualmente, se tornou um local de uso residencial.

Endereço: Rua Miguel Pereira, n°100 — Bairro Monte Calvário.



Registro fotográfico da década de 1930



Registro fotográfico de 2022



Capela do Monte Calvário / Casa das Irmãs

ZONA SADIA

Era uma igreja construída na área dos funcionários, tendo um papel fundamental no acompanhamento religioso e social da comunidade. Foi edificada a mando da cidade de Bom Sucesso (MG). Atualmente, em seu complexo, ainda original, existe um grande salão de eventos e a Creche Comunitária Santa Cecília que atende crianças de 3 a 4 anos de idade.

Endereço: Rua Miguel Pereira, n ° 130 — Bairro Monte Calvário.





Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Casa de Máquinas/ Usina

ZONA INTERMEDIÁRIA

Era um espaço que abrigava o maquinário responsável por gerar e distribuir energia para a Colônia. Atualmente, o prédio compõe o complexo esportivo da quadra do Monte Calvário.

Endereço: Rua Miguel Pereira, n.º 97 — Bairro Monte Calvário.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Pavilhão de Observação

ZONA INTERMEDIÁRIA

Era uma moradia, inicialmente destinada às Irmãs do Monte Calvário, e, posteriormente, aos filhos dos internos com suspeita de lepra. O prédio abrigava dois andares, sendo o primeiro, ocupado por meninos e homens e, o segundo, por meninas e mulheres. Foi demolido no início da década de 1990 e, no seu lugar, foram construídas três residências.

Endereço: Rua Miguel Pereira, entre as edificações 246 - 256 — Bairro Monte Calvário.





Registro fotográfico da década de 1970



Registro fotográfico de 2022



Laboratório

ZONA INTERMEDIÁRIA

Era um espaço utilizado como vestiário para médicos, além de ter funcionado como uma farmácia, uma agência de correios e, também, como posto médico dos moradores da área sadia. Estava localizado no limite entre a zona sadia e a zona doente. Atualmente, se tornou um local de uso residencial.

Endereço: Rua Miguel Pereira, nº199 — Bairro Monte Calvário.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Parlatório

ZONA INTERMEDIÁRIA

Era um espaço no qual os internos recebiam visitas. Nele, uma grande bancada separava o visitante dos internos, mantendo assim, um formato carcerário de visitação. Foi construído a mando da cidade de Santo Antônio do Amparo (MG). O nome parlatório é derivado do verbo italiano *parlare* ("falar"), sendo, pois, um local de fala, conversação. Atualmente o local é utilizado pela Fundação Hospitalar de Minas Gerais (FHEMIG).

Endereço: Rua Miguel Pereira, nº242 — Bairro Monte Calvário.



Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Pavilhão Gustavo Capanema - Pavilhão Novo

ZONA DOENTE

Acredita-se que este seja o último pavilhão de moradia construído na Colônia Santa Isabel. Excepcionalmente moraram nele homens que eram divididos em grandes salões com várias camas, sem qualquer privacidade. Nele também existiu uma sapataria especializada para atender as necessidades dos internos sequelados pela hanseníase. Atualmente o pavilhão é o lar de antigos internos que necessitam de acompanhamento médico especializado.

Endereço: Rua Ana Neri, nº 120 - Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Pavilhão Mario Campos / Pavilhão das Mulheres:

ZONA DOENTE

Era uma moradia para mulheres solteiras e viúvas, tendo funcionado até 26 de março de 1998, quando foi destruído por um incêndio. Logo após esse incidente, parte do antigo pavilhão foi reformado para receber suas antigas moradoras. O espaço ficou conhecido carinhosamente por "Lar das senhoras". A outra parte da edificação encontra-se em ruínas.

Endereço: Rua Alan Kardec, nº14 - Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Pavilhão Central – Pavilhão das Moças

ZONA DOENTE

Era uma moradia para moças solteiras, a partir dos 15 anos, egressas do pavilhão das crianças. Atualmente, neste local, funciona o Hospital Dr. Orestes Diniz, que homenageia o primeiro diretor da Colônia Santa Isabel. Popularmente, este hospital é chamado de “Emergência”.

Endereço: Rua Emílio Ribas, nº 100 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Pavilhão Maria Luiza Machado Vieira – Pavilhão das Crianças

ZONA DOENTE

Era uma moradia para crianças acometidas pela lepra. Era dividida em duas repartições: no lado de baixo, moravam os meninos, e, no lado de cima, a meninas. Durante o seu funcionamento, foi administrado pelas irmãs do Monte Calvário, que eram responsáveis pela educação e condução da vida das crianças dentro da Colônia. Atualmente, em seu lugar, encontra-se localizada a Escola Municipal Frei Rogato.

Endereço: Rua Ana Neri, nº 399 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Casas particulares

ZONA DOENTE

Era um conjunto de casas geminadas construídas pelo Estado exclusivamente para casais. Quando um dos conjugues falecia, o(a) viúvo(a) era obrigado(a) a conceder a vaga para outro casal e ir para um pavilhão. Devido à escassez dessas edificações, havia uma fila de espera para os pleiteadores.

Endereço: Rua Olavo Bilac, n° 90 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Pavilhão Bom Sucesso

ZONA DOENTE

Era uma moradia para os atletas solteiros, formado por quartos com no máximo duas camas, sendo o espaço com maior privacidade da Colônia. Na década de 1980, passou a sediar o Renascença Futebol Clube, um time formado pelos antigos internos que buscavam resgatar as raízes históricas da comunidade desportista. Hoje, parte do antigo pavilhão é sede do Renascença e, a outra, é de uso residencial e comercial.

Endereço: Rua Emilio Ribas, n° 225 e 225A — Bairro Colônia Santa Isabel.





Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Pavilhão Ubá e Pavilhão Divinópolis

ZONA DOENTE

Eram moradias, construídas, respectivamente, pelas cidades que levam os seus nomes. Atualmente, o Pavilhão Divinópolis abriga o Núcleo de Assistência Social Geraldo Rabelo e o Pavilhão Ubá, a Sede da Conferência de São Vicente de Paula.

Endereço: Rua Ana Neri, nº 276 — Bairro Colônia Santa Isabel (Pavilhão Ubá). / Rua Ana Neri, nº 262 — Bairro Colônia Santa Isabel (Pavilhão Divinópolis — atual sede dos Vicentinos).



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Lira 3 de outubro Casa dos Músicos

ZONA DOENTE

Era uma moradia para os internos solteiros membros da Banda de Música Euterpe Carlos Gomes. Os quartos eram separados com no máximo dois ocupantes. Neste local, também aconteciam os ensaios da banda. Atualmente a edificação é utilizada para uso residencial.

Endereço: Rua Emilio Ribas, nº 246 — Bairro Colônia Santa Isabel.





Registro fotográfico da década de 1940



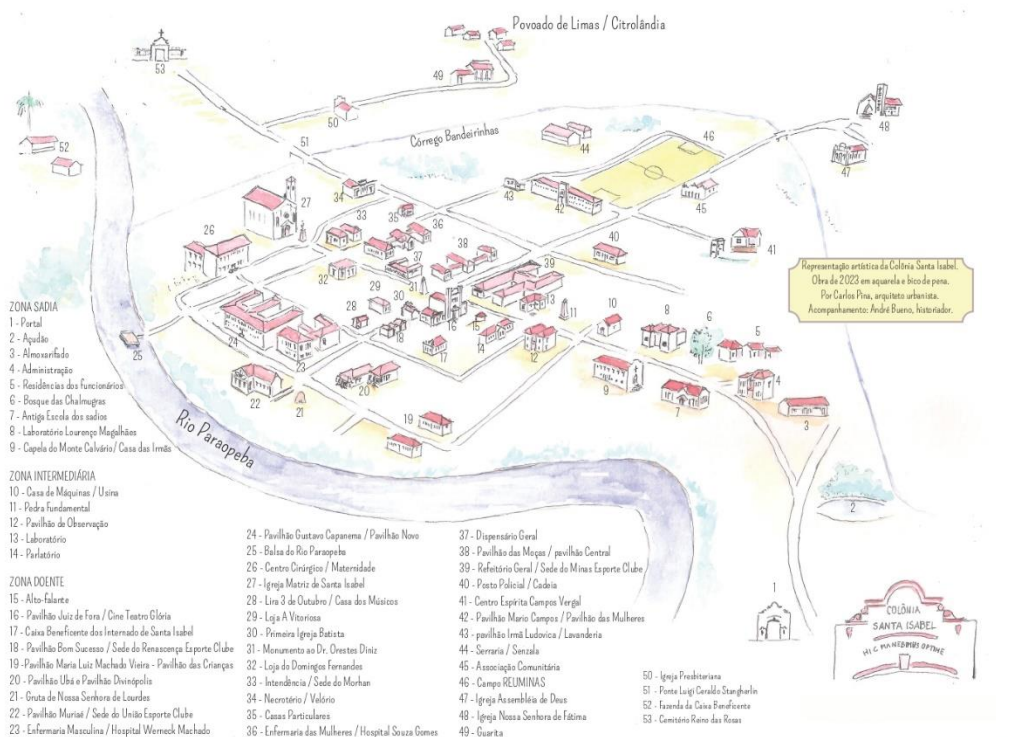
Registro fotográfico de 2022

Enfermaria Masculina Hospital Werneck Machado

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado ao tratamento médico intensivo para homens. Após o fim do isolamento, o prédio foi abandonado, chegou a ser ocupado e desocupado novamente, até entrar em arruinação. Logo após uma reforma de quase 10 anos, o local passou a sediar o Centro de Memória da Hanseníase Luiz Verganin, que reúne um grande acervo de fontes históricas do período do isolamento, que conta com móveis, fotografias, livros e objetos de uso dos antigos internos.

Endereço: Rua Emílio Ribas, nº 300 — Bairro Colônia Santa Isabel.





Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Enfermaria das Mulheres - Hospital Souza Gomes

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado ao tratamento médico intensivo para mulheres. A edificação teria sido construída juntamente com os primeiros prédios para a recepção dos internos. Atualmente, sedia parte da administração da Fundação Hospitalar de Minas Gerais (FHEMIG).

Endereço: Rua Olavo Bilac, nº 113 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Dispensário-Geral

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado ao acompanhamento médico de internos não-hospitalizados. O local contava com consultórios médicos e salas de curativos, além de um laboratório de análises clínicas. Foi utilizado também como sala de despachos do diretor. Atualmente, sedia parte da administração da Fundação Hospitalar de Minas Gerais (FHEMIG).

Endereço: Av. Professor Antônio Aleixo, s/nº - Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1960



Registro fotográfico de 2022



Centro Cirúrgico / Maternidade

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado às cirurgias e aos tratamentos de emergência. O primeiro andar era formado por um bloco cirúrgico e por um bloco obstétrico. Na parte de baixo, estavam localizadas as enfermarias. Até pouco tempo, em seu lugar, funcionava um bloco de pequenas cirurgias e um centro de especialidades médicas. Atualmente, encontra-se fechado.

Endereço: Rua Silva Lima, nº 22 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1930



Registro fotográfico de 2022



Refeitório Geral / Sede do Minas Esporte Clube

ZONA DOENTE

Era o refeitório dos antigos internos, onde também aconteciam os bailes mais populares da Colônia, conhecidos como "Baile do Gordura". Este espaço funcionava também como Pensão da Caixa, em que pessoas de melhor condição recebiam uma alimentação à parte. Com a criação do Minas Esporte Clube, na década de 1940, o time passou a ocupar parte do espaço. Atualmente, parte da edificação é ocupada pela administração da FHEMIG e a outra parte é sede do Minas Esporte Clube.

Endereço: Esquina da Rua Emílio Ribas com Av. Professor Antônio Aleixo - Bairro Colônia Santa Isabel.





Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Sede do União Esporte Clube

ZONA DOENTE

Era uma moradia para mulheres aposentadas e de melhor condição financeira. Foi construída pelo município de Muriaé e, por isso, também era conhecida como Pavilhão Muriaé. Com a criação do União Esporte Clube, na década de 1940, o espaço passou a sediar esse tradicional time.

Endereço: Ana Neri, nº 74 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Campo REUMINAS

ZONA DOENTE

Era palco das principais disputas esportivas da Colônia, tendo como times principais o *União Esporte Clube* (1942), com treinos às terças e quintas, e o *Minas Esporte Clube* (1943), com treinos às quartas e sextas, para os jogos principais que aconteciam sempre aos domingos. Posteriormente, houve também a criação do time *Renascença Esporte Clube* (1980), que deu origem à tríade de comando do campo. O nome, REUMINAS, é uma referência às iniciais desses três times (Renascença, União e Minas). Atualmente, o campo integra a rede desportiva de Betim, sediando diversos campeonatos e festivais.

Endereço: Rua Emílio Ribas, nº 144 — Bairro Colônia Santa Isabel.





Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Igreja Matriz de Santa Isabel

ZONA DOENTE

Construída entre 1935 e 1937, pelo Frei Crizogono Van Veem. Foi um marco para a institucionalização do catolicismo na Colônia. O número de fiéis católicos na comunidade chegava a 98,4% dos internos. Nos primeiros anos, as irmãs de caridade assumiram um importante papel na condução social da Colônia, prestando atendimento em diversos setores da administração e nos cuidados dos internos. Até 1936, o acompanhamento religioso era feito por um padre redentorista que celebrava missas e ministrava o sacramento. Na década de 1960, a Igreja passou por uma reforma, na qual houve uma ampliação da sua lateral e uma redefinição da sua atual fachada. A pedido do Frei Crizogono, em seu adro, foi colocado um monumento em homenagem a Padre Damião, missionário religioso que dedicou a sua vida aos hansenianos da Ilha de Molokai, localizada no Havai.

Endereço: Praça Frei Edgard Groot, nº1 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Igreja Nossa Senhora de Fátima

ZONA DOENTE

Inaugurada em 1954, pelo Frei Rogato. Tornou-se o terceiro templo religioso católico construído no Complexo Urbano da Colônia Santa Isabel. A cada ano, todo dia 13 de maio, acontece uma festividade em honra à Nossa Senhora de Fátima.

Endereço: Praça do Bairro de Fátima, s/nº - Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Gruta de Nossa Senhora de Lourdes

ZONA DOENTE

Construída na década de 1940, com objetivo de trazer a devoção de Nossa Senhora de Lourdes para a antiga Colônia.

Endereço: Rua Ana Neri, nº 124 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



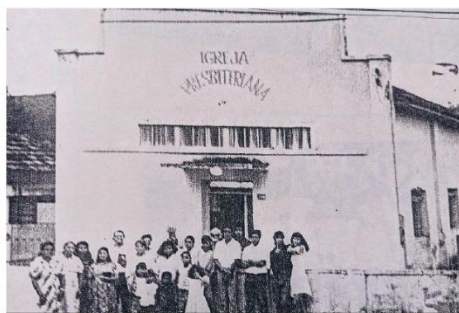
Centro Espírita Campos Vergal

ZONA DOENTE

Fundado em 1º de janeiro de 1947 pelos internos adeptos ao Espiritismo Kardecista, tendo como principal idealizador o Sr.º João Batista, mais conhecido como Pipoca. Devido a perseguições religiosas comumente ocorridas na década de 1940, Chico Xavier, que era amigo de Pipoca, intermediou a construção desta casa com o Deputado Romeu de Campos Vergal. O apoio de Campos Vergal foi fundamental para o estabelecimento de uma liberdade religiosa na Colônia. O Centro Espírita, que leva o nome do deputado, teve uma forte contribuição para a distribuição de alimentos não perecíveis, roupas, brinquedos e remédios, além de amparar e confortar a condição dos asilados. Atualmente, o Centro continua seu trabalho fraterno na comunidade. O aniversário da casa é comemorado no dia 4 de janeiro, data que marca a realização da primeira reunião pública, em 1947.

Endereço: Rua Alan Kardec, nº60 — Bairro Colônia Santa Isabel.





Igreja Presbiteriana da Colônia Santa Isabel, 1950



Igreja Presbiteriana da Colônia Santa Isabel, 2022



As Igrejas evangélicas

ZONA DOENTE

Instalaram-se na Colônia na década de 1940. Para isso, os missionários das congregações das Igrejas Batista, Assembleia de Deus e Presbiteriana, se reuniram, primeiramente, na casa de adeptos, e, posteriormente, buscaram um espaço próprio para o desenvolvimento dos seus cultos.

Endereço das Igrejas

Igreja Presbiteriana da Colônia Santa Isabel.

Rua Alan Kardec, nº60 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Primeira Igreja Batista

Rua Emilio Ribas, nº22 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Igreja Assembléia de Deus

Rua Pio XII, nº10 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Primeira Igreja Batista, 1980



Primeira Igreja Batista, 2022



Igreja Assembléia de Deus, 1980



Igreja Assembléia de Deus, 2022





Registro fotográfico da década de 1930



Registro fotográfico de 2022



Pavilhão Juiz de Fora Cine Teatro Glória

ZONA DOENTE

Espaço destinado ao entretenimento dos internos, tendo sido construído pela cidade de Juiz de Fora. O prédio contava com um salão de jogos, um bar com sinuca, salão de bailes, cinema e palco para apresentações artísticas. A parte de baixo era destinada ao público interno e, a parte de cima, aos funcionários e seus parentes. Em seu complexo, destacam-se o antigo coreto, o autofalante, o jardim e a sede da Caixa Beneficente.

Endereço: Av. Professor Antônio Aleixo, n° 43 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Alto-Falante

ZONA DOENTE

Localizada no alto de um morro, a edificação era utilizada para avisar e convocar os internos para suas atividades. Além disso, servia como entretenimento ao apresentar programas musicais e animar as festas e atividades promovidas pela Caixa Beneficente. Atualmente, o alto-falante tem uma programação musical aos finais de semana e se mantém disponível para a comunidade na parte de divulgação. Programação musical: Sábado de 14h às 15h. Domingo de 9h às 10h.

Endereço: Av. Professor Antônio Aleixo (Complexo arquitetônico do Cine Glória), n°43 — Bairro Colônia Santa Isabel.





Registro fotográfico da década de 1960



Registro fotográfico de 2022



Caixa Beneficente dos Internados de Santa Isabel

ZONA DOENTE

Era um órgão administrado pelos próprios internos, que recebiam doações e organizavam atividades sociais. O prédio foi inaugurado em 1942. Com o fechamento da associação, no final dos anos de 1990, o local transformou-se no Memorial José Avelino, um rico acervo histórico relacionado à Colônia, que, depois, foi transferido para o Centro de Memória da Hanseníase Luiz Verganin. Atualmente, ocupa o seu espaço a Biblioteca José Mariano Neto, com um raro acervo bibliográfico sobre a hanseníase.

Endereço: Av. Professor Antônio Aleixo, n° 43 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Fazenda da Caixa Beneficente

ZONA DOENTE

Era uma propriedade pertencente à Caixa Beneficente, situada na outra margem do Rio Paraopeba, com estruturas e funções de uma fazenda. Em suas dependências, havia a residência do encarregado, além de um paiol, uma baía, um curral, uma pocilga, pomares de frutas cítricas e plantações de milho, feijão, batata, mandioca etc. Tudo que era produzido na Fazenda era distribuído na Colônia. Essas benfeitorias e serviços eram movidos por internos contratados pelo Caixa. Com a decadência e fim do órgão administrativo, no final da década de 1990, o terreno foi abandonado. Atualmente, o terreno faz parte do Município de São Joaquim de Bicas, dando origem ao Bairro Primavera. No local, há uma penitenciária.

Endereço: Rua Rio Paraopeba, s/n° — Bairro Primavera/São Joaquim de Bicas.



Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Balsa do Rio Paraopeba

ZONA DOENTE

Era um meio de transporte fluvial que interligava a antiga Colônia à Fazenda da Caixa Beneficente. A balsa foi planejada para conjugar a força da correnteza do Rio Paraopeba com a força motriz, formada por um conjunto de cabos de aço, correntes e roldanas; tornando a travessia mais leve. Anos mais tarde, a marinha criou um protocolo para regulamento do número máximo de passageiros e para tornar obrigatório o uso de coletes e a instalação de um teto de proteção solar. Atualmente, é utilizado como meio de transporte para os moradores do bairro Primavera que pertence atualmente à cidade de São Joaquim de Bicas, estando localizado no terreno da antiga caixa.

Funcionamento: Todos os dias, de 05h50 às 19h30. Valor: R\$3,00

Endereço: Esquina da Rua Silva Lima com Rua Ana Neri — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Intendência / Sede do MORHAN

ZONA DOENTE

Edificação que, inicialmente, serviu como moradia para os internos da Colônia, e, posteriormente, foi sede da Intendência, um órgão administrado por internos com poderes administrativos e de ordem; tendo sido construída pela cidade de Patrocínio. Atualmente, o local é sede do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN), uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 6 de junho de 1981, com ações voltadas para a imunização da hanseníase, com foco na conscientização e na construção de políticas públicas eficazes para a população.

Endereço: Praça Frei Edgard Groot, nº282 — Bairro Colônia Santa Isabel.





Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Posto Policial / Cadeia

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado à correção e detenção de agentes infratores dos crimes ocorridos dentro da Colônia. O corpo policial era composto por guardas armados e um delegado, todos internos. A polícia guarnecia todas as entradas e guaritas de vigilância da Colônia. Além disso, vigiavam a vida dos internos nas festividades e eventos sociais. Atualmente, o local é usado como casa de apoio transitório para pessoas que precisam vir à Colônia para receber algum tipo de tratamento.

Endereço: Rua Dos Bandeirantes, nº 333 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Necrotério / Velório

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado à preparação dos corpos de internos falecidos para sepultamento. Segundo relatos de antigos internos, neste espaço, também eram realizadas exumações para estudos científicos da doença. Atualmente, o local é utilizado como velório comunitário.

Endereço: Esquina da Rua Silva Lima com Rua dos Bandeirantes — Bairro Colônia Santa Isabel.





Registro fotográfico da década de 1980



Registro fotográfico de 2022



Cemitério Reino das Rosas

ZONA DOENTE

O campo-santo foi construído na década de 1930 juntamente com as primeiras edificações da Colônia Santa Isabel. O cemitério acompanhou as tendências e aspirações sociais e religiosas de diferentes períodos históricos. Atualmente é administrado pela Prefeitura de Betim.

Endereço: Alameda da Saudade, n° 62 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1940



Registro fotográfico de 2022



Loja A Vitoriosa

ZONA DOENTE

Era um estabelecimento comercial, de propriedade do Sr.º Geraldo Madureira Ramos, destinado à venda de utensílios domésticos, além de materiais de construção, mobiliários e eletrodomésticos. Ao vender por prestação, o proprietário se destacou por facilitar o comércio para os internos. Atualmente, no local, funciona um sacolão, mantendo a função comercial da edificação.

Endereço: Rua Emilio Ribas, n° 120 — Bairro Colônia Santa Isabel.





Registro fotográfico da década de 1950



Registro fotográfico de 2022



Loja do Domingos Fernandes

ZONA DOENTE

Foi a primeira loja aberta da Colônia, responsável pela venda de bijuterias, tecidos, joias e demais utensílios para casa. O estabelecimento tinha como referência o nome do seu proprietário, o Sr. Domingos Fernandes. Era considerada pelos antigos internos como uma loja completa, na qual se encontrava de tudo. O empreendimento teve outros donos até ter suas atividades encerradas no final da década de 1990. Atualmente, o prédio é de propriedade da Conferência de São Vicente de Paula.

Endereço: Rua Olavo Bilac, nº 142 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Registro fotográfico da década de 1970



Registro fotográfico de 2022



Serraria/ Senzala

ZONA DOENTE

Compunha o conjunto de edificações de suporte da antiga Colônia, responsável pela disponibilização de madeira, tanto para construção quanto para reformas. Foi uma edificação fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos relacionados ao uso da madeira na comunidade. Em 2015, o espaço já se encontrava em decadência. Em 2016, foi cedido à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para a realização de seus festejos e ritos tradicionais. Atualmente, é conhecido como Senzala, tendo se tornado um local de memória e cultura afro religiosa.

Endereço: Rua dos Esportes, nº 316 — Bairro Colônia Santa Isabel.

Atividades do local: terço em honra à Nossa Senhora do Rosário, todo dia 7 de cada mês, às 19h.

Visitação: Sábados, de 09h às 11h.



Associação Comunitária dos Moradores da Colônia Santa Isabel

ZONA DOENTE

Edificação que, inicialmente, funcionava como uma cooperativa que comercializava itens relacionados à agropecuária. Atualmente, sedia a Associação Comunitária dos Moradores da Colônia Santa Isabel.

Endereço: Rua Emilio Ribas, nº 161 — Bairro Colônia Santa Isabel.



Pavilhão Irmã Ludovica – Lavanderia

ZONA DOENTE

Era um espaço destinado à lavanderia da Colônia e à higienização das roupas dos internos. Atualmente, o local sedia o Centro de Culturas Populares Antônio Fagundes.

Endereço: Rua Alan Kardec, nº 11 — Bairro Colônia Santa Isabel.



hic manebimus optime

CAPÍTULO 3

aqui ficaremos bem

FESTIVAIS E MARCOS HISTÓRICOS



Futebol na Colônia Santa Isabel



Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Janeiro:

Última semana de janeiro — Concerto contra o preconceito.

31 — Dia Nacional de Combate e Prevenção da Hanseníase.

Março:

21 — Festival do Santa Izabel Futebol Clube.

Abril:

21 — Festival do Minas Esporte Clube.

Maiço:

Primeiro domingo (Festa de Nossa Senhora do Rosário)

13 — Festa da Abolição da Escravatura.

13 — Festa de Nossa Senhora de Fátima.

Julho:

04 — Aniversário do Centro Espirita Campos Vergel.



18 — Festival do União Esporte Clube.

Setembro:

15 — Dia de Nossa Senhora do Monte Calvário.

Novembro:

15 — Festival do Renascença.

17 — Festa de Santa Isabel.

Dezembro:

15 - Festa de Santa Virgínia Centurione Bracelli

24 — Marco da Inauguração da Colônia Santa Isabel em 1931.



hic manebimus optime

CAPÍTULO 4

GUIA
DE
SERVIÇOS

aqui ficaremos bem



Bairro Monte Calvário

Garage Beer Club

Rua Miguel Pereira, nº145 Bairro Monte Calvário

Dias e horários de funcionamento: Terça a quinta de 18h às 00h, Sexta e Sábado de 16h às 2h e Domingo de 10h às 00h.

Padaria Monte Calvário

Rua Miguel Pereira, nº249 — Bairro Monte Calvário.

Dias e horários de funcionamento: Segunda a domingo de 06h30 à 19h.

Kome bem burger - Lanche Artesanal

Rua Miguel Pereira, nº 259 — Monte Calvário

Tel: (31)3530-7073 / (31)98580-6682.

Dias e horários de funcionamento: Segunda a domingo de 18h30 à 00h



Ril Lanches :

Rua dos Bandeirantes, nº356 — Bairro

Colônia Santa Isabel / Tel.: (31)-99946-2179.

Dias e horários de funcionamento: De quarta a domingo e feriados de 17h às 14h.

Tomé's Hamburgueria e sorveteria:

Rua Emílio Ribas, nº 50 — Bairro Colônia

Santa Isabel. Tel: (31)97179-3264

Dias e horários de funcionamento: Segunda a quinta de 18h30 às 22h.

Lanchonete do Buggy:

Rua Emílio Ribas, nº2274 — Bairro Colônia

Santa Isabel / Tel: (31)99307-3251.

Dias e horários de funcionamento: Terça a domingo e feriados de a sábado das 9h às 20h

Mercearia da Glória

Rua Emílio Ribas, 222 - Colônia Santa Isabel.

Dias e horários de funcionamento: De segunda a sábado de 6h às 18h, e domingo de 6h às 12h.



Restaurante e lanchonete Xodó da Vovó

Rua Miguel Pereira, 466 — Bairro Monte Calvário

Dias e horários de funcionamento:

Restaurante de segunda a sábado de 07h às 15h.

Lanchonete de 18h às 23:h30

Bairro Colônia Santa Isabel

Restaurante recanto da Fatinha:

Rua Ana Neri, nº304 — Bairro Colônia Santa

Isabel / Tel.: (31)3596-6019 / (31)999475021

Dias e horários de funcionamento: Aberto todos os dias e feriados de 10h às 14h.

Padraria Pão e Mel:

Rua Bandeirantes, nº 245 — Bairro

Colônia Santa Isabel / Tel.: (31)3140-6407

Dias e horários de funcionamento: Segunda a sábado das 6h às 19h e domingos e feriados de 6h às 12h.



TELEFONES ÚTEIS.

Prefeitura de Betim: 08002563236

Secretaria Municipal de Arte e Cultura: (31) 3594-4382.

Regional de Citrolândia: (31)3531-7505

Hospital Dr. Orestes Diniz: (31)3592-3331

Unidade Básica de Saúde Marli Rosa: (31)3594-1053

Casa de Saúde Santa Isabel: (31) 3529-3305

Drogaria Santa Isabel: (31)3530-6311 / (31)98678-0629.

Bombeiros: 193

Polícia Militar: 190

Polícia rodoviária: 191

Samu: 192

LINHAS DE ÔNIBUS

BH/Citrolândia: 3850

Estação Eldorado/Citrolândia: 3855

Betim/Citrolândia: 910A e 910B — Van: 90



